



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Artes

Gabriel da Costa Turano

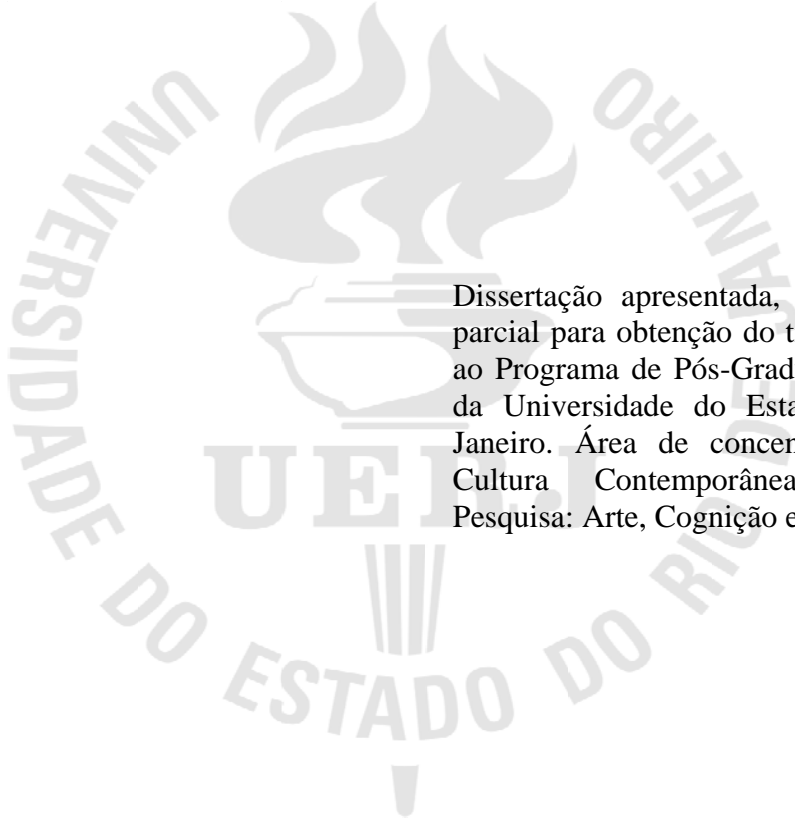
**Devido às marmeladas, adeus carnaval. Um dia voltaremos: escolas de
samba e cultura popular no Rio de Janeiro dos anos 30**

Rio de Janeiro

2012

Gabriel da Costa Turano

Devido às marmeladas, adeus carnaval. Um dia voltaremos: escolas de samba e cultura popular no Rio de Janeiro dos anos 30



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Arte e Cultura Contemporânea. Linha de Pesquisa: Arte, Cognição e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Felipe Ferreira

Rio de Janeiro

2012

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

T929 Turano, Gabriel da Costa.
Devido às marmeladas, adeus carnaval. Um dia voltaremos: escolas de samba e cultura popular no Rio de Janeiro dos anos 30 / Gabriel da Costa Turano. – 2012.
199 f.

Orientador: Luiz Felipe Ferreira.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Artes.

1. Agremiação Recreativista Escola de Samba Vizinha Faladeira – Teses. 2. Escolas de samba – Rio de Janeiro – Teses. 3. Rio de Janeiro- Carnaval – Teses. 4. Estética – Teses. 5. Escolas de samba – Aspectos sociais - Teses. 6. Carnaval – Aspectos sociais – Teses. 7. Rio de Janeiro – Cultura popular – Teses. 8. Anos 1930 – Teses. I. Ferreira, Luiz Felipe. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Artes. III. Título.

CDU: 394.25(815.31)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Gabriel da Costa Turano

Devido às marmeladas, adeus carnaval. Um dia voltaremos: escolas de samba e cultura popular no Rio de Janeiro dos anos 30

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Artes, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Arte e Cultura Contemporânea.

Aprovada em: 7 de fevereiro de 2012.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Luiz Felipe Ferreira (Orientador)
Instituto de Artes da UERJ

Prof^a. Dra. Isabela Frade
Instituto de Artes da UERJ

Prof^a. Dra. Helenise Monteiro Guimarães
Departamento de História da Arte da UFRJ

Rio de Janeiro

2012

Dedico este trabalho aos integrantes da Vizinha Faladeira e a todos que se esforçam para promover o carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro.

AGRADECIMENTOS

A Deus, o maior artista da história.

Aos meus pais, Pascoal e Marluce, por toda compreensão e apoio.

À minha irmã, Gisele, pelo respeito e incentivo.

À Priscila, por sua dedicação como namorada e pelo apoio nos momentos mais difíceis.

Aos meus amigos, que tanto me ajudaram a relaxar em momentos de tensão.

Ao Roberto e ao Jorge, pelas risadas e ajuda em todos os momentos necessários.

À Professora Marilene Antunes Sant'Anna, pelas conversas e por seu exemplo profissional.

À Ana, por sua simplicidade e alegria.

À Vânia, por toda ajuda e acolhimento nos primeiros dias de aula.

À Professora Isabela Frade, pelas aulas e pela gentileza no tratamento.

Ao Professor Ronaldo Helal, por aulas tão agradáveis.

À Professora Helenise Monteiro Guimarães, por todos os comentários e por ser tão aprazível.

A todos os Professores do Instituto de Artes, que direta ou indiretamente auxiliaram na conclusão deste trabalho. Todo carinho e respeito.

Ao meu orientador, Professor Felipe Ferreira, por me dar a oportunidade de compreender um pouco mais o mundo do samba com novos olhares.

Hércules escolheu a Virtude como guia porque compreendeu que a verdadeira riqueza – a que realmente tem valor – deve provir do trabalho honesto, do esforço próprio e da dedicação constante. Assim, segurou a mão da Virtude e se deixou conduzir por um caminho cheio de dificuldades, é verdade, mas farto de possibilidades e de vitórias no término do seu processo.

Gabriel Chalita. Pedagogia do Amor.

RESUMO

TURANO, Gabriel da Costa. *Devido às marmeladas, adeus carnaval. um dia voltaremos: escolas de samba e cultura popular no rio de janeiro dos anos 30*. 2012. 199f. Dissertação (Mestrado em Arte, Cognição e Cultura) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

Esta dissertação versa sobre o carnaval das escolas de samba, em seu período de formação, na década de 1930. Apresentando a Vizinha Faladeira procura-se identificar suas transgressões no contexto da institucionalização do chamado “tradicional carnaval das escolas de samba” da cidade. Busca-se compreender os motivos que levaram a Vizinha Faladeira a afastar-se das disputas carnavalescas e terminar suas atividades como escola de samba identificando assim as diversas tensões que circundavam o carnaval das escolas de samba. Verificando os desfiles da Vizinha Faladeira identificam-se formas estéticas diversas que revelam os diálogos tensionados entre os diversos grupos da sociedade e o desejo de fazer um carnaval cada vez mais popular. Este trabalho busca lançar um novo olhar sobre a festa carnavalesca entendendo a cultura popular como o local de disputas de significados simbólicos, rompendo-se com as visões folclóricas e antropológicas, privilegiando as disputas entre os grupos e as representações nas formas artísticas das escolas de samba.

Palavras-chave: Carnaval. Vizinha Faladeira. Escolas de Samba. Cultura Popular.

ABSTRACT

This dissertation deals with the Carnival samba school in its formative period in the 1930s. Introducing the Neighbor Faladeira seeks to identify their transgressions in the context of the institutionalization of so-called "traditional carnival samba schools" of the city. We seek to understand the reasons that led to Neighbor Faladeira to move away from the dispute and end their carnival samba school activities as well identifying the various tensions surrounding the Carnival samba school. Checking the Neighbor Faladeira parades to identify various aesthetic forms that reveal the taut dialogue between different groups in society and the desire to make a carnival increasingly popular. This paper seeks to launch a new look at the carnival party understanding the popular culture as the site of symbolic meanings disputes, breaking with the visions and anthropological folklore, focusing on the disputes between groups and representations in art forms of the samba schools.

Keywords: Carnival. Vizinha Faladeira. Samba Schools. Popular Culture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	“Samba”, de 1926. Di Cavalcanti.	37
Figura 2 -	“Samba”, de 1928. Di Cavalcanti.	37
Figura 3 -	“Mulatas”, de 1927. Di Cavalcanti.	38
Figura 4 -	“Animação do curso, dos bailes e nas ruas excedeu a toda expectativa”. (Diário de Notícias, 27 de fevereiro de 1933)	41
Figura 5 -	“Componentes do Deixa Falar”. (Jornal do Brasil, 31 de janeiro de 1932).	55
Figura 6 -	“Uma Noite nos Morros”. (Jornal Correio da Manhã, 20 de janeiro de 1933)	60
Figura 7 -	Fotografias do Rio de Ontem – Augusto Malta. Coleção Memória do Rio. Volume 7. Rio de Janeiro	63
Figura 8 -	A Estação Primeira esteve em nossa redação visitando-nos. Aí estão “Cartola” e Júlio Moreira. “Aparece ainda K-Peta, Jota Efegê e Marron. O “compadre” Albertino aderiu também”. (Diário Carioca, 15 de fevereiro de 1933)	71
Figura 9 -	“A Noite das Escolas de Samba – os prêmios de campeão e vice- campeão, ofertas valiosas da prefeitura e entregues pelo CCC”. (Jornal do Brasil, 24 de fevereiro de 1933)	74
Figura 10 -	“Concurso das escolas de samba do morro – o CCC efetuou anteontem, na Praça Onze, o brilhante concurso”. (Correio da Manhã, 25 de fevereiro de 1933)	74
Figura 11 -	“Praça Onze iluminada no concurso das escolas de samba do morro promovido pelo CCC”. (Correio da Manhã, 25 de fevereiro de 1933)	75
Figura 12 -	“Assentada, em definitivo, a organização das bases do campeonato de samba”. (O Globo, 17 de fevereiro de 1933)	77
Figura 13	“A Praça Onze viveu ontem um dos seus mais gloriosos dias carnavalescos, com o campeonato dos sambas, de que damos acima dois aspectos”. (Diário de Notícias, 27 de fevereiro de 1933)	79
Figura 14 -	(Detalhe). (Diário de Notícias, 27 de fevereiro de 1933)	80
Figura 15 -	“Saturnino Gonçalves e Júlio Dias Moreira em companhia das crianças	81

	que montaram guarda ao pavilhão da escola de samba Estação Primeira, campeã de 1933, quando visitaram o Diário Carioca”. (Diário Carioca, 5 de março de 1933)	
Figura 16 -	“O delegado Frota Aguiar assistindo uma “batucada” na escola de samba Fiquei Firme, no morro da Favela”. (O Radical, 11 de janeiro de 1934)	86
Figura 17 -	“David da América e Hermínia no carnaval de 1947”. (Jornal do Brasil, 25 de fevereiro de 1979)	89
Figura 18 -	“Nos tempos da Rua da América, um grupo de integrantes da Vizinha Faladeira. David é o segundo, à esquerda, em pé; agachados, Zé do Pagode”. (Jornal do Brasil, 25 de fevereiro de 1979)	92
Figura 19 -	“Aspecto da entrega dos prêmios, vendo-se o cronista K.Noa, quando fazia a entrega de um artístico bronze ao representante da escola de samba Estação Primeira, Saturnino Gonçalves”. (O País, 26 de janeiro de 1934) .	97
Tabela 1	Participação das escolas nos concursos realizados no carnaval de 1934 ...	101
Figura 20 -	“Cidadão Momo desce do morro e recebe, triunfalmente, as chaves da cidade”. (Diário da Noite, 1 de março de 1935)	107
Figura 21 -	“Cidadão Momo nos braços do povo”. (Diário da Noite, 1 de março de 1935)	108
Figura 22 -	“Desembarque do Cidadão Momo”. (O Radical, 1 de março de 1935)	108
Figura 23 -	“A escola de samba Fiquei Firme do morro da Favela”. (Diário Carioca, 7 de janeiro de 1936)	117
Figura 24 -	“Pelo que se vê nesse conluio, a peixada de Portela era de outro mundo”. (A Noite, 28 de janeiro de 1936)	119
Figura 25 -	“Note-se o uso do personagem malandro, com calças largas e camisa listrada, além do chapéu, tomando a cerveja que é tão maravilha quanto à crioula do morro” (Correio da Manhã, 19 de janeiro de 1936)	120
Figura 26 -	(Diário Carioca, 22 de janeiro de 1936)	121
Figura 27 -	“Um samba no morro. É possível identificar a criação da imagem carnavalesca carioca a ser divulgada no exterior pelo turismo: a cuíca, o pandeiro, o violão, as calças largas e as danças. Representantes característicos dos grupos dos morros”. (Diário de Notícias, 26 de janeiro de 1936)	122
Figura 28 -	“Aspecto apanhado quando A Voz do Morro foi irradiada na Hora do	123

	Brasil”. (Diário de Notícias, 31 de janeiro de 1936)	
Figura 29 -	“Mulato com pandeiro”. (Diário Carioca, 23 de fevereiro de 1936)	125
Figura 30 -	“Baiana representante do carnaval”. (Diário Carioca, 23 de fevereiro de 1936)	125
Figura 31 -	“Uma autêntica escola de samba”. (Diário Carioca, 9 de fevereiro de 1937)	135
Figura 32 -	“A Praça Onze hoje pela manhã”. (O Globo, 26 de fevereiro de 1938)	136
Figura 33 -	(O Radical, 4 de março de 1938)	137
Figura 34 -	“Flagrante do desfile das escolas de samba, que animou ontem, o carnaval da Praça Onze, movimentando uma legião infindável de foliões. Um dia após o desfile das escolas de samba na Praça Onze, o jornal publica fotos de escolas de samba. Notem-se os caramanchões em destaque”. (A Noite, 28 de fevereiro de 1938)	138
Figura 35 -	“Diretores da Unidos da Tijuca em visita à nossa redação”. A foto retrata integrantes da escola de samba Unidos da Tijuca visitando a redação do jornal com o intuito de mostrar o enredo que apresentariam no desfile de domingo de carnaval. (A Noite, 26 de fevereiro de 1938)	141
Figura 36 -	“Dentre as visitas que recebemos no tríduo da folia, destacamos a da escola de samba Mimoso de Quintino” (Diário Carioca, 3 de março de 1938)	141
Figura 37 -	“A mesa que presidiu a reunião para escolha do Cidadão Samba” (Diário Carioca, 3 de fevereiro de 1939)	143
Figura 38 -	“O Cidadão Samba em nossa redação quando de sua visita aos cronistas carnavalescos do Diário Carioca” (Diário Carioca, 7 de fevereiro de 1939)	145
Figura 39 -	“O Globo registrou o encontro do Cidadão Samba com o presidente da UGES”. (O Globo, 15 de fevereiro de 1939)	145
Figura 40 -	“David e Hermínia com a bandeira que a escola exibiu no carnaval de 1939”. (Jornal do Brasil, 25 de fevereiro de 1979)	147
Figura 41 -	“Cartaz da peça teatral Branca de Neve e os Sete Anões” (Diário Carioca, 23 de fevereiro de 1939)	149
Figura 42 -	“Detalhe da propaganda do teatro Alhambra”. (Diário Carioca, 23 de fevereiro de 1939)	150

Figura 43 - “Chafariz da Praça Onze de Junho ornamentado para o carnaval de 1940”. (A Noite, 2 de fevereiro de 1940)	151
--	-----

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	15
1	CARNAVAL: OBJETO E TEORIA	24
1.1	Estudando o carnaval	24
1.2	Escrevendo o carnaval	25
1.3	Hibridismo, identidades, práticas, festa, espaço e lugar: construindo a folia	28
2	O RIO DE JANEIRO DO CARNAVAL POPULAR	34
2.1	A modernidade e o popular	34
2.2	A festa que ia e a festa que chegava	40
2.3	Os ranchos e a busca pelo novo	44
2.4	Os blocos e o auxílio ao popular	47
2.5	O carnaval híbrido	49
3	AS ESCOLAS DE SAMBA	53
3.1	O surgimento	53
3.2	As escolas de samba na sociedade carioca	57
3.3	O Mundo Esportivo (1932)	61
3.4	O Globo (1933)	69
4	A VIZINHA FALADEIRA	85
4.1	Escolas e imprensa	85
4.2	Uma escola avançada	87
4.3	Buscando uma identidade (1934)	93
4.3.1	<u>O concurso de Santana (20 de janeiro)</u>	95
4.3.2	<u>O concurso do Estádio Brasil (4 de fevereiro)</u>	97
4.3.3	<u>O concurso da Praça Onze (11 de fevereiro)</u>	99
4.4	Institucionalizando as práticas (1935)	102
4.5	Explorando as potências (1936)	114
4.6	O campeonato da Vizinha Faladeira (1937)	128
4.7	O desfile que não houve (1938)	135
4.8	Carnaval nacional? (1939)	142
4.9	A mudança latente: negociações e práticas novas (1940)	150

5	CONCLUSÃO	155
	REFERÊNCIAS	163
	Anexo A – Entrevista com Valdir Paim	166
	Anexo B - Depoimento de David da Silva Neves, David da América	170
	Anexo C - Depoimento de Mdalena Raimundo	173
	Anexo D - Depoimento de violeta Alves Laranjeiras	176
	Anexo E - Depoimento de Pardal	178
	Anexo F - Depoimento de Roxinha	184
	Anexo G - Depoimento de Otoniel Cruz	187
	Anexo H - Depoimento de Cristóvão e Nassara	197

INTRODUÇÃO

Um pouco de história

O menino da Rua Três jogava bola na rua de asfalto irregular. Soltava pipa entre os fios e brincava de bola de gude, esconde-esconde, queimado... Tinha também o carnaval, e nesta época, se vestia de bate-bola, com uma roupa cor verde meio velha e saía com seu pai pelas ruas para foliar, ou, seja lá o que aquilo fosse.

A lembrança que tenho de minha adolescência é um pouco vaga.

Assim como não gostava de estudar nem ir para a escola, não entendia nada do carnaval, já não gostava da festa, não tinha mais desejo de me vestir de bate-bola, nem sentia vontade seguir os blocos de rua. E minha visão do carnaval era apenas esta. Festas bairristas organizadas pelas pessoas mais próximas com o simples interesse de brincar.

Aos dezenove anos decidi fazer faculdade! Comecei a desenvolver o gosto pelo ser humano, por sua jornada na humanidade, por sua história. Minha mente se atizou para o desconhecido e fui levado, um pouco displicentemente, ao curso de História.

O aprendizado do homem em seu tempo, transformando seu mundo, as relações sociais, guerras, acordos, religiões, política, economia e a cultura encantaram-me. Da inércia intelectual adolescente entrei em uma área acadêmica deveras complexa, com uma carga de leitura grande, sem uma base realmente sólida.

Toda a história me encantava, contudo, o estudo da Primeira República brasileira fez meus pensamentos se interessarem pelos fatos históricos do período. Decidi estudar a cidade do Rio de Janeiro, capital do Brasil. Sempre gostando de observar as situações e os lugares por onde passo, aliado ao urbanismo da cidade, aflorou-me o desejo de entender como as transformações urbanas foram ocorrendo e quais personagens se envolviam nestes processos. Desta forma, para a monografia, escolhi estudar a formação do bairro da Urca e compreender as relações sociais que permitiram a construção daquele bairro, a partir da década de 1920. Entender a relação entre prefeitura, elite financeira e membros da sociedade carioca incitava-me a fazer uma nova história, uma micro história da cidade, falando de um bairro, com suas especificidades, procurando entender o porquê da municipalidade voltar seus olhos para as classes mais abastadas da sociedade, que já possuíam melhores estruturas urbanas e sociais.

Ao tempo da monografia, em contato com o professor Felipe Ferreira através de uma bolsa de pesquisa, surgiram conversas proveitosas sobre os estudos e a possibilidade de fazer o processo seletivo para uma das vagas no curso de Pós-Graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Neste período muito pouco conhecia da trajetória do meu futuro orientador e de sua grande contribuição para o entendimento da festa carnavalesca.

O projeto de pesquisa inicial era o de entender o carnaval das escolas de samba da cidade do Rio de Janeiro através da escola de samba Vizinha Faladeira. Uma escola de samba que aparentemente era o contrário das demais escolas de samba da década de 1930.

O carnaval passaria a fazer parte da minha vida novamente, de uma nova forma, do jeito que eu gostava, procurando entendê-lo, conhecendo sua história. O descobrimento de cada nova forma carnavalesca, os debates conceituais, as histórias contadas sobre as escolas de samba, seus desfiles, as formas estéticas de cada grupo, a Vizinha Faladeira, entre tantos outros assuntos começavam a me seduzir.

O projeto de pesquisa e seu desenrolar

Nesta introdução de *Devido às marmeladas adeus carnaval. Um dia voltaremos: Escolas de samba e cultura popular no Rio de Janeiro dos anos 30*, almejamos apresentar os caminhos que construíram o projeto e o delimitaram na forma em que se encontra, explicando ainda o surgimento da ideia de trabalharmos com a escola de samba Vizinha Faladeira no carnaval carioca da década de 1930.

Ao ser aprovado no concurso de seleção do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 2009, apresentamos como proposta de trabalho um estudo sobre a escola de samba Vizinha Faladeira e sua participação dentro dos primeiros anos de carnaval das escolas de samba da cidade. Queríamos estudar a história da Vizinha Faladeira, os fatos que marcaram seus desfiles, estudar aquilo que a tornou uma representante do carnaval, sendo ela diferente das outras escolas de samba. Sequer tínhamos conhecimento das outras escolas de samba e seus carnavais. Acreditávamos que apenas a Vizinha Faladeira se destacava no carnaval do Rio de Janeiro com suas apresentações luxuosas e inovadoras. Logo, queríamos estudar os carnavais da Vizinha Faladeira. Daí o título inicial apresentado no projeto de pesquisa limitar-se a *Devido às marmeladas adeus carnaval. Um dia voltaremos* em uma alusão ao cartaz usado pela Vizinha Faladeira em 1940.

Sem as reflexões advindas de dois anos de pesquisa no curso de mestrado, aventurávamos, naquele momento inicial de nosso projeto de pesquisa, a dizer, por exemplo, que em 1940 a Vizinha Faladeira havia feito o primeiro ato de protesto contra o carnaval de então. Informávamos dados a respeito das classificações e dos desfiles da Vizinha Faladeira baseados no site da mesma, numa audácia infantil que logo se mostraria insipiente, incapaz de responder sequer as perguntas mais simples sobre os acontecimentos carnavalescos. Destacávamos a participação de cenógrafos na construção de seus desfiles valorizando demasiadamente os seus carnavais. Dávamos informações sobre o desfile de 1936 que não correspondiam cronologicamente, algo percebido apenas no decorrer da pesquisa com a ampliação das fontes e o aprofundamento das investigações. Poderíamos continuar a narrar acontecimentos que se pressupunham relevantes naquele momento, contudo consideramos que os já citados ilustram de forma suficiente a amplitude e os equívocos de nossos propósitos.

Pretensiosamente, apresentávamos unicamente sua trajetória pensando ser ela, exclusivamente, capaz de dar respostas a cerca do carnaval carioca. Nesse primeiro momento entendíamos que a Vizinha Faladeira ia de forma contrária ao carnaval carioca e suas pretensões e, por isso, ganhava importância para a compreensão da festa carnavalesca. Nossa reflexão, através de autores como John Storey, Stuart Hall e Nestor Garcia Canclini, proporcionou o entendimento da Vizinha Faladeira como um catalizador do carnaval carioca, como a escola de samba em constante participação, mas que, dentro do processo de formação do carnaval das escolas de samba, sobressaiu-se de forma ímpar, podendo, através de suas ações, revelar as suas especificidades e as construções que davam origem ao carnaval das escolas de samba nos anos 30.

Outro fator que ocasionou mudanças ao longo do projeto inicial diz respeito ao nosso desconhecimento, no período de sua elaboração, da maioria dos autores que trabalhamos atualmente. Advindo do curso de História, a forma de pensar as ações humanas, de construir o conhecimento a cerca das ações dos homens em seu tempo e espaço, estavam ainda ligadas a autores de cunho histórico, tais como Guinzburg, Thompson e Chartier.

Faltava compreender o carnaval como um espaço, um lugar de tensão, de construção e reconstrução de interesses pelo poder de fazer a festa, onde os diversos atores, das diversas classes sociais não apenas negociavam, mas se misturavam formando novas formas culturais (FERREIRA, 2005). Assim, entendemos hoje, que o carnaval é uma construção com múltiplos atores, com interesses e significados diversos, não podendo ser compreendido apenas como “um período de inversão”, por exemplo. Como exemplifica o autor:

Aquilo que se conhece atualmente como “Carnaval Brasileiro” é na verdade o produto de diversos discursos que, ao longo dos últimos 150 anos, vem sendo lentamente elaborado através de variadas disputas de poder. Elite, povo, governo, folcloristas, jornais, rádios, gravadoras, capitais, periferias, Rio de Janeiro, Salvador, escolas de samba, trios elétricos, Recife, São Paulo e Frevos são alguns dos muitos atores envolvidos na construção de um significado para a grande festa nacional. A disputa de poder envolvida na determinação do que é “nosso” Carnaval é, desse modo, determinante para sua compreensão. (FERREIRA, 2004, p. 11)

O projeto sofrera mudança não apenas sobre a construção do conhecimento. Dizíamos não procurar rever/ revisar conteúdos históricos. Contudo, fomos percebendo lacunas e confusões sobre o carnaval das escolas de samba que precisavam ser preenchidas de forma, não a dar um fim as questões, mas apresentar novas leituras sobre as mesmas.

Apesar das críticas ao projeto inicial, nele já vislumbrávamos as relações múltiplas capazes de dar sentido ao carnaval. Não entendíamos, porém, que, por estas relações é que compreenderíamos a participação e a importância da Vizinha Faladeira para o entendimento do carnaval carioca. Também não dávamos importância para as formas estéticas presentes nos desfiles das escolas de samba, verdadeiros representantes destes diálogos entre os grupos diversos que construíam o carnaval. Contudo ficou presente esta característica no projeto, mesmo com um embasamento teórico limitado em seu momento inicial, no qual conseguimos entender como se constrói a festa carnavalesca e a importância desta construção para a compreensão dos atores que a compõem.

Justificativa

O projeto justifica-se pela importância dos conceitos e fatos aqui presentes, tais como, identidade, cultura popular, consumo e estética. Embora nosso trabalho discuta a formação do carnaval das escolas de samba na década de 1930 através da Vizinha Faladeira, queremos refletir também sobre questões que tracem diálogos com a proposta presente.

Creemos contribuir não apenas para o conhecimento sobre a história do carnaval, através da revisão de alguns fatos históricos salientados neste trabalho, mas também sobre a cultura popular carioca, a história da Vizinha Faladeira, a festa carnavalesca das escolas de samba, as instituições formadas pelo carnaval, as relações de poder, os grupos diversos e seus diálogos tensionados. Acreditamos que o presente trabalho pode interessar pesquisadores de outras áreas tais como, História, Antropologia e Artes. Ademais, estando vinculado a um

instituto de Artes, poderíamos nos ater a uma bibliografia específica, todavia procuramos desenvolver a interdisciplinaridade valendo-nos de autores de disciplinas de História, Antropologia, Comunicação e Artes, valorizando desta forma um diálogo com as Ciências Humanas e Sociais.

O entendimento dos processos originários do carnaval das escolas de samba da cidade do Rio de Janeiro; as relações múltiplas e em constantes negociações; a exclusão da Vizinha Faladeira do processo carnavalesco carioca; as imposições de poder e a relativização deste mesmo poder; as formações de identidade hibridamente construídas; o crescimento do interesse pelos estudos sobre a cultura popular, não limitado a descrevê-la e sim preocupado em entendê-la dentro dos processos sociais e culturais que formam a sociedade e a abertura a novas formas de construção do conhecimento associado a novas formas de pesquisa. Eis alguns dos pontos básicos de nossa proposta de trabalho, onde uma nova construção da história do carnaval das escolas de samba da cidade do Rio de Janeiro da década de 1930 se faz necessária, na medida em que as propostas e modelos apresentados atualmente não satisfazem as perguntas básicas de construção do conhecimento acerca do período.

A bibliografia sobre o carnaval das escolas de samba, no geral, não está preocupada em compreender os processos que constroem a festa. Grande parte dos trabalhos destina-se a valorização das manifestações populares, de atores específicos da festa ou de grupos sociais, quando da valorização do folclore, ressaltando seus atributos de pureza e tradição cultural.

A análise a cerca das práticas culturais aqui apresentadas busca compreender que as escolas de samba não são produtos de interesses particulares, nem estão inertes, assim como a cultura popular também não é, nem está parada, ou paralisada (STOREY, 2003). Antes, pelos movimentos constantes dos que outrora foram desqualificados, incluindo a Vizinha Faladeira, é que se evidencia a construção ativa da cultura popular. Onde, a classe dominante dialoga com as demais classes sociais com o intuito de produzir uma nova forma cultural popular.

A questão da identidade é também um aspecto a ser reverenciado. Aquilo que caracterizamos como identidade também é móvel (HALL, 2006). Neste sentido o carnaval das escolas de samba não é algo fixamente composto de uma identidade, conjunto de uma tradição que sempre existira. A identidade do carnaval das escolas de samba é algo inventado pelos que compõem a festa. Não se trata de pensar numa identidade, da festa carnavalesca, como algo pronto, acabado em si mesmo, mas, trata-se de entendê-la como uma constante construção através de diálogos entre os diversos atores da festa, e que, por esses diálogos, as identidades são construídas e reconstruídas a todo instante.

O projeto contribui desta forma para o conhecimento sobre a escola de samba Vizinha Faladeira, sobre a formação híbrida do carnaval das escolas de samba da década de 1930 e a construção de suas identidades, sobre a festa e a cultura popular. *Devido às marmeladas, adeus carnaval. Um dia voltaremos: Escolas de samba e cultura popular no Rio de Janeiro dos anos 30* justifica-se por ser inovador e buscar, através de uma escola de samba, trazer à cena o carnaval das escolas de samba de seu período, através de suas apresentações e formas estéticas capazes de revelar os momentos culturais, artísticos, sociais e políticos.

Objetivos

Os objetivos principais deste estudo são os de identificar as transformações culturais ocorridas na cidade do Rio de Janeiro em finais da década de 1920 e ao longo da década de 1930.

Espera-se compreender a formação das redes relacionais entre os diversos grupos da sociedade, destacando-se as elites intelectual e financeira (Centro de Cronistas Carnavalescos, Turing Clube do Brasil, Rádios, Teatros, Jornais e Cordão dos Laranjas), a Prefeitura, o Governo Federal e as escolas de samba e os moradores dos morros.

Pretende-se ainda identificar as transgressões da escola de samba Vizinha Faladeira no contexto da institucionalização do “tradicional carnaval das escolas de samba” da cidade do Rio de Janeiro como forma de compreender os processos de múltiplos interesses que agiam na formação da festa.

Por fim espera-se compreender os processos sociais, políticos, econômicos e culturais que levaram a escola de samba Vizinha Faladeira a afastar-se das disputas carnavalescas e terminar suas atividades como escola de samba.

Metodologia

Definida a linha teórica para o entendimento da festa carnavalesca das escolas de samba da década de 1930 passamos os primeiros meses do mestrado conciliando as aulas com a pesquisa, especialmente na Biblioteca Nacional. Sabendo as direções a serem tomadas

passamos a pesquisar todos os periódicos possíveis, desde 1931 até 1940, com o intuito de colher a maior quantidade possível de informações a respeito da forma como se organizavam os carnavais das escolas de samba. Passamos a procurar também os aspectos políticos que poderiam influenciar de forma mais enérgica no carnaval, como a saída de um Prefeito, a participação de Teatros e Rádios na elaboração de concursos carnavalescos entre outros. Encaminhamos a pesquisa para a parte iconográfica com o intuito de apresentar os primeiros carnavais das escolas de samba e suas formas estéticas. Poucas foram às fotografias encontradas e todas elas se encontram neste projeto. Buscamos ainda encontrar algum exemplar do primeiro jornal a elaborar um concurso para as escolas de samba, o jornal Mundo Esportivo. Procuramos em todos os arquivos públicos da cidade e enviamos e-mails para arquivos públicos de outros estados, tais como, Pernambuco, São Paulo, Minas Gerais, Recife e Rio Grande do Sul tendo como resposta a ausência daquele periódico.

Destacamos os periódicos disponíveis e pesquisados, por ano, junto a Biblioteca Nacional:

1931- Jornal A Noite; O Jornal; Diário da Noite; Diário Carioca; O Globo; Jornal do Brasil e Revista O Cruzeiro.

1932- Diário de Notícias; Diário da Noite; Jornal dos Sports; A Noite; Diário Carioca. Jornal do Brasil; O Globo e O Jornal.

1933- A Noite; Correio da Manhã; Diário da Noite; Diário de Notícias; Jornal do Brasil; O Globo e Diário Carioca.

1934- A Noite; Correio da Manhã; Diário da Noite; Diário de Notícias; O Globo; O Paiz; Diário Carioca e O Radical.

1935- Correio da Manhã; Diário Carioca; Diário de Notícias; O Jornal; O Radical; Diário da Noite; O Paiz; O Globo, A Nação e Jornal do Brasil.

1936- Correio da Manhã; Diário Carioca; Diário de Notícias; Jornal do Brasil; O Radical; A Noite; Diário da Noite; A Nação; Revista Fon-Fon e Revista O Cruzeiro; Gazeta de Notícias e O Globo.

1937- O Imparcial; Correio da Manhã; Diário Carioca; Diário de Notícias; Jornal do Brasil; O Radical; A Noite; A Nação; Revista Fon-Fon; Revista O Cruzeiro; O Jornal; A Batalha; A Pátria; A Rua; Gazeta de Notícias; A Manhã e O Globo.

1938- O Imparcial; Correio da Manhã; Diário Carioca; Diário de Notícias; Jornal do Brasil; O Radical; A Noite; Diário da Noite; A Nação; O Jornal; A Batalha; A Pátria; A Rua; Gazeta de Notícias; A Manhã; Revista O Cruzeiro; Revista Fon-Fon; Correio da Noite; A Tarde e O Globo.

1939- O Imparcial; Correio da Manhã; Diário Carioca; Diário de Notícias; Jornal do Brasil; O Radical; A Noite; Diário da Noite; O Jornal; A Batalha; Gazeta de Notícias; Revista Fon-Fon, O Globo e Revista O Cruzeiro.

1940- Diário Carioca; Correio da Manhã; Diário de Notícias; A noite; Diário da Noite; Gazeta de Notícias; O Globo; Jornal do Brasil; A Batalha; O Imparcial; Jornal Avante; Diário da Imprensa; A Manhã; O Jornal; Revista Carioca; Revista Fon-Fon; O Radical e A Nação.

As revistas ilustradas pesquisadas, por ano, na Biblioteca Nacional foram:

1931: Revista: Cinearte; Revista: Eu Sei Tudo; Revista: Careta; Revista: A noite Ilustrada; Revista: O Malho; Revista: A Cena Muda; Revista da Semana.

1932: Revista: Eu Sei Tudo; Revista: O Malho; Revista: Careta; Revista: A Noite Ilustrada; Revista da Semana; Revista: Cinearte; Revista: Filme Cultura; Revista: A Cena Muda.

1933: Revista: Eu Sei Tudo; Revista: O Malho; Revista: Careta; Revista da Semana; Revista: A Noite Ilustrada; Revista: Cine Arte; Revista: Filme Cultura; Revista: A Cena Muda.

1934: Revista: Eu Sei Tudo; Revista: O Malho; Revista: Careta; Revista da Semana; Revista: A Noite Ilustrada; Revista: Cine Arte; Revista: Filme Cultura; Revista: A Cena Muda.

1935: Revista: O Malho; Revista: Careta; Revista da Semana; Revista: A Noite Ilustrada; Revista: Cine Arte; Revista: Filme Cultura; Revista: A Cena Muda.

1936: Revista: O Malho; Revista: Careta; Revista da Semana; Revista: A Noite Ilustrada; Revista: Cine Arte; Revista: A Cena Muda; Revista: Filme Cultura.

1937: Revista: O Malho; Revista: Careta; Revista da Semana; Revista: A Noite Ilustrada; Revista: Cine Arte; Revista: A Cena Muda; Revista: Filme Cultura.

1938: Revista: O Malho; Revista: Careta; Revista da Semana; Revista: A Noite Ilustrada; Revista: Cine Arte; Revista: A Cena Muda; Revista: Filme Cultura.

1939: Revista: O Malho; Revista: Careta; Revista da Semana; Revista: A Noite Ilustrada; Revista: Cine Arte; Revista: A Cena Muda; Revista: Filme Cultura.

1940: Revista: O Malho; Revista: Careta; Revista da Semana; Revista: A Noite Ilustrada; Revista: Cine Arte; Revista: A Cena Muda; Revista: Filme Cultura.

Refletindo sobre os periódicos, sobre as construções que deles iríamos fazer, nos vimos em grande necessidade de aprofundar a pesquisa sobre a Vizinha Faladeira. Os jornais e revistas da Biblioteca Nacional pouco informavam sobre os carnavais da escola. Ao visitarmos a sede atual da Vizinha Faladeira tivemos uma sensação de limitação na medida

em que os moradores daquele bairro pouco conheciam sobre sua história. Os antigos moradores, fundadores da Vizinha Faladeira, haviam se mudado há anos e não obtivemos nenhum tipo de contato capaz de nos direcionar para estas pessoas. Contudo, em contato com um dos fundadores da Vizinha Faladeira na década de 1980, Valdir Paim, ao qual fizemos uma entrevista que se encontra no ANEXO A deste trabalho, tivemos acesso a um material que nos era desconhecido. Uma matéria de jornal contando um pouco sobre a trajetória da Vizinha Faladeira. A entrevista de Valdir Paim muito refletia o que estava escrito naquele recorte de jornal, que não possuía data nem o nome do jornal que o publicara, mas que dava um novo rumo à pesquisa.

Analisando o conteúdo apresentado no recorte de jornal e pesquisando na internet o título da matéria encontramos o nome do jornalista Francisco Duarte. Descobrimos que havia uma coleção, um arquivo pessoal de Francisco Duarte no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Lá, encontramos uma coleção de artigos, matérias de jornais diversos e fotografias pertencentes ao jornalista, falecido no ano de 2004. Apesar da não catalogação da “Coleção Francisco Duarte” por parte da instituição, o material encontra-se organizado, conforme fora deixado pelo jornalista. A grande contribuição desta coleção fora às entrevistas que o próprio Francisco Duarte teceu junto aos fundadores da Vizinha Faladeira, além da identificação daquele recorte de jornal dado a nós pelo nosso entrevistado. Todas as entrevistas feitas por Francisco Duarte se encontram nos ANEXOS deste trabalho, presentes também nos capítulos III e IV.

Ao adquirir um novo e inédito material sobre a Vizinha Faladeira, através dos relatos feitos por seus integrantes, pudemos compreender os aspectos estéticos que a Vizinha Faladeira apresentava naquele período e que foram utilizados com maior ênfase no último capítulo deste trabalho. Não era a única, porém havia sido a primeira a procurar dar uma identidade para o carnaval das escolas de samba em formação.

Revestindo-se de novas formas estéticas, com novas propostas carnavalescas, a Vizinha Faladeira participava do carnaval experimentando as tensões e negociações entre os diversos grupos que organizavam a festa.

As reflexões sobre a Vizinha Faladeira e sua importância para a compreensão do carnaval carioca foram ganhando consistência ao passo que já não era mais a Vizinha Faladeira uma estranha no carnaval das escolas de samba. Era ela mais uma escola de samba dentro deste novo momento da cultura popular carioca com suas especificidades que há colocariam alguns anos depois na marginalidade.

1 CARNAVAL: OBJETO E TEORIA

1.1 Estudando o carnaval

O estudo do carnaval das escolas de samba da cidade do Rio de Janeiro vem sendo revisado por novas práticas e teorias de pesquisa num momento em que algumas disciplinas acadêmicas estão passando por um processo de abertura, ou reabertura, a novas abordagens metodológicas contemporâneas. Um novo olhar está sendo formado na medida em que o problema central de cada disciplina, suas metodologias de pesquisa, se permite uma flexibilidade do tema, ou objeto central, aliado a uma interdisciplinaridade que proporciona o surgimento de novas perspectivas para um mesmo processo. Como destaca Burke (2008, p. 170), ao falar da história cultural e sua construção: “A história cultural não é um monopólio de historiadores. É multidisciplinar; em outras palavras, começa em diferentes lugares, diferentes departamentos na universidade – além de ser praticada fora da academia”.

Isto aparece em trabalhos recentes – como os de Ferreira (2004 e 2005), Cavalcanti (1994) e Gonçalves (2007), ligados, respectivamente, à Geografia Cultural, a Antropologia e a Sociologia – capazes de permitir este novo horizonte a respeito da escrita carnavalesca.

É retomando um objeto focado na bibliografia sobre o carnaval – as escolas de samba, especificamente da década de 1930 – que propomos uma abordagem buscando não só traçar as características daquilo que se convencionou chamar de carnaval das escolas de samba, mas principalmente analisar as relações socioculturais entre os agentes da sociedade carioca no período, destacando a rede de atores em constantes negociações, entre eles os moradores dos morros da cidade, as elites intelectual e financeira, a municipalidade e o governo federal. O desejo pelo popular, por festas tradicionalmente populares, abriu espaço desta forma, para o advento das escolas de samba, ao diferenciarem-se dos ranchos por não se apresentarem de forma sofisticada e também dos blocos por suas apresentações serem vinculadas no imaginário da sociedade a nenhum tipo de violência.

Para compreendermos a festa carnavalesca carioca, concentramos nossas pesquisas na escola de samba Vizinha Faladeira, através de autores relacionados ao campo da cultura popular, como Chartier (1990) com questões de apropriação e representação, bem como as discussões trazidas pelos Estudos Culturais pelos trabalhos de Certeau (1996) e Storey (2003 e 2009) destacando as tensões pela determinação dos significados da festa carnavalesca.

1.2 Escrevendo o carnaval

O tema do Carnaval foi visitado por muitos autores, como Araújo (2000), Augras (1998), Barboza e Oliveira Filho (2003), Cunha (2001), Damatta (1990), Fernandes (2001), Moraes (1987), Ortiz (1976), Silva e Santos (1979) e Soihet (1998) entre outros.

Um dos trabalhos mais destacado com referência às escolas de samba é o livro *As escolas de samba do Rio de Janeiro*, de Sérgio Cabral, publicado em 1996, baseado em outro texto anterior do autor (CABRAL, 1974). A obra contém informações sobre as escolas de samba, através de documentos retirados de arquivos diversos, onde é possível identificar seu interesse na fixação das “origens” destas manifestações apesar da dificuldade desta identificação, tendo em vista narrativas que apontam para o surgimento das escolas de samba em pelo menos dois momentos diferentes. O levantamento feito pelo autor revela o desejo de relatar a história do carnaval carioca e identificar seus personagens e suas narrativas, como uma forma de preservação daquele “mundo” do samba carioca, com suas peculiaridades populares “únicas”, “íntegras”, e seus encantos particulares. Este trabalho, de grande importância para a divulgação da história do carnaval das escolas de samba da cidade do Rio de Janeiro, nos ajudou a acessar informações que se encontram atualmente indisponíveis em arquivos públicos. Não pudemos, entretanto, encontrar nele as respostas para nossas perguntas, visto que a proposta do autor não era a de entender quais as condições que permitiram a estruturação do carnaval das escolas de samba e nem mesmo as relações sociais e os processos de negociação que ocorriam naquele período. Sua abordagem é historicista, valendo-se e apoiando-se nas entrevistas detalhadas ao final do livro, com personalidades do samba como Ismael Silva e Fernando Pamplona.

Outro trabalho de referência, muito difundido na literatura carnavalesca, é a obra *História do carnaval carioca*, de Eneida de Moraes (1987), editada originalmente em 1958 que revela aspectos da organização do carnaval da cidade do Rio de Janeiro. Abordando principalmente os movimentos mais antigos do carnaval carioca, em detrimento das escolas de samba, a autora procura organizar e classificar as folias carnavalescas da cidade, determinando o que seriam suas principais manifestações nos anos 50, destacando as grandes sociedades e os blocos, ranchos e cordões. Com sua pesquisa pioneira, o livro trouxe grande contribuição para os estudos sobre o carnaval do Rio de Janeiro, servindo de base para outros estudiosos do carnaval. O grande problema é que muitos autores posteriores à Eneida não observaram seu livro com um senso crítico, abordando sua análise como uma verdade

indiscutível e contribuindo assim para a criação de identidades fixas sobre o que é o carnaval carioca e de que forma ele fora constituído.

A obra, *Paulo da Portela: traço de união entre duas culturas*, de Silva e Santos (1979), aborda a história do famoso baluarte e pioneiro do samba carioca, que dá título ao livro, dentro do contexto das negociações que caracterizaram os primeiros anos das escolas. Como afirmam as autoras, “Paulo foi um traço de união entre a cultura dos brancos, ricos e cultos, e a dos pretos, pobres e incultos” (SILVA e SANTOS, 1979, p. 25). No tocante ao discurso carnavalesco, o livro trata de narrar, cronologicamente, os desfiles das escolas de samba, buscando destacar seus próprios esforços, dirigidos a preservar suas características e singularidades capazes de torná-las tão atrativas. Aliado a isto, o esforço em identificar atores da festa carnavalesca carioca resultou na exaltação de um personagem ligado ao povo por sua origem e articulado à parte da sociedade mais abastada. Esta relação, para as autoras, define Paulo da Portela como um mediador entre duas culturas, levando o popular ao erudito e vice-versa, incentivando desta maneira uma relação de troca. As autoras não destacam, entretanto, a intensidade das negociações. As culturas em questão, para elas, parecem sólidas, de tal forma que se torna difícil uma relação de interação entre ambas sem que o lado popular perca suas potencialidades. Tal visão ressalta uma busca pela preservação do folclórico, daquilo que é “tradicionalmente brasileiro”, não considerando as expressões da cultura popular como elementos híbridos (CANCLINI, 2008).

A obra, entretanto, merece destaque por sua riqueza de informações, com citações de documentos e fotos, possibilitando uma observação mais atenta à utilização destas fontes por outros pesquisadores interessados no tema. No que tange ao conhecimento, a simplicidade na construção da ideia do carnaval das escolas de samba limita-se a destacar seus grandes personagens, além das curiosidades sobre datas e festividades dos primeiros anos das escolas de samba.

Há que se ressaltar, também, o texto de Vianna (1995) intitulado *O mistério do samba*, em que o autor caracteriza o movimento do samba na década de 1930 como um fenômeno da cultura nacional, atrelado ao conceito de brasilidade que permeava a intelectualidade dos anos 1920/30. O samba do morro, outrora enxergado de forma marginal, passa a ser visto como portador da nacionalidade, do popular, do folclórico brasileiro, através das influências do conceito de mestiçagem, propagado por Gilberto Freyre, Mário de Andrade e Sérgio Buarque, ganhando destaque e importância no cenário nacional.

Esta obra ganha importância em nossa argumentação na medida em que entendemos existir uma relação de negociação entre os diversos grupos da sociedade carioca e os

sambistas, como por exemplo, as visitas das escolas de samba a jornais e sua incorporação a espetáculos de teatros de revista, largamente divulgados na imprensa no ano de 1932.

O estudo do carnaval carioca por parte da historiografia apresenta poucas obras de relevância no que tange ao entendimento da folia da cidade por meio de uma articulação cultural. Muitos textos abordam o carnaval carioca através de uma vertente mais social, política e mesmo econômica. A obra, *O PCB cai no samba*, de Valéria Guimarães (2009), é um dos poucos trabalhos de cunho político, com interações sociais e culturais. A autora propõe uma análise da participação das escolas de samba junto ao PCB na década de 1940, após a instauração do Estado Novo por Vargas. Guimarães levanta questões como a construção de uma cultura popular através da interferência dos membros de uma elite do país numa relação de negociação com os grupos populares, delimitando as classes, de forma a identificar cada grupo da sociedade. Destaca a construção do popular através do conceito de circularidade cultural presente em Guinzburg (2006), no qual as elites se relacionam com os grupos outrora desqualificados fazendo desta forma, uma troca cultural, mas, sem mudanças radicais nas estruturas sociais.

O trabalho de Guimarães, apesar de ser uma pesquisa histórica contundente sobre o PCB, não apreende as relações construtoras das escolas de samba antes do Estado Novo; segundo a autora, antes de Vargas, as escolas de samba não possuíam representação nem legitimidade perante a sociedade, eram desqualificadas, tanto quanto os Zé Pereiras e o malandro, ficando desta forma, marginalizadas (GUIMARÃES, 2009, p. 202).

Uma questão interessante levantada pela autora diz respeito ao projeto de nacionalismo democrático do Estado Novo. Contrapondo-se ao antigo regime, das oligarquias, dos patriarcalismos e benefícios para camadas de uma elite, associados a um “liberalismo”, ou cosmopolitismo, este Estado Novo procura valorizar o nacional ainda que para isso criasse mecanismos reguladores como o DIP. Segundo a autora, o Estado Novo “recrutava” os intelectuais nacionalistas de diversas áreas (entre eles Sérgio Buarque, Gilberto Freire e Villa-Lobos) para comporem uma história, uma nacionalidade e uma tradição brasileira.

O livro levanta questões pertinentes à pesquisa histórica, voltando-se para um partido político associado à produção cultural. Muito mais que mostrar o discurso político do partido, a autora se preocupa em abordar a construção daquele discurso, todavia, sua visão sobre cultura popular, baseadas principalmente em Guinzburg (2006) e Thompson (1998), acaba por limitar o entendimento das relações socioculturais entre as escolas de samba (o produto cultural popular) e as elites do período.

Os autores acima citados dão um breve direcionamento para as pesquisas que efetivamos. Ao abordarem o carnaval do Rio de Janeiro, cada qual com suas particularidades, ambos contribuíram para o entendimento das escolas de samba na cidade.

1.3 Híbridos, identidades, práticas, festa, espaço e lugar: construindo a folia

Entender as relações culturais e suas consequências através do campo da cultura popular é o alvo de nossas pesquisas. Para tanto alguns autores se tornaram referência no cursar deste trabalho. Ferreira (2005) com os conceitos de ator-rede, festa, espaço, lugar e carnaval; Berger e Luckman (1985) e a institucionalização e construção da tradição; Storey (2003) com a definição de cultura popular; Geertz (1997) e sua teoria interpretativa da cultura; Canclini (2008) com o conceito de hibridismo e Hall (2006) através do conceito de identidades nos ajudam a construir as teias conceituais para o melhor entendimento de nosso objeto.

Ferreira (2005) no livro *Inventando carnavais: o surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas* apresenta um panorama das festividades carnavalescas na cidade do Rio de Janeiro do século XIX e início do século XX fazendo um traçado das relações e projetos existentes entre as festas de Paris e Nice. O trabalho procura não apenas contar a história da festa carnavalesca carioca, mas entender sua lógica de funcionalidade. Uma das propostas do autor é identificar a festa carioca através da teoria ator-rede que destaca a construção de redes através das relações entre objetos e sujeitos (atores) em uma constante busca de estruturas estáveis. Sobre as redes e suas estruturas, Ferreira (2005, p. 22) informa que elas

se organizam em dois tipos principais: as redes estabilizadas, em que um elemento central determina as relações por meio de normatizações; e as redes instáveis, em que os padrões estão sendo constantemente negociados. Nos dois casos, entretanto, a organização gera ininterruptamente (em graus diferentes, de acordo com o caso) incertezas, ambivalências, transgressões e resistências e, portanto, uma contínua renovação.

Procuramos assim entender as construções sociais através dos grupos em constante negociação formando redes ora estáveis ora instáveis articuladas aos processos de formação histórica do carnaval das escolas de samba na década de 1930 e suas construções de tradição e daquilo que seria o verdadeiro carnaval das escolas de samba.

Em paralelo à teoria Ator-rede esta o conceito de festa. Segundo Abreu (1999) as festas são recriadas e apropriadas, contendo as paixões, os conflitos, as crenças e as esperanças de seus próprios agentes sociais. Para Kim (Apud FERREIRA, 2005), a festa, com seu papel social, define-se pela desordem, abstração da vida cotidiana, participação numa coletividade, mostrando a especificidade da cultura local através de uma manifestação única de conjunto de habitantes, dando sentido ao lugar. Ferreira (Ibidem) desconstrói estas ideias de inversão ou participação na coletividade com o intuito de legitimar uma determinada cultura. Para o autor, a festa representa e se define como uma disputa pelo poder, definida por meio de uma luta pela conceituação do espaço, onde festejar será dominar o discurso que define esse ou aquele espaço como festivo. Festejar é disputar o poder vinculado ao espaço. Um poder que constantemente redefine a posse simbólica do espaço. As lutas com suas tensões e disputas entre os grupos da sociedade carioca abordados por Ferreira fazem das ruas do Rio de Janeiro o palco onde se realiza o evento festivo, sem aplicar sobre estas tensões um olhar maniqueísta. Ao contrário, os membros dos diversos grupos estão em constantes negociações. Sem estas tensões não há festa. Tal conceito se aplica ao nosso trabalho quando observamos a construção da festa do carnaval das escolas de samba numa constante busca de poder, tanto por parte das elites quanto das camadas menos favorecidas, relacionando-se, criando negociações, tensões e disputas para se alocarem no centro da festividade.

Ferreira também aplica o conceito de lugar, para melhor entender a festividade carnavalesca. Este seria um centro referencial para os acontecimentos, local onde os agentes sociais, interagindo, constroem a definição do próprio lugar. Nas palavras de Ferreira (2005, p. 307),

essa concepção de espaço cujos componentes estão em constante movimento e em perpétuo diálogo sem jamais chegarem a um acordo pode (e deve) ser estendida ao conceito de lugar. Essa tensão entre as partes que compõem o lugar, ou seja, entre seus diversos atores, é uma das características que permitirá defini-lo como tal.

Os diversos grupos da sociedade carioca da década de 1930, em constantes tensões, negociações e apropriações, tecem a festa carnavalesca da cidade, com seus espaços, definindo-se dentro destes embates, legitimando o lugar da festa e suas práticas, favorecendo ora uns grupos ora outros, mas sempre objetivando a realização do carnaval das escolas de samba da cidade do Rio de Janeiro.

A história dos grupos de samba nasce atrelada à valorização da cultura nacional brasileira. A trajetória destes grupos esta intimamente associada ao desejo da sociedade brasileira, em especial a carioca, de buscar uma nova identidade cultural para o país, através

da cultura original dos povos menos favorecidos, dos negros com seus cantos e batuques, do malandro do morro, em contraposição às influências cosmopolitas que a cidade sofrera durante anos.

A história dos grupos de samba, que em 1932 já ganham nome e características próprias, dá-se através de uma legitimação de sua própria denominação: escolas de samba. Grupos diferentes de todos os demais do carnaval carioca.

Em finais de 1934 as escolas de samba criam a União das Escolas de Samba (UES). O intuito primário era a organização dos desfiles. Contudo, coube também a UES as relações de negociação junto a Prefeitura e aos demais grupos da sociedade, além de definir modos de proceder das escolas de samba nos desfiles oficiais. A partir do controle estabelecido pela UES deu-se a institucionalização do carnaval das escolas de samba da cidade do Rio de Janeiro.

Entender a construção da realidade, a institucionalização de setores da sociedade e sua legitimação, entre tantos outros pontos é a proposta de Berger e Luckmann (1985) no livro *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. A obra apresenta a institucionalização como uma prática, um hábito, exercido por alguns indivíduos, dentro de espaço e tempo, numa determinada conjuntura social, ganhando caráter histórico e sendo regido por poderes que definem suas práticas e representações, devendo ser legitimada com o intuito de explicar a ordem. Para os autores, a transmissão da prática consolida a história da instituição, ligada a fenômenos sociais, culturais, políticos e econômicos, gerando a tradição destas instituições, fomentando aquilo que se acredita ser tradicionalmente verdadeiro, algo na verdade, constantemente construído. Ainda segundo os autores, diante da institucionalização de uma prática “programada”, é provável a existência de desvios no cursar da ação institucionalizada, ocorrendo assim o aparecimento de formas, ou grupos, ou um grupo, à margem, na fronteira daquilo que se convencionou chamar de instituição.

Dentro do carnaval das escolas de samba, no ano de 1937, a escola de samba Vizinha Faladeira fora campeã sendo criticada por alguns jornais por se portar, não como uma escola de samba, mas quase como um rancho, deixando de estar dentro de uma prática institucionalizada para ser uma transgressora. No ano de 1939, naquele que parecia ser o maior carnaval apresentado pela escola, com o enredo *Branca de Neve e os sete anões*, a Vizinha Faladeira é desclassificada por usar o tema estrangeiro em seu enredo (CABRAL, 1996), algo proibido pela União das Escolas de Samba.

O ato da transgressão revela o conhecimento do transgressor para com os direcionamentos dados pela instituição. Pelo ato da transgressão produz-se um estereótipo do

transgressor, associando-o a depravação moral, por exemplo, como podemos observar no discurso do jornal A Gazeta de Notícias, sobre a campeã, Vizinha Faladeira, do ano de 1937: “Se algumas escolas de samba – aliás, a maioria – souberam guardar as suas tradições, outras desvirtuaram por completo a sua finalidade” (Apud CABRAL, 1996, p. 114).

Entender o processo de formação do carnaval das escolas de samba como a construção de uma “instituição tradicional” através da aliança de diversos grupos com interesses particulares permite-nos construir a história da Vizinha Faladeira destacando sua importância para o próprio entendimento do carnaval popular. Através da Vizinha Faladeira identificamos os processos de institucionalização, tradição, legitimação e transgressão do carnaval da década de 1930.

Falando sobre as festas, Goerg (Apud FERREIRA, 2005) ressalta que elas permitem o desmascaramento dos códigos e linguagens de poder nela presentes; expondo aquilo que está oculto, mas que é fundamental para a compreensão dos processos culturais. Geertz entende a cultura como um processo a ser desvendado através do seu meio social. Para ele a cultura é um padrão, historicamente transmitido, de significados incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens se comunicam, se perpetuam e se desenvolvem (Apud BURKE, 2008). Na obra *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa* (1997) o autor destaca a importância que cada lugar, com suas características, possuem para o entendimento das estruturas culturais e artísticas ali manifestadas. Do mesmo modo, para nós, entender o carnaval das escolas de samba e a escola de samba Vizinha Faladeira é compreender a sociedade carioca da década de 1930 e seus projetos de brasilidade, suas relações sociais e culturais no contexto da cultura popular.

Uma análise da cultura popular, erudita e de massa com suas relações híbridas foi realizada por Canclini (2008). O autor justifica o conceito de hibridismo, averiguando sua importância, em contraposição ao sincretismo e a mestiçagem. Pelo conceito de hibridismo podemos entender as relações sociais de uma forma complexa, com diversos atores sociais interagindo, se misturando, negociando, e, desde sempre, formando identidades que não são fixas, mas ao contrário, estão em constante fluidez.

Canclini (2008, p. 19), acredita que as formas culturais se originam através de fusões conflituosas. A hibridação se define por “processos culturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. Neste sentido, podemos entender as relações de hibridação entre os grupos da sociedade carioca, onde os sambistas, com suas práticas individuais ou coletivas específicas

dos morros dialogam com os membros das elites e da municipalidade dando origem a novos textos e práticas, como as escolas de samba com seus desfiles, instrumentos, apresentações, indumentária, alegoria, enredo etc.

Na construção destas novas práticas culturais Canclini (2008) destaca a relativização do conceito de identidade. Para ele, não existem formas de identidades puras, fixas e autênticas, como muitos autores observam ao falar, por exemplo, de um grupo com determinada cultura. Falar da identidade cultural de uma escola de samba é entender que esta identidade é formada por processos de hibridação de variados interesses e conflitos construídos e reconstruídos em processos de apropriação constantes e em diversas esferas de interesse de poder.

Hall (2006) aborda a questão das identidades múltiplas destacando que uma identidade fixa é um emaranhado de estruturas diversas e conflitantes que se unem para a concepção de algo maior, para uma identidade “fluidamente construída”. A identidade cultural é fragmentada, não sendo um bloco monolítico, mas aproximando-se muito mais de um mosaico. Hall atenta ainda para a questão da globalização na construção destes objetos e suas identidades, onde as influências globais afetam as relações locais, como veremos no Capítulo II ao apresentarmos as transformações urbanas ocorridas na cidade através das influências globais que, diretamente, afetaram as relações sociais e culturais da sociedade carioca.

O conceito de identidade deve ser ressaltado tendo em vista a construção de identidades culturais carnavalescas das escolas de samba a partir da interação entre os moradores dos morros, com suas produções culturais “negras” e populares, a elite intelectual, embebida de brasilidade urbana, a elite financeira, caracterizada por uma burguesia forte e a municipalidade com suas intervenções políticas e de apoio a estes grupos. A relação entre estes atores nos ajuda a melhor entender o carnaval das escolas de samba e sua construção no âmbito da cultura popular.

Por fim não compreendemos a manifestação artística das escolas de samba como uma cultura contrária à das elites, nem consideramos que a construção e institucionalização das práticas das escolas de samba deram-se apenas através da ação dos setores populares. Vemos os processos de consolidação do carnaval das escolas de samba relacionado a tensões constantes entre estes diversos grupos, numa construção simbólica destas identidades, procurando sua legitimação, organização, idealização e normatização.

Não há uma imposição das elites ou da municipalidade, nem mesmo do Estado Novo, sobre os grupos de samba no que tange a organização dos mesmos. Ao contrário, os próprios grupos de samba, estão interessados em partilhar sua cultura e participar das atividades da

sociedade carioca. Eles se veem diante da possibilidade de tornarem-se atores das novas redes sociais em construção na cidade. Não há ingenuidade por parte dos grupos da sociedade carioca na construção das escolas de samba, mas há um desejo por algo novo, uma nova festa carnavalesca, produzida por todos estes grupos.

2 O RIO DE JANEIRO DO CARNAVAL POPULAR

2.1 A modernidade e o popular

A ideia de uma nova festa carnavalesca na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX está ligada ao processo de transformação do espaço urbano e ao modo como os diversos grupos da sociedade se apresentam e interagem nele e com ele. Entre os anos de 1903 a 1906, o Rio de Janeiro passaria por modificações urbanas para adaptar-se ao novo modelo econômico e social mundial. Sua transformação geográfica, esta associada à busca pelo desenvolvimento e pelo progresso da nação.

Por conta do advento das nações europeias, do processo acelerado de industrialização mundial e das novas ideologias de cosmopolitismo, associados ao desejo da sociedade brasileira de modernização e rompimento com o passado recente de escravismo e colonialismo, a prefeitura do então Distrito Federal, assumida por Francisco Pereira Passos por um período de quatro anos (1903-1906), desejava levar para a cidade a maior transformação urbana e social do momento. Fazer do Rio de Janeiro uma capital moderna, sem as estruturas coloniais caracterizadas por ruas estreitas e sem condições de higiene, especialmente no centro, era um dos principais objetivos do novo prefeito. Destaca Abreu (1978, p. 60): “Era preciso criar uma nova capital, um espaço que simbolizasse concretamente a importância do país como principal produtor de café do mundo, que expressasse os valores e os *modi vivendi* cosmopolitas e modernos das elites econômicas e políticas nacionais”.

Segundo o autor, as obras efetuadas por Pereira Passos, influenciadas por Haussman e a Belle Époque francesa, modificaram a estrutura da cidade com a abertura de novas vias de circulação, alargamento de ruas, construções de avenidas, como a Avenida Beira Mar e a Avenida Central (atual Avenida Rio Branco), além de obras de embelezamento em locais específicos da cidade, como a Praça XV, o Largo do Machado, a Praça São Salvador, o Largo da Glória, a Praça Onze de Junho, o Passeio Público e a Praça Tiradentes, entre outros.

Aliada à transformação física da cidade, estava à intervenção higiênica, promovida por Oswaldo Cruz, com destaque para o episódio da Revolta da Vacina, onde a população fora obrigada a vacinar-se contra a febre amarela. A revolta do povo dava-se não apenas pela obrigatoriedade da vacinação, mas também, por serem obrigados a sair de suas casas para dar lugar a novas ruas e avenidas. Grande parte desta população migrou para regiões mais

afastadas da cidade, incentivando o processo de habitação dos subúrbios cariocas; outra parcela optou por alocar-se em locais mais próximos do centro, os morros centrais, como os da Favela, São Carlos e Santo Antônio.

Abreu (1978, p. 67), define o governo de Pereira Passos como “a superação das contradições da cidade colonial-escravista e o início de sua transformação em espaço adequado às exigências do modo de produção capitalista cosmopolita”. Ferreira (2004) destaca a sociedade carioca de finais do século XIX e início do século XX em um processo de modernização através das influências europeias e do uso da imigração estrangeira como forma de modificar os costumes da sociedade fortemente representada pelos hábitos dos negros presentes na cidade. Neste processo de apropriação de formas culturais europeias é possível identificar a influência dos agentes externo na construção de uma nova sociedade carioca.

Já no ano de 1922, em comemoração ao Centenário da Independência do Brasil, a prefeitura do Rio de Janeiro, na pessoa do prefeito Carlos Sampaio, com o auxílio da União, faz uma exposição na qual a busca pela modernidade se torna o foco do evento. Kessel (2001) apresenta o período de 1920 a 1922 como de profundas mudanças na sociedade carioca, desejosa de uma modernidade para o país. Diferentemente da modernidade almejada no início do século XX, com Pereira Passos, o alvo da modernidade se traduzia na busca pela nacionalidade, pela brasilidade. Ao falar da modernidade nacionalista da Exposição do Centenário de Independência, o autor cita a arquitetura brasileira como exemplo da construção do viés nacional:

A expressão da arte nacional na arquitetura brasileira dos anos 10 e 20 materializou-se no estilo neocolonial, que surgiu a partir de um movimento de reação contra os estrangeirismos ecléticos e que propugnava uma arquitetura de raízes nacionais, que fosse buscar nas construções do período colonial a legitimidade cultural e as formas tradicionais. (Ibid. p. 61)

Ainda segundo Kessel:

Seja como modismo estético, seja como afirmação de uma volta às raízes da nacionalidade, o fato é que o espaço criado na Exposição refletiu a sedução exercida sobre o prefeito – exemplo acabado da formação cosmopolita calcada na cultura francesa – pelo ideal nacionalista representado no neocolonial. (Ibid. p. 62)

Ferreira (2004) destaca a valorização do nacional por parte dos países ocidentais após a Primeira Guerra Mundial, relegando as influências estrangeiras a um segundo plano. Para o autor, “é a partir dos anos 1920 que o sentimento de valorização do Brasil toma impulso, exaltando o popular, o negro, o simples, o genuinamente brasileiro na sociedade carioca que se define como uma síntese do país” (LOPES, 2000). A busca pela nacionalidade,

representada no movimento modernista, traduz um novo modo de pensar as relações sociais entre as classes brasileiras. A ideia da nova modernidade propõe um diálogo cultural entre a cultura da classe dominante e as manifestações definidas como populares (FERREIRA, 2005).

A valorização das manifestações culturais populares dos negros e do interior do país (incluindo-se aí, com destaque, as festas carnavalescas) tornara-se assunto constante na elite intelectual brasileira estando ligada, por exemplo, à Semana de Arte Moderna, onde membros da elite do país se reuniram para repensar a nação e sua verdadeira identidade. Velloso (2000) informa que no Rio de Janeiro as elites não se reuniram em instituições para discutir a questão da nacionalidade como ocorrera em São Paulo. Para ela o ato de pensar o movimento modernista carioca e sua aplicação na sociedade, deu-se através dos contatos culturais entre artistas, intelectuais e as camadas populares por meio de encontros nas ruas, cafés, festas de igrejas, casas de santo e também nos carnavais.

Segundo Guimarães, H. (2006), o carnaval, além de se tornar porta-voz do debate sobre a brasilidade e a identidade nacional, contradiz o projeto dos poderes públicos de deslocar as camadas mais pobres para a periferia e os subúrbios.

A questão do nacionalismo foi abordada por Augras (1998) quando informa que a preocupação com os temas nacionais no carnaval é anterior ao período Vargasista. Para ela, anterior aos anos 1930, o nacionalismo já se caracterizava como uma tendência, explorada pelos intelectuais e artistas, no carnaval, caracterizando-o como expressão do nacional.

A valorização e exaltação do nacional, do popular no carnaval carioca, e na cultura popular da cidade, são refletidas nas obras de autores como, por exemplo, Tarsila do Amaral (“A Negra”, 1923); Cecília Meirelles (exposição “Estudos de gesto e ritmo 1926-1934”, inaugurado em 18 de abril de 1933 na sede da Pró-Arte do Rio de Janeiro) e Di Cavalcanti (“Samba”, 1926 e 1928, e “Mulatas”, 1927) (Ver Figuras 1, 2 e 3):



Figura 1: “Samba”, de 1926. Di Cavalcanti.

(<http://www.dicavalcanti.com.br/obras20.htm>). Acessado em 27de junho de 2011 às 11h40min.



Figura 2: “Samba”, de 1928. Di Cavalcanti.

(<http://www.dicavalcanti.com.br/obras20.htm>). Acessado em 27de junho de 2011 às 11h45min.

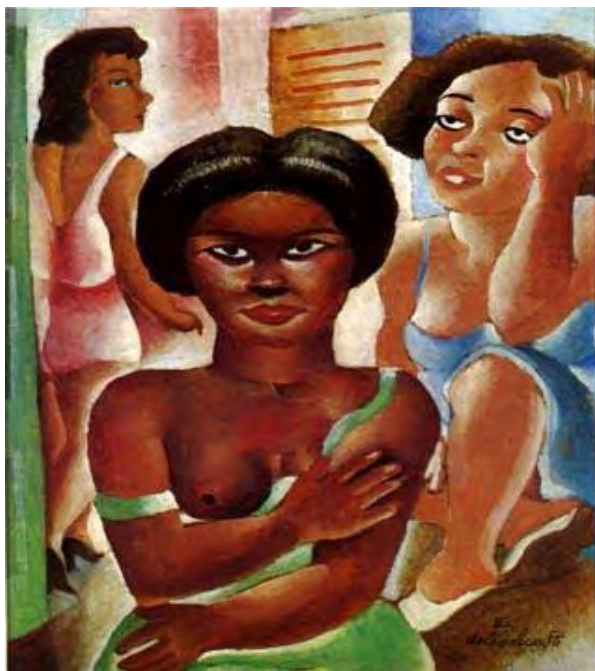


Figura 3: “Mulatas”, de 1927. Di Cavalcanti.

(<http://www.dicavalcanti.com.br/obras20.htm>). Acessado em 27 de junho de 2011 às 11h50min.

O processo de modificação do espaço urbano, de busca pela modernização e civilização da nação, não apenas no aspecto físico, mas também no sociocultural, relaciona-se às estruturas e condicionamentos da folia carioca ao longo dos trinta primeiros anos do século XX. Ferreira (2004) destaca dois tipos de influências na construção do carnaval do Rio de Janeiro deste período: a primeira, ligada ao contato com o europeu, produtora do “Grande Carnaval”, dos passeios, desfiles e bailes, desejados pela burguesia; a segunda, valorizando as manifestações carnavalescas ligadas à cultura do interior do país, do popular, criando o “Pequeno Carnaval”, identificado como expressão nacional do Brasil a partir de meados da década de 1920. Referindo-se às obras de Pereira Passos, o autor identifica modos de coexistência de diversas formas sociais da cidade onde não há uma exclusão total das camadas mais pobres da região central diferentemente da reforma de Haussman em Paris, onde quarteirões inteiros foram destruídos para a construção da nova urbe. Para Ferreira, novos relacionamentos são traçados entre as elites e os grupos populares, gerando tensões e possibilidades de negociações culturais em diversos espaços públicos urbanos da cidade do Rio de Janeiro.

A reforma da cidade favoreceu o aparecimento de novas áreas de manifestações culturais que passaram a competir pelo prestígio dos jornais da cidade em finais dos anos de 1920 e início de 1930 quando do advento das escolas de samba. Um destes espaços, a região conhecida como Cidade Nova, com sua Praça Onze de Junho, torna-se o reduto das manifestações populares da capital. Segundo o autor,

na virada do século XIX para o XX a praça já era famosa por reunir, em suas redondezas, um grande número de grupos carnavalescos que por ela transitavam nos dias de Carnaval. Esta centralidade desfrutada pelo logradouro fará com que o discurso modernizador do Carnaval eleja, nas primeiras décadas do século XX, a Praça Onze como espaço do Carnaval popular por excelência, uma espécie de caldo cultural originário das novas formas carnavalescas legitimadas pelo olhar burguês. (FERREIRA, 2005, p. 153)

Como afirma Goerg (Apud FERREIRA, 2005), o espaço urbano se define ao ser utilizado por grupos específicos que determinam ali suas características. Segundo Ferreira (Ibidem) o importante não é delimitar o espaço público urbano na sua forma física, mas antes, identificar a forma como este espaço é socialmente significado por meio de negociações que irão definir seu uso apropriado e quem será excluído dele. A utilização do espaço urbano pelo carnaval carioca dá-se então em forma de negociação entre os diversos atores que participam da folia (tanto do Pequeno quanto do Grande Carnaval), num processo em que a elite, não mais procurando descaracterizar a folia popular, busca valorizá-la através de um discurso de legitimação do espaço urbano carnavalesco. A busca pela modernidade nacional revela, então, o diálogo entre os diferentes atores sociais da cidade do Rio de Janeiro, permitindo a expansão do “Pequeno Carnaval” a outras áreas da cidade, como o bairro de Oswaldo Cruz e os morros centrais, além da Praça Onze.

Tratando do processo de valorização do nacional, Guimarães, H. (2006) cita o crescimento das festividades carnavalescas nos subúrbios cariocas, comprovando a expansão da festa que já não se limitava ao centro da cidade nem aos salões das Grandes Sociedades. Segundo a autora (2006, p. 84): “A competição entre as ruas do centro transferira-se em escala maior para logradouros mais distantes, entre eles aqueles que cultivavam o ritmo que ganhava crescente importância com o advento do rádio: o samba”.

O resultado desta valorização popular suburbana é o interesse cada vez maior por parte da elite em promover um novo carnaval na cidade, interagindo com atores diversos, construindo uma nova folia regulada pelos poderes públicos e em consonância com a exaltação das manifestações tidas como populares, puras e inocentes. Segundo Guimarães, H.

é neste contexto que o carnaval se estabelece como porta-voz da identidade nacional, endossado por alguns acontecimentos ocorridos no final da década anterior (1920), como o nascimento e afirmação das escolas de samba, cuja inclusão na programação da festa provou o poder de integração entre as expressões da cultura popular e a cultura dominante. (Ibid., p.102)

Em suma, as negociações entre elites e grupos populares geraram uma nova identidade nacional a partir da cidade do Rio de Janeiro, produzindo um carnaval popular moderno,

valorizando as brincadeiras populares como os cordões, blocos, ranchos e, posteriormente, as escolas de samba.

2.2 A festa que ia e a festa que chegava

A ideia de um carnaval popular modificaria o significado da festa da cidade, gerando novas redes de relacionamentos, estáveis em alguns momentos e instáveis em outros, mas sempre em constantes negociações, onde, um grupo não se impõe totalmente ao outro, mas, negocia, impõe ou cede, em busca dos seus interesses próprios e dos da festa. A elite intelectual passa a incentivar o carnaval popular sem, entretanto rejeitar as manifestações culturais mais luxuosas, como os corsos, os bailes, e os desfiles das grandes sociedades. Na Figura 4, o jornal Diário de Notícias de 27 de fevereiro de 1933, apresenta alguns acontecimentos do Grande Carnaval¹ destacando os corsos da cidade, que não deixam de existir pelo fato de novos caminhos serem abertos para a folia da capital como os ranchos e blocos. O fato é que a repercussão do carnaval das grandes sociedades vai, aos poucos, perdendo espaço representativo dentro dos jornais do período através do advento das manifestações populares.

¹ Diferenciando “Pequeno Carnaval” do “Grande Carnaval”, destaca Renata de Sá Gonçalves (2007, p. 61) a partir da fala de Vagalume: O “Pequeno Carnaval”, diferenciando-se do “Grande Carnaval” das Grandes Sociedades se estabeleceu no começo do século XX. Com a noção de “pequeno carnaval”, o autor buscava diferenciar o carnaval do começo do século XX, “formado pelas camadas mais baixas da população” – que formavam os cordões, os ranchos, os blocos e, posteriormente, as escolas de samba – do “grande carnaval”, que data da metade do século XIX, representado exclusivamente pelos grandes clubes ou grandes sociedades. Essa diferenciação entre o “grande” e o “pequeno” carnaval seria adotada amplamente já na década de 1930 pela Imprensa e inclusive pela Prefeitura do Rio para o auxílio ao carnaval.



Figura 4. Animação do curso, dos bailes e nas ruas excedeu a toda expectativa. (Diário Carioca, 27 de fevereiro de 1933)

O prestígio das grandes sociedades perante a sociedade vai perdendo força na medida em que a partir do início da década de 1930 passa a enfrentar problemas políticos com o Governo e a consequente falta de apoio financeiro. Como exemplo, o imposto criado pelo município a ser aplicado sobre a entrada cobrada nos eventos fechados das grandes sociedades. Tal situação foi relatada pelo jornal A Noite, de 12 de janeiro de 1931, destacando que o tal imposto poderia ocasionar o desaparecimento das sociedades carnavalescas:

O orçamento municipal estabeleceu um imposto de 75.000 para cada função de sociedade carnavalesca que cobre entrada na porta. Esse imposto constitui sério perigo à existência dessas agremiações, e daí a reunião, ontem efetuada nos salões da S. Amantes das Flores, à Rua do Catete...

Outro jornal, o Diário da Noite, publica matéria em 13 de janeiro de 1931 questionando se o Governo deve ou não dar auxílio os clubes carnavalescos. O Diário Carioca, por sua vez, critica Oswaldo Aranha, Ministro da Justiça e um dos líderes da Revolução de 1930, por não anunciar o fato de conceder ou não a verba para o desfile das sociedades carnavalescas da cidade e, com ironia, pede que o governo se decida e desfira logo o golpe de morte no carnaval carioca:

O Sr. Dr. Oswaldo Aranha, líder, da revolução, chefe do ministério e gestor da pasta da justiça, esta no firme propósito de não auxiliar as Sociedades Carnavalescas, apesar de haver no orçamento a respectiva consignação.

S.ex. tem lá as suas razões e não quer se afastar de seu programa de rigorosíssima parcimônia. No que, porém, não podemos concordar, é com a “maromba” que se vem fazendo em torno do caso, é com esse eterno “amanhã” das nossas autoridades, quando o caso não admite mais delongas.

Que o Governo resolve dar auxílio e as Sociedades tomam as suas providências iniciando os trabalhos no barracão, “ateliers” de costura, pinturas e adereços ou diz positivamente que não dá nem um real, ficando logo tudo acabado e o povo desenganado e muito grato ao Governo que desfecha o golpe de morte no carnaval – a rica festa popular e de utilidade, porque tem sido o maior veículo da propaganda do Brasil em toda parte do mundo. (Diário Carioca, 18 de janeiro de 1931)

Em matéria do dia 22 de janeiro O Globo questiona se a terça-feira gorda, destinada ao desfile das grandes sociedades, será magra no ano de 1931 devido à falta de apoio do Governo às Grandes Sociedades, ocasionando a não apresentação destas pelas ruas da cidade:

Continua dolorosamente dependurada nos lábios de quantos, nesta gloriosa terra amam o carnaval a pergunta cruel: Será magra a terça-feira gorda?

Martelando no cérebro a perturbar o sono, os maiores do momo aguardam, aguardam.

Quem poderá responder, por aí, quem poderá negar ou afirmar que o governo dará ou negará auxílio para o carnaval de rua?

A dúvida terrível, má, que não deixa dormir nem sossegar, que vive dependurada nos lábios, não seria melhor a certeza, embora esta se manifestasse na forma cruel, mas positiva, de um “não”?

Assim, as Sociedades saberiam com quem contar...

Em nota do Diário Carioca do dia 24 de janeiro de 1931 as grandes sociedades – Fenianos, Democráticos e Tenentes do Diabo – avisam que não farão carnaval externo (ou seja, não desfilarão pelas ruas, realizando apenas os bailes em suas sedes) se não receberem auxílio por parte do Governo Federal.

Em artigo no Diário Carioca de 3 de fevereiro do mesmo ano o cronista carnavalesco Vagalume relata que a falta de apoio do Governo às Grandes Sociedades deve estimular a participação dos “artistas nacionais” convidando-os a realizarem uma nova festa carnavalesca.

O ministro da justiça, ao pedido de auxílio feito pelos Democráticos, Fenianos, Tenentes, Pierrôs da Caverna, Congresso dos Fenianos e Andaraí Clube, deu, apenas, o seguinte despacho: Não podem ser atendidos.

O governo não deu dinheiro e os barracões ficarão fechados.

Quer isto dizer que quem faz o carnaval externo, quem paga o pato... É o Zé povinho, com o dinheiro que, sai do tesouro...

Ah! Se eu fosse governo!

- Que farias? Perguntará o leitor.

- Nunca mais daria um níquel sequer às sociedades para o carnaval externo.

- Morreria então o carnaval.

- Estais enganado, leitor amigo. Teria mais vida.

- Como assim?

- Eu chamaria os artistas nacionais Publio Marroig, Ângelo Lazary, Fiúza Guimarães, Raul de Castro, Calixto Cordeiro, Luiz Peixoto, Joaquim Azevedo e outros e contrataria com cada um, um préstito, com tantos carros de críticas, tantas alegorias, guardas de honra, batedores, comissões de frente, bandas de música e de clarins, etc...

- Reviveria o nosso carnaval, acabando-se com a cortesia dos grandes clubes. (Diário Carioca, 3 de fevereiro de 1931)

O crescente prestígio dos grupos populares perante o governo e a intelectualidade ocasiona a dúvida sobre a realização do carnaval e o auxílio às grandes sociedades. A falta de apoio às grandes sociedades por parte do governo de Getúlio Vargas aponta para o interesse da esfera pública em incentivar as manifestações populares no período do carnaval.

Os acontecimentos políticos de 1930 que determinaram o fim da Primeira República (1889-1930) com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder presidencial, depondo o então presidente Washington Luís no dia 24 de outubro de 1930, numa aliança entre as elites do país concentradas na capital, puseram fim ao regime do “café-com-leite” das oligarquias brasileiras e introduziram uma centralização política à nação, incluindo-se a criação de uma identidade coletiva e a valorização da produção cultural nacional.

Aliado a este movimento político estavam os grupos populares da cidade agora valorizados no carnaval e em constantes relações com membros das elites intelectuais do país. Em visita ao jornal A Noite o bloco “Para o ano sai melhor” faz uma homenagem ao dia em que Washington Luís é deposto por Vargas. O jornal aclama o bloco informando como o mesmo se apresentara na sua redação:

Este bloco carnavalesco, que tem sua sede à Rua Maia Lacerda e do qual é presidente o Sr. Carlos Martins da Silva, saiu com muita originalidade e graça. Sócios, armados em aeroplanos, iam à gente, abrindo passagem nos espaços, voando. Em seguida, o bloco avançava, entre os cordões de isolamento, cantando numa cadência nostálgica, a cujos sons as baianas ricamente vestidas dançavam as danças características. Outros sócios, agitando aviões prateados, no ar, faziam evoluções. No centro do bloco, em artístico cartaz, lia-se: “Salve, 24 de Outubro”. (A Noite, 18 de fevereiro de 1931)

A forma como se noticia a apresentação do bloco que posteriormente se tornaria uma escola de samba, é muito semelhante aos desfiles das escolas de samba em seus primeiros concursos realizados por jornais, destacando a presença de baianas, suas danças “características”, os cordões de isolamento e a presença de elementos visuais (como o “cartaz artístico”).

A valorização carnavalesca popular é também traduzida no diálogo entre os grupos populares e as elites. Nesta perspectiva, o bloco “Não posso me amofinar”, por exemplo, faz uma homenagem ao cronista carnavalesco Vagalume por ocasião de seu aniversário, convidando-o para festividades em sua sede provisória, incluindo aí uma macarronada. Sobre o assunto, informa o jornal A Noite:

Prestando justa e carinhosa homenagem ao nosso prezado colega Vagalume, inteligente e espirituoso cronista do “Diário Carioca”, os componentes do bloco Não Posso me Amofinar vão realizar no próximo domingo, em sua sede provisória, festa cujo programa terá numerosas sensacionais.

Entre eles destaca-se bem preparada e “pleonástica” macarronada à italiana, que obedecerá a todos os requisitos da arte culinária.

É que os do Não Posso me Amofinar sabem que o decano dos cronistas carnavalescos conta tempo amanhã, sexta-feira, e não querem deixar passar em branca nuvem o auspicioso acontecimento.

Por isso, radiante, o querido e “sabinático” Vagalume pergunta:

Com que roupa eu vou

Ao samba que você me convidou? (A Noite, 29 de janeiro de 1931)

Note-se que a resposta do cronista Vagalume é reflexo do momento de exaltação do que há de mais popular no momento: “Com que roupa eu vou, ao samba que você me convidou?”, samba de Noel Rosa, burguês, frequentador dos morros cariocas e representante do hibridismo carnavalesco carioca capaz de produzir um novo carnaval, mais popular, com a participação das elites e dos grupos populares.

Além disso, a mentalidade da sociedade carioca com relação aos morros e áreas periféricas mudava rapidamente com a inserção do gênero musical samba ganhando cada vez mais espaço nos discos, como por exemplo, as gravações de Francisco Alves. Os cronistas carnavalescos, a municipalidade e o Turing Clube passariam a direcionar seus intentos para a promoção da festa carnavalesca carioca da década de 1930, com a valorização dos coretos, blocos e ranchos da cidade, numa busca constante de organizar o carnaval popular da cidade do Rio de Janeiro e, assim, exportá-lo para o Brasil e o mundo.

2.3 Os ranchos e a busca pelo novo

A valorização do festejo popular na cidade do Rio de Janeiro torna-se marcante nos primeiros anos da década de 1930 com a promoção de divertimentos articulados pela elite intelectual e também pela prefeitura. Neste caminho a prefeitura do Rio de Janeiro faria parceria com o Turing Clube do Brasil e com o Centro de Cronistas Carnavalescos (CCC) para promover, divulgar e exportar a festa carnavalesca popular.

A ideia de construir um novo carnaval para a cidade do Rio de Janeiro possibilitou o crescimento de manifestações carnavalescas outrora sem tanta expressão. O jornal A Noite informa, em 15 de janeiro de 1932, o apoio financeiro dado pelo prefeito Pedro Ernesto às Pequenas Sociedades. Na matéria, ranchos e blocos são contemplados com a verba destinada

à realização dos festejos populares. Verifica-se, entretanto, que os blocos recebem verba inferior à dos ranchos que, por sua vez, recebem verba inferior aos clubes.

O programa de festejos da cidade organizado pelo Turing Club concedeu ao CCC, em 1932, a oportunidade de organizar as festividades de carnaval na Avenida Rio Branco durante um dia, com batalha de confete e serpentinas, “curso dos blocos e automóveis”, coretos montados ao longo da avenida e a participação de bandas militares executando músicas. (Jornal do Brasil, 15 de janeiro de 1932). Em janeiro de 1932, o mesmo jornal destacava ainda a liberação da verba destinada aos ranchos pela municipalidade, no valor de 35 contos de réis, além dos 115 contos de réis liberados para as cinco sociedades a serem divididos entre Democráticos, Fenianos, Tenentes, Pierrôs da Caverna e Congresso dos Fenianos, ou seja, 23 contos de réis para cada uma em contraste com os três contos de réis que, segundo a nota, caberia a cada rancho (Jornal do Brasil, 12 de janeiro de 1932). Note-se que o Governo Federal não libera verba para as Grandes Sociedades como faz a Prefeitura na nota acima. Um dia depois desta publicação o Jornal do Brasil noticia os acontecimentos carnavalescos que ocorrerão na cidade, dando destaque para aqueles contemplados com o apoio da prefeitura. São eles, o baile à fantasia no Teatro Municipal e o concurso dos ranchos na praia do Russel, ambos com premiações dadas pela municipalidade. Os ranchos seriam julgados por uma comissão, a fim de receberem os prêmios oferecidos pela prefeitura. (Jornal do Brasil, 13 de janeiro de 1932). Como agradecimento ao apoio financeiro da Prefeitura, auxiliada pela organização carnavalesca promovida pelo Turing Clube, foram feitas homenagens direcionadas ao interventor federal por parte tanto da elite intelectual como das grandes sociedades, como se pode observar no Diário Carioca de 12 de fevereiro do ano de 1933 anunciando dois bailes de máscaras organizados pelo Clube dos Democráticos e Grupo dos Independentes nos dias 18 e 19 daquele mês em homenagem a Pedro Ernesto e seu secretário Amaral Peixoto.

Em matéria publicada no dia 31 de janeiro de 1933 o Diário Carioca informa sobre a realização de uma reunião entre responsáveis do Turing Clube, membros da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e do Departamento de Turismo do Rio de Janeiro com o objetivo de criar uma subcomissão para a realização dos festejos da cidade, incluindo-se os festejos populares. Tão logo as negociações entre os grupos populares e as elites são postas em prática a intervenção da prefeitura também se faz presente, seja com ajuda financeira, seja com o reconhecimento das manifestações populares ou mesmo com regulamentações. Entretanto, para alguns setores da elite este novo momento experimentado pelo carnaval do Rio de Janeiro, com a oficialização das manifestações populares, não representa o verdadeiro

carnaval da cidade. Este discurso é apresentado pelo Diário Carioca de 7 de fevereiro de 1933:

Há alguns anos um violento sopro de brasilidade passou pela nossa terra, a trazer nos seus braços endemoninhados o vírus das “coisas nossas”: Só se admitia, em arte e em ciência, uma finalidade nacional, um sentimento de pátria, um reflexo do torrão natal. Pularam os poetas verde-amarelos, os pintores de botocudos, os escultores do motivo selvagem.

Passando o vendaval, ficaram os vestígios.

Essa eclosão natural da consciência indígena vem fazendo sentir seus efeitos em todos os domínios de nossa vida de brasileiro. Agora é o carnaval que reconhecido como típico desta raça a que pertencemos, está sofrendo a sua oficialização.

O Sr. Otavio Guinle a frente do Turing Clube, o Sr. Pedro Ernesto, no leme da Prefeitura, o Sr. Herbert Moses na ABI, de parceria com Berílio Neves, o Sr. Faria Castro, comandando o Centro de Iniciativas de Petrópolis, todos expoentes de suas classes, estão agindo com os autênticos “lordes” carnavalescos da Grande Festaça.

Era preciso.

O carnaval não pode ser apenas uma festa de rua, com o sabor e os dissabores das festas de rua. Com o insolente que saiu do bar do Palace e aperta distraído as meninas que fazem cordão em frente ao jockey, com o caixeiro de graçolas pesadas, com o crioulo de bodum empesteando a galeria cruzeiro: tem que ser também a festa da aristocracia. O baile do Municipal foi à primeira nota feliz para a elevação do nosso carnaval.

No ano passado, a “suave loucura” teve noites magníficas que a precederam; quem não se lembra da “noite dos sem trabalho”? Do Happy Days?...

Há, aliás, no Rio, esplendidos elementos para um carnaval Grand Monde, homens de fortuna, belos palácios aristocráticos, artistas de gosto e sociedade amável, sequiosa de prazer... Temos, além disso, certos clubes que se prestariam: Country, Tênis de Petrópolis, Gávea; não existe, entre nós, uma “Volstead Act” para atrapalhar; o nosso turismo embrionário facilita viagens para os forasteiros.

Que mais desejar?

Aliás, para mim, esse carnaval de escol, essa oficialização enfim, seria um excelente motivo de atração turista, para substituir o velho tema de nossa natureza. (Diário Carioca, 7 de fevereiro de 1933)

Mas a busca pela nova festa carnavalesca “popular” não se limitou ao auxílio da municipalidade e do Turing Club. O Centro de Cronistas Carnavalescos (CCC) e os próprios jornais passam a apoiar as manifestações vindas do “povo”. Na formação do carnaval popular carioca a ideia de expor o nacional, o puro, o intocado pelas elites, é representada, inicialmente, pelos ranchos carnavalescos que apresentam o carnaval desejado pela intelectualidade burguesa. A exaltação dos ranchos é grande. Seus desfiles, organizados pelo Jornal do Brasil, ocorrem na Avenida Rio Branco, na segunda-feira gorda, um dia antes dos desfiles das Grandes Sociedades. O advento dos ranchos liga-se à ideia de tradição, dando origem a uma manifestação carnavalesca própria e diferente do Grande Carnaval. O jornal A Noite, de 10 de fevereiro de 1932, destacava os ranchos e seus desfiles na Avenida Rio Branco como espetáculo “invulgar e brilhante”. Informava também que o certame, que outrora já alcançara destaque, excederia, naquele ano, a todas as expectativas. Ainda segundo o jornal, a população acorreu à Avenida Rio Branco, lotando-a de ponta a ponta para ovacionar os que ali se apresentavam². A participação e aclamação da população carioca,

² Os ranchos que desfilaram na Avenida Rio Branco sob a organização do Jornal do Brasil, num evento denominado “Dia dos Ranchos”, foram: Flor do abacate, União faz a força, Lírio clube de Botafogo, Flor da lira de Bangu, Aborrecidos do Realengo, Destemidos da caverna, S. Deixa falar e G.C. Rouxinol (A Noite, 5 de fevereiro de 1932).

interessada nas manifestações culturais “puras”, “populares” e “tradicionais”, aparenta ser a resposta dada à elevação do carnaval popular aliado a busca pelo novo. Segundo a elite intelectual do período, representada, neste caso, por cronistas carnavalescos e jornalistas, as pequenas sociedades dão o maior brilhantismo à festa carioca, devendo, pois, serem assistidas com intensidade pelas esferas públicas.

2.4 Os blocos e o auxílio ao popular

Nesta relação de negociação onde os diversos grupos da sociedade se hibridizam para formar um carnaval popular o “Dia dos Blocos”, do ano de 1932, seria organizado pelo CCC que faria reunião em sua sede com o intuito de discutir e aprovar o regulamento do certame que contará com um júri composto de “artistas nacionais da Escola de Belas Artes” (Diário da Noite, 9 de janeiro de 1932).

A publicação de notícias sobre os acontecimentos dos bastidores do “Dia dos Blocos” leva à população da cidade a entender e aproximar-se da festa. O “Dia dos Blocos” em homenagem a Pedro Ernesto e o pedido de auxílio para a realização do “carnaval externo” citados abaixo aproximam o leitor de detalhes que envolvem a construção do evento.

Ontem, à tarde, conforme estava noticiado, realizou-se na sede do Centro de Cronistas Carnavalescos a segunda reunião preliminar para a aprovação do regulamento do grande concurso dos blocos que se efetuará no próximo dia 30, na Avenida Rio Branco, em homenagem ao Sr. Interventor do Distrito Federal.

Compareceram os seguintes delegados: Antônio Cardoso Costa, Francisco Macedo Costa, Arthur Pereira dos Santos, Francisco Felipe, José Nunes do Rego, Antônio Drummond, Antônio Bernardo Silva, Fernando de Souza, Tupan Campos, Pedro Antônio dos Santos e Francisco Zeferino de Souza.

Foram tomadas varias deliberações de interesse do carnaval externo dos blocos. Na parte dos interesses gerais, após serem lidos os officios dos blocos “Sou do Amor” e “De Língua Não se Vence”, solicitando inscrição, foi resolvido enviar-se ao Dr. Pedro Ernesto, interventor Federal e homenageado neste certame, um longo memorial, explicando a situação dos blocos que, efetivamente, fazem “carnaval externo”, com os maiores sacrifícios e esforços, solicitando a atenção de S.S. para o fato de, até agora, não terem merecido sequer uma solução os seus pedidos de auxílio. A redação desse memorial, por proposta do presidente da mesa dos trabalhos, aprovada por unanimidade pelos convencionais, foi entregue ao Sr. Pilar Drummond, redator carnavalesco do “Correio da Manhã”, e que fez parte da assembleia.

Foi marcada para o próximo sábado, 16, às 18 horas, na sede do Centro de Cronistas Carnavalescos outra reunião. (A Noite, 13 de janeiro de 1932)

Ou seja, a relação dos grupos populares com a prefeitura se expressa na realização de um concurso em homenagem ao Prefeito, reconhecendo sua importância para a exaltação das

manifestações culturais populares. A apresentação do problema do não recebimento de verbas para os blocos revela também as negociações entre esses grupos e as instituições.

Em matéria do dia 25 de janeiro de 1932 o A Noite destaca o cortejo a ser realizado pelos blocos carnavalescos da cidade, apresentando os principais concorrentes ao título:

A realização do “Dia dos Blocos” marcada para o próximo dia 30, vem preocupando vivamente os animadores do pequeno carnaval. Entre eles observa-se o maior entusiasmo, cada qual mais ansioso por se sair airoso da competição em que será verificada a pujança e beleza dos conjuntos que serão apresentados. Muitos blocos serão apresentados para a disputa da Vitória tão almejada, destacando-se, dentre eles, os seguintes: União do Amor, Caçadores de Veado, Chora-chora, Vê se Pode, Você me Acaba, Tomara que Chova, Eu Sozinho, Nossa Família é um Buraco, Nossa Vida é um Segredo, Não posso me Amofinar, Sou do Amor, De Língua não se Vence, Lírio do Estácio e Para o Ano Sai Melhor.

A construção de uma concorrência entre os grupos é fato acentuado pelo jornal. Além de identificar os principais representantes da festividade dos blocos, demonstrando a participação dos jornalistas/cronistas no evento, o discurso de legitimação do “Dia dos Blocos” contribui para elevar o evento a um status de participantes importantes do carnaval carioca. No dia 28 de fevereiro de 1932, dois dias antes do “Dia dos Blocos”, o bloco Para o Ano Sai Melhor, em sua última assembleia geral, resolve dar o “grito de carnaval” na cidade e aclama o jornal Diário Carioca como seu órgão oficial. Comemorando seu aniversário de fundação, o bloco realiza um baile à fantasia, conforme destaca o A Noite de 28 de fevereiro do mesmo ano.

Ao mesmo tempo em que a imprensa apoia os grupos populares, incluindo-se os blocos, divulgando suas festividades nas páginas dos jornais, os blocos credenciam os jornais da cidade a tornarem-se porta-vozes de seus preparativos carnavalescos junto à sociedade, como se vê na matéria do O Jornal de 4 de fevereiro de 1932 onde o bloco “Foliões do Estácio” realiza seu ensaio geral valorizando a imprensa ali presente para registrar tal acontecimento.

Um ano depois, organizando o carnaval popular de 1933, diretores associados do CCC visitam o bloco “De língua não se vence”, enchendo-o de adjetivos, valorizando seus componentes e suas músicas, suas marchas e sambas, como cita o Correio da Manhã de 21 de janeiro de 1933. Conta o jornal que por ocasião de sua visita ao bloco os cronistas foram servidos com comida e bebida, ocasionando a troca de amistosos brindes.

Ao propor uma análise da cultura popular, de sua construção, Gonçalves (2007) indica o caminho de compreensão perpassando negociações entre dois ou mais polos distintos. Chartier (1992) localiza a cultura popular dentro da esfera de enfrentamento das relações entre

os grupos que a compõe, incluindo as disputas simbólicas. A compreensão do carnaval da cidade do Rio de Janeiro da década de 1930 envolve as transgressões dos atores sociais dentro de uma estrutura tornada maleável pelos próprios “dominadores” da festa, a saber, a burguesia carioca, através do apoio às pequenas sociedades da cidade. O constante diálogo entre os grupos da cidade, o auxílio ao popular e a busca por novas formas carnavalesca incentivavam a organização dos mais variados tipos de certames entre manifestações populares, como os concursos de ranchos, blocos, coretos, choro e, posteriormente, de escolas de samba.

2.5 O carnaval híbrido

O governo federal, como já sucedeu o ano passado, não deu auxílio monetário aos clubes carnavalescos. Mas a população carioca não ficará privada do prazer de assistir ao desfile dos préstitos pelas ruas da capital.

É que as diretorias das grandes e pequenas sociedades, numa atitude que muito as dignifica, resolveram fazer carnaval externo, contando, apenas, com os auxílios da Prefeitura, do comércio e da indústria.

Os clubes Democráticos, Tenentes, Fenianos, Pierrôs e Congresso dos Fenianos apresentarão os seus cortejos na terça-feira Gorda. Os ranchos e blocos também sairão, contribuindo, portanto, todos desta forma, para esplendor da nossa grande folia. (A Noite, 14 de janeiro de 1932)

Na citação acima o jornal informa da falta de apoio financeiro aos clubes carnavalescos por parte do Governo Federal, destacando as grandes e pequenas sociedades cariocas como exemplos, na medida em que fazem “carnaval externo”, mesmo não recebendo auxílio do governo de Vargas.

A relação entre estes diversos atores revela seu caráter dinâmico a partir do momento em que as classes sociais interagem entre si, misturando-se, para a formação de um carnaval carioca diferente, como apresenta o Diário Carioca do dia 6 de fevereiro de 1932, que destaca os preparativos para o carnaval daquele ano e identifica alguns grupos que se apresentarão pelas ruas da cidade, entre eles, os ranchos e blocos carnavalescos.

A verba da Prefeitura para as pequenas sociedades é citada, por exemplo, no ano de 1934 pelo jornal O País de 4 de janeiro daquele ano, que informa o valor de 37.500 contos de réis a serem divididos entre os ranchos e blocos onde, cada um dos participantes, receberá um conto e quinhentos. Em outra matéria uma comissão da Prefeitura fora destinada para identificar os grupos aptos a realizarem carnaval externo na cidade para aquele ano.

As notícias acima, tanto de 1932 como de 1934, mostram a prática, tornada comum, do auxílio, por parte da Prefeitura, aos grupos populares que desfilam nos espaços público da

cidade, legitimados e incentivados pela esfera pública juntamente com as formas carnavalescas mais abastadas da cidade. Identifica ainda o interesse dos grupos carnavalescos em receberem subvenção de todas as formas possíveis, seja do Governo Federal, da Prefeitura ou da iniciativa privada, para a organização do carnaval carioca. O hibridismo verificado no carnaval do Rio de Janeiro destes anos iniciais da década de 1930, como propõe Canclini (2008), faz entender as relações sociais complexas revelando seus diversos atores, formando novas identidades, fluidas e mutáveis.

Outra maneira de dar forma ao carnaval popular aconteceria através da criação e promoção dos concursos de marchas e sambas já no ano de 1932, em parceria com setores da elite financeira e intelectual, como teatros, rádios e fábricas de discos. Segundo o jornal *A Noite*, de 12 de janeiro de 1932, representantes das rádios General Motors e Irmãos Vitale e da fábrica de discos Artofone, em colaboração com Cassio Muniz e Cia, criam o concurso de sambas e marchas, tendo como obrigatoriedade não fazer músicas com teor político nem religioso. Outro concurso, de canções populares, foi organizado pelo Teatro Lírico, com o “intuito de estimular e premiar as melhores canções do carnaval de 1932”, sendo escolhidos as melhores marchas e os melhores sambas. Para este concurso cada frequentador do teatro teria direito de votar na escolha das melhores canções conforme demonstra o *Diário Carioca* de 22 de janeiro de 1932.

A participação da população na escolha das melhores canções insere um espaço de articulação entre os grupos de compositores, executantes e promotores do evento com os indivíduos que observam e passam a fazer parte da festa no momento em que podem escolher, a seu gosto e interesse, aquilo que consideram de fato o melhor samba e a melhor marcha. Nesta conjuntura as relações híbridas entre a elite e os populares se destacam, originando novas formas de samba. O samba desce do morro e vai fazer-se no teatro, sendo, pois, influenciado e influenciando.

No mesmo ano (1932), um produtor de Hollywood, Hal Roach, visita o carnaval do Rio de Janeiro, participando de festas das elites e dos grupos populares, como destaca *O Globo*:

O Sr. Hal Roach, produtor associado da Metro Goldwyn Mayer, demorou-se no Rio o tempo necessário para ver de perto o carnaval e recolher, “in loco”, os motivos mais interessantes que pudessem ser aproveitados nos seus estúdios de Hollywood.

Hal Roach esteve no baile do Copacabana e no do Alhambra, onde a bailarina Valery apenas com duas ou três lições o ensinou a dançar o samba regularmente.

O cinematografista americano desceu também ao carnaval bem popular, e ouviu os sambas da Praça Onze.

Quis ver o baile do Municipal, mas não conseguiu obter camarote, embora oferecesse por um, nada menos de 100 dólares.

Das suas observações ele colheu motivos, que classifica de inéditos para o resto do mundo, e inspirado neles, fará umas duas comédias com o “Magro” e o “Gordo” ou com Charley Chase. Esses filmes não serão, é lógico, uma reprodução exata das cenas do carnaval carioca, mas uma adaptação apenas. (O Globo, 12 de fevereiro de 1932)

A participação do produtor estrangeiro reflete os bons resultados do investimento da prefeitura da cidade juntamente com o Turing Clube do Brasil na construção de um novo carnaval carioca, voltado para o popular, capaz de fazer frente, com suas especificidades, aos carnavais de outros países. A elaboração de um novo carnaval, nascido a partir da relação entre os diversos setores da sociedade carioca na busca pela manifestação mais popular, moderna e autêntica é refletida na programação das festividades da cidade, onde há um misto de festas elegantes e festas populares, entrecruzando-se nos espaços da folia carioca, como destaca o Jornal do Brasil ao informar do cronograma dos festejos do Rio de Janeiro organizado pelo Conselho de Turismo da cidade:

As festas carnavalescas, programadas pelo Conselho Consultivo de Turismo da Municipalidade, durante o mês corrente, estão assim determinadas:

Dia 8 (quinta-feira) – Grande batalha de confete nas ruas Marechal Floriano, Avenida Passos e Praça Tiradentes.

Dia 11 (sábado) – Baile infantil no Clube de São Cristóvão, seguido do grande “soirée” á fantasia.

Dia 14 (terça-feira) – Grandes festejos carnavalescos no Meier, de um lado e de outro, com baile no rinque lá existente.

Dias 17 e 18 – Grandes batalhas de confete no Bulevar 28 de Setembro, e bailes populares no Andaraí Atlético Clube.

Dia 18 – Chegada do Rei Momo, com o concurso das cinco grandes sociedades carnavalescas, e desfile de um cortejo alegórico conduzindo S. M., e a noite baile dos artistas no teatro João Caetano.

Dia 19 (domingo) – Baile infantil no teatro João Caetano, banho de mar a fantasia em Ramos e “Noite dos Blocos”.

Dia 21 (terça-feira) – Noite dos blocos suburbanos no Meier e festejos externos carnavalescos.

Dia 22 (quarta-feira) – A “Noite das Escolas de Samba”, dirigida pelo C.C.C. na Praça Onze de Junho³.

Dia 23 (quinta-feira) – Baile das atrizes teatrais no teatro João Caetano.

Dia 24 (sexta-feira) – Grandes festas carnavalescas em Madureira e bailes populares na mesma localidade.

Dia 25 – Grande baile no Copacabana Palace.

Dia 27 (segunda-feira de carnaval) – Grande baile de gala no teatro Municipal e “Dia dos Ranchos”, este último, organizado e dirigido pelo “Jornal do Brasil”.

Dia 28 (terça-feira) – Desfile das cinco grandes sociedades.

E aí está um mês de completa vibração em toda a cidade. (Jornal do Brasil, 2 de fevereiro de 1933)

Produzindo festividades carnavalescas por 20 dias os diversos atores da cidade proporcionam à população, e ao exterior, um novo tipo de carnaval carioca, onde é possível participar de festas populares e festas reservadas à elite. A interação entre elite, grupos populares e o desejo cada vez mais forte de valorizar as manifestações populares tidas como

³ Este concurso foi realizado no dia 23 de fevereiro de 1933 – quinta-feira, conforme será exposto na parte final do terceiro capítulo.

“puras”, “ingênuas” e “representantes do que há de mais nacional”, aliado ao advento do gênero musical samba, contribuíram para o nascimento das escolas de samba na festa carnavalesca da cidade do Rio de Janeiro a partir do ano de 1932.

3 AS ESCOLAS DE SAMBA

3.1 O surgimento

Recolhidos os préstitos, a população tomará rumo de casa.
 Vem o atropelo.
 Não haverá bondes, não haverá trens, nem auto-ônibus, nem automóveis que cheguem para no primeiro momento, transportar para todos os pontos da cidade cerca de 500.000 habitantes, que afluirão ao centro para ver, admirar os grandes cortejos, que constituem o maior carnaval do mundo!
 Este grande certame, que atrai ao Rio milhares de forasteiros, que acodem a nossa terra e ficam deslumbrados com a concepção de carros notáveis de arte, luxo e graça dos consagrados artistas brasileiros.
 É, quando uns forem em caminho do lar, e outros estiverem gozando nos salões [...], a Praça Onze de Junho, estará vivendo horas de intensa alegria, no auge da fuzarca!
 É, grupos e mais grupos, desfilarão continuamente sem um minuto, sem um segundo de intervalo.
 São grupos de baianas, são rapazes que se dedicam ao samba, ao “choro”, ao que é nosso, unicamente nosso.
 Ali não há fantasia, nem fingimento, nem hipocrisia.
 É a manifestação da sinceridade.
 São fatos da alma branca, que choram as suas mágoas na letra de um samba, que desceu da Favela, da Mangueira ou do Salgueiro.
 É o som do pandeiro, do chocalho, da cuíca, do reco-reco, do violão e do cavaquinho.
 É o que é nosso!
 É a saudosa recordação do passado que aquela gente revive com todo o sentimento da alma!
 É este grupo que canta!
 Ó Praça Onze tradicional, o teu carnaval que começa no sábado e acaba na quarta-feira, figura em letras de ouro nos anais de Momo! (Diário de Notícias, 9 de fevereiro de 1932)

Na citação acima se destaca a evidência de um carnaval diferente do restante da folia do Rio de Janeiro, na Praça Onze de Junho. Para lá acorrem os moradores dos morros e áreas periféricas da cidade com suas músicas e suas danças de forte influência popular. É lá, como relata o jornal, que se apresenta a manifestação carnavalesca “pura” e “sincera” nos dias consagrados à folia.

A descrição daquilo que se convencionou caracterizar como escolas de samba possui uma vasta literatura que as define basicamente dentro do espaço do popular (ARAÚJO, 2000; CABRAL; 1996; SILVA E SANTOS, 1979). Francisco Duarte, pesquisador da cultura popular carioca com ênfase nas manifestações carnavalescas das escolas de samba do Rio de Janeiro, descreve-as como centros de lazer, caracterizados por sua pureza, sem as influências das elites, sendo originárias dos ranchos da cidade. Para ele as escolas de samba são projeções de suas comunidades e ao mesmo tempo, centros de lazer, praticados o ano inteiro, sem a

ajuda ou influência de nenhuma outra força da sociedade e que aos poucos criam diferenças com relação aos outros grupos populares da cidade⁴.

Barboza e Filho (2008) ao traçarem a biografia de Cartola, o sambista do morro da Mangueira, destacam que a escola de samba Estação Primeira é originária do Bloco dos Arengueiros criado por Zé Espinguela, Saturnino, Arturzinho, Antonico, Carlos Cachaça, Chico Porrão, Fiúca e Homem Bom, entre outros, com o objetivo de participar de brigas além de desfilar pelas ruas. Segundo os autores, convivendo com os Arengueiros, Cartola percebeu que o grupo, além de briga, também era bom de samba. A fundação da Estação Primeira, na verdade um grupo de samba, se deu com sete “arengueiros” reunidos na Travessa Saião Lobato, 21. Um novo objetivo fora traçado para o grupo: ser uma escola de samba, ou seja, um grupo que se apresentaria cantando e dançando samba, e não bloco, rancho ou curso.

Cabral (1996) entende as escolas de samba como parte de um processo de inserção do “samba”, um samba diferente, na sociedade a partir de finais dos anos 1920. Para o autor, o primeiro grupo que pode ser caracterizado como precursor das escolas de samba, é o “Deixa Falar”. Advindo do bairro do Estácio, este bloco carnavalesco, posteriormente chamado de rancho, dialogava tanto com os morros como com a sociedade “do asfalto” carioca. Segundo o autor:

O Deixa Falar, além de reunir os jovens e revolucionários compositores do bairro, pretendia também melhorar as relações dos sambistas com a polícia, já que, sem a autorização policial, não tinham o direito de promover as rodas de samba no Largo do Estácio e muito menos de desfilar no carnaval. [...] Além de inovar no samba que cantava, o bloco veio cheio de novidades em matéria de percussão no samba. (CABRAL, 1996, p. 41-42)

O Deixa Falar pretendia melhorar as relações dos sambistas com a polícia. Esse destaque feito pelo autor revela o desejo dos sambistas de participarem das festas carnavalescas da cidade, deixando de ficarem isolados nos morros. A figura 5 mostra uma foto do Deixa Falar em pose para o Jornal do Brasil, no ano de 1932, ano em que desfilou, pela primeira vez, como rancho.

⁴ “Embora copiadas no modelo dos ranchos carnavalescos, as “escolas” de então, eram núcleos de projeção das comunidades e centros de lazer das camadas populares. “Era o ponto de alegria dos pobres, nos fins de semana”, contou depois um sambista da Mangueira. “E tinha samba o ano inteiro”, recordou alguém do morro do Borel. Como cultura popular, estes núcleos eram puros, sem vínculo ou contágio do saber/ poder dominante. Que dinamicamente foram criando suas “diferenças” com o modelo dos “ranchos”. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Coleção Francisco Duarte. Caixa 10. Envelope 1.



Figura 5: Jornal do Brasil, 31 de janeiro de 1932.

Ferreira (2004) observa que o advento das escolas de samba deu-se a partir de dois momentos onde, de um lado, estaria o samba “maxixado” praticado pelos sambistas mais aclimatados com a sociedade, como Sinhô e seu *Pelo Telefone*, e de outro, o samba “batucado” praticado nos morros, produto das macumbas das “tias” baianas e dos terreiros. Ao falar das escolas de samba informa que elas

foram um produto cem por cento carioca, surgido através da articulação das muitas influências negras de macumba, candomblés e batuques, temperadas pelos encontros de grupos carnavalescos pelas ruas do Rio de Janeiro e de toda uma gama de interesses políticos, sociais e econômicos. (FERREIRA, 2004, p. 329)

Segundo Fernando Pamplona, em um texto publicado na Revista Nacional de 14 a 20 de fevereiro de 1999 (p. 10)⁵,

com o aparecimento do samba no princípio do século como uma criação musical característica, específica e individualizada, ele passou a dominar na aceitação popular as demais formas musicais, as primeiras delas oriundas de antigos blocos de rancho. Surgiram então iniciativas especialmente criadas para servir o samba, seus nomes indicando o lugar onde tinham sido fundadas. Predominantemente formadas pela população negra das comunidades pobres e marginalizadas, evoluíram numa síntese do ritmo negro e da melodia branca.

Na década de 30, elas passaram a encontrar-se no carnaval da Praça Onze, onde desfilavam aleatória e improvisadamente. A Praça Onze tinha uma tradição religiosa negra, implantada por uma colônia de negros baianos, reunindo terreiros de candomblé, cujas sacerdotisas, conhecidas como “tias”, incentivaram as festas de samba. Os desfiles passaram então a cantar e contar, através de cada escola de samba, uma estória que se convencionou chamar de enredo.

Para Fernandes (2001) o samba moderno, antecessor das escolas de samba, nasceria da necessidade de um tipo de música que permitisse aos blocos e cordões dançarem o samba nos dias de carnaval. Barboza e Filho (2008) destacam a origem do samba, como o conhecemos hoje, da seguinte forma:

⁵ Entrevista, em texto avulso, presente no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Coleção Francisco Duarte. Caixa 1. Envelope 6.

nasceu no Rio de Janeiro nos últimos anos da década de 20, um mero subproduto da dissolução das macumbas bantos da cidade. A religião dos negros bantos, vindos para aqui com a decadência das fazendas de café do vale do Paraíba, inadaptada às novas condições de vida numa grande metrópole, entraram em decadência mortal. [...] A música das macumbas, por sua vez, laicizou-se, dando nascimento ao samba, que herdou todo o instrumental da macumba: atabaques, cuícas, agogôs, reco-recos' (BARBOZA e FILHO, 2008, p. 65-66)

Francisco Duarte através da Enciclopédia Mirador Internacional define as escolas de samba como:

Originária, em parte, do rancho carnavalesco, de que conserva até hoje alguns dos elementos (o par, porta bandeira/mestre-sala e as chamadas pastoras). A escola de samba, com essa denominação, teria surgido pela primeira vez no bairro do Estácio, em 1929. Deixa Falar foi o nome desse grêmio, fundado, no ano anterior, pelo compositor Ismael Silva. Se se apelidou de escola, o apelido se deveu a uma das seguintes circunstâncias: a) influência da voz de comando "Escola! Sentido!", corrente nos tiros de guerra; b) a existência, na época, no largo do Estácio, de uma escola normal (nas escolas de samba seria praticada uma espécie original de ensino: ensinar-se-ia a cantar e dançar samba). (Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Coleção Francisco Duarte. Caixa 1. Envelope 2)

Francisco Duarte usa ainda a definição dada por José Ramos Tinhorão onde:

A forma de organização e andamento das escolas de samba vem dos ranchos. Segundo Bicho-Novo – Acelino dos Santos, um dos maiores mestre-salas do Estácio e fundador da "Deixa Falar" – os times de futebol também contribuíram para a organização das escolas, mas os ranchos é que ofereceram a forma de apresentação do desfile. Conta Bicho-Novo:

- Havia samba em toda parte, mas o pessoal do Estácio tinha mais organização porque vinha da experiência do futebol. Lá se reuniam os times da Ponte dos Marinheiros, da Mangueira e do próprio Estácio, que jogavam no campo do flamenguinho ou da Mangueira. Depois dos jogos, bebia-se, comia-se e se fazia samba. As cores do "Deixa Falar", por exemplo, são as da América: vermelho e branco. (Texto de José Ramos Tinhorão presente no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Coleção Francisco Duarte. Caixa 10. Envelope 1)

Afirma-se que foi Ismael Silva quem deu o nome de "escola de samba" ao "Deixa Falar" por causa da Escola Normal da cidade, que era no Estácio. Orgulhoso da organização de seu grupo, Ismael dizia: 'Nós não somos um bloco qualquer, nós somos escola de samba'. (Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Coleção Francisco Duarte. Caixa 10. Envelope 1)

Ferreira (2004) acentua o surgimento das escolas de samba ligado ao advento do samba, não o do "asfalto", mas o do "morro", com as influências africanizadas em sua música e dança, e as constantes articulações construtoras de redes de relacionamento entre os diversos grupos da sociedade.

As escolas de samba da década de 1930 são então produtos das constantes negociações, transformações e inovações, construtoras de uma identidade e tradicionalidade para o carnaval da cidade. São produtos de um novo momento vivenciado pelas diversas

camadas sociais da cidade, que, interagindo entre si, passam a promover o samba do morro, aliado ao “nacionalismo modernista” presente já em meados da década de 1920.

3.2 As escolas de samba na sociedade carioca

O advento do gênero musical samba, dando ênfase ao samba do morro, com seus grupos de samba, abriu caminho para um concurso de sambas promovido por Zé Espinguela no ano de 1929. O concurso foi realizado entre três grupos de samba, Mangueira, Estácio e Oswaldo Cruz, que se designavam representantes do novo samba praticado na cidade. O Campeão deste evento foi Oswaldo Cruz com um samba de Heitor dos Prazeres. Segundo Silva e Santos:

No dia 20 de janeiro de 1929, dia de Oxóssi, um domingo, Espinguela resolveu promover um concurso para escolher o melhor samba. Convidou o conjunto de Oswaldo Cruz (Portela), a Mangueira e o Estácio. Cada qual concorreria com dois sambas. Paulo foi chefiando o Conjunto Carnavalesco Escola de Samba Oswaldo Cruz. [...] A escola de Paulo da Portela sagrou-se campeã, com o samba de Heitor dos Prazeres. (SILVA e SANTOS, 1979, p. 55)

Quarenta anos depois, o jornal O Globo, de 23 de junho de 1971, publicou uma matéria sobre o concurso realizado por Zé Espinguela, fixando ainda mais a mitologia das origens sãs escolas de samba no imaginário nacional:

Espinguela, o que primeiro pôs o samba em competição. [...] Depois de haver realizado muitas “brincadeiras” aos domingos, no seu terreiro, as quais sambistas da Mangueira (Cartola, Maçu, Saturnino) do Estácio (Ismael, Bide, Rubens) e da Favela (Feliciano, João Carteiro, Roxinho), não deixavam de comparecer, cada um mostrando seus sambas em competições amistosas. Zé Espinguela resolveu levar a efeito um concurso em que essa gente participaria disputando prêmios.

Então num domingo de carnaval de 1930 ou 1931 (dúvida que a preciosa informação prestada por Cartola deixou), os blocos e embaixadas – na denominação que antecedeu a de escola, agora estabelecida e mais imponente – surgiram na Praça Onze de Junho, precedidos de algumas baianas e com pequena bateria de tamborins, ganzás e cuícas. Não traziam bandeira, nem mestre sala. Não mostravam enredos. Não ostentavam destaques. Vinha apenas o samba, sem luxo, na sua expressão rítmica e no gingado que provocava [...].

Simples competição de um sambista e pai-de-santo (ou apenas macumbeiros), realizada sem publicidade nos jornais, sem qualquer cunho oficial ou oficioso, esse concurso não ficou anotado como o primeiro e, em consequência, não deu à Zé Espinguela, como merecia, o título de pioneiro de tais certames. Aparece sempre, invariavelmente nas crônicas que historiam os desfiles das hoje faustosas e feéricas escolas de samba, originárias dos simples blocos e embaixadas, de 1930 ou 1931 – o jornal Mundo Esportivo como sendo o iniciador, em 1932. Isto porque, com melhor organização e amplo noticiário, a promoção deixou elementos de comprovação à posteridade.

A necessidade de se expandir levou o samba a desfilar pelas ruas da cidade, como os blocos carnavalescos e ranchos, sendo menos sofisticados e mais interessados em cantar e dançar; apresentavam-se com a finalidade de obter da festa carnavalesca suas benesses, como por exemplo, o reconhecimento dos jornais.

O samba maxixado do asfalto, gravado em discos, junto com as marchas, além do samba do morro, com seus personagens e representações descidos à cidade, demonstra o interesse da população no gênero musical e nos construtores da nova musicalidade. Em 31 de janeiro de 1931, O Globo informa que a população considera o carnaval carioca o seu melhor divertimento e se interessa, sobretudo, pelas marchas e sambas que se fazem neste período. Tais músicas, ao serem consagradas pelo público, são imediatamente gravadas em discos e postas a venda. O sucesso é tamanho que, no Teatro República se apresentaram as orquestras das gravadoras e alguns artistas aclamados destacando-se Carmem Miranda, Chico Alves, Jesy Barbosa e Almirante. Em outra matéria, do mesmo jornal, no dia 3 de fevereiro de 1931, é apresentado o samba mais em voga, “Se você jurar”, composto por Francisco Alves, Ismael Silva e Nilton Bastos.

A falta de apoio oficial ao Grande Carnaval, aliado ao movimento nacionalista do país, deu acesso à promoção de novas formas, concursos e apresentações carnavalescas, tornando-se fato importante nas mudanças do carnaval carioca. O cronista Vagalume, em artigo para o Diário Carioca, de 19 de fevereiro de 1931, identifica nas manifestações culturais populares o caminho para um novo carnaval e propõe, para o carnaval de 1932, a criação de um concurso de choros, a mais popular manifestação musical do momento. Expressão do que há de mais popular, o termo “choro” pode incluir o samba feito pelos moradores dos morros e áreas periféricas.

O jornal A Noite, de 18 de fevereiro de 1931, destaca a Praça Onze como o verdadeiro local dos carnavalescos da cidade, com suas fantasias típicas e seus choros bem organizados. Diz a matéria:

No carnaval de rua a Praça Onze conquistou lugar de destaque. É ali que se reúnem os carnavalescos de verdade com suas típicas fantasias, com seus “choros” bem organizados e que dão aquela realidade um brilho invulgar nos festejos de Momo. Este ano, a Praça Onze esteve intransitável, tal a quantidade de foliões que ali fizeram o seu quartel general.

Note-se a utilização do termo “choro” para denominar a música executada na Praça Onze de Junho, local de encontro dos sambistas de Estácio, Mangueira, Oswaldo Cruz e

demais morros da cidade. Não há uma definição exata do que são os sambas dos morros e quem os executa.

Até 1931, os grupos de samba visitavam as redações dos jornais com o intuito de promoverem suas festividades e a si próprios, não estando definidos como blocos, grupos ou escolas de samba. A estrutura de seu desfile, sua organização interna e apresentações, já eram noticiadas nos jornais, que destacavam sua comissão de frente, comissão de canto, comissão de corda, bateria, corpo coral entre outros. O conceito e o termo “escola de samba” não estavam ainda fixados, mas certos grupos já apresentavam características que seriam determinantes em sua definição. O Diário Carioca destaca a Estação Primeira e seu carnaval de rua em 14 de janeiro de 1931:

O bloco Estação Primeira, com sede em Mangueira, a Travessa Saião Lobato nº 7, deu o grito de carnaval na rua, tendo a frente os seguintes foliões: Presidente: Saturnino Gonçalves; Vice-Presidente: Agenor de Castro; 1º Secretário: Jorge Pereira da Silva; 2º Secretário: Pedro dos Santos; Tesoureiro: Francisco Ribeiro e Diretor de Harmonia: Agenor de Oliveira (Cartola).
Comissão de frente: Manoel Joaquim, Pedro Camillo e Narciso. (Traje a rigor).
Comissão de canto: Fiuca, Agenor, Alfaiate e Antonico.
Comissão de corda: Aniceto, Euclides, Cantagalo, Admar Chaves, Canguru e Reduzindo.
Bateria: Gradim, Maciste, Martins, Ismar e Lúcio.
Enredo: Jardim da Mangueira.
Corpo Coral: 50 pastoras.
Itinerário: Saída da sede, às 13 horas, direto à sede do Disfarça e Olha, com sede no campo de São Cristóvão. Daí, ao Engenho de Dentro e Praça Onze de Junho.
Segundo dia: Direto à sede de Oswaldo Cruz e visita as redações, terminando na Praça Onze.
Terceiro dia: Saída às 13 horas, direto à sede do bloco Deixa Falar e daí à Praça Onze.

A elite intelectual das redações dos jornais passara a divulgar as festividades carnavalescas populares e também o samba do morro já nos anos finais da década de 1920 demonstrando o caráter híbrido de formação da cultura popular e seu constante interesse por tais práticas como destaca Ferreira (2004, p.338). Neste caminho o Diário Carioca publica uma matéria enaltecendo o samba praticado no morro e sua descida até a cidade, onde fora “descoberto”:

Durante muito tempo, ele não ousou descer as ladeiras que conduziam à civilização. Ficou lá por cima, entre os valentes. Na Mangueira ou no Salgueiro, no Mundo Novo ou no São Carlos, ele foi o tema das conversas a porta das tendinhas enquanto a “cabrocha” esquentava os estômagos.
Um dia, o samba arriscou uma descidazinha, às escondidas, até ao Catete, até ao Estácio. Foi num dia de carnaval. Chegou, foi ouvido, e, de repente, sem ele mesmo saber como, venceu. O Zé povinho, cá de baixo, das ruas macadamizadas e avenidas asfaltadas, gostou do samba. Ele despertava n’alma um não sei quê, ao mesmo tempo que bulia com os nervos. Ao escutar os seus acordes, a gente tinha uma vontade louca de cair na “fuzarca”. Era contagiante, eletrizante, jazz amalucado. (Diário Carioca, 16 de janeiro de 1932)

A exaltação desta manifestação artística e de seus criadores deu origem às escolas de samba da cidade do Rio de Janeiro na década de 1930 trazendo para a cidade uma nova forma

de festejar o carnaval. A figura 6 apresenta a divulgação do espetáculo “Uma noite nos morros” a ser realizado no teatro João Caetano, demonstrando todo interesse manifestado pela sociedade nestas manifestações artísticas populares, tidas como “puras”, “intocadas”.



Figura 6. Uma Noite nos Morros. (Correio da

Manhã, 20 de janeiro de 1933)

O interesse das elites e da municipalidade pelos grupos populares, e em especial pelas escolas de samba, se expressa nas constantes visitas, matérias de jornais e apoio financeiro para a manutenção destes grupos. A imagem de homens do morro tocando e cantando samba elevava os representantes da nova forma de brincar o carnaval a um novo *status* perante a sociedade.

A valorização crescente da folia popular praticada pelos sambistas (além da falta de organização e definição da festa dos grupos de samba) leva Saturnino Gonçalves, presidente da Estação Primeira, a solicitar no ano de 1931 a criação de um concurso de escolas de samba para o ano seguinte, 1932, com o intuito de escolher a melhor escola de samba dos bairros que praticavam samba. Em 1931 já se pensa em um concurso para a escolha da melhor escola de samba como informa o jornal A Noite:

Indiscutivelmente uma das notas de maior realce na noite de ontem, em nossa redação, foi a brilhante exibição que nos proporcionaram os Reis do Samba do morro da Mangueira. Seriam 21 horas, quando surgiu, por entre os aplausos do povo que se comprimia na Praça Mauá, o *bloco* carnavalesco da Estação Primeira, constituindo em *rancho*, com cerca de 100 figuras, dentre os quais, 50 pastoras, bem características. O enredo do *bloco* era “Um Jardim”. Depois de executarem brilhantes evoluções na via pública, o *bloco*, por uma deferência especial para com A NOITE, veio encorpado à nossa redação, sendo recebido com palmas.

No amplo salão, o *bloco*, que digamos de passagem, demonstra um preparo impecável, alegrou-nos com o autêntico “batuque” da Mangueira, justificando a sua forma de reis do samba.

O chefe do *bloco*, Sr. Saturnino Gonçalves, manifestou à A NOITE o desejo de um concurso anual de *escolas de samba*, uma vez que, três lugares se julgam com direito de serem os campeões da nossa música típica – a Mangueira, Oswald Cruz e Estácio de Sá.

Os denodados carnavalescos demoraram-se em nossa redação, deliciando-nos com várias peças do seu repertório especial. (A Noite, 18 de fevereiro de 1931. Grifo nosso)

Ainda sem uma definição terminológica precisa (o grupo é chamado de *bloco*, *rancho* e *escola de samba*), estes grupos se apresentam à sociedade em busca de valorização e exaltação da sua produção cultural.

A procura de uma nova fórmula de festejo do carnaval carioca por parte da intelectualidade, da elite financeira, aliados ao interesse por uma festa mais popular, define o tom do novo carnaval do Rio de Janeiro. Conforme aponta Ferreira:

Apesar do crescimento dos ranchos e da manutenção da importância das Grandes Sociedades, o que se pode perceber por trás dos discursos que permeiam os textos publicados na imprensa em 1931 seriam os primeiros sinais de um esgotamento do Carnaval existente e uma abertura para novos tipos de divertimentos mais “verdadeiramente populares” que os tão aclamados ranchos. Os grupos pitorescos de subúrbio, com seus sambas e batuques, ainda chamados de cordões e blocos, já atraíam a atenção durante o carnaval. Também não era para menos, visto que, além do novo ritmo – o samba, que caía no gosto e na “alma” da população – esses grupos já incorporavam elementos visuais que lhes davam “opulência decorativa” e “originalidade”, numa combinação perfeita de alegria, ritos e beleza. (FERREIRA, 2004, p. 342-343)

A variedade de eventos envolvendo os grupos de samba em finais da década de 1920 e início de 1930 apresenta uma forma de negociação entre os grupos da sociedade carioca, sejam eles, elites ou não. Os grupos de samba, presentes na casa de Zé Espinguela, nos desfiles noturnos das ruas, nas visitas aos jornais e na Praça Onze de Junho respondem a nova proposta da sociedade e procuram tornar mais real o concurso das escolas de samba no ano de 1932, nascendo com nome próprio e características que objetivam diferenciá-las das demais formas carnavalescas populares.

3.3 O Mundo Esportivo (1932)

A oficialização do carnaval do Rio de Janeiro por parte da Prefeitura no ano de 1932 com o objetivo de elevar as festividades a um patamar internacional foi louvada nos jornais do período através de manifestações culturais que homenageavam o prefeito Pedro Ernesto. A associação entre Prefeitura e Turing Clube do Brasil (contando com participação da Associação Brasileira de Imprensa e do Centro de Cronistas Carnavalescos) permitiu a organização do carnaval em comissões responsáveis pelos festejos da cidade. Tal iniciativa criava um programa oficial das atividades carnavalescas na cidade que incluía banho de mar à fantasia; dia dos blocos (concurso de blocos); concurso de marchas, sambas e músicas carnavalescas; curso de automóveis e batalha de flores e confete (em Copacabana), entre outros eventos (FERREIRA, 2004, p. 320). O jornal O Globo noticia o concurso de sambas e marchas organizado pelo Turing Clube dentro dos festejos oficiais do carnaval da cidade: “Terá lugar hoje, às 20 ½ horas, no recinto da Feira de Amostras, o concurso de sambas e marchas, organizado pela comissão executiva do carnaval, do Turing Clube do Brasil. É esse um dos números mais interessantes do programa oficial de festejos carnavalescos”. (O Globo, 5 de fevereiro de 1932)

Alguns dias após o carnaval de 1932, o mesmo jornal informava que o sucesso alcançado deveu-se à iniciativa de Pedro Ernesto de oficializar a festa e do Turing Clube de promovê-la:

O brilho do carnaval de 1932 foi devido em grande parte a iniciativa do Dr. Pedro Ernesto, oficializando a nossa festa mais popular, e a propaganda feita pelo Turing Clube, por intermédio da imprensa. Todos os feitos tiveram o mais completo êxito: - o concurso de sambas teve uma repercussão inigualável e os seus prêmios foram distribuídos desde logo no Turing Clube. (O Globo, 18 de fevereiro de 1932)

As ações do prefeito Pedro Ernesto, que esteve à frente da Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro em dois períodos distintos (de 30 de setembro de 1931 a 2 de outubro 1934 e de 7 de abril de 1935 a 4 de abril de 1936), informam tanto de sua origem quanto do momento experimentado pelo país na década de 30. Egresso das transformações sociais e culturais da década de 20, advindo de um período onde se buscavam as raízes e a identidade do Brasil, o prefeito se encontrava em sintonia com as novas exigências da sociedade brasileira. Para ele, segundo informa Sarmiento (2001), o Estado tinha a responsabilidade de promover e manter o bem estar da população e dar proteção às camadas mais pobres da sociedade voltando-se para elas através da valorização da cultura popular, legitimando-as e identificando-as na folia carioca.

Sarmiento destaca que:

Aproximando-se de artistas oriundos das massas, basicamente músicos, Pedro Ernesto intentava constituir uma identificação entre o governante e os governados a partir da comunhão em torno de valores comuns. Neste sentido, nada mais eficaz que estes valores fossem incorporados a partir do universo cultural das massas, passando então o samba a desempenhar um papel fundamental nesta construção simbólica que então se amoldava. (SARMENTO, 2001, p. 242)

Na figura 7, pode-se ver o prefeito Pedro Ernesto ao lado de moradores em visita ao morro do São Carlos.



Figura 7: Fotografias do

Rio de Ontem – Augusto Malta. Coleção Memória do Rio. Volume 7. Rio de Janeiro.

O periódico *O Jornal*, de 21 de janeiro de 1932, associa o triunfo do carnaval daquele ano às iniciativas de Pedro Ernesto e seus “esforços patrióticos” no intuito de elevar o carnaval popular carioca, elemento “pitoresco” da cidade, a legítimo representante do carnaval:

A feliz iniciativa do interventor federal, Sr. Pedro Ernesto, no sentido de uma melhor organização e propaganda do carnaval carioca, está sendo coroada de mais completo triunfo. Realizando o pensamento do governador da cidade, e em estreita colaboração com S. EX. o Turing Clube do Brasil tem se empenhado em favor dessa obra patriótica, que visa transformar a nossa mais querida diversão popular num elemento pitoresco de atração turística no Rio de Janeiro.

O *Diário de Notícias*, de 31 de janeiro de 1932, informa que numa festa em Copacabana, representantes das “sociedades e blocos,” resolvem homenagear Pedro Ernesto por suas ações com relação ao carnaval do Rio de Janeiro:

Num impulso de absoluta e incontestável justiça os promotores da grande festa de hoje em Copacabana, juntamente com os representantes das sociedades, blocos, etc., que nela tomam parte, resolveram dedicar tão formosa noite festiva ao ilustre Interventor Federal, Dr. Pedro Ernesto que tão patrioticamente vem prestigiando o carnaval carioca, contribuindo para o seu maior esplendor e beleza.

“O grande objetivo por trás de todo esse investimento em dinheiro e em organização era a obtenção de divisas provenientes de um produto cada vez mais valorizado em escala mundial: uma festa “popular” como não existiria”, aponta Ferreira (2004, p. 324).

O grito de carnaval de rua do ano de 1932 é dado pela Estação Primeira que, desfilando pelas ruas e visitando jornais da cidade, se apresenta de forma organizada, com comissão de carnaval, diretoria e pastoras, “assegurando bela figura de conjunto nos folguedos de momo” (A Noite, 11 de janeiro de 1932). A estação Primeira é assim apresentada pelo A Noite de 10 de fevereiro de 1932, um dia depois de visitar a redação do jornal:

Guardando as glórias já conquistadas no carnaval carioca, o pessoal da “Estação Primeira”, da Mangueira, recebeu merecidamente os aplausos da cidade. Em tudo revelaram os grandes e esforçados foliões da Mangueira um gosto apurado. O cortejo, desenvolvendo-se na mais absoluta ordem, atravessou a Avenida até a Praça Mauá, em especial visita ao A NOITE, oferecendo um espetáculo maravilhoso. Trazia cerca de cem pastoras, que faziam evoluções graciosas, cantando com toda a cadência, com toda a harmonia, animadas pelo conjunto musical que possuem todas as músicas de samba.

O destaque à harmonia, a cadência, ao canto das pastoras e o próprio conjunto musical denota aquilo que se caracterizaria como escola de samba na década de 30: grupos musicais com seus cortejos nas ruas, representantes do que há de mais nacional na cultura brasileira. Também no dia 10 de fevereiro, o jornal A Noite noticia a apresentação da escola de samba de Oswaldo Cruz, destacando o enredo sugestivo e a indumentária “magnífica”. Note-se, também, a utilização do termo “escola de samba” como uma espécie de adjetivo usado para valorizar o bloco:

Esse *bloco*, que é uma verdadeira *escola de samba*, de Oswaldo Cruz, sai pela terceira vez para divertir o povo carioca. Este carnaval apresenta-se “Vai Como Pode” com um sugestivo e muito oportuno enredo: S. M. O samba com sua grande e brejeira corte. Compõe-se de duzentas pessoas. A indumentária, magnífica, o canto harmonioso, muito brasileiro e a música o que há de melhor no gênero. (A Noite, 10 de fevereiro de 1932. Grifo nosso)

O carnaval das escolas de samba de 1932 foi promovido pelo jornal Mundo Esportivo⁶, de Mário Filho, tendo como colaboradores Orestes Barbosa, Nassara e Cristóvão

⁶ Este jornal não se encontra em nenhum arquivo público da cidade do Rio de Janeiro.

de Alencar. O contato com as escolas de samba ficava a cabo do repórter Carlos Pimentel, como destaca Silva e Santos (1979, p. 62). Segundo as autoras, o desfile aconteceu no domingo de carnaval, 7 de fevereiro de 1932. A comissão julgadora do concurso era composta por: Orestes Barbosa, Raimundo Magalhães Júnior, Álvaro e Eugênia Moreira, José Lira, Fernando Costa e J. Reis (Idem).

Na coleção de Francisco Duarte encontramos uma entrevista de Cristóvão de Alencar e de Nassara falando sobre o Mundo Esportivo e o patrocínio ao primeiro concurso de escolas de samba da cidade, destacando o desejo do jornal de se aproximar das camadas mais pobres. Ao falar das escolas de samba informa que eram muito diferentes do que são hoje, destacando que o aspecto que predominava era a simplicidade, sem a presença de enredo, com a preocupação em fazer evoluções nas danças e não em alegorias e adereços:

Foi por volta de 1932. Para ser preciso exatamente naquele ano, porque foi o único ano em que durou o jornal “Mundo Esportivo” [...] A redação era aqui na Rua Miguel Couto, nas proximidades da esquina de Rua do Rosário. A equipe era formada pelo Mário Rodrigues Filho, o “lula”, como nós todos os chamávamos e todos os irmãos Nelson, Jofre (que já é falecido) e os outros, menos o Paulo que nesse tempo era muito criança. O Mário Pandiá Pires, que hoje é procurador da Caixa de Amortização era o tesoureiro do jornal e atual senador Mário Martins, o gerente do mesmo. Éramos uma equipe nova e queríamos brilhar, fazer algumas coisas diferentes e por isso mesmo, quando se aproximou o carnaval e morreu o assunto esportivo, decidimos, de comum acordo caminhar para outros campos de atividades, como por exemplo a natação, para a qual organizamos um campeonato extraordinário. Mas era carnaval. *Querendo penetrar na massa popular, que sempre foi a meta de Mário Filho, procuramos assuntos novos, dentro dos chavões dos ranchos e das “pequenas sociedades”, do corso e das “grandes sociedades”. Fomos para o samba, então insipiente, mas que vinha de ano para ano ganhando força no meio popular.* Havia na redação um grande amigo meu de Vila Isabel e com o qual eu já andava no meio artístico e de compositores: Antonio Nassara. *Com Nassara resolvi fazer um concurso de samba, o primeiro que se fazia no Rio de Janeiro e depois de haveremos obtido a aprovação da direção do jornal e com muito sacrifício “uma verba” das mãos de Mário Martins, saímos para a preparação do concurso, que durou cerca de um mês, com entrevistas e noticiários diário acerca do tema, dentro das características da imprensa de então. Os prêmios, ficou combinado, seriam taças, que dinheiro não havia e parecia ofensivo entregar prêmios em dinheiro. Ficou ainda assentado que as escolas viriam do Mangue, descendo pela Rua Senador Eusébio, em direção à Praça Onze de Junho, dobrariam à direita na Rua Marquês de Pombal, frente a escola Benjamin Constant, passariam frente ao palanque, colocando na esquina da Praça Onze de Junho, com Visconde de Itaúna e depois de evoluírem frente ao palanque desceriam pela Rua Visconde de Itaúna, em direção ao Campo de Santana.* Não me lembro de quantas escolas participaram e nem quais foram elas. Lembro bem que Mangueira e Portela, que tinha então o nome de Escola de Samba de Oswaldo Cruz, chegaram a contagem final empatados. *O júri era composto por Orestes Barbosa que na época já era grande no meio artístico e popular, por Heitor dos Prazeres, que tinha trânsito livre no meio do samba e junto a todas as escolas de samba e finalmente um homem chamado Pimentel, cujo nome não lembro todo e que era ligado ao pessoal do jornal e também ao meio de samba. Para evitar problemas, exatamente, procuramos colocar no júri pessoas que tinham trânsito no meio do samba, e por isso não houve briga e nem houve protesto quando o voto de Orestes Barbosa decidiu o desfile em favor de Mangueira.*

As escolas de então eram muito diferentes das de hoje e nelas predominava a simplicidade. Eram compostas de um estandarte, seguido de um grupo de dirigentes e logo depois vinham os índios, sempre homens, numerosos em penas e atavios. Típicos dos grupos de índios que se vê hoje no cinema. Logo depois, com certo intervalo, vinha a bandeira da escola e o mestre de canto, espécie de diretor de harmonia de hoje. A bandeira era sempre trazida por uma mulher muito bonita e de grande garbo e presença. Depois as cabrochas, bonitas, faceiras, tradicionalmente vestidas de baianas, com muitas saias, pano na costa, turbantes muito brancos, e homens vestidos em geral de calça clara e camisa de setim com as cores da escola

que pertenciam. Não haviam assistas, nem malabaristas, nem os acrobatas de hoje em dia. Era tudo simples, porque o que dava vida ao samba era a animação e a presença de dançarinos que faziam “passos” já na base do “preto velho” e do batuqueiro. Não haviam as alegorias de hoje, porque não havia enredo a ser apresentado e muito menos havia samba enredo, coisa que só surgiu muito depois. A bateria era composta de grande número de taróis, “caixinhas de repinicar”, pandeiros, um ou dois surdos e tamborins, que já existiam então. Não eram fantasiados, mas me parece que a bateria da Mangueira veio com uma camisa comum, ou seja, padronizada. Os sambas eram próprios, de compositores de escola, e versavam sobre temas diversos. Nesta apresentação a Mangueira veio cantando dois sambas muito bons, um deles chamado Amei-te Como um Louco e cuja letra dizia:

Espera que eu te diga
 Não me tens amizade
 Amor de falsidade, meu bem
 Amei-te como louco
 Espera mais um pouco

E, cujo último verso não me lembro. Acho que o samba era do Cartola. *O samba era só isso, não tinha segunda parte, porque depois do coro, entravam os “tiradores de verso”, grupo de compositores de improviso que ficavam na frente da bateria.* Por isso é que até hoje, é comum cessar os surdos e taróis, quando entra a segunda parte do verso e voltar forte todo o ritmo, quando entra o coro. *Porque o improvisador ou “tirador de verso”, tinha necessidade de ser ouvido, para que se pudesse entender o que ele dizia com nitidez. E quando ele cantava baixava o som da batucada.*

[...] *Os quesitos, ou seja, os pontos importantes do desfile se constituíam em primeiro lugar na graça do samba, na harmonia com que era cantado e na habilidade dos improvisadores. Pesavam também na contagem de pontos, o melhor conjunto e a melhor bateria.* Cristovão de Alencar lembra ainda que participaram do desfile “Cada Ano Sai Melhor”, do Estácio de Sá e a “Vizinha Faladeira”, da própria Praça Onze de Junho. *A iluminação do local foi feita com gambiarras emprestadas por um grupo de comerciantes da própria Praça Onze de Junho e do coreto onde estavam a diretoria do Jornal e o júri.* Também Álvaro Moreira, fazia parte do júri. *Como as escolas cantavam sempre três sambas diferentes, Cristovão de Alencar e Nassara, puxando pela memória acabaram por se lembrar de um samba de Gradim, compositor da Mangueira [...].*

O concurso alcançou pequena repercussão e o resultado foi publicado na primeira edição, logo depois do carnaval. No ano seguinte não fizemos o mesmo, porque o jornal já tinha desaparecido e porque achamos que o trabalho que tinha dado tinha compensado pouco, mas ficou o hábito que acabou pela oficialização dos concursos, em 1935, com a cobertura da Prefeitura do Distrito Federal.

Depois do concurso, Nassara se lembra, dissolvidos as escolas, os sambistas se reuniam em rodas, chamadas rodas de samba, ou rodas de batuqueiros e ficavam cantando dentro do estilo do partido alto, com coro e resposta de um tirador de verso e batuqueiros dançando em torno do desafiado. Era um sistema meio umbigada, meio desafio, em que o dançarino vai ao centro e dançando os dois procuram derrubar-se mutuamente, enquanto os da roda cantavam.

Nassara menciona ainda que as escolas de samba só tinham bandeira, não possuindo estandartes, como mencionou Cristovão de Alencar. Lembra-se ainda que *a ideia de fazer o desfile partiu de Pimentel, que era repórter do jornal, e muito ligado ao meio de samba.* (Entrevista de Cristovão de Alencar e Nassara à Francisco Duarte. Anexo VIII. Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro. Coleção Francisco Duarte. Caixa 10. Envelope 6. Grifo nosso)

O jornal O Globo, durante os quatro dias que antecederiam a festa, informava como seria o concurso das escolas de samba realizado pelo Mundo Esportivo, concurso de melodias, de sambas, destacando a nova diversão carnavalesca da cidade, os instrumentos típicos dos morros, o malandro e sua capacidade de improvisação:

O campeonato de sambas que “Mundo Esportivo” fará realizar domingo de carnaval, na Praça Onze, destina-se a um extraordinário êxito. Independente de inúmeras atrações, a grande competição de melodias tem o seu maior elemento de sucesso rumoroso na quantidade enorme de escolas já inscritas e que se preparam para o concurso. A ideia é realmente encantadora. Daí o acolhimento entusiasmado que teve e a ansiedade com que é aguardada a sua realização. Não resta dúvida que constituirá uma nota de pitoresco inédito no carnaval deste ano. *As “Escolas” mais célebres da cidade, os príncipes da melodia do “malandro”, as “altas patentes” do samba, concorrerão ao grande campeonato.* Pode se resumir o

espetáculo assim: é a alma sonora dos morros que vai descer para a cidade. Todas as ladeiras, todos os morros da melodia virão, respectivamente, para a Praça Onze, teatro da linda competição. *Terá o público a oportunidade de ouvir vários instrumentos mal conhecidos pela maioria da cidade.* É o caso, por exemplo, da “cuíca”, cujo som se destaca de todos, pois é único e inconfundível. *Para que o leitor tenha uma ideia da importância do campeonato de samba, diremos apenas que varias “escolas” entrarão na Praça Onze com mais de cem figuras cada uma.* Além dos instrumentos conhecidos, outros aparecerão, por certo, na hora da parada sonora *criados pela febre de improvisação que sempre empolga os carnavalescos.* “Mundo Esportivo” oferece aos três primeiros colocados prêmios valiosíssimos, que estão em exposição numa das vitrines da “Capital”. (O Globo, 3 de fevereiro de 1932. Grifo nosso)

O Globo publica no dia 4 de fevereiro de 1932 matéria destacando o concurso das escolas de samba e o fato de ser inédito, com elementos capazes de ter um grande êxito, contando com as melhores escolas de melodia, com o uso de instrumentos que a população da cidade não conhece além da valorização dos morros e ladeiras da cidade:

Domingo, na Praça Onze, o público assistirá a um torneio que promete grande brilho, tal o encanto da sua originalidade. Queremos aludir ao campeonato do samba que “Mundo Esportivo” promoverá. O acontecimento é inédito; até agora não se realizara, entre nós, uma competição idêntica que reunisse tantos elementos para um êxito sem igual. O campeonato tem como concorrentes, as melhores “escolas” de melodia da metrópole. Os sambas que se candidatam aos grandes prêmios são os mais lindos dos morros, das ladeiras, dos lugares sonoros do Rio.

O público que conhece a música do “malandro” pelo disco ainda não calculou, talvez, o sabor que tem a melodia na boca do próprio “malandro”. O efeito é muito maior e a sugestão é muito mais intensa. Na competição, entrarão instrumentos que nem todos conhecem. A “cuíca”, por exemplo, ainda não foi ouvida por nós com a atenção devida. Dizem que uma caixa de charuto usado por uma “alta patente” do samba vale, às vezes, uma orquestra completa...

E é a impressão que tem, realmente. Com os seus instrumentos bárbaros, as “escolas” conseguem verdadeiros milagres, efeitos impressionantes. Para julgar, só vendo com os próprios olhos. Nos morros da cidade existem melodias ignoradas.

Nem sempre a publicidade seduz ao malandro que, não raro, faz música para recreio íntimo ou por uma necessidade de expansão, independente de qualquer ideia de forma ou dinheiro. Veem aí uma infinidade de coisas sonoras desconhecidas e que são verdadeiras maravilhas não só pela sedução da melodia, como pela graça, humorismo doce dos motivos. O interesse da cidade pelo campeonato do samba do “Mundo Esportivo” é intenso. Todas as atenções se voltam para os morros, as ladeiras, os lugares sonoros de onde virão os concorrentes.

“Escolas” existem que apresentarão mais de 100 figuras. É facilmente imaginável o que será mais cem bocas cantando com a sinceridade que os cantadores do samba põem na voz para maior repercussão das palavras. O espetáculo promete um esplendor estupendo e deverá alcançar um êxito formidável e bem merecido.

Continuando o noticiário sobre o concurso das escolas de samba O Globo do dia 5 de fevereiro de 1932 ressalta que cada escola aparecerá com um número considerável de membros, e que, além das vozes e dos instrumentos, há detalhes interessantes a serem observados:

Depois de amanhã a Praça Onze de Junho será teatro do grande Campeonato de Samba promovido pelo “Mundo Esportivo”. Já conhece o público, em linhas gerais, o extraordinário acontecimento que constituirá uma nota de irresistível encanto no carnaval deste ano. O Êxito do formidável certame esta acima de qualquer dúvida. Basta ver o número de concorrentes, alias impressionante. As escolas que se candidataram aos grandes prêmios são as melhores da cidade. O Rio verá, de fato, a massa encantadora dos morros descer para a Praça Onze. O espetáculo não podia ser mais pitoresco e sugestivo. Cada “escola” aparecerá ao público com

um número considerável de figuras. São, pois, centenas de bocas cantando, com a maior emoção, as melodias mais graciosas da cidade. Independente das vozes e dos instrumentos sonoros, há um sem número de detalhes interessantes, inéditos e encantadores. Quando a primeira “escola” pisar no teatro da originalíssima peleja, logo uma onda de melodias encherá a metrópole. O samba dos morros nem sempre desce à cidade; às vezes fica lá em cima, longe de qualquer possibilidade de ser transportado para o disco. Há “malandros” que não admitem a vitrola, porque tem a impressão de que, na chapa, o samba perde a sinceridade, a graça emotiva e doce, o espírito delicioso! Assim sendo, fazem os sambas para si e para o seu gozo interior. Na Praça Onze ouviremos sambas que nunca nos chegaram aos ouvidos e que tem, portanto, toda a formidável sedução mágica de uma primeira audição. Já falamos nos instrumentos prodigiosos que conseguem todos os efeitos, repercutindo profundamente a sua alma. Só a “cuíca” encherá a Praça Onze com seu bárbaro rumor que desenha as vozes profundas do samba, do espanto, da superstição. Outro espetáculo imponente: as pastoras! “Escola” em que se apresentarão com dezenas de pastoras. O coro feminino que se destaca no meio de todos os valores chega-nos até o fundo da alma. Não queremos, é claro, descrever o que será o campeonato de samba, pois que ele é, sem exagero nenhum – um quadro indescritível. Apenas tentamos, aqui, dar uma pálida visão da sua incomparável imponência.

Um dia antes do campeonato de sambas promovido pelo Mundo Esportivo O Globo destaca, utilizando vários adjetivos para exaltar a iniciativa, que todas as atenções da cidade estão voltadas para a Praça Onze, que estará repleta de interessados nos desfiles que ali ocorrerão. Destaca também que “a maioria dos bairros da cidade enviarão escolas de samba para o evento”, assim como haverá um regulamento rígido para o campeonato. Informa O Globo:

Todas as atenções da cidade se voltam para o campeonato de samba que se realizará amanhã na Praça Onze. O torneio sonoro é devido, como se sabe, a uma ideia brilhante do “Mundo Esportivo”. Trata-se de um acontecimento que impressiona, sobretudo, pelo pitoresco incomparável. O campeonato de samba é rigorosamente inédito entre nós. Daí um dos motivos do sucesso rumoroso que alcançou. *O desenrolar das competições será acompanhado, com profunda atenção, por uma multidão incalculável.* Só muito raramente um espetáculo terá despertado o máximo absorvente interesse que o “certâmen”, de “Mundo Esportivo” despertou. *Não será exagero dizer que toda a cidade esta diretamente interessada no desfecho do torneio.* A maioria dos bairros e zonas enviará representantes para a conquista do título de “Escola Campeã”. O número de concorrentes já oferece uma ideia das possibilidades de um concurso que se realizará dentro de tão esplendidas condições. *O desenrolar normal do campeonato esta assegurado pelo rigor do regulamento, rigor bastante para obstar a simples possibilidade de se registrar uma anormalidade sem pronta solução. Não é possível, também, haver qualquer dúvida sobre as decisões que, porventura, venha a tomar o júri, pois que este se compõe de figuras inatacáveis, intelectuais de grande e merecido prestígio nos meios da cidade, com larga irradiação e, pois, idoneidade completa.* Tais convites já foram expedidos pelos nossos colegas do “Mundo Esportivo” e não houve uma só recusa. Já se pode dizer os nomes de algumas pessoas da comissão dos cinco, que fará a classificação dos concorrentes.

Álvaro Moreira, cronista encantador e que escreve numa prosa lúcida e adorável, será um dos julgadores. É ocioso fazer ressaltar aqui as qualidades excepcionais do seu nobre espírito. É uma figura de alto relevo no programa do Brasil intelectual. Sempre gostou do samba e conhece bem a melodia do “malandro”. D. Eugênia Álvaro Moreira é outro nome que dispensa o louvor da nossa palavra, pois há muito que se impôs na admiração de toda a metrópole. É artista altíssima, com uma sensibilidade fina, um espírito aberto para as emoções supremas da arte. Luiz Peixoto, pode-se dizer, um técnico no assunto: conhece musica a fundo e, sobretudo, a nossa musica. Já foram nomeados três membros da comissão que indicará para a apoteose das consagrações públicas, a “escola” vencedora. É o bastante. Vê-se, sem dificuldade, que as decisões do júri serão unanimemente acatadas, pois que a idoneidade do mesmo esta acima de qualquer duvida.

Publicamos, ontem, que a cidade ouvirá, na Praça Onze, uma infinidade de músicas inéditas. *Aliás, uma das condições obrigatórias é que nenhum dos três sambas cantados de cada escola tenha sido gravado.* Todas as melodias terão, assim, a frescura deliciosa de uma primeira audição. Mesmo que não fosse assim o sucesso seria o mesmo, pois que um samba

cantado por centenas de bocas e acompanhado por instrumentos admiráveis tem um efeito incomparavelmente melhor do que tem no disco. Já não há mais dúvida quanto ao êxito ruidoso do campeonato do samba. Só o número enorme dos concorrentes bastaria para assegurar completo triunfo. E é um êxito obrigatório, pois o espetáculo é de imponência excepcional. (O Globo, 6 de fevereiro de 1932. Grifo nosso)

Segundo Cabral (1996), a campeã do primeiro concurso das escolas de samba foi a Estação Primeira de Mangueira com o samba “Sorrindo”, de Cartola. Em segundo lugar ficou a escola de samba Vai Como Pode, empatada com a escola Para o Ano Sai Melhor. Em terceiro lugar a Unidos da Tijuca.

O sucesso do primeiro desfile das escolas de samba na Praça Onze de Junho é retratado em matéria do Jornal do Brasil de 9 de fevereiro de 1932, que informa:

A Praça Onze de Junho tradicional pelos seus folguedos, tipicamente característicos, manteve ainda este ano, galhardamente os seus foros de reduto inexpugnável da genuína festa da cidade.

O que ali se viu, anteontem e, ontem, das primeiras horas da tarde às últimas da madrugada, vale como um atestado do quanto aquela gente se reúne, sabe se divertir.

O que a Praça Onze de Junho mostrou ao carioca excedeu a qualquer previsão e foi ainda uma nota inédita, porque teve aspectos diferentes dos que se apreciam em outros pontos da cidade.

O carnaval da Praça Onze é privativo da Cidade Nova. E tem, por isso, atrativos e motivos exclusivamente seus.

Um sucesso, um grande, um legítimo sucesso o carnaval da Praça Onze.

A relação tecida entre os diversos grupos da sociedade carioca produziu uma nova manifestação carnavalesca: o desfile das escolas de samba. A tônica do primeiro concurso destacou a manifestação cultural popular “inovadora”, “pura”, “intocada”, “original”. As escolas de samba estavam formadas e representadas, especialmente pelos jornais, que além de patrocinar o concurso, destacavam suas atividades, valorizando assim o produto cultural por eles tecido.

3.4 O Globo (1933)

A valorização dos sambas dos morros – através do apoio que incluiu as escolas de samba no seu cronograma oficial com o “Dia do samba do morro” – além da difusão de eventos promovidos pelas elites da cidade e da constante interação entre jornais e escolas de samba, marcam o ano de 1933. Segundo Ferreira (2004) neste ano as escolas de samba passam a ser alvo de disputa entre os jornais da cidade que buscavam definir quem tomaria o lugar do jornal Mundo Esportivo na promoção do concurso das escolas de samba. Cabral

(1996) informa que representantes das escolas de samba se apresentaram em palcos cariocas antes da festa carnavalesca. Silva e Santos (1979) relatam que neste ano o desfile das escolas de samba se estruturou internamente e passou a fazer parte do programa de festejos do carnaval da cidade recebendo, inclusive, uma pequena verba da Prefeitura.

O apoio da esfera pública às festividades carnavalescas e sua consequente organização deu-se, assim como em 1932, através do Turing Clube do Brasil. Os jornais informavam as diversas atividades das escolas de samba nos dias que antecederiam o carnaval. O Jornal do Brasil, de 25 de janeiro de 1933, destaca, por exemplo, o nascimento de uma escola de samba no subúrbio carioca, dentro deste novo processo carnavalesco, capaz de “em pouco tempo tornar-se uma potência”:

No popular bairro do Engenho de Dentro, foi fundada mais uma interessante “Escola de Samba” que pelo valor de seus fundadores, será dentro em breve uma potência nos subúrbios. É bem notável o entusiasmo destes carnavalescos, que já organizaram uma série de ensaios, sendo todos bem aproveitados.

Em matéria do dia 5 de fevereiro de 1933 o Diário Carioca, em outro exemplo, informa que o “veterano” bloco infantil da Estação Primeira desfilará na Rua Dona Zulmira, por conta de uma batalha de confete.

A imprensa do período destacava a importância dos grupos de samba na festa carnavalesca, publicando, visitando, entrevistando ou fazendo festas em sua homenagem, como é possível observar no Diário Carioca de 9 de fevereiro de 1933 que noticia a visita da escola de samba União do Uruguai à Estação Primeira:

Os tradicionais foliões do bloco “Estação Primeira”, de Mangueira, receberão hoje, à noite, por ocasião dos ensaios do grande conjunto, a visita em caráter de cortesia, dos foliões da Rua Uruguai, que se abrigam sob a bandeira do bloco “União do Uruguai”. Os visitantes serão recebidos na estação, por todo o conjunto do bloco do Saturnino, onde se formará o cortejo, que conduzirá os representantes do “União do Uruguai”, até a sede, à Rua Saião Lobato.

Construindo relacionamentos híbridos na formação de um novo carnaval da cidade, as escolas de samba destacam os jornais como seus representantes, capazes de divulgar suas atividades, oferecendo em troca “as mais belas e originais canções do momento”:

Recebemos comunicação dos destemidos carnavalescos da Escola de Samba Recreio de Ramos, de que na última reunião desse grêmio musical carnavalesco, foi o Diário da Noite, aclamado seu órgão oficial, como homenagem a popularidade do nosso jornal. Conjunto musical entre os mais respeitados, pela harmonia e, brilho com que sempre se apresenta, a Escola de Samba Recreio de Ramos reserva para este carnaval um repertório do outro mundo, com composições belíssimas e originais dos seus mais inspirados cantores,

gente na verdade do samba e sabendo de fato, puxar o cordão. (Diário da Noite, 10 de fevereiro de 1933)

O Diário Carioca, de 11 de fevereiro de 1933, noticia com riqueza de detalhes, que a “lendária” Estação Primeira de Mangueira, com os “cantares de suas cabrochas”, recebe visita do bloco/escola de samba União do Uruguai:

A lendária estação de Mangueira, viveu ontem, momentos de intensa alegria. É que os diretores do bloco carnavalesco “União do Uruguai”, reunindo todos os seus componentes, foram incorporados em suntuoso cortejo, visitar os campeões de 1932.

Foi um espetáculo inédito. O bloco “União do Uruguai”, entre filas de pastoras da “Estação Primeira”, foi conduzido ao “pomar”, sob os cantares de suas “cabrochas”, que entoavam o admirável samba: “Saudando Mangueira”.

Na sede da “escola” de Saturnino, a animação continuou. O secretario do “União do Uruguai”, em breve, nas simpáticas palavras, reafirmou os protestos de amizade entre os cultores da musica nacional. Em resposta, o Sr. Arlindo dos Santos, vice-presidente da “Estação Primeira”, em eloquente improviso, externou a grande alegria que dominava todos os mangueirenses.

Segundo informações colhidas com os diretores da “Estação Primeira”, este bloco, retribuirá na próxima terça-feira, a visita dos bacharéis da Rua Uruguai.

A figura 8 apresenta membros da Estação Primeira visitando a redação do Diário Carioca em 15 de fevereiro de 1933:



Figura 8: “A Estação Primeira esteve em nossa redação visitando-nos. Aí estão “Cartola” e Júlio Moreira. Aparece ainda K-Peta, Jota Efegê e Marron. O “compadre” Albertino aderiu também”. (Diário Carioca, 15 de fevereiro de 1933)

A respeito do concurso das escolas de samba, Cabral (1996, p. 77) destaca a tentativa do Centro de Cronistas Carnavalescos (CCC) de organizar, em 1933, um concurso na quinta-feira anterior ao carnaval, chamado de “Noite das Escolas de Samba”. Segundo o autor, “ao que tudo indica, O Globo empenhou-se para evitar a realização do evento. [...] o fato é que a

noite das escolas de samba não aconteceu”. Ainda segundo o autor, este concurso era uma iniciativa do Correio da Manhã em sua tentativa de concorrer com O Globo, utilizando o CCC como “testa-de-ferro”.

Diferentemente do que Cabral informa, entretanto, o evento foi realizado, como pudemos observar através das notícias de diversos jornais.

Destaca o Jornal do Brasil, em 9 de fevereiro de 1933:

As escolas de samba formam os mais interessantes cortejos carnavalescos de que se pode orgulhar a tradição da cidade. O Centro de Cronistas Carnavalescos, sempre atento e desejando dar “aos” foliões que formam as numerosas correntes carnavalescas dos chamados sambas do Morro, tomou a si a tarefa de organizar e dirigir o grande certame. Como a Praça 11 é sempre, o reduto escolhido, o ponto de controle, a preferida para as lindas exhibições, lá é que se realizará a “A Noite das Escolas de Samba” com prêmios, primeiro e segundo lugares (campeão e vice-campeão).

Iniciam-se hoje as inscrições. Poderão ser feitas na sede do CCC, à Rua do Passeio nº 62, 2º andar. (Jornal do Brasil, 9 de fevereiro de 1933)

O Correio da Manhã, de 22 de fevereiro de 1933, por sua vez, destacava o evento:

A noite das Escolas de Samba? Está certo! Não é outra coisa senão um verdadeiro concurso entre os mais afamados sambistas. E depois? Ora, depois, será a consagração do campeão do samba. Coisa muito séria... E não é título que se consegue assim à toa. Nem mesmo por decreto! O vencedor receberá um troféu. Troféu disputado ali na preta, sem pistolão. Quem souber sambar, que entre na fila... E se perder por cabeça? A comissão do CCC já resolveu tudo. Com ela não há casos, isso só na política. O vice-campeão terá também um rico prêmio.

O Diário da Noite, de 23 de fevereiro de 1933, informava:

A noite terá lugar na Praça 11 de Junho uma das festas carnavalescas mais pitorescas e mais apreciadas pela população carioca: a das Escolas de Samba dos Morros.

Todos conhecem esses interessantes conjuntos musicais, que se formam e exercitam para a folia carnavalesca, nos redutos dos morros e descem, peculiaríssimos imprevisos em revelações surpreendentes de música e dança, para a cidade, animando e emprestando a nota típica ao carnaval carioca.

Tradicionalmente converge a “gente do morro” em seus folguedos, para a Praça 11 de Junho, onde executam, sob os olhos da comissão julgadora, todos os primores de danças e música indumentária e luxo de decorações, com que desceram, triunfalmente, rumorosa e colorida exumada, dos morros lendários, para o asfalto da cidade maravilhosa.

Este ano, a festa das Escolas de Samba é de iniciativa do Centro de Cronistas Carnavalescos e terá lugar, como acima já referimos, hoje, á noite, na Praça 11 de Junho.

Comissão julgadora: A comissão julgadora do grande certame que se realizará hoje, na Praça 11 de Junho, está assim constituída: maestro João Iberê da Cunha; sambista Getúlio Marinho, o autor consagrado da marcha “Gege”; Catulo da Paixão Cearense, conhecido e competente homem de letras; Aracy Côrtes, a querida “estrela” das plateias brasileiras; Pillar Drummond, presidente do C.C.C. e Romeu Arêde, cronista do “Jornal do Brasil”.

Os prêmios: A Municipalidade ofereceu dois prêmios, que serão conferidos ao campeão e ao vice-campeão.

O critério do julgamento terá como objetivo o conjunto, a harmonia e o característico das escolas.

O regulamento do certame das escolas de samba organizado pelo CCC é publicado no Jornal do Brasil de 23 de fevereiro de 1933. Neste regulamento se determinam entre outros: o

horário de início e encerramento dos desfiles; o uso de fantasias pelos componentes; a não obrigação do enredo e a execução de duas músicas, além do conjunto e da harmonia. Diz o jornal:

É hoje, finalmente, que se realizará na Praça Onze de Junho o importante certame que toda a cidade aprecia e que constitui uma das notas mais características do nosso carnaval: o samba do morro.

As Escolas de Sambas, admiráveis redutos carnavalescos, onde a nossa gente dá toda a vibração aos sentimentos da canção popular, vão desfilar perante uma comissão de julgamento que decidirá quais o campeão e o vice-campeão da cidade.

O reduto do “Samba do Morro”, toda gente sabe, é na Praça Onze de Junho, o lindo recanto que Paulo Barreto soube escrever no soberbo livro “Alma Encantadora das ruas”.

A “Noite das Escolas de Samba” é, este ano, iniciativa felicíssima do Centro de Cronistas Carnavalescos, e programada oficialmente pela Municipalidade.

O interesse que vem despertando tal iniciativa é fora do comum! Dezenas de escolas já se inscreveram.

Haverá dois prêmios oferecidos pela Municipalidade. Um será destinado ao campeão e o outro ao vice-campeão.

Em “Escolas de Sambas”, há sempre como objetivo e característica o conjunto e a harmonia. Daí a criação dos prêmios máximos.

O regulamento é muito simples. Tratando-se de conjuntos que não foram socorridos com o auxílio oficial, não quis o CCC criar embaraços.

Assim ficou ele organizado:

1 – O desfile das Escolas de Samba começará às 21 horas e terminará a uma da manhã, podendo esse horário ser modificado, a juízo da comissão, que agirá de acordo com o Centro de Cronistas Carnavalescos.

2 – As escolas que demandarem da Praça da República subirão à Rua Senador Euzébio e darão a volta em frente a escola Benjamim Constante para passar então pelo coreto da comissão.

3 – As que demandarem da Praça da Bandeira descerão a Visconde de Itaúna para passarem em frente ao coreto da comissão.

4 – É facultativo o uso, nos cortejos, de fantasias para os componentes.

5 – A falta da música completa, não constitui eliminatória. Fica, portanto livre, o numero de músicos, se bem que todos os conjuntos devam apresenta-los obrigatoriamente. O Centro de Cronistas Carnavalescos assim resolveu para evitar que uma “escola”, só porque tenha vinte músicos, por exemplo, pretenda preterir outra, que mesmo com menor numero de executantes, esteja superior.

6 – Não é obrigatório o enredo.

7 – O volume do conjunto geral, é sempre motivo preponderante, desde que a característica do samba se enquadre perfeitamente.

8 – Se bem que não sejam obrigatórias, devem as “escolas” aprimorar as evoluções, como ornamento dos seus conjuntos.

9 – Cada “escola de samba” deverá executar duas produções em frente do coreto, entregando à comissão as respectivas letras.

10 – No caso da comissão exigir, cada escola deverá enviar ao coreto o diretor técnico, para as devidas informações.

11 – A comissão dará o seu veredito amanhã em reunião que se efetuará na sede do CCC em hora que for combinada pelos respectivos membros.

12 – Esse veredito só será tornado público sexta-feira, pelos jornais matutinos e vespertinos.

A comissão de julgamento das “escolas de samba”, ficou constituída: Maestro Dr. João Iberê da Cunha, crítico musical do “Correio da Manhã”; sambista Getúlio Marinho, autor consagrado da marcha “Gege”; Catulo da Paixão Cearense, conhecido e competente homem de letras; Aracy Côrtes, a querida “estrela” das plateias brasileiras; Pillar Drummond, presidente do CCC e Romeu Arêde, cronista do “Jornal do Brasil”. (Jornal do Brasil, 23 de fevereiro de 1933)

Na figura 9 as imagens dos troféus entregues aos campeões do concurso dois dias após os desfiles.



Figura 9: “A Noite das Escolas de Samba – os prêmios de campeão e vice-campeão, ofertas valiosas da prefeitura e entregues pelo CCC”. (Jornal do Brasil, 24 de fevereiro de 1933)

As figuras 10 e 11 apresentam fotografias do desfile realizado pelo CCC, retiradas do jornal Correio da Manhã de 25 de fevereiro de 1933:



Figura 10: “Concurso das escolas de samba do morro – o CCC efetuou anteontem, na Praça Onze, o brilhante concurso”. (Correio da Manhã, 25 de fevereiro de 1933)



Figura 11: “Praça Onze iluminada no concurso das escolas de samba do morro promovido pelo CCC”. (Correio da Manhã, 25 de fevereiro de 1933)

Em suma, a realização da “Noite das Escolas de samba” promovida pelo CCC e prevista no cronograma oficial da prefeitura, aconteceu três dias antes do concurso realizado pelo jornal O Globo.

Os jornais do período também informavam dos preparativos das escolas de samba para o concurso promovido pelo O Globo, como cita o Diário Carioca de 19 de fevereiro de 1933 destacando que Estação Primeira fará ensaio geral e que o concurso carnavalesco se realizará na Esplanada do Castelo⁷:

A tradicional escola campeã, leva a efeito hoje, às 20 horas, em sua nova sede social, à Rua Saião Lobato, na estação de Mangueira, o ensaio geral do seu forte conjunto que defenderá as cores verde-rosa da Estação Primeira, no grande certame das “Escolas de Samba”, organizado pelo cronista Carlos Pimentel (Paraíso), e patrocinado pelo “O Globo”, a realizar-se no domingo de carnaval, na Esplanada do Castelo.
Tratando-se do último ensaio, o Sr. Júlio Moreira Dias, ensaiador geral da “Estação Primeira”, pede o indispensável comprometimento das pastoras e de toda a “bateria”.

O carnaval das escolas de samba vai aos poucos se configurando a partir dos regulamentos elaborados pelos jornais. Não há, por parte das escolas de samba, uma organização capaz de conduzir os festejos, aplicando condutas de vestimenta, organização entre outros. Não há neste momento, uma instituição que regulamente o que pode e o que não pode ser utilizado por uma escola de samba. O que se vê e se espera das escolas de samba é

⁷ A menção a Esplanada dos Castelos não é encontrada em outros periódicos. O concurso entre as escolas de samba realizado pelo O Globo deu-se na Praça Onze de Junho.

uma pureza, uma tradicionalidade popular com sua arte e estética peculiar, discurso este, reforçado através do regulamento de cada desfile das escolas de samba.

O Diário Carioca no dia 24 de fevereiro de 1933 (um dia após o desfile das escolas de samba organizado pelo CCC) publica texto descrevendo a forma como a campeã do carnaval de 1932 se apresentará, destacando seu pede passagem, comissão de frente, pastoras, baianas, bateria entre outros. Note-se que o grupo é chamado de “bloco carnavalesco”:

O bloco carnavalesco “Estação Primeira”, com sede à Rua Saião Lobato, no morro de Mangueira, apresenta ao povo carioca o seu modesto enredo, que representa “Uma Segunda-Feira, do Bonfim, na Ribeira”.

Abre o nosso préstito o painel com os dizeres: “O *bloco* Estação Primeira saúda o povo e pede passagem”.

O segundo painel é uma justa homenagem á imprensa carioca e está assim dirigida: “Salve a imprensa”.

O terceiro e último traz impresso em letras garrafais o nome do enredo em que os nossos diretores técnicos se basearam para confeccionar o nosso carnaval.

Segue-se o bloco do “Arigofe”, que é representado pela nossa Primeira Comissão de Frente, trajando branco a rigor e cartola. Esta comissão trará o tradicional boneco “Arigofe”.

A Segunda Comissão representa o bloco de “Bacurau”, que traja branco com boret e, seu presidente trará o pássaro “Bacurau”.

16 pastoras com pijamas de praia representam os seguintes blocos: canários, Lira chorosa, arguta, mando esperançoso, charéo, fanista, cardeal, pidão, mamãe sacode, amantes da Lira, bem-te-vi, garganta, cigano, urubu rei, os estados e manezinho chorador.

Uma pastora ricamente fantasiada de baiana empunhará o nosso pavilhão de 1933 em companhia do primeiro mestre-sala.

A nossa segunda porta-estandarte também fantasiada de baiana, empunhará a nossa flâmula, campeã de 1932.

40 pastoras, ostentando ricas baianas, representam as vendesses assim distribuídas: manguzá, canjica, sorou, vatapá, caruru, sarapatel, feijoada, efó, xinxim, mocotó, maniçoba, peixe assado, moqueca, acarajé, acaçá, pamonha, aberém, carimã, abacaxi, melancias, uvas, peras, maçãs, cambucás, bananas, caju e vários doces próprios das doceiras.

50 pastoras com a mesma indumentária, trarão troféus e representam as favoritas que vão assistir as festas da Ribeira.

50 rapazes pertencentes ao corpo coral, trajando jaquetas com as cores do bloco e calças brancas, que representam os moços que vão assistir os festejos.

40 figuras de bateria, com idêntica fantasia, representam os músicos das festas do Bomfim na Ribeira. (Grifo nosso)

A figura 12 apresenta foto de representantes das escolas de samba reunidos na redação do O Globo a fim de realizarem reunião definindo as bases do concurso de 1933 promovido pelo jornal.

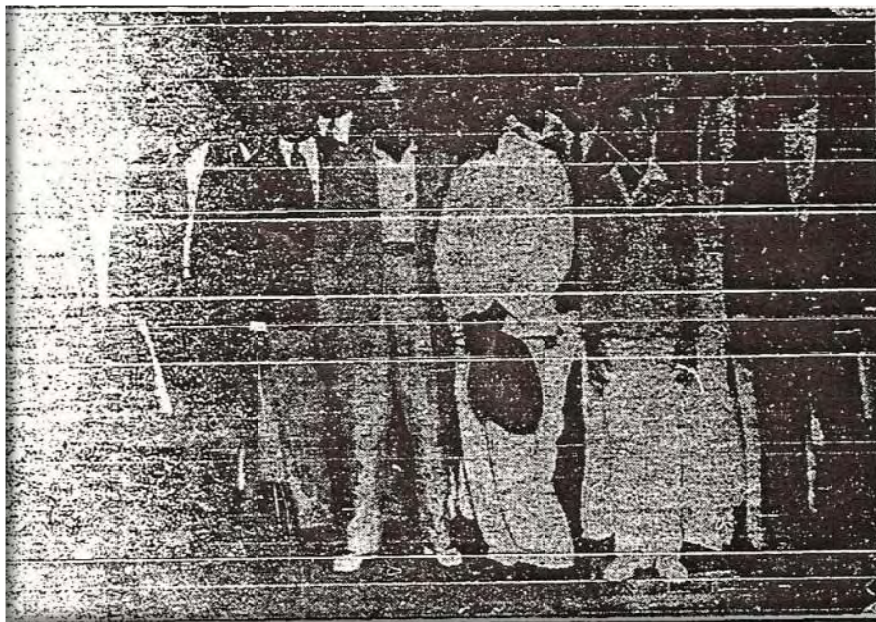


Figura 12: “Assentada, em definitivo, a organização das bases do campeonato de samba”. (O Globo, 17 de fevereiro de 1933)

O responsável por indicar os pressupostos de uma apresentação de escola de samba acaba sendo o responsável pela organização do desfile, como é apresentado pelo jornal O Globo que indica os seguintes quesitos a serem julgados: harmonia, poesia do samba, enredo, originalidade e conjunto. O regulamento cria também algumas obrigatoriedades para a apresentação das escolas de samba, entre elas: proibição do uso de instrumentos de sopro e obrigatoriedade da presença de baianas. O Globo define também o local do desfile das escolas de samba, ao informar que o concurso se realizará na Praça Onze de Junho e não na Esplanada do Castelo, como informara o Diário Carioca de 19 de fevereiro de 1933.

Amanhã terá lugar na Praça Onze de Junho o grande campeonato de samba patrocinado pelo Globo.

Tudo indica que o torneio constituirá um enorme êxito. O campeonato de samba será um dos espetáculos mais bonitos do carnaval deste ano.

Publicamos abaixo as bases:

No julgamento terão valor os seguintes quesitos: Harmonia, que valerá cinco pontos; poesia do samba, com três pontos; enredo, com três pontos; originalidade, com 2 pontos; conjunto, com 3 pontos.

Embora sem ter influência decisiva no julgamento, as evoluções como detalhe do conjunto terão, é claro, valor. *As escolas de samba deverão trazer bandeira, não estando, porém, proibido o estandarte, que usado, porém, não poderá merecer a observação do júri.*

Cada escola cantará três sambas. Esses sambas serão desclassificados se já tiverem sido gravados ou se já forem conhecidos através do rádio ou do teatro.

Não serão permitidos instrumentos de sopro, ocultando-se qualquer instrumento de corda.

É obrigatória a presença de baianas nas escolas.

Serão distribuídos prêmios para o campeão e vice-campeão e para as três escolas que vierem colocadas a seguir.

Para que o campeonato possa terminar cedo, isto é, até meia-noite, ficou assentado que o desfile terá início às 17 horas. (O Globo, 25 de fevereiro de 1933. Grifo nosso)

Segundo os jornais O Globo e Correio da Manhã, de 28 de fevereiro de 1933, o concurso das escolas de samba realizado na Praça Onze de Junho no domingo de carnaval (26 de fevereiro) foi um sucesso com a participação de aproximadamente 40.000 pessoas, estando a Praça Onze feericamente iluminada. 25 escolas de samba desfilaram além de dez que não estavam inscritas, totalizando 35 escolas de samba. A comissão de jurados foi composta por: João da Gente, Jorge Murad e Jofre Rodrigues. Os jurados atentaram para a apresentação da escola de samba Unidos da Tijuca informando que seu samba principal estava de acordo com o enredo. O relato do jornal O Globo, a seguir, deixa clara a visão romantizada que a sociedade havia construído em relação aos habitantes dos morros e suas manifestações festivas populares:

Como prevíamos o campeonato de samba que O Globo organizou, constituiu um dos espetáculos mais bonitos do carnaval de 1933. Perto de quarenta mil pessoas assistiram ao desfile das Escolas do morro. Aliás, não poderia ser outro o resultado da iniciativa do Globo. Ninguém ignora a *sedução que exerce sobre o espírito da gente da cidade a melodia nascida no casebre de zinco*. Nossa imaginação romantizou sempre esses trovadores ingênuos do morro e para eles se sentiu atraída. Como raramente assistimos a um espetáculo que nos proporcionasse uma oportunidade de estar frente á frente com o samba do morro, nada poderia ser mais oportuno que o torneio que o Globo organizou. Estamos satisfeitos por termos proporcionado à cidade o espetáculo mais estranho do carnaval deste ano.

A Praça Onze apresentou no Domingo de Carnaval, um aspecto inteiramente inédito. Pode-se dizer que aquele local terá acolhido poucas vezes um público tão numeroso como no primeiro dia de carnaval. Avaliamos em perto de 40 mil o numero de pessoas que assistiram ao campeonato de samba, e essa é a mesma avaliação dos nossos colegas do "Correio da Manhã". Desde cedo era enorme a massa de gente aglomerada na Praça Onze. Quando, porém, o desfile das escolas teve inicio, era impossível alguém conseguir aproximar-se do coreto da comissão julgadora, por isso que a multidão crescera.

Sem embargo da deficiência do policiamento no local, o desfile transcorreu dentro da maior ordem, não se registrando ocorrências lamentáveis.

O campeonato das escolas teve inicio às 20:40, só terminando às 24 horas e 30 minutos.

Desfilaram vinte e cinco escolas inscritas, sendo de perto de dez, o numero das escolas que embora sem estarem no concurso, fizeram evoluções em frente do coreto da comissão julgadora, para homenagear o Globo.

Estava anunciado que a comissão julgadora seria composta de Antônio Velloso, Jorge Murad, João da Gente, Pillar Drummond e Roberto Lobo. Não comparecendo, porém, os dois últimos, dos quais o primeiro justificou de forma satisfatória a sua ausência por intermédio de João da Gente e não podendo Antônio Velloso tomar parte no julgamento, teve de ser modificado o júri, que ficou constituído por João da Gente, Jorge Murad e o nosso companheiro Jofre Rodrigues.

Às 20 horas e 40 minutos, desfilava a primeira escola, que era a "Fiquei Firme", que apresentou o enredo "A corte do samba" e a seguir vieram: Esporte Clube Guarani de Dona Ciara; União do Amor; Aventureiros da Matriz; Embaixada Escola Amizade do Realengo, com o enredo "A terra e a América"; a escola União Barão da Gamboa, com o enredo "Homenagem as Escolas de Samba e seus compositores"; a escola Capricho do Engenho Novo; a escola Inimigos da Tristeza, com o enredo "Escolas de Samba"; depois deu entrada "Azul e Branco", escola do Salgueiro, que trazia o enredo "Uma Noite na Bahia"; a escola "Na hora é que se vê", com o enredo "O sabiá de minha Terra"; a escola Recreio de Ramos, com o enredo "Jardim da Primavera"; a escola de Portela "Vai Como Pode", com o enredo "O Carnaval"; a escola "Última Hora", com o enredo "A Favela"; a escola "Nós não somos lá essas coisas", com o enredo "A Loteria", trazendo os 25 bichos; a seguir apareceu a escola de samba da Mangueira, trazendo à frente uma comissão vestida a rigor e que pedia passagem para a escola apresentar o seu enredo: "Uma Segunda-Feira no Bomfim"; veio depois a Estrela da Tijuca, com o enredo "Sistema Solar"; "É assim que nós queremos"; "Filhos de ninguém"; surge a seguir outra escola "Unidos da Tijuca" com o enredo "O mundo no samba", cujo samba principal estava de acordo com o enredo.

Agradaram: “Escola de Catumbi”; “Em cima da hora”, com o enredo “Jardim de Catumbi”; “É o que se vê”; “Tuiuti”, escola com o enredo “Uma excursão à Bahia”; a escola União do Uruguai, estava original e merecendo o pessoal do Arthur muitas palmas pela harmonia que trazia o enredo “Na Bahia”; a escola “Mocidade Louca de S. Cristóvão”, com o enredo “Antiga Bahia”; a escola “Lugar do Amor”, de Bento Ribeiro, com o enredo “Orgia”; a escola “A Vizinha Faladeira”; e depois vinha “De Mim Ninguém Se Lembra”, escola de Bento Ribeiro, com o enredo “Convidados para a forra”, onde Heitor dos Prazeres, vestido de príncipe da música, empunhando um “cavaquinho de ouro”, cantou um dos seus sambas, entre aplausos da massa popular. “Prazer da Serrinha”, outra escola que trouxe o enredo “Uma sorte serrana”, e, finalmente, a Escola Paz e Amor.

A Mangueira venceu o campeonato de samba e a Vitória não foi dada só pelo júri, mas também pelo povo que a aclamou em delírio.

A escola vice-campeã foi a “Azul e Branco”, vindo em seguida “Unidos da Tijuca”, De Mim Ninguém Se Lembra” e “Vai Como Pode”, sendo que os últimos em quarto lugar e ainda “União do Uruguai”, em quinto lugar. (O Globo, 1 de março de 1933. Grifo nosso)

A figura 13 mostra o desfile das escolas de samba no domingo de carnaval na Praça Onze, organizado pelo jornal O Globo. A imagem, apesar da difícil visualização, apresenta uma quantidade considerável de pessoas transitando para verem as escolas de samba. Note-se também a presença de muitos estandartes e a ausência de fantasias luxuosas ou carros alegóricos.



Figura 13: “A Praça Onze viveu ontem um dos seus mais gloriosos dias carnavalescos, com o campeonato dos sambas, de que damos acima dois aspectos”. (Diário de Notícias, 27 de fevereiro de 1933)

Na figura 13, acima apresentada, é possível perceber duas fotografias do carnaval das escolas de samba “organizado pelo jornal O Globo”. Todavia, a imagem é feita pelo jornal Correio da Manhã, quando da cobertura do desfile das escolas de samba organizado pelo CCC. O jornal Diário de Notícias utiliza então uma imagem de outro concurso para apresentar aos seus leitores o carnaval das escolas de samba “organizado pelo O Globo no dia 26 de fevereiro de 1933”.

Abaixo, na figura 14, em detalhe, a segunda foto do jornal acima, Diário de Notícias de 27 de fevereiro de 1933:



Figura 14. Diário de Notícias, 27 de fevereiro de 1933 (detalhe).

A figura 15 apresenta componentes da campeã do concurso entre as escolas de samba organizado pelo O Globo, em 1933, a Estação Primeira, publicada no jornal no Diário Carioca no dia 5 de março de 1933 por ocasião de visita ao jornal após a vitória. Note-se que o pavilhão da escola tem as iniciais B.C. (Bloco Carnavalesco), informando ainda superposição do conceito de bloco com o de escolas de samba.



Figura 15: “Saturnino Gonçalves e Júlio Dias Moreira em companhia das crianças que montaram guarda ao pavilhão da escola de samba Estação Primeira, campeã de 1933, quando visitaram o Diário Carioca”. (Diário Carioca, 5 de março de 1933)

Neste ano de 1933 a Vizinha Faladeira se apresentou de forma inovadora, com fantasias de pierrôs, palhaços, colombinas e dominós, componentes de terno branco e gravata preta borboleta, além de carros de luxo. Otoniel Cruz, integrante da escola, relata o primeiro desfile da Vizinha Faladeira em entrevista a Francisco Duarte:

Na frente vinha o Pede Passagem, que vinha na mão de um garoto, depois vinha um grupo de Palhaços, Velhos, Folclore (lembra daquelas figuras do folclore?), tinha máscaras de reis, tinha índios, tinha caboclos, isso vinha logo depois do Pede Passagem.

Tinha depois a Comissão de Frente. Vinha a Porta-Bandeira na frente, Fantasias de Enredo, no fim vinha a Bateria, com outra dupla de Porta-Bandeira na frente, o samba puxado por violão, um cavaquinho, bandolim, pandeiro, cuícas e tudo mais, surdo, tarô; as baianas vinham em alas, assim em fila, pelos lados de fora, não era como hoje que eles vem num contingente como um pelotão militar. No mesmo estilo das alas dos ranchos ou dos frevos pernambucanos.

Tinha um número de mulheres que nós botávamos na frente do cantor e atrás da segunda Porta-Bandeira para fazer o coro da escola, que sustentavam o canto, mulheres e homens, porque geralmente as pessoas que são só integrantes, ou as que estavam com figuras de destaques, esses ninguém cantavam, queriam era se exhibir; era acenar para os amigos, jogar beijo com as mãos para os homens. Então o pessoal tinha o coro que era o time que cantava. No coro eu não me lembro quem. Tinha muita gente. Tinha gente que nem fazia parte da escola e no dia de carnaval, tem boa voz, entra aqui, só que tudo fantasiados, aprendia nos ensaios e saía, desde que a fantasia fosse azul e branco. Podia fazer um pierrô, ou quimono

azul e branco, que naquela época não tinha tanta exigência desse negócio de fantasia de ala. Vinha de todo lado, do morro do Pinto, do morro da Favela, Praça Onze, General Pereira, João Caetano, Nabuco de Freitas, Marques de Sapucaí de Santo Cristo, que todo mundo caía na Vizinha e adjacentes. Vinha gente até de Mauriti e de Carmo Netto. Lembro da Margarida do Canhoto; era dama de destaque da Vizinha; Risoleta da Favela era outra, mas essa não saía na escola. (Entrevista de Otoniel Cruz. Anexo VII. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Coleção Francisco Duarte. Caixa 54. Envelope 31)

Francisco Duarte faz um relato similar em matéria publicada no *Jornal do Brasil* de 25 de fevereiro de 1979:

Na frente o “Pede passagem”, armado em pasta trabalhada, depois palhaços, velhos de cabeçorra, pierrôs, dominós, colombinas, figuras carnavalescas, em fantasias diversas, em azul e branco. Uma comissão de frente de landolé – carros abertos de luxo, muito usados para casamento, então, uns 10, ou menos, com os embaixadores de terno branco, gravata preta borboleta e cravo preto na lapela (Pardal e Américo Leal faziam parte do grupo). Uma sub comissão em terno completo, cinza, a pé, atrás dos carros. Porta Bandeira e Mestre Sala – que durante os anos foram Roxinha e João da Zita, Dulcinéia e seu Vadinho, Hermínia e Juvenal, Manuela e Walter Gêmeo, logo atrás, um conjunto de baianas muito ricas – D^a Juliana (mais forte figura feminina do grupo, costureira do Teatro Recreio; confeccionava as bandeiras da escola), D^a Idalina (mãe de Hermínia e Manuela), Abigail e Vidinha (filhas de tia Carmem e ainda vivas), Juracy, Margarida do Canhoto (vinda do Deixa Falar), uma porção delas. Em alas laterais e evoluindo em cobrinhas, outras baianas, mais pobres, mas igualmente bem vestidas, em duas alas, uma de cada lado da escola, depois a segunda bandeira e a baliza cor de homens e mulheres, escolhidos pela Dida, diretora de harmonia, garantia o canto dos sambas. Eram sambas escolhidos, um ligado ao tema do enredo com que a Vizinha Faladeira desfilava instrumentos de corda (violões, cavaquinhos e o bandolim de Aramis) dava o tom aos cantores, improvisadores, tiradores de samba!

A riqueza, a pujança e a ornamentação são marcas do primeiro desfile da Vizinha Faladeira. David, ao falar do carnaval da escola no ano de 1933, e de sua não classificação destaca: “Em 1933, nós saímos de comissão de frente de automóvel. Disseram então que o automóvel não sobe morro. Nosso enredo era *Malandro Regenerado*, com um samba lindo, de meu cunhado Enéas. Não conseguimos classificação por causa dos automóveis”. (Entrevista de David da América. Anexo B. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Coleção Francisco Duarte. Caixa 54. Envelope 31. Grifo nosso).

Em seu primeiro ano como escola de samba desfilando na Praça Onze de Junho, no concurso realizado pelo jornal O Globo, a Vizinha Faladeira não obtém classificação por utilizar automóveis em sua apresentação, fato que não era proibido pelo regulamento redigido pelo O Globo, mas levantava a questão sobre o que deveriam ser as escolas de samba, como deveriam se apresentar já no segundo desfile realizado na cidade, com notória repercussão nos jornais do período.

Falando do carnaval das escolas de samba no ano de 1933 e analisando os quesitos presentes no regulamento do concurso organizado pelo O Globo, Ferreira (2004, p. 348) diz que: “As escolas de samba deveriam ser avaliadas, e, portanto legitimadas mais pela força de

suas músicas, seus cantos, evoluções e originalidade do que pela opulência visual que, por algum tempo, seria, prerrogativa dos ranchos”.

Continua o autor:

As escolas de samba, valorizadas por sua musicalidade e por sua “origem” ligada à cultura negra dos morros, favelas e regiões menos favorecidas da cidade do Rio de Janeiro, davam os primeiros passos para se vincularem aos novos símbolos visuais do carnaval, representados pela mulata, pelo malandrinho, a baianinha, o pandeiro, a cuíca. (FERREIRA. 2004, p. 348)

A valorização da produção nacional, do negro, da mulata, da baiana, do malandro, do morro, associados às tensões entre os grupos da sociedade carioca, prepara o carnaval para novas formas, novas identidades culturais.

As escolas de samba não devem ser entendidas como representações particulares das manifestações populares de uma determinada classe, isoladas de relações e tensões sociais com os demais grupos da sociedade. Para Hall (2006) uma “identidade fixa” é um emaranhado de estruturas diversas e conflitantes que se unem para a concepção de algo maior. O carnaval das escolas de samba passa a existir no cronograma de festejos da cidade devido às tensões existentes entre Prefeitura, elite financeira e intelectual e moradores dos morros, cada qual com seus interesses próprios, sem haver uma dominação de um sobre o outro, mas uma constante relação de negociação, tensão ou equilíbrio negociado, como propõem John Storey (2009) baseando-se na teoria da hegemonia de Gramsci na qual a cultura popular é um equilíbrio negociado, uma mistura contraditória tanto de baixo como de cima. Storey (2009, p. 10), acrescenta que os textos e práticas da cultura popular estão em movimento, são dinâmicos, formados de uma contradição produzida por diversas forças sociais e que a festa carnavalesca é o terreno das trocas e negociações entre a cultura do povo e a cultura dominante.

A cultura popular, incluindo a das escolas de samba, não é tradição popular de resistência aos processos modernizadores ou dominantes, nem mesmo uma forma que se sobrepõem a estes. Antes, é o terreno sobre o qual as transformações são operadas (HALL, 2006, p. 232). É preciso entendê-la a partir das relações constantes com as instituições da produção cultural.

Por fim, Storey (2009) argumenta que os textos possuem intenções ao serem construídos e que o sentido que este texto vai ter está na sua leitura, no seu consumo. Para ele, os textos e os leitores sempre se encontram através de uma interação entre ambos, como no caso da produção artística e estética das escolas de samba onde nos dois primeiros desfiles a apresentação de uma determinada forma carnavalesca vai de encontro com o desejo de

consumir, representado pela sociedade carioca e os jornais do período que aos poucos vão significando os processos que acontecem no cenário carnavalesco do Rio de Janeiro gerando novas formas de ver e brincar o carnaval.

4 A VIZINHA FALADEIRA

4.1 Escolas e imprensa

No terceiro ano de carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro (1934) os grupos populares de samba, ainda em busca de sua identidade, procuravam se aproximar da sociedade carioca participando de diversos concursos musicais compreendendo que esta ação elevará sua posição social na sociedade. O interesse manifestado pelos jornais nas escolas de samba é percebido em matérias que exaltam as manifestações populares, com destaque para a música popular e as escolas de samba. Os jornais passam a frequentar os locais de origem das escolas de samba, como se vê no início de 1934 quando o Diário da Noite destaca a preparação dos componentes de uma escola de samba da Piedade para uma batalha de confete:

Hoje, durante a batalha de confete que se realizará na Piedade, a escola de samba desse populoso subúrbio fará uma demonstração pública do seu valor, saindo, em passeata com todos os seus “alunos e alunas”. Ainda ontem estudaram as lições de samba, cantando com harmonia e merecendo todos, do mestre-escola, as melhores notas super ótimas. Nem queiram saber o que vai ser essa demonstração... Quem ouvir há de chorar por mais. (Diário da Noite, 6 de janeiro de 1934)

O jornal O Radical, por sua vez, visita a escola de samba Fiquei Firme no dia 11 de janeiro de 1934 com o intuito de mostrar aos seus leitores que o morro da Favela, outrora visto como lugar negativo passava a ser um recanto onde moram os maiores produtores da canção popular. Lá não existiam mais barracos, mas sim “casas bem construídas”. Para justificar a mudança, o jornal convida o delegado do 8º distrito da cidade para acompanhar a visita (Figura 16):

A Favela de hoje é muito diferente da Favela de outrora, que assombrava pelos seus crimes horripilantes. Cada “barraco” de zinco, daquele morro ocultava antigamente um facínora. A Favela era o refúgio dos que viviam á margem da sociedade. Hoje, os barracões, são outros, já se vê casas bem construídas e os seus moradores são outros. A própria polícia, é respeitada naquele pedaço de morro... Pois vai ate ouvir sambas. O samba, essa música que tem a alma brasileira também desfruta de prestígio assombroso. “O Radical”, querendo dar aos seus leitores provas do que é a Favela de hoje, convidou o delegado do 8º Distrito, Dr. Frota Aguiar, seus auxiliares, e o Dr. Carlos Brandes, do gabinete do Chefe de Polícia, para um passeio até aquela célebre montanha. O convite foi aceito e ontem levado a efeito. Passavam das 22 horas, quando “O Radical” e a caravana Policial chegaram ao largo da Igreja N.S. da Penha da Favela.

Ali, perto daquela igreja, esta instalada a sede da escola de samba, “Fiquei Firme”, onde Severino Ramos é o presidente. Este, solicitado pelo repórter, reuniu o “pessoal” e cantou alguns sambas, que impressionaram bem a caravana da polícia.

O Dr. Carlos Brandes, de regresso à Delegacia do 8º Distrito, declarou que o samba do morro é bem expressivo, e os cantores tem mais alma, do que os seus colegas de rádio.

A caravana que visitou a favela para ouvir o samba estava assim constituída: Drs. Carlos Brandes, Frota Aguiar, Escrevente Thomé, Investigadores, Roberto e Cezar Augusto Guerreiro, o falado “91”.

Ouvindo o samba na Favela!

UMA CARAVANA POLICIAL CHEFIADA PEL O DELEGADO FROTA AGUIAR, ASSISTIU O
 ----- ENSAIO DA ESCOLA “FIQUEI FIRME” -----



Figura 16: “O

delegado Frota Aguiar assistindo uma “batucada” na escola de samba Fiquei Firme, no morro da Favela”. (O Radical, 11 de janeiro de 1934)

Um dia após a visita do O Radical ao morro da Favela, o Diário Carioca publica os dias de ensaio de algumas escolas de samba da cidade:

Escolas de Sambas: Estação Primeira – Quintas, sábados e domingos; União do Estácio de Sá – Quintas e domingos; Vê se Pode – Quartas, sextas e domingos; Azul e Branco – Quintas e domingos; Para o Ano Sai Melhor – Quintas e domingos; Depois das Sete – Quintas e domingos; União do Amor – Quintas e domingos. (Diário Carioca, 12 de janeiro de 1934)

As escolas de samba passam a realizar eventos homenageando os jornais que incentivam suas manifestações. A relação de negociações entre cada escola de samba e os diversos jornais da cidade é constante, como é possível observar pela matéria do Diário Carioca de 21 de janeiro de 1934 que destaca o “reco-reco dançante” da escola de samba Para o Ano Sai Melhor em homenagem a toda imprensa carioca:

As meninas do Para o Ano Sai Melhor, são terríveis, e para não ficarem devendo nada aos rapazes dessa famosa escola de samba, preparam para hoje, domingo, precisamente, às 14 horas, um formidável “reco-reco”, dançante, onde também será servido um succulento angu a baiana.

Querendo prestar uma homenagem a imprensa, tão amiga do “Para o Ano Sai Melhor”, a promissora “falange feminina”, apresentar-se-á com uma flâmula onde se lê os nomes de todos os jornais do Rio, isto é, cada uma de suas componentes representará um jornal, cabendo à senhorita Esmeralda Galvão, a faixa com os dizeres: DIÁRIO CARIOCA.

A falange feminina da escola de samba Para o Ano Sai Melhor é similar à do Grêmio das Faladeiras, da Vizinha Faladeira⁸, onde a participação das mulheres das escolas de samba é fundamental para a manutenção de atividades recreativas ao longo do ano e mesmo no carnaval.

4.2 Uma escola avançada

Escola que exerceu um papel de grande destaque neste processo de consolidação do carnaval popular, a Vizinha Faladeira é o “retrato do samba iniciante e incerto” da década de 1930. Representa a formação do carnaval das escolas de samba, quando a forma de desfile e caracterização foi sendo moldada ao longo dos oito primeiros anos (1932-1940). Definir-se o que eram as escolas de samba através de suas apresentações, obrigatoriedade de ala de baianas, proibição de utilização de instrumentos de sopro, entre tantas medidas ocorridas nesses anos reforça a busca pela construção de uma identidade, de uma tradição e institucionalização de práticas das escolas de samba do Rio de Janeiro.

Nascida neste contexto de formação das escolas de samba a Vizinha Faladeira se apresenta como retrato do período em que ainda não havia uma definição do formato e dos procedimentos de uma escola de samba. Um período onde se percebe, a todo instante, tentativas de organização, de formalização destes grupos que se tornariam representantes do carnaval popular carioca.

A Vizinha Faladeira seria, desta forma, um catalisador, um espaço de transformações, não por se opor as regras elaboradas (já que as regras ainda estavam sendo organizadas), mas por interagir de forma peculiar no processo de formação dos grupos de samba tornando-se objeto de perseguição e, pouco a pouco, tornando-se exemplo do que não deveria ser uma escola de samba.

⁸ Sobre o Grêmio das Faladeiras, ver o capítulo IV, item 4.2.

A escola de samba Vizinha Faladeira foi fundada em 10 de dezembro de 1932 com as cores iniciais azul e branca. Entretanto, devido a dois blocos carnavalescos existentes na região, de cor vermelha, a escola incluiu o vermelho em sua bandeira, passando a ser tricolor: azul, branco e vermelho. O nome “Vizinha Faladeira”, segundo informa Valdir Paim⁹, surgiu a partir da sugestão dada por certo malandro apelidado de “Ratinho” que propõe esse nome em razão de duas senhoras que ficavam na janela de um sobrado, entre a Rua da América e a Rua Rego Barros, “fofocando” à noite toda sobre as atividades das pessoas que estavam nas ruas. Francisco Duarte, por sua vez, informa, em matéria do Jornal do Brasil, que a criação da Vizinha Faladeira se deu através do contato de um malandro, David da América, com representantes da Estação Primeira. David demonstrou o interesse em ter uma escola de samba na Rua da América e, junto com outros malandros do bairro, resolveu se organizar para fundar uma agremiação. Diz a matéria:

Olha Saturnino, e se a gente também tivesse uma escola de samba, aqui na rua?

A pergunta partiu de um malandro, o David da América, para um batuqueiro famoso, Saturnino, filho de Hilário (baiano dos ranchos), numa madrugada de jogo carteadado, em frente ao nº 217, da Rua da América, situada nos limites da Cidade Nova com o antigo bairro da Saúde, ao lado da Central do Brasil.

Tinham vindo de uma festa em Mangueira e tinham ainda nos ouvidos as vozes harmônicas das pastoras cantando os sambas de Cartola e Carlos Cachça. David ainda se lembrava de Neuma, muito jovem, ondulando pelo terreiro da “verde e rosa”, que começava ganhar notoriedade.

Da intenção à decisão foi o tempo de esquecer as cartas na calçada que o dia clareou logo depois, e sair para procurar o Bartô, o Jovino da D. Juliana, Atílio e seu irmão, Aracindo Jardim, mandar chamar em casa o irmão do Saturnino, Hilário Jovino Ferreira.

A palavra de ordem foi transmitida! Vamos organizar uma escola de samba aqui, na Meca (nome pelo qual designavam a rua onde moravam, ou se encontravam). Foi no dia 10 de dezembro de 1932. Desabrochava mais uma flor da semente lançada pelo Bloco Carnavalesco Deixa Falar nos anos anteriores, desfilando organizado na Praça Onze, ali ao lado. Mas em dezembro de 1932 o Deixa Falar já estava dissolvido, depois de haver desfilado como rancho, naquele mesmo ano. (Jornal do Brasil, 25 de fevereiro de 1979)

⁹ Entrevista de Valdir Paim. Anexo A.



Figura 17: David da América e Hermínia no carnaval de 1947. (Jornal do Brasil, 25 de fevereiro de 1979)

A Vizinha Faladeira aos poucos ficou conhecida como Vizinha Rica, por se apresentar com luxo e inovações, como apresentado no desfile de 1935 com lamê e veludo nas fantasias. A forma como a escola arrecadava, ou arranjava dinheiro para promover os desfiles é descrita por Pardal:

Era Vizinha Rica porque nós tínhamos um luxo; onde chegava era todos dizendo “Chegou a Vizinha Rica” era lamê de 42 mil réis o metro, era belbutina.

O pessoal que saía na Vizinha tinha diversos truques para arranjar dinheiro. Um deles era fazer o Mira, que era banqueiro de bicho e integrante da escola, assinar no livro de ouro, depois passar no comércio do local e depois sair pela cidade correndo tudo quanto era banqueiro, dizendo “foi o seu Mira quem mandou”. Assinavam tudo que era uma beleza, João Gomes, Aristides, Rafael Palermo, eu mesmo levava lá, era tudo conversado antes.

Por isso que a gente tinha tanto dinheiro. (Entrevista de Pardal. Anexo E. Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro. Coleção Francisco Duarte. Caixa 54. Envelope 31)

Otoniel Cruz ao narrar a riqueza da Vizinha Faladeira informa que as grandes sociedades também creditavam a ela o título de Vizinha “Rica” devido as suas apresentações: “As sociedades lá, Fenianos, Tenentes, Pierrôs da Caverna, todos chamavam de Vizinha Rica

porque a gente gastava muito em fogos e em roupas. As outras escolas usavam fogos, mas só na frente da comissão para fazer visagem”. (Entrevista de Otoniel Cruz. Anexo G. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Coleção Francisco Duarte. Caixa 54. Envelope 31).

A sede da Vizinha Faladeira na década de 1930 foi a Rua da América, 235. O segundo local onde se alocaram foi no quintal do Esporte Clube Estrada de Ferro, também na Rua da América, mas no número 190.

Sobre o bairro, e suas adjacências, uma moradora do bairro, no período de formação da Vizinha Faladeira, Madalena Raimundo destaca que:

Em 1930, mais ou menos, o “bairro” (Rua da América) tinha três padarias. Uma sapataria no 205, do Ventura Leal. Um armarinho, no 201. Uma padaria, no 202. Um armazém maior no 227, de propriedade da família Caruso, estes ricos e com diversas casas próprias no bairro mesmo e fora. No 184 o armazém do Marques, que foi dirigente da Vizinha. Botequim no 217, o “Lua Cheia”. No 219, o outro botequim do seu Miranda. O América Clube, na Linha Férrea, lá em baixo. Um clube dançante chamado “O Peso da Balança”, em cima de um bar que tinha no 218. A fábrica de mármore. O clube Estrada de Ferro, no 182. Moravam no bairro boa parcela de famílias italianas, pobres, porém remediadas. No 210, no 212, tinha a família dos Salvador, dos Vicente. Eram pessoas de classes abastadas, algumas, ou grande número de classes médias, jornalheiros em grande quantidade, despachante de distribuição. Como os Santos Pacelho, que hoje tem banca para a zona norte. Tinha também muitos brancos e muitos de cor, como a família da Juliana, a família da Dona Dalila, mãe da Hermínia, Manuela e Napoleão. Respeitados. Tinha um colégio, do lado de lá, no 78, já no Santo Cristo. Tinha saída para a Rua de Santana, pela via férrea e três cancelas, nas Ruas Sapucaí, Mauriti, Carmo Neto. Haviam (sic) estivadores que moravam com suas famílias em casas de cômodos. Aqui pelo bairro ainda se faziam serenatas e eu escutei muitas vezes eles cantando pelas esquinas. Não lembro quem fazia. Começaram a falar no nome da Vizinha lá por 1930, eu tinha 16 anos. Vestiam de azul e branco e eram um bloco de sujo. Formavam frente à venda do Marques. Ali era o ponto de concentração. Ou então no bar do Miranda, no 217, no Lua Cheia. (Entrevista de Madalena Raimundo. Anexo C. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Caixa 54. Envelope 31)

Percebe-se a presença de um grande comércio local, com diversos tipos de classe convivendo no bairro, numa mistura de negros, brancos e italianos. A construção da escola, desta forma, conta com a participação de prostitutas, comerciantes, bicheiros, portugueses, entre outros.

Os participantes e financiadores da Vizinha Faladeira, segundo Valdir Paim, eram os estivadores, as prostitutas, que bancavam as roupas dos malandros, as tias baianas, com a venda de comidas e serviços religiosos, além dos malandros do bairro. A escola de samba ficou conhecida como Vizinha Rica devido ao investimento feito pelos estivadores, prostitutas, a passagem do livro de ouro e também pelo de dinheiro arrecadado com venda de bebida e comida nos ensaios e eventos sociais do bairro.

Segundo Francisco Duarte:

Na rua, ou melhor, no polígono que continha a escola – Ruas Rego Barros, da América, Marques de Sapucaí, Nabuco de Freitas e Rua América até Rego Barros – havia grupos

distintos. Batuqueiros ou da “pesada”. David, Jovino da Juliana, Bartô, Canuto da Benedita, Saturnino, Hilário, Tinguá, Mira Banqueiro, Leofontino, Trindade (não era da Vizinha), Atílio e Aracindo, gente que se garantia e garantia a ordem na escola. “Quem encarava sempre era o David, que é pequenino, mas com uma navalha na mão...” – recorda Roxinho. “Havia os italianos – família Mauro, a família Vicente, a família Caruso, dos quais só Bartô era meio desgarrado para o lado da malandragem. Havia os Amatussi, todos jornaleiros e comerciantes. Havia os contraventores, Mira, os jogadores profissionais, os portugueses como o José Marquês que foi tesoureiro da Vizinha muito honesto e respeitador”. (Jornal do Brasil, 25 de fevereiro de 1979)

Os diversos grupos que formaram a Vizinha Faladeira sugerem o interesse cada vez mais amplo pelos grupos de samba que envolviam diversos grupos sociais da cidade. David da América fala dos moradores da rua onde se situava a Vizinha Faladeira, destacando sua participação junto à escola:

Tinha trabalhador da Estiva, tinha operários propriamente ditos. Tinha o Bartolomeu Mauro, que foi o segundo Presidente da Vizinha Faladeira, tinha italiano que era dono de banca de jornal. [...] Pessoas de projeção e destaque no meio eram D. Juliana, D. Idalina, que era a mãe da Hermínia e que morava lá no fim da Rua do lado esquerdo de quem sobe. Tinha Abedé que não se integrava nesse meio. Tinha o titio Jacinto que era funcionário do Arsenal, mas também era homem de jogo, um grande batuqueiro, e que tinha uma certa correção sobre a gente que ele era sujeito de maior idade. No meio do jogo, tava eu, tava outro, ele chegava tudo certo, terminava se ele queria. Ele era um sujeito bem conceituado, e nós respeitávamos. Outro era o Bartolomeu Mauro, que era do Esporte Clube Providência, o Bartô, como a gente dizia. Jovino, não é o Hilário Jovino, que esse era o pai do finado Saturnino, Jovino, esse dos ranchos, morava cá em baixo na Rua América, no número 18. Esse era do da “Filhas da Jardineira”, da Nabuco de Freitas, mas isso era muito antes desta época. Nessa época ele ainda era vivo. (Entrevista de David da América. Anexo B. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Coleção Francisco Duarte. Caixa 54. Envelope 31)

Organizada pelos moradores das ruas do bairro da Saúde, a Vizinha Faladeira ganha forma de escola de samba em 1933. Alguns nomes se destacaram na construção da escola ao longo da década e 1930, como informa Francisco Duarte:

ENEAS DE BRITES – Compositor da escola;
 DAVID – Auxiliar de cobrança e incentivador, malandro e jogador. Era diretor. Foi também da Estiva;
 EZINHO – Irmão de Roxinha, político importante e presidente da Estiva. Na escola era um dos líderes e fundadores. Foi diretor;
 ROXINHA – Irmã do Ezinho. Primeira Porta Bandeira e depois dama de destaque. Foi presidente do Grêmio das faladeiras;
 CABOCLINHO – Quem puxava o samba da escola. Era o cantor;
 NOZINHO DA GRUTA – Irmão de Santana;
 NOZINHO DO LEGUME – Um deles foi para o Império ou Portela;
 HERMÍNIA BERINGUA – Foi a Porta Estandarte em 1939, no ano da branca de Neve;
 TRINDADE – Era vagabundo perigoso, depois foi funcionário da Prefeitura ou do Estado;
 SATURNINO – Filho de Hilário Jovino. Batuqueiro e vagabundo. Morreu com um tiro, na ponte do Sapucaí, de bruços no chão;
 TIA JULIANA – Mãe de Ezinho, Roxinha, Otoniel e outros. Era a principal incentivadora do bloco e costureira do Teatro República. Saía de Baiana, marcando sua presença;
 CABO VERDE – Primeiro marido de Beringua. Fundador da Escola;
 ATÍLIO – Aposentado da Estiva;
 ARACINDO
 ARY
 BARTÔ – Era italiano e dono do Providência. Foi Presidente da Vizinha;

LEOFONTINO – Mulato claro era batuqueiro e fazia ponto no botequim do Cardoso na Sapucaí;
 ANGELO MARIA LONGA - Era bicheiro e hoje anda lá por Vila Isabel;
 ZÉ CRIOULO E TONINHO – Irmãos do Ezinho e da Roxinha. Eram ritmistas;
 JOVINO – É o irmão mais velho de Ezinho;
 ARMANDO PARDAL – Encarregado do ponto da Rua Rego Barros e da Rua de Santo Cristo;
 OTACÍLIO PAPOULA
 OTONIEL CRUZ
 ÁTILO
 BABILONIA – Jogador de futebol. Portuário;
 SANTANA – Era bicha. Irmão de Nozinho da gruta. Não era da Vizinha;
 PASCOAL GORDO
 OSWALDO AMATUZZI (VADINHO)
 SÉRGIO
 EDUARDO FERREIRA DA FONSECA. (Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Coleção Francisco Duarte. Caixa 54. Texto avulso)

Na figura 18, com sua legenda retirada do Jornal do Brasil, veem-se integrantes da Vizinha Faladeira na Rua da América:



Figura 18: “Nos tempos da Rua da América, um grupo de integrantes da Vizinha Faladeira. David é o segundo, à esquerda, em pé; agachados, Zé do Pagode”. (Jornal do Brasil, 25 de fevereiro de 1979)

Além da Vizinha Faladeira algumas mulheres que compunham a escola organizavam, na mesma Rua da América, o Grêmio das Faladeiras. Sua presidente era Roxinha e a vice-presidente era Hermínia (Beringua). O Grêmio das Faladeiras era responsável pela vida social da comunidade da Rua da América. Promovia atividades ao longo do ano como bailes,

piqueniques, excursões e organização de embaixadas para visitar outras escolas de samba. Suas componentes faziam ainda as fantasias da escola, bordavam uma nova bandeira a cada ano e cozinhavam nos bailes realizados na sede da escola. Segundo Roxinha:

O Grêmio das Faladeiras era composto por Roxinha, que era a presidente, Hermínia, que era a vice, Dulcinéia, que era secretária, umas 15 ou 20 moças de proa. Eurides, Josefina, Benedita, Alaíde, mulher do meu irmão Toninho, Dila, que hoje é mãe de santo. Baiana, uma crioula muito bonita, Emília, Didi, Adalgiza, esposa do Ezinho. As irmãs do David, Nair e Madalena saíram depois. [...]

O Grêmio das Faladeiras dava festas, fazíamos piquenique, íamos a Penha, íamos à Portela, íamos à Mangueira (os homens alugavam carros e nós íamos em embaixadas).

Nossas festas eram na sede do Estrada de Ferro, 190 (esse o número correto). Às vezes tinha orquestra nos bailes. Para isso passávamos convites. O bar, os homens compravam e nós tomávamos conta. Os salgadinhos eram com D. Idalina, mãe de Hermínia. (Entrevista de Roxinha. Anexo F. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Coleção Francisco Duarte. Caixa 54. Envelope 31)

No carnaval de 1932 o grupo carnavalesco da Rua da América desfila como bloco e em dezembro do mesmo ano torna-se escola de samba desfilando em 1933, com o enredo “Os Garimpeiros”, junto com as demais escolas na Praça Onze de Junho na disputa organizada pelo jornal O Globo, segundo relata Cabral (1996, p.80) ou com o enredo “Malandro Regenerado”, segundo Duarte (Jornal do Brasil, 25 de fevereiro de 1979).

4.3 Buscando uma identidade (1934)

Em 1934 ocorreu o último desfile das escolas de samba sem a proteção do poder público.

O samba nos morros acontecia nuns quadradinhos de 10x10. Ali era o ponto de alegria da pobreza. Fora daquilo só nas procissões, nas ladainhas e em escondido, nas macumbas. Era ali o ano inteiro, porque não havia dinheiro para diversão. Tinha samba o ano inteiro e no carnaval a harmonia do grupo, a unidade do canto estava afiadíssima. (Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Coleção Francisco Duarte. Caixa 10. Envelope 9)

Pesquisadores de carnaval, como Cabral (1996), Silva e Santos (1979) e Fernandes (2001) destacam o ano de 1934 como de grande movimentação entre os grupos de escolas de samba. A organização destes grupos nos dois anos anteriores, apoiados pela elite intelectual, somada à elevação do samba a representante da música popular nacional gerou um interesse maior em relação ao concurso das escolas de samba. Logo, uma profusão de interesses passa a envolver os grupos de samba que, em busca de uma identidade, ainda procuram o apoio dos jornais, fazendo visitas e nomeando-os como seus “legítimos” representantes.

Em 1934, além dos concursos de marchas e sambas realizados pelos teatros da cidade, fato que já acontecia desde a década de 1920, o desfile das escolas de samba ganha

notoriedade a ponto de ser disputado três vezes. Assim como acontecera em 1933, a Vizinha Faladeira investe em sua apresentação buscando a ajuda dos irmãos Garrido, conhecidos cenógrafos de ranchos¹⁰. A escola desfila com uma comissão de frente a cavalo, carros alegóricos, fogos de bengala (fogos de artifício) além das gambiarras de gás utilizadas para iluminá-la em sua passagem. Segundo David, um dos fundadores e membro da escola:

Nós saímos com a comissão de frente a cavalo, como faziam as sociedades. Foi aquela gozação, mas não teve castigo: fomos campeões, com o enredo Um Samba na Primavera. Foi o primeiro ano em que usamos carros alegóricos e gastamos uma fortuna em fogos de bengala, afora a gambiarra de gás alugada. (Entrevista de David da América. Anexo B. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Coleção Francisco Duarte. Caixa 54. Envelope 31)

Iluminando a Praça Onze ao desfilar, a Vizinha Faladeira utilizava procedimentos inéditos que ainda não haviam sido caracterizadas como destoantes do carnaval das escolas de samba, mas que apresentavam efeitos artísticos e visuais elevados em comparação com outras escolas. Proibida de usar automóveis, após o desfile de 1933, a escola resolve apresentar cavalos em sua comissão de frente para que não fosse dito que cavalos não sobem morro, como acontecera com os automóveis. Motivo de gozações, como destaca David, a comissão de frente a cavalo seria um dos destaques da escola naquela apresentação. Roxinha e Beringua foram às porta-bandeiras deste carnaval. O samba foi composto por Enéas e o puxador foi o caboclinho. Em depoimento sobre o desfile de 1934, Roxinha destaca: “outro ano saímos com comissão de frente de cavalo com os irmãos Garrido sempre fazendo o Carnaval e os riscos. Na frente da bateria tinha uma comissão de garotos”.¹¹ Falando dos carnavais da Vizinha Faladeira, Madalena Raimundo, moradora do bairro, informa que:

Houve outro [ano] em que saíram de cavalos, aliás, dois anos. E tarde tinha bloco de sujo que saía por volta das 11 horas e voltava lá para 16 horas ou mais. Lá pelas 18/ 19 horas começavam a juntar aí já fantasiados e o bloco escola saía lá pelas 10/ 11 horas. Usavam fogos de artifício e de bengala durante os desfiles. Os carros alegóricos eram usados florões, jarrões grandes, acho que tinha luzes. (Entrevista de Madalena Raimundo. Anexo C. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Coleção Francisco Duarte. Caixa 54. Envelope 31)

Otoniel Cruz diz ainda que as mulheres da escola tinham o interesse de aprender coreografias com o objetivo de se apresentarem da melhor maneira no carnaval procurando agradar a comissão julgadora:

¹⁰ Sobre os irmãos Garrido, declara Otoniel Cruz: “Eles eram fiscais do Estado ou da Prefeitura. Naquela época moravam na Santana ou Rua Senador Pompeu. Eles vinham de outros ranchos, no Recreio das Flores, outros ranchos; eles eram carnavalescos muito conhecidos e respeitados. (Entrevista de Otoniel Cruz. Anexo G. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Coleção Francisco Duarte. Caixa 54. Envelope 31).

¹¹ Entrevista de Roxinha. Anexo F. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Coleção Francisco Duarte. Caixa 54. Envelope 31.

Naquele tempo tinha a intenção de aprender, de se ensinar a evoluir, que era para elas poderem executar no carnaval, aquilo que estavam aprendendo nos ensaios que era para não fazer besteira na frente da comissão.

Problemas de teatro, de coreografia, que a gente ensina, anda para cá, vai pra lá mulher, aí a gente ensaiava mesmo. (Entrevista de Otoniel Cruz, Anexo G. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Coleção Francisco Duarte. Caixa 54. Envelope 31)

Francisco Duarte informa que neste carnaval, na Praça Onze de Junho, a escola de samba campeã foi a Vizinha Faladeira (Jornal do Brasil, 25 de fevereiro de 1979). Entretanto, outros dois concursos, realizados antes do carnaval daquele mesmo ano, premiariam outras escolas.

4.3.1 O Concurso de Santana (20 de janeiro)

Segundo Cabral (1996) uma grande festa em homenagem ao prefeito Pedro Ernesto realizada no Campo de Santana, no dia 20 de janeiro, antecipou o carnaval da cidade. A festa deveria se realizar a partir das 13h e prosseguir ao longo do dia. Dentro da programação se destacavam o baile infantil, as atividades esportivas e os desfiles das escolas de samba:

A festa terá início às 13 horas, devendo prolongar-se até a 1 hora, obedecendo ao seguinte programa:

Baile Infantil: Em local especialmente preparado haverá um grande baile infantil, cheio de surpresas para a petizada;

Parte Esportiva: Box, Jiu-jitsu, Luta Livre, Capoeiragem. Em vários pontos do campo serão armados ringues para a disputa de lutas de Box, Jiu-jitsu, luta livre e Capoeiragem.

Nomes da maior evidência nos meios do Box já prometeram o seu concurso e pode-se assegurar desde já o maior sucesso a esta parte da festa.

Concurso das Escolas de Samba: Haverá grande concurso entre as escolas de samba, de modo a se destacar o esforço dos diretores de harmonia de cada uma e igualmente o valor do conjunto das diversas escolas. (O País, 4 de janeiro de 1934)

A população, entretanto, só poderia participar do evento caso pagasse dois mil réis por ingresso (CABRAL, 1996, p. 88). O Diário Carioca de 20 de janeiro de 1934 informa os grupos que participarão: ranchos, blocos, escolas de samba e grandes sociedades. Além disso, seria feita a distribuição da verba arrecadada com a venda dos ingressos, ficando as escolas de samba com a quantia de 7% do valor total. A Vizinha Faladeira não esteve entre as escolas participantes que, segundo o jornal, foram as seguintes:

Prazer da Serrinha, União do Sapé, Azul e Branco, Unidos da Saúde, Estação Primeira, Príncipe da Floresta, Deixa Malhar, Vai Como Pode, Paraíso do Grotão, Depois Te Explico, Ésio de Ramos, Última Hora, Lira do Amor, Fale Quem Quiser, De Mim Ninguém se Lembra e Para o Ano Sai Melhor.

O desfile das escolas de samba aconteceu juntamente com a apresentação das grandes sociedades, ranchos e blocos, além do Cordão do Bola Preta. É de se notar que a apresentação das escolas não se deu num único bloco. Os diferentes grupos se apresentaram misturados, o que não impediu o julgamento das apresentações por comissão julgadora constituída pelos jornalistas Francisco Neto, Floriano Rosa Faria, Jota Efege, Venerando da Graça e Antônio Veloso. O jornal O País informa como ocorreram os desfiles:

Às 9,45 horas começaram a desfilar as sociedades inscritas, iniciando o desfile do Cordão da Bola Preta que, com a sua alienada gente arrancou os mais calorosos aplausos da imensa massa de povo que se comprimia diante do coreto da comissão.

A seguir desfilarão os Tenentes do Diabo, Vai Como Pode, Depois Te Explico, Para o Ano Sai Melhor (escola de samba), o bloco Baianinhas do Sampaio, a Escola de Samba Deixa Malhar, o Bloco Não Posso Me Amofinar, as escolas de samba, De Mim Ninguém Se Lembra, Príncipes da Floresta, O Clube dos Democráticos, com os seus grupos: Independentes, Invencíveis, Guarda Negra e os outros. Às 10,40 horas, desfilava ante o coreto principal o bloco Caçadores de Veado, que arrancou, com o seu cortejo, os melhores aplausos. Depois do Campeão dos blocos, vieram as escolas de samba Azul e Branco, Última Hora, Unidos da Saúde, União do Sapé, o bloco avulso “Só Eu”, a escola de samba Para o Ano Sai Melhor, conjunto esse que conseguiu destacar-se pela sua harmonia.

Continuando o desfile: Vieram depois as outras escolas: Prazer da Serrinha, Lírio do Amor, o Clube Pierrôs da Caverna, logo seguido pelo conjunto da escola de samba Estação Primeira, vindo, depois, o bloco De Língua Não Se Vence, com uma bem interessante comissão de crítica, o rancho União das Flores, trazendo o enredo “História dos Meses”. Apareceram a seguir, os blocos Respeita as Casas e Caçadores da Floresta, o rancho União de Bonsucesso, o bloco Chora-Chora, o rancho Destemidos da Caverna e a escola de samba Paraíso do Grotão. Já quase a terminar a festa apareceu ainda à escola de samba Fale Quem Quiser, do Rio Comprido seguida do Andaraí Clube Carnavalesco. (O País, 21 de janeiro de 1934)

Na classificação das escolas de samba a Estação Primeira recebeu o primeiro lugar. A comissão julgadora destacou que a escola executou um samba de grande efeito e ritmo vocal. O segundo lugar ficou com a Vai Como Pode que, segundo os jurados, se apresentou com a forma característica de escola de samba (O País, 23 de janeiro de 1934). O destaque dos jurados dado a Vai Como Pode merece atenção especial, pois ao dizer que ela se apresentou com a forma de uma escola de samba, define-se o que esperar destes grupos e ressalta-se a expectativa da intelectualidade com relação à forma de apresentação destes grupos que, mesmo recém constituídos, já dialogavam com os gostos e interesses da elite cultural.

Na figura 19 podem-se ver os representantes das escolas de samba campeãs do desfile realizado no Campo de Santana no dia 20 de janeiro recebendo a premiação.

Foi feita hontem a entrega dos premios dos festejos carnavalescos do campo de Sant'Anna



Figura 19: “Aspecto da entrega dos prêmios, vendo-se o cronista K.Noa, quando fazia a entrega de um artístico bronze ao representante da escola de samba Estação Primeira, Saturnino Gonçalves”. (O País, 26 de janeiro de 1934)

4.3.2 O Concurso do Estádio Brasil (4 de fevereiro)

Em 25 de janeiro, O Globo informava que haveria um concurso das escolas de samba do morro a ser realizado no Estádio Brasil¹². Lá, 25 escolas de samba desfilariam concorrendo a prêmios, sendo julgadas, não por uma comissão, mas por plebiscito popular. Segundo a matéria,

O samba dos morros, fará uma parada a 4 de fevereiro, sensacional, frente a oficina dos arranha céus.

Nossa alta sociedade, terá ocasião de ver, sem os artifícios da “misse em sene”, realmente o que temos em nossos morros.

Espectáculos inéditos, 25 escolas de samba, desfilarão e prêmios valorosos serão postos em jogo, em plebiscito popular, ofertas de Propalam, nova empresa de publicidade.

1º lugar – Copa Propalam.

2º lugar – Bronze Empresa Pugilística Brasileira.

3º lugar – Taça “União das Escolas de Samba”.

Estes são os principais prêmios, além de outros que serão ofertados. (O Globo, 25 de janeiro de 1934)

Silva e Santos (1979, p. 64) informam que a Estação Primeira, campeã da disputa no Campo de Santana se recusou a desfilar alegando a falta de um júri capaz de entender de

¹² Não há informações sobre a localização do Estádio Brasil.

literatura, poesia e música. O Diário Carioca destacou a ausência da escola e informou o motivo, através do então presidente da escola de samba Saturnino Gonçalves que declarava:

A Estação Primeira só participará dos concursos em que, os mesmos, tenham uma comissão julgadora, seja esta, composta de juízes nacionais ou estrangeiros, contanto que os mesmos entendam de literatura, poesia e musica.

Só nestas condições, o bloco que eu presido, porá em jogo, o seu título de campeão.

Fica assim explicado porque a Estação Primeira não participará do concurso patrocinado pela A Hora. (Diário Carioca, 2 de fevereiro de 1934)

O jornal O País de 4 de fevereiro exaltava o samba dos morros, e citava as peculiaridades do concurso considerado mais puro, verdadeiro e realista, destacando a espontaneidade esperada das apresentações das escolas e deixando entreverem-se a tensão e o jogo de interesses envolvidos na formação das escolas de samba e na própria legitimação dos concursos que travavam uma espécie de disputa entre si. Note-se, também, a participação da Vizinha Faladeira:

Finalmente hoje, no Estádio Brasil, a população da cidade maravilhosa, assistirá este espetáculo deslumbrante e inédito, que os nossos colegas de “A Hora” promovem.

Será uma grande noite carnavalesca, em que nos será dado oportunidade de ouvir o samba espontâneo que vive nos morros, sem mistificação, sem hipocrisias, sem falso sentimento.

O samba dos morros, descerá para exhibir-se no Estádio Brasil, pelas vozes harmoniosas de suas pastoras, bonitas e alegres, sob a cadencia das cuícas e dos tamborins.

1.500 vozes cantarão os sambas que a cidade aprende, mas não sabe de onde vem, num espetáculo de realismo absoluto, será feita a consagração definitiva do samba.

Qual a escola campeã de 1934?

Unidos da Tijuca, Aprendizes da Praça da Harmonia, Deixa Malhar, Unidos de Santa Teresa, União do Amor, União Barão de S. Felix, Paraíso do Grotão, Em Cima da Hora, Unidos da Saúde, Fale Quem Quiser, Vizinha Faladeira, Fiquei Firme, Príncipe da Floresta, Azul e Branco, Recreio de Ramos, União de Madureira, Educados de Ramos, União do Estácio de Sá, Amizade do Realengo, Filhos de Ninguém, Prazer da Serrinha, Depois Te Explico, Vai Como Pode, Para O Ano Sai Melhor, De Mim Ninguém Se Lembra, 1ª Linha de Bento Ribeiro, Morro do Pinto, Lira Do Amor, Depois Eu Digo, concorrerão ao premio máximo deste certame inédito.

Às 24 horas, precisamente, será levada a efeito, a consagração da Rainha das Escolas de Samba, senhorita Vilma Campos, da escola Recreio de Ramos, recém-eleita em plebiscito popular, que será saudada pelo Dr. Zolachio Diniz.

A originalidade do julgamento consiste em não haver júri, evitando deste modo, descontentamentos posteriores, que contribuem, apenas, para animosidade das escolas.

Assim, o publico que comparecer ao Estádio Brasil, terá livre opinião e pela exibição que fizerem as escolas, certamente a que melhor agradar, será a vencedora.

A classificação do concurso segundo Cabral (1996, p. 380) foi a seguinte: 1º lugar: Recreio de Ramos; 2º lugar: Unidos da Tijuca; 3º lugar: Unidos da Saúde; 4º lugar: Vizinha Faladeira; 5º lugar: Para o Ano Sai Melhor. Cabral destaca ainda que ocorreu no Estádio

Brasil uma briga entre componentes das escolas de samba Azul e Branco e Vizinha Faladeira.¹³

4.3.3 O concurso da Praça Onze (11 de fevereiro)

Noticiando as atividades do bloco do morro da Casa Branca (Unidos da Tijuca), o jornal O Globo de 3 de fevereiro de 1934 informa que seus integrantes estão se preparando para o desfile da Praça Onze de Junho no concurso das escolas de samba. Tem-se a intenção de mostrar a disputa com algo tradicional:

À proporção que se aproximam os dias consagrados a Momo, a rapaziada componente do querido bloco do morro da Casa Branca vive em franca atividade, preparando a “turma”, para que continuem os sucessos que vêm conseguindo nas suas apresentações em público. Eurico, Joãozinho, Rubem e Henrique, os mestres da música ritmada dos morros e dedicados elementos dos Unidos da Tijuca, onde já tem firmado o seu prestígio, continuam animados e, este ano, no concurso das “escolas de samba”, que se realizará, como de costume, na Praça 11, contam com uma colocação de destaque, e, para isto, muito estão trabalhando para elevar bem alto, o pavilhão ouro e azul celeste.

O Diário Carioca, em texto sobre a escola de samba União do Uruguai, informa as ruas por onde a escola de samba passará até chegar à Praça Onze de Junho deixando claro o procedimento da escola, que não se apresentava exclusivamente para os jurados, mas terminava seu desfile pelo Centro na Praça Onze, local do julgamento¹⁴:

Ignácio dos Santos, o popular “Ignacinho”, presidente deste bloco, esteve ontem, em nossa redação, em companhia do Sr. Waldemar de Moraes, a fim de nos convidar para assistir o ensaio geral do União do Uruguai, que realizou-se ontem mesmo em sua sede social provisória, à rua França Junior nº 180 (Morro do Cruz).

O bloco União do Uruguai, apresentará este ano, aos foliões da Praça Onze, o enredo: “Lavagem do Senhor de Bomfim, na Bahia”, executado pelos Srs. Ignácio dos Santos e Pedro Canuto.

Ruas: França Junior, Maria Amália, Uruguai, Conde de Bomfim, “Bonde “Muda” para a cidade”; Praça Tiradentes (lado do Diário Carioca); Rua da Carioca, Largo da Carioca, Rua 13 de Maio, Avenida Rio Branco; Praça Mauá, Rua do Acre, Rua Marechal Floriano, Praça da República, Rua Senador Euzébio e Praça Onze. (Diário Carioca, 9 de fevereiro de 1934)

O resultado do desfile das escolas de samba na Praça Onze de Junho, terceiro evento carnavalesco das escolas de samba “oficial”, segundo Francisco Duarte (Jornal do Brasil, 25 de fevereiro de 1979) consagra a escola de samba Vizinha Faladeira como campeã. Este concurso contava ainda com a participação de escolas de samba como Vai Como Pode e

¹³ Cabral (1996, p.89) informa ainda que o desfile do Estádio Brasil ocorreu no domingo de carnaval, 4 de fevereiro de 1934, contudo no carnaval de 1934, o domingo dedicado à folia, foi dia 11 de fevereiro provavelmente confundindo as datas da disputa no Estádio Brasil com aquela na Praça Onze.

¹⁴ Esta prática pode não ter sido a mesma no concurso do Estádio Brasil, realizada num estádio e não num espaço público.

Estação Primeira. O resultado do concurso, com a vitória da Vizinha Faladeira, não foi encontrado nos documentos pesquisados relativos ao período. Apenas Francisco Duarte informa deste campeonato e da vitória da Vizinha Faladeira em matéria publicada no Jornal do Brasil.

Em matéria publicada dois dias após o desfile, o jornal O País, exalta os moradores dos morros, com sua musicalidade e originalidade. Destaca a Praça Onze e sua “infinidade de escolas de samba” e apresenta as escolas que desfilaram no domingo de carnaval da seguinte forma:

A Praça Onze, considerada pela gente do morro como a arena onde os sambistas tecem forças, está vivendo, também, os seus mais memoráveis dias.

É que o samba, trazido pelos seus mais lídimos representantes, descem dos morros e foi acompanhar naquelas passagens, exibindo-se, tal como é, sem falsetas, e os retoques do samba da cidade, brotando espontâneo e natural da garganta da gente que o tem por religião.

É lá, naquela arena, na nossa ronda de domingo, vimos, cruzando forças, uma infinidade de escolas de samba, cada qual melhor organizada e sobressaindo-se todos pela naturalidade dos seus sambas.

Vizinha Faladeira, Para O Ano Sai Melhor, De Mim Ninguém Se Lembra, Linha Primeira de Bento Ribeiro, Corações Unidos, Unidos do Riachuelo, Unidos da Saúde, Deixa Malhar, Unidos da Tijuca, Azul e Branco, Portela, Estação Primeira, Aprendizes de Quintino e outras muitas escolas de samba pisaram o campo da batalha “desacatando” a gente cá de baixo, com seus sambas que mereceram os melhores aplausos da imensa massa de povo apinhada naquela praça. (O País, 13 de fevereiro de 1934)

A Vizinha Faladeira sagrara-se campeã do carnaval das escolas de samba logo no seu segundo ano de desfile, retirando a hegemonia da Estação Primeira, tão aclamada na bibliografia sobre o carnaval carioca.

Os três concursos ocorridos na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1934 foram: 1º: o do dia 20 de janeiro em homenagem ao prefeito Pedro Ernesto e em comemoração ao dia de São Sebastião, padroeiro da cidade, tendo como campeã a escola de samba Estação Primeira. 2º, realizado pelo jornal A Hora, no Estádio Brasil no dia 4 de fevereiro de 1934, não possuindo comissão julgadora, classificou as escolas de samba através de um plebiscito com os presentes no estádio. A escola de samba campeã foi a Recreio de Ramos. E o 3º desfile, ocorrido na Praça Onze de Junho no domingo de carnaval, dia 11 de fevereiro de 1934, sagrou como campeã a escola de samba Vizinha Faladeira.

A tabela 1 procura dar uma visão geral da participação das escolas nos três concursos realizados em 1934.

ESCOLAS	CAMPO DE SANTANA 20 de janeiro	ESTÁDIO BRASIL 4 de fevereiro	PRAÇA ONZE 11 de fevereiro
Vai Como Pode (Portela)	X	X	X
Depois Te Explico	X	X	
Para o Ano Sai Melhor	X	X	X
Deixa Malhar	X	X	X
De Mim Ninguém Se Lembra	X	X	X
Príncipes da Floresta	X	X	
Azul e Branco	X	X	X
Última Hora	X		
Unidos da Saúde	X	X	X
União do Sapé	X		
Prazer da Serrinha	X	X	
Lira do Amor	X	X	
Estação Primeira	X		X
Ésio de Ramos	X		
Paraíso do Grotão	X	X	
Vizinha Faladeira		X	X
Linha Primeira de Bento Ribeiro		X	X
Corações Unidos			X
Unidos do Riachuelo			X
Aprendiz de Quintino			X
Fale Quem Quiser	X	X	
Unidos da Tijuca		X	X
Aprendizes da Praça da Harmonia		X	
Unidos de Santa Teresa		X	
União Barão de S. Félix		X	
Fiquei Firme		X	
Recreio de Ramos		X	
União de Madureira		X	
União do Amor		X	
Em cima da Hora		X	
Educados de Ramos		X	
União do Estácio de Sá		X	
Amizade do Realengo		X	
Filhos de Ninguém		X	
Morro do Pinto		X	
Depois Eu Digo		X	

Tabela 1: Participação das escolas nos concursos realizados no carnaval de 1934.

A falta de algumas informações sobre o desfile das escolas de samba na Praça Onze – como, por exemplo, o jornal responsável pela sua organização ou a comissão de julgadores – não impede a dedução, com as fontes atuais, de que houve um desfile no domingo de carnaval na Praça Onze. Nossa pesquisa, entretanto, não pretende preencher esta lacuna. Esperamos apenas contribuir para um melhor entendimento dos processos pelos quais as escolas de samba da cidade do Rio de Janeiro da década de 1930 passavam, entendendo este processo através da Vizinha Faladeira.

Todos os acontecimentos referidos nos primeiros meses de 1934, além das constantes redes de relacionamento entre as escolas de samba e as elites, intelectual, financeira e a Prefeitura evidenciaram uma compreensão não muito clara do que deveria ser o carnaval das escolas de samba. Necessitando de uma identidade, de uma instituição que representassem os

seus interesses nos processos de negociação com os diversos grupos da sociedade, 28 escolas de samba se reúnem depois do carnaval e, em 6 de setembro, criam a União das Escolas de Samba (UES) cujos estatutos estabeleceriam

em seu primeiro artigo, que a entidade tinha por finalidade “organizar programas de festejos carnavalescos e exibições públicas, entender-se diretamente com as autoridades federais e municipais para obtenção de favores e outros interesses que revertam em benefício de suas filiadas”. (CABRAL, 1996, p. 97)

A União das Escolas de Samba nascia com o intuito de formalizar as escolas de samba dentro do carnaval da cidade e institucionalizar suas práticas e “tradições” (tão clamadas pelas elites), valorizando-se o puro, o ingênuo, o negro, o samba e a dança, procurando definir cada vez mais o que realmente deveriam ser as escolas de samba da cidade do Rio de Janeiro e como deveriam se apresentar.

4.4 Institucionalizando as práticas (1935)

Os morros pousaram sobre a cidade e naqueles que eram mais baixos a gente se encarapitou. Fizeram casas de latas, armaram barracões e lá passaram a viver a vida de miséria, vida de crime, [...].

O malandro do morro, mulato pachola, cabra escovão, negro forçado, toca viola, risca navalha, mexe no samba, apaixonado mulher, é escória, pátula, vagabundo, criminoso. Lá há macumba, negras possessas, soturnos pais de santo, despacho, mandingas, feitiçaria. Ogum, Orixá, Exu! Gente danada, das brigas e conflitos, e a polícia não sobe, e a polícia não pode, e os soldados também são do morro e o morro é um fetiche.

Literatura dos morros, que fascinou tanta gente e levou estrangeiros para ver a Favela. Exploração sentimental e pedante, que se transpõe artificialmente para o teatro e o salão-degradação do morro. O morro é melancolia, exaltação, frenesi. Mas os que representam tudo isso não sabem de nada disso. E guardam a poesia virginal da inconsciência.

No terreiro ferve o samba. As negras roliças gingam e requebram nos braços possantes de cabras de carapinha, pretos retintos. O ritmo conduz os pares frenéticos e sensuais, sob o olhar pesado dos portugueses, que espiam em derredor.

O cheiro, violenta desejos, e a magia atordoada. A volúpia não raro tem vontade de sangue e as facadas e tiros sacrificam vítimas ao ciúme, à audácia, à traição.

E o morro vive, indiferente à cidade, cujas luzes lhe parecem tão distantes quanto as próprias estrelas do céu. (Diário de Notícias, 3 de fevereiro de 1935)

Analisando a citação acima podemos destacar o desejo, por parte da elite intelectual, de criar um sentido que organize a concepção das escolas de samba enquanto cultural popular, na medida em que se apresentam as origens, as influências e as mudanças que transitam naquela realidade cultural. O samba do morro vive e é exaltado constantemente nos jornais do Rio de Janeiro desde finais da década de 1920. Com o surgimento dos concursos entre escolas de samba, a partir de 1932, a busca, e a conseqüente valorização pelas representações

culturais populares aumentam. As escolas de samba por sua vez, buscando criar uma identidade que as identifique dentro do conjunto ainda não totalmente definido, que mistura sociedades, ranchos, blocos e cordões, busca meios de se legitimarem, apresentando-se como expressões culturais diferentes das que existiam na cidade.

A rápida valorização das escolas de samba (expressada na realização de três desfiles distintos em 1934) revela o interesse de diversos grupos que compõem a festa em caracterizar este objeto (as escolas de samba) como representante do carnaval carioca. Para tanto, negociam-se os padrões de conduta, as formas de apresentação, as vestimenta, os instrumentos utilizados, os enredos, importantes itens que circundam as manifestações culturais e salientam suas especificidades.

A invenção das tradições das escolas de samba a partir da institucionalização negociada de suas práticas não pode ser entendida como um fato natural, mas como a construção e um discurso comum ao interesse dos diferentes atores, textos e práticas envolvidos. Salientamos que este processo não é feito de forma verticalizada, de cima para baixo. Antes, a construção da tradição envolve um processo de escolhas obtido pelo diálogo muitas vezes tenso entre os grupos interessados em resolver alguns problemas que surgem no campo das ideias e da cultura.

Certeau (1995) afirma que o tradicional se constrói ao longo de uma interessante rede de relações, interesses e concepções, onde, alguns grupos sociais se preocupam em delimitar que tipo de “capital simbólico” deve velar pelos valores culturais representativos das camadas populares. Hobsbawn (1997) apresenta dois tipos de experiência sobre a construção da tradição. A primeira, o costume, fundamentada na compreensão de um passado naturalmente compartilhado onde suas origens se referem a um tempo impreciso, imemorial. A segunda, que o autor chama de tradição inventada, traz um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas, ou abertamente aceitas, que objetiva inculcar valores e normas de comportamento por meio da repetição. Seu objetivo maior é se constituir como referência por meio de um repertório particular com o passado.

A visão apresentada por Hobsbawm destaca que a tradição inventada não é construída através de uma imposição de um grupo sobre o outro. É preciso atentar, entretanto, que a distinção social não se anula a favor de uma interação de diálogo, mas mantém tensionada constantemente entre os grupos com o objetivo de legitimar as formas culturais desejadas.

No ano de 1935, com a criação da União das Escolas de Samba (UES), a institucionalização de práticas incentivadas pelos discursos nacionalistas dos jornais e tornadas comuns entre os integrantes das escolas de samba, fará nascer uma tradição. O

carnaval das escolas de samba, organizado pelo jornal A Nação, conta, por exemplo, com a criação de um regulamento definidor das formas com as quais as escolas devem se apresentar.

Esta negociação presente na construção do carnaval popular se evidencia quando o prefeito da cidade, Pedro Ernesto, assina decreto dispondo sobre o auxílio da Municipalidade às escolas de samba que se apresentarem no carnaval da Praça Onze. O auxílio seria entregue à UES que repassaria às escolas afiliadas (O Jornal de 3 de fevereiro de 1935). A subvenção oficial demonstra o interesse da Prefeitura nas escolas de samba e incentiva a reprodução das práticas populares, inventando e fortalecendo tradições.

Participando deste processo de consolidação das práticas culturais populares, a Estação Primeira cria o jornal A Voz do Morro com o intuito de apresentar assuntos de interesses das escolas de samba, como se pode ver no trecho a seguir:

Aparecerá hoje á luz da publicidade “A Voz do Morro”, órgão oficial da Escola de Samba “Estação Primeira”, um dos conjuntos que ornamentam e orgulham o carnaval da nossa cidade.

“A Voz do Morro” que apresenta feitura leve, tem fina e cuidadosa matéria de colaboração e trata com conhecimento invulgar de vários assuntos que interessam as escolas de samba, esses conjuntos que alegam a nossa metrópole. (Diário Carioca, 3 de março de 1935)

Objetivando ganhar destaque no carnaval da cidade, as escolas de samba através da UES resolvem criar a figura do Cidadão Momo como forma de rejeição ao Rei Momo ligado, segundo os sambistas, ao ideal monárquico. O jornal O Radical destaca esta que seria a primeira ação efetiva da UES:

A “Cuíca” vai roncar! O movimento “subversivo” ampliou-se rapidamente em todos os morros cariocas, da legendaria “Favela” ao afamado “Salgueiro” tradições buliçosas da alma do menestrel da cidade, aquele que dá o “assunto” para as deliciosas canções do Rádio, aquele que canta a sua amada, com a melodia inimitável dos pássaros brasileiros. [...] O caso fugiu a competência das autoridades, tão pressurosas agora em descobrir conspirações.

Tratava-se de um caso sério, um caso carnavalesco. O “morro” não estava contente com a monarquia absoluta de Momo I, o único, e zigzagueava “conspirativamente”, em todos os seus cumes, colina a colina, num brado republicano, bem republicano a nossa maneira, a maneira de “não pode”.

“Não Pode – Gritou o “morro” – *Nada de reis, nem rainhas*, o que tem que ser é *um cidadão dos nossos, do nosso samba*”. E estava declarada a “subversão”. (O Radical, 25 de fevereiro de 1935. Grifo nosso)

A criação de uma “resposta” ao Rei Momo, por parte das escolas de samba, contou ainda com a ajuda de cronistas carnavalescos através da criação de uma parada de melodias como informa o Diário Carioca:

A parada magnífica e deslumbrante de ineditismo que será oferecida à população da “urbe” na próxima quinta-feira, terá destarte o concurso da maioria das escolas de samba, que, com seus tamborins e cuícas ensurdecedoras formarão um curso orfeônico de 20.000 vozes.

Esse acontecimento de brasilidade e de ineditismo, terá por certo, uma verdadeira consagração para a população carioca.

Essa iniciativa que cabe, a Canali, Maitaca, Enfiado e K. Rapeta e muitos outros, e gente do morro, sentem-se satisfeitos, em ver que é a eles que compete fazer o momo carioca.

Esse, Rei Momo, virá do morro, mulato, camisa de malandro e chapéu de palha. (Diário Carioca, 26 de fevereiro de 1935)

Um dia depois, o mesmo jornal informa o motivo das manifestações contra o Rei Momo destacando a chegada do Cidadão Momo, num trem vindo do subúrbio e usando uma linguagem que opõe o imaginário “imperial”, ligado ao carnaval “importado” ao “republicano”, ligado ao carnaval “popular” capitaneado, a partir de então, pelas escolas de samba:

A cidade viveu horas de grande inquietação nos três últimos dias, com o boato de uma conspiração que estaria sendo preparada com o fim de demandar sobre a cidade bonita a revolta do morro, injuriado pelo domínio de um Rei das estranhas, importado por um monopólio de fazendeiros de programa oficial de carnaval. Os mais desencontrados comentários andaram de boca em boca, chegando, até alguns jornais a suporem se tratasse, de fato, de uma revolução a vera.

Hoje, felizmente, a calma volta a ser reestabelecida. Nem revolta armada, nem derrame de navalhadas sobre os foliões da planície...

O morro dos “bambas” e das navalhadas foi romance tecido pela imaginação policialesca do Orestes Barbosa, João do Rio, José do Patrocínio Filho e outros cronistas fecundos da cidade de ouro e esmeralda. Hoje o morro está civilizado e o samba tem escolas...

Escolas, só, não! Academias também!

Mangueira, Salgueiro, Matriz, São Carlos, Lapão e outros redutos do samba estão sendo tratados a vela de libra!

Posta em suas devidas proporções, a “insurreição” das rodas do samba, passemos a descrever os acontecimentos tais como eles, de fato, se desenrolaram.

A gente do morro estava descontente com um ponto do programa oficial dos festejos carnavalescos. Só se lembravam das escolas de samba para formar em plano secundário, no séquito desse Momo barrigudo, importado das regiões mitológicas para governar um povo livre, nos domínios da fuzarca... E deu-se a “melodia”...

Uma comissão de moradores do morro, desceu, foi ate o Cordão dos Laranjas e proclamou o escritor teatral João de Canali, chefe do “Movimento Reivindicador”. O presidente do simpático agrupamento de foliões deitou falação, pela imprensa; o morro gostou e... Aderiu em peso.

Conchavos, (em todas as “revoluções” há de haver conchavos) Pixinguinha e Caninha são comissionados no posto de “marechais” da batucada, Maitaca, K. Rapeta, Carlitos, Juca Fialho, Gerson Bandeira, K. Idinho, Chantecler, Aladim, Vagalume, João do Sul, K. Fifa, Antenor, Magalhães e outros panfletários da crônica carnavalesca aderem ao “movimento” e ei-lo vitorioso, de arrancada em arrancada, até a apoteose inédita de patriotismo de que resultará a chegada, quinta-feira, em um trem do subúrbio à Central, do Mulata Pachola, vindos culminareis do morro para a parada luminosa das melodias que terá lugar, como já foi amplamente anunciado, as 21 horas, na praça da República, no pedestal do monumento de Benjamin Constant. Dará as boas vindas da cidade, em nome da gente do samba, o cronista K. Peta, escritor teatral e arguto repórter de polícia, da caravana de “Avante!”. Feita a recepção, a massa concentrada de frente ao quartel general dará vivas aos granadeiros da folia e descerá o seguinte itinerário: Rua Marechal Floriano, Avenida Passos, Praça Tiradentes, Rua da Carioca, 13 de Maio, Cinelândia e volta pela Avenida até o laranjal onde Sua Excelência subirá, em companhia dos *embaixadores* da crônica carnavalesca acreditados junto ao seu *governo* e assinará dois únicos decretos, um “depondo” o *Rei de Fanfarias* e outro se investindo, em nome do *povo do samba*, da chefia do *governo* desta *República Carnavalesca*. (Diário Carioca, 27 de fevereiro de 1935. Grifo nosso)

Com o apoio da elite intelectual, a cidade consagra, no dia 1 de março, o seu primeiro Cidadão Momo, que não era exatamente um malandro dos morros, mas o cantor Silvio Caldas, conhecido como o “caboclinho querido”. (Figuras 20 a 22) Informa O Radical:

O sensacional acontecimento revolucionário que veio agitar, ontem, à noite, a cidade já francamente presa do alucinante transe carnavalesco, sendo embora uma coisa muito “séria”, nem por isso deixa de prestar-se a comentários alegres.

Foi o primeiro golpe de estado do mundo anunciado com grande antecedência, com a completa declaração de local, dia, hora, e tudo isso, ainda por cima, com o consentimento risonho das autoridades policiais. E tudo se encaminhava de tal forma, que a “revolução” resultou numa imensa passeata luminosa e musical e numa posse triunfal e solene, sem nenhum derramamento de sangue a não ser o de algumas centenas de gatos gloriosamente sacrificados para darem couro às cuícas.

Parece impossível, e dizendo-se quase não se acredita, mas a verdade é que durante um século o chamado “Reino da Folia” carioca prosperou ruidosamente sem reis, príncipes, cortes e herdeiros.

A festa, assim sem dono coroado, era uma expressão franca de alegria, de chiste, de expansões vocais e músicos, desde o assobio à cantiga e do remelexo do samba ao “rabo de arraia”, logo que o calendário quebrava, no sábado sensacional, a represa da pandega.

Pois é... A festa não tinha dono... Pelo menos não havia chegadas espalhafatosas de “Reis Momos” pançudos e guizalhados.

Mas, como em assuntos carnavalescos, a lógica esta no absurdo, examinando-se bem o caso, poder-se-ia chegar a uma conclusão: aquela festa sem dono tinha um dono, o morro, o manancial nativo e inesgotável da letra e do ritmo dessa pantomina gigantesca que a cidade representa, uma vez por ano, ao sol e ao luar, luar de estilo, no meio da rua.

Do morro era que descia e desce, primeiro para a Praça Onze e, depois, pela Avenida a fora, o fio das cantigas, que, na sua magia ia prendendo a cidade toda em uma frente única de alegria e fuzarca.

O morro já era o dono. Mas ia deixando o pessoal se divertir sem o tributo das reverências.

Sucedeu que, um dia, há três anos, um aventureiro – dizem que o homenzarrão é um simples aventureiro de sorte – justificando a frase do também nutrido D. João VI, arranjou uma coroa de latão – o brilho dourado do latão dura bem uma semana e dá para enganar no meio da folia – e surgiu, de improviso, às portas da cidade das maravilhas.

A guisaria, o colorido das vestes bufas e o tamanho embasbacaram a turma descuidada da Avenida, e, enquanto isso, o ventruado usurpador se instalava, picarescamente, no Palácio das Festas.

A coisa, pelo seu imprevisto, “pegou” um pouco, e o intitulado “Rei Momo”, apesar de não saber sambar, conquistou alguma popularidade, principalmente entre a criançada, de certo por causa dos guizos.

Mas, onde a coisa não “pegou” foi no morro. A turma tradicional das batucadas e dos barracões das “sete colinas”, do pandeiro e da cuíca, do chinelo e do samba, essa se sentiu com a intrusão do ditoso mortal entronizado com um temível nariz de papelão, mas sem leis, sem constituição e sem direitos históricos.

Daí a conspirata que ontem explodiu na revolução.

O pessoal do morro armou-se seiscentas cuícas, duzentos tamborins, mil pandeiros e o repertório geral das cantigas do ano. Elegeu, depois, democraticamente, o Moleque Pachola para o supremo e festivo posto de Cidadão Momo. E desceu essa massa. Despretensiosamente, o Cidadão Momo tomou, em Quintino, um trem de segunda classe e, acompanhado de numerosa tropa convenientemente armada, desceu às 21 horas, na Praça da República, entre ditosas manifestações populares.

Em rigor, a intenção revolucionária gorou, porque o inimigo não apareceu.

Enquanto o Cidadão Momo, tomava conta da cidade, o intitulado “Rei Momo”, prevendo a derrota, derretia apressadamente os bambas, no rumo de Copacabana segundo alguns, dirigia-se o pretense monarca para um banho a fantasia; mas, segundo outros, procurava ele, ali a proximidade do mato.

A legendária Praça Onze apinhada de sambeiros, de gigolôs da Favela, e de todo o pessoal da Escola de Samba, reclamava o “Cidadão Momo” a altos berros, rouquinhos e bullentos.

De quando em vez, uma “tesoura” figurava ziguezagueando, frente à multidão que se concentrava em baixo da “gafieira” do Waldemar.

Ao longe, já em movimento, se divisava o préstito.

A “cuíca” roncava, lembrando as toadas dolentes dos morros que traduzem a nostalgia escrava de uma raça.

“Cidadão Momo” chegou a Praça Onze.

Feita a “proclamação” rumou o cortejo com destino à Avenida Rio Branco.
Era a posse simbólica dos bairros da cidade.
Era a invasão bárbara nativa aos domínios da civilização.
Um belo aspecto logramos assistir na elegante Rio Branco, à chegada do “Cidadão Momo”.
Moças louras, morenas dengosas, frenéticas, se estarreciam perante a invasão das colinas, ante a batucada diabólica do “candomblé”, das favelas que ululava e se contorcia no asfalto limpo da nossa principal artéria.
Num canto, sem bem compreender o tumulto, alguns ingleses autênticos, importados pelo Turismo Oficial trocavam línguas, espantadiços.
Julgamos até observar o príncipe indiano, há pouco chegado á nossa pandegolândia vestido de baiana.
Era, enfim, o apogeu.
Em cima, na sede dos “Laranjas”, “moleque Bamba” recebia a faixa simbólica.
E a “cuíca” roncava, douradamente... (O Radical, 1 de março de 1935)



Figura 20: “Cidadão Momo desce do morro e recebe, triunfalmente, as chaves da cidade”. (Diário da Noite, 1 de março de 1935)



Figura 21: “Cidadão Momo nos braços do povo”. (Diário da Noite, 1 de março de 1935)

RIO DE JANEIRO
SEXTA-FEIRA, 1 DE MARÇO DE 1935

RADICAL

Venda avulsa, 100 réis
Anno IV — Numero 924

Director:
TRINDADE CRUZ

REDAÇÃO:
RUA REPUBLICA DO PERU, 22, 1.º andar
TELEPHONES: Redacção — 21-8454
Gerencia — 22-9725

A “cuica” roncou mesmo!

A sensacional chegada de “Moleque Bamba”, o “Cidadão Momo” revolucionou a cidade
— Os episódios da Praça Onze e da avenida Rio Branco —

Figura 22: Desembarque do Cidadão Momo. (O Radical, 1 de março de 1935)

O frenesi dos sambistas aclamando o Cidadão Samba representava a “vitória” dos morros na festa carnavalesca da cidade, com a instauração de suas práticas culturais populares cada vez mais fortes e repetidas para aclamação da população cidadina. O morro, que já era o dono do carnaval como destaca o jornal, assume essa situação e se autoproclama o representante carnavalesco da cidade do Rio de Janeiro.

À proporção que novas práticas carnavalescas são inseridas na sociedade carioca, como a apresentação do Cidadão Samba (além das “antigas práticas” dos desfiles das escolas de samba) se evidencia o fortalecimento da instituição reguladora, mantenedora da ordem e responsável pelos direcionamentos do mundo do samba, a UES. Segundo Berger e Luckmann (1998, p. 80), “as instituições [...] pelo simples fato de existirem, controlam a conduta humana estabelecendo padrões previamente definidos de conduta que a canalizam em uma direção”.

Tratando de organizar o carnaval das escolas de samba, A Nação elabora um regulamento, juntamente com a UES, capaz de orientar a forma de apresentação desses grupos. O regulamento acentuava, por exemplo, que, diferentemente de anos anteriores, somente as escolas filiadas à UES poderiam se apresentar no desfile. Informava também da proibição do uso de instrumentos de sopro, além de limitar em 15 minutos o tempo de desfile de cada escola, como se pode ver a seguir:

O concurso que estamos patrocinando entre as escolas de samba, vem despertando um interesse que ultrapassa em muito nossa expectativa. Ontem, à noite, realizou-se a reunião convocada, na sede da União das Escolas de Samba, gentilmente cedida por seu presidente, Sr. Flávio Costa.

Instalando-se os trabalhos, precisamente às 21,30 horas, presidida a mesa por nosso redator, Sr. Rubem de Araújo, foram explanadas todas as questões relativas ao concurso que ficou definitivamente com a seguinte regulamentação, que será observada com o máximo rigor:

REGULAMENTO

- 1 – Somente poderão concorrer, as Escolas filiadas à União das Escolas de Samba;
- 2 – Cada escola, apresentará no concurso, dois sambas, de autoria de seus compositores, devendo as letras dos coros, serem enviadas a nossa redação até o próximo dia 25;
- 3 – Cada escola se exhibirá pelo espaço de 15 minutos, findos os quais, está terminada sua participação;
- 4 – No coreto da comissão julgadora, não é permitida, em hipótese alguma, a permanência de qualquer pessoa, além da comissão julgadora;
- 5 – Por ocasião do julgamento é permitido que um dos diretores da escola que está sendo julgada, se junte com a comissão julgadora;
- 6 – A comissão julgadora só será conhecida na hora do concurso;
- 7 – É proibido o uso de instrumentos de sopro;
- 8 – Em todos os quesitos, a comissão julgadora dará notas de 1 a 10, de cuja soma, sairá à escola campeã. (CABRAL, 1996, p. 100).

Vale notar que, em reunião da UES, a Vizinha Faladeira apresentara argumentos pedindo a retirada do quesito “versadores” e que os argumentos foram acatados “porque se adequavam às necessidades do consumo, do público estranho, das gravadoras, dos horários rígidos das autoridades” (SILVA e SANTOS, 1979, p. 83). Ainda sobre o regulamento de

1935, Cabral (1996, p. 100) informa que “a exigência de que o desfile de cada escola não passasse de 15 minutos não foi motivo de restrições dos dirigentes, mas não era respeitado pelas escolas maiores”.

É possível perceber uma preocupação em formatar, em definir o melhor modelo, a melhor forma de apresentação de cada escola, apesar de algumas não respeitarem o tempo a elas destinado. Cada escola de samba, a sua maneira, procura reinventar-se para o carnaval, mesmo após a criação da UES e de seu regulamento. Este não especificava o material a ser utilizado nas apresentações ou forma com a qual cada grupo se apresentaria, nem proibia o luxo, a riqueza e as formas espetaculares de apresentação.

Alguns dias antes do concurso, o Jornal do Brasil de 3 de março de 1935 publicava matéria apresentando a forma como a escola de samba Depois Eu Digo desfilaria no domingo de carnaval na Praça Onze. Segundo o jornal, a escola foi dividida em duas partes. Na primeira se encontrava a comissão de frente composta de diretores da escola trajando terno branco e gravata verde. O abre-alas seria um painel iluminado com uma paisagem do morro do Salgueiro. Logo após viriam as pastoras fantasiadas de baianas ninando pequenos bebês. A porta-bandeira estaria ao meio, com o pavilhão da escola, representando a rainha do samba. A segunda parte do desfile foi constituída por um caramanchão com um berço ricamente ornamentado onde se encontrava um bebê, que representava o nascimento do samba. Em seguida, um grande grupo de pastoras representando os moradores dos morros em suas atividades cotidianas. Havia ainda pastas empunhadas por pessoas fantasiadas, dando maior brilho ao espetáculo. Por fim a escola empunhava a bandeira da UES em “grata homenagem” aos organizadores do carnaval.

A apresentação do desfile da Depois Eu Digo serve de exemplo às inovações que as escolas de samba pretendiam trazer, cada qual com suas individualidades, no carnaval daquele ano. No caso da Vizinha Faladeira, esta apresentaria o enredo “Ascensão do Samba”, com gambiarras iluminando seu desfile, lamê e veludo nas fantasias, fogos de artifício, além da comissão de frente sobre um automóvel, vestida de terno de flanela branca, calça azul, gravata borboleta e cravo na lapela, ao estilo das grandes sociedades. Anos depois, Francisco Duarte assim relatou a apresentação da escola:

Luxo não é novidade. Já nos anos 30, mais exatamente em 1935 uma escola da Rua América, no Bairro da Saúde, a Vizinha Faladeira, esmerava no luxo e esbanjava riqueza. Era protegida pelos bicheiros da área que então só lucravam nas mulatas e cabrochas que faturavam no convívio e no prestígio do samba. Já em 1935 a Vizinha espantava os concorrentes na Praça Onze mostrando seus diretores de harmonia – partideiros – cantando com o apoio de megafones corneta; com gambiarras de petromax (Lampiões a gás servindo com iluminadores do percurso e da escola nas ruas mal iluminadas do desfile); um carro pede passagem

elaborado, esculpido em pasta como as grandes sociedades; pastoras de lamê de 4 mil reis o metro e baianas de veludo e renda de bico; usando fogos de artifício para dar destaque ao desfile e por fim, uma comissão de frente, que imitando as grandes sociedades – com terno de flanela branca, calça de gabardine azul, gravata borboleta e cravo branco na lapela – desfilando em pé nos estribos de carros “landolé” (último modelo, de luxo, só usado nos grandes casamentos da sociedade). (Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Coleção Francisco Duarte. Caixa 10. Envelope 10)

Note-se que o regulamento não impedia a utilização de carros alegóricos, fantasias luxuosas, fogos de artifícios, megafones ou outras novidades.

Em matéria publicada no Jornal do Brasil de 25 de fevereiro de 1979, Francisco Duarte acrescentaria que no desfile de 1935 a Vizinha Faladeira se apresentara com um carro alegórico onde havia uma figura móvel (um menino segurando uma coroa) simbolizando o samba na sociedade, com damas no chão, ao seu redor. Segundo Duarte, por este motivo e por um júri capcioso a Vizinha Faladeira foi prejudicada naquele carnaval, ficando em 4º lugar.

Falando do desfile da Vizinha Faladeira, Pardal, um dos integrantes da escola, informava que antes de chegarem à Praça Onze, os seus integrantes desfilavam por algumas ruas da cidade e, após o desfile, se dissolviam e procuravam outras atividades carnavalescas:

A gente saía daqui entrava pela antiga Rua Senador Pompeu, saíamos na Central para subir a Senador Euzébio e formar ali na General Caldwell (formar é modo de dizer, reorganizar seria melhor e esperar para descansar) e depois fazer uma passagem na comissão da Praça Onze. Uma passada só, frente à comissão, no Largo, em frente à escola Benjamim Constant, do lado da Visconde de Itaúna, ao lado da escola.

Dava uma passada lá se exibia bem e depois dissolvia, quando já vinha passando a praça às vezes descendo a Visconde de Itaúna até a Central às vezes entrando pela Rua de Santana. Acabou o desfile, todo mundo ia embora. Quem era perna, ia pra “Balança”. Quem gostava de samba ia para a garagem do Pinto. (Entrevista de Pardal. Anexo E. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Coleção Francisco Duarte. Caixa 54. Envelope 31)

Em depoimento a Francisco Duarte, Otoniel Cruz, integrante da escola, comenta que a Vizinha Faladeira não custeava nenhum de seus componentes:

O carnavalesco chamava e dizia, a comissão de frente, tá aqui no croqui, estava tudo lá, são tantos figurantes que eu preciso, e essa é a fantasia. Então se convidava aquele que tinha recurso para sair, não tinha política, a fantasia era custeada com os recursos do integrante, então não tinha moleza, a escola não tinha e nem se pensava a dar nada a ninguém, então essa é a sua fantasia, aquele que pudesse, dizia, eu saio, bota o nome lá. Vai ver a fantasia. (Entrevista de Otoniel Cruz. Anexo H. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Coleção Francisco Duarte. Caixa 54. Envelope 31)

Roxinha, outra integrante da Vizinha Faladeira, também comenta sobre o tema:

A Vizinha era rica era luxo. Bartô e Mire cobriam as despesas. Todos compravam as suas fantasias. Na rua faziam listas entre as famílias. O comércio do local e até da Praça auxiliavam. O barracão para a construção dos carros alegóricos era no terreno que tinha nos fundos do armazém do seu Marques e da D. Maria da venda. (Entrevista de Roxinha. Anexo F. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Coleção Francisco Duarte. Caixa 54. Envelope 31)

Em matéria de 5 de março de 1935 o jornal o Diário Carioca destaca as escolas de samba que melhor se apresentaram na “parada de melodias” do dia 3:

Deve estar de parabéns o cronista Rubem de Araújo que em boa hora, organizou a “Parada das Melodias sob o patrocínio de A Nação”.

Todas as “escolas” inscritas com “exceção da União de Madureira”, que desertou, desfilaram sob delirantes aplausos da compacta multidão, calculada em mais de cinco mil pessoas, diante da comissão julgadora, instalada no coreto armado em frente à escola Benjamin Constant.

A primeira “escola” a submeter-se ao veredicto do júri foi à escola “Última Hora”, do morro da Favela, que muito agradou.

Segundo a nossa opinião, o que aliás é a mesma da maioria que assistiu o “certame”, deve ser este o resultado final do “júri”:

1º lugar: Vai Como Pode (Portela); 2º lugar: Estação Primeira (Mangureira); 3º lugar: Unidos da Tijuca (Casa Branca); 4º lugar: Vizinha Faladeira (Saúde); 5º lugar: Lira do Amor (Bento Ribeiro).

Afora destes, muito agradaram pela magnificência de seus conjuntos as “escolas” Azul e Branco (Salgueiro), Cada Ano Sai Melhor (S. Carlos), Paz e Amor (Bento Ribeiro), Prazer da Serrinha (Madureira), Unidos do Salgueiro, etc.

Bastante semelhante à previsão do jornal, o resultado final do concurso foi o seguinte:

A comissão julgadora reunida, ontem, na redação de “A Nação”, proferiu o seguinte “veredito”: 1º lugar: Vai Como Pode (Portela), 158 pontos; 2º lugar: Estação Primeira (Mangureira), 148 pontos; 3º lugar: Prazer da Serrinha (Madureira), 138 pontos; 4º lugar: Vizinha Faladeira (Saúde), 128 pontos; 5º lugar: Unidos da Tijuca (Morro da Casa Branca), 125 pontos.

A ata do julgamento do importante certame, estava assinada pelos senhores Ismael Silva, Reinaldo Barbosa, Nicornélio Batista, Dr. B. Luiz e José Gomes da Costa (Zé Espinguela). (Diário Carioca, 7 de março de 1935)

Apesar da concordância entre jurados e imprensa, o resultado do concurso parece não ter agradado a alguns. Cabral (1996, p. 104) informa que até um dos jurados, Ismael Silva, discordou do resultado aplicado pela comissão julgadora dizendo ao jornal Avante que a classificação justa seria: 1º lugar – Vizinha Faladeira; 2º lugar – Estação Primeira; 3º lugar – Portela; 4º lugar – Paz e Amor e em 5º lugar – Lira do Amor. A Vizinha Faladeira se mobilizou contra o resultado aplicado pelos jurados do desfile como informa Pardal em depoimento: “Teve um ano que a escola ganhou depois disseram que era a Portela aí a turma se encrespou e o David começou o pau”.¹⁵

Como protesto, a Vizinha Faladeira deu o seu prêmio de 250 mil réis ao Instituto dos cegos, em clara oposição à comissão julgadora:

Aí deu confusão, o Ismael Silva, que estava no júri, deu o primeiro lugar para nós, mas o júri não era só ele. Escolheu a Portela e nos deixou em 4º lugar. Aí deu confusão, porque eu corri atrás do jornalista chamado Rubens, pela Praça toda, e as mulheres começaram a jogar pedra. Nós perdemos, mas a taça foi lá para a Rua da América que nós tomamos no peito. O prêmio

¹⁵ Entrevista de Pardal. Anexo E. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Coleção Francisco Duarte. Caixa 54. Envelope 31.

era de 250 mil réis a gente ofereceu ao Instituto dos Cegos, em homenagem à comissão julgadora. (Jornal do Brasil, 25 de fevereiro de 1979)

A falta de organização no desfile das escolas de samba repercutiu nos jornais da cidade. O Diário Carioca, por exemplo, publicaria uma entrevista onde o representante da escola de samba Unidos do Tuiuti, João Hilário dos Santos Mattos, fazia críticas ao concurso que, para ele, fugiu a todas as regras estabelecidas. Segue a íntegra da matéria:

Recebemos, ontem, a visita do Sr. João Hilário dos Santos Mattos, que nos queixou amargamente do concurso das escolas de samba, realizado na Praça Onze.

O Sr. João Hilário, que é presidente da escola de samba “Unidos do Tuiuti”, nos disse que o citado concurso, fugiu de todas as regras estabelecidas em 3 assembleias gerais, realizadas na sede da União das Escolas de samba.

Entre as bases assentadas nas referidas assembleias, ficaram as escolas inscritas proibidas de conduzir pastas, cartonagens, estandartes, carros e instrumentos de sopro, proibição esta que não foi obedecida por algumas concorrentes.

Também ficou estabelecido que no coreto do júri seria vedada a entrada a pessoas estranhas, quando no dito coreto foram vistas na ocasião do julgamento, senhoras e até crianças de colo. Das bases estabelecidas, constava que a comissão julgadora, só seria conhecida domingo de manhã, a fim de evitar a cabala de alguns interessados e no entanto, no dia 26 de janeiro último, durante o transcurso de uma festa promovida pelo “Unidos do Tuiuti”, o Sr. “José Espinguela”, em conversa, assegurou que seria membro da comissão julgadora, o que de fato foi... Nesta mesma palestra o Senhor “Zé Espinguela”, declarou que o primeiro lugar, não seria de modo algum conquistado pela “Estação Primeira”.

Na segunda feira gorda, em palestra com o Sr. Paulo de Souza Filho, presidente do “Unidos da Tijuca”, veio, a saber, que o Sr. Flavio Costa, presidente da “União das Escolas de Samba”, tinha-o garantido um lugar para o “Unidos da Tijuca”, e que ele, Paulo, não se incomodasse, que o lugar seria de destaque.

Onde está, pois, a seriedade do concurso, a imparcialidade do júri e a obediência às regras aprovadas em assembleias realizadas na União?

O seu protesto consiste no seguinte: Quer saber quantos pontos a “escola” apurou neste malfadado concurso, pois o organizador da falada “Parada das Melodias”, ao ser interpelado sobre o relatório do júri, disse-lhe, com a serenidade, de um justo:

- Depois que publiquei resultado oficial, rasguei porque pensei que não interessasse a mais ninguém.

O Sr. João Hilário, nada mais tinha a dizer e despediu-se. (Diário Carioca, 10 de março de 1935)

Toda esta tensão, envolvendo o julgamento do concurso evidencia os diversos interesses presentes tanto nas escolas de samba quanto nos jurados, nos organizadores do concurso, na UES, nos jornais, no órgão de turismo e Prefeitura (dando auxílio financeiro) e na sociedade em geral.

É importante notar que a procura constante por uma tradição, não só cria uma resistência às mudanças, mas, principalmente, exclui todo e qualquer item estranho ao próprio objeto que está sendo construído. As tradicionalidades são manipuláveis por grupos detentores de, ou interessados em certo tipo de poder. Estes são capazes de prestigiar determinados elementos e excluir outros para assegurar a construção do objeto “tradicional”. Como destacam Berger e Luckmann (1998, p. 88): “o mundo institucional exige legitimação, isto é, modos pelos quais pode ser ‘explicado’ e justificado”. O fato de a Vizinha Faladeira

sentir-se prejudicada com o resultado a ponto de tomar para si a taça de campeão é a resposta às formas de “tradicionalização” criadas e aplicadas pela UES.

A consequência de atos institucionalizadores de práticas é o desvio de conduta, como observaremos mais adiante, com referência ao concurso de 1940 que culmina com o encerramento das atividades da Vizinha Faladeira. Contudo, já é possível perceber este caráter de formação de um carnaval das escolas de samba, de sua autoafirmação perante a sociedade, através da chegada do Cidadão Momo e a “retirada” do Rei Momo do poder assim como a organização do desfile das escolas de samba pela UES em parceria com o jornal A Nação.

4.5 Explorando as potências (1936)

Em 1936 o processo de elevação das escolas de samba a representantes legítimos e verdadeiros do carnaval carioca estava em pleno vapor. Escolas de samba e sociedade teciam diálogos constantes para a formação de uma nova identidade do carnaval do Rio de Janeiro. A Prefeitura da cidade aumentava a verba destinada às escolas de samba; o Governo, através de Getúlio Vargas, divulgava a canção popular brasileira, o samba, no exterior; os jornais apresentavam matérias sobre as escolas de samba e visitavam-nas frequentemente; uma emissora de rádio fazia concurso para escolha do melhor samba entre as escolas de samba. Toda esta efervescência de atividades que envolviam os grupos carnavalescos populares das escolas de samba destacavam a exploração, na forma produtiva, das práticas dos sambistas e sua consequente exaltação nacional. Entretanto, para entender as ações que ocorrem neste ano é preciso compreender os processos políticos que geraram mudanças na construção do Brasil, com destaque para a sua capital, no pós 1930.

Em finais de 1930, Getúlio Vargas se encontrava a frente do país, após a revolução que desencadeou a queda do então presidente Washington Luís. Fora instalado o Governo Provisório (1930-1934) através do qual se estabeleceram medidas com o intuito de controlar a nação. Ações como a retirada do poder dos Estados, outrora oligarquias com interesses próprios; a extinção de partidos políticos, com o objetivo de centralizar o poder; a suspensão da Constituição vigente entre tantas mudanças são atos que configuraram um novo panorama político e social no Brasil que repudiava o liberalismo da Primeira República.

Em 16 de julho de 1934, uma nova Constituição fora promulgada valorizando o voto secreto, direitos trabalhistas tais como salário mínimo, jornada de trabalho não superior a 8

horas diárias e proibição do trabalho de menores de 14 anos foram criados, além da valorização das riquezas nacionais e da ascensão ao poder do primeiro Presidente da República, eleito de forma indireta, pelos membros da Assembleia Nacional Constituinte, que governaria até 3 de maio de 1938. Getúlio Vargas ganhava a eleição e dava início ao seu Governo Constitucional. Neste, dois movimentos extremos se apresentam no cenário político do país: de um lado a Ação Integralista Brasileira (AIB), uma direita política acentuada e, de outro lado, a Aliança Nacional Libertadora (ANL), apoiada pelo Partido Comunista, tendo como um de seus líderes Luís Carlos Prestes. A Ação Integralista Brasileira tinha como objetivos o combate ao comunismo, à implantação de um Estado onipotente, a fiscalização das atividades artísticas, com o objetivo de moldá-las, além da extinção dos partidos políticos, tudo isto associado a um nacionalismo extremado. Já a (ANL) apresentava propostas de caráter popular e revolucionário, declarando-se contrária ao latifúndio e a favor da nacionalização das empresas estrangeiras. O resultado do aparecimento destes dois grupos após Vargas assumir a presidência foi segundo Fausto (2006, p. 195): “a “guerra” entre os dois grupos. Fato que salientou as especificidades de ambos ocasionando antagonismos entre os dois movimentos. Assim como na Europa, o movimento que ganhou força no Brasil fora a corrente autoritária”.

Para Cabral (1996, p. 108), o Departamento Nacional de Propaganda (DNP) “tratou de envolver as escolas de samba na tentativa de fazer média com os nazistas”, quando do episódio da irradiação da “Voz do Brasil” no morro da Mangueira no ano de 1936. Não é objetivo deste trabalho identificar atores político-sociais que se sobrepõem sobre outros grupos, mas consideramos que as escolas de samba não são ingênuas quanto às práticas e as relações sociais e políticas que as circundam. É importante notar que elas estão negociando com os diversos grupos da sociedade carioca de forma ininterrupta sejam eles de esquerda ou de direita.

Nesta constante de diálogos e interesses vemos O Radical noticiar em 3 de janeiro de 1936 a aprovação, pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro, de verba para as pequenas sociedades como, ranchos e blocos, além das escolas de samba. O Diário Carioca de 5 de janeiro de 1936 informa que o auxílio da Prefeitura será dado para as grandes sociedades, as pequenas sociedades e as escolas de samba, separadas, no discurso do jornal, das pequenas sociedades. As grandes sociedades receberam 150 contos de réis, as pequenas sociedades 60 contos e escolas de samba 40 contos de réis. A ajuda financeira dada pela Prefeitura da cidade se dava sob a égide do prefeito Pedro Ernesto, governante aclamado pelas camadas populares.

No dia 17 de janeiro de 1936 o Correio da Manhã informava que a UES faria uma homenagem ao Prefeito Pedro Ernesto, na sede da Estação Primeira, através de uma “Parada de Melodias” contando com a presença das escolas de samba filiadas à instituição:

A Escola de Samba Estação Primeira, vai marcar no dia 20 mais um triunfo, não só para os seus anais como para o setor do samba. Neste dia, por iniciativa da “União das Escolas de Samba”, haverá na “Capital do Samba”, uma alucinante “Parada de Melodias”, em homenagem ao Dr. Pedro Ernesto, governador do Distrito Federal.

O programa é monumental e vastíssimo. Basta dizer que a “União das Escolas de Samba”, fará uma concentração de todas as escolas filiadas.

Esta concentração de escolas está fadada a ser um dos maiores acontecimentos destes últimos tempos, em face do trabalho exaustivo da “União das Escolas de Samba”. Servan de Carvalho, Carlos de Oliveira Anacleto Silva, Hilário Clemente e outros diretores da entidade máxima do samba estão organizando um programa surpreendente e maravilhoso.

A referida “Parada de Melodias” começará às 4 horas.

Quatro dias após a “Parada de Melodias” em homenagem a Pedro Ernesto, O Radical destacava que o evento reunira dez mil elementos das escolas de samba que desfilaram em “gratidão ao seu benfeitor”. O jornal informa ainda uma entrevista com o presidente da UES, Servan de Carvalho, que destaca os objetivos da entidade:

Nada menos de 10.000 elementos das Escolas de Samba desfilaram dando uma prova irrefutável de disciplina e gratidão ao seu grande benfeitor.

E, quando não mais se houve o ronco das cuícas e a batida dos tamborins, seria interessante ouvir a palavra de Servan de Carvalho, o esforçado presidente da União das Escolas de Samba, e a quem coube à realização daquela monumental parada de melodias.

Em nossa redação o presidente da União das Escolas de Samba não se fez de rogado ao saber do nosso intuito:

- Estou, plenamente, satisfeito com o êxito formidável em que redundou a demonstração levada a efeito no Morro da Mangueira. Vencemos. Isto é: as Escolas de Samba, visando apenas prestar uma justa homenagem ao benemérito governador da cidade, o Dr. Pedro Ernesto, conseguiram muito mais. Lavraram a sua maior vitória de todos os tempos. Deram uma prova de disciplina e gratidão conseguindo ao mesmo tempo, surpreender, pela sua harmonia, pela sua compostura, ao mundo oficial e social ali representados pelas suas figuras de maior destaque.

Agora ninguém mais contestará, estou certo, o valor das Escolas de Samba, pois a grande demonstração do Morro da Mangueira convenceu aos espíritos mais incrédulos. Mais a União das Escolas de Samba não parará aí. Grandes projetos serão concretizados dentro em breve. E, para tanto, já que obtivemos essa primeira grande vitória, estamos certos que o apoio oficial não nos faltará, para glória maior da nossa verdadeira musica popular: o samba.

E Servan de Carvalho prossegue:

- Tem, por exemplo, a União das Escolas de Samba, o projeto de se instalar, brevemente, em local apropriado, onde cuidará defender as produções da gente do morro, protegendo-as e aperfeiçoando-as convenientemente. Instalaremos, também, logo que nos seja possível, um microfone onde os sambistas do morro possam desenvolver as suas qualidades e os seus pendores. E contamos já se vê, com o apoio de quantos nos aplaudiram segunda-feira última.

E terminando Servan de Carvalho nos diz: - Não quero deixar aqui de expressar dois agradecimentos: Um, a todas as escolas que atenderam com presteza, ao toque de reunir e tão bem se conduziram; e, outro, pela solicitude e fidalguia com que atendeu aos apelos da União.

E, aí, o presidente da União das Escolas de Samba, satisfeito, despediu-se. (O Radical, 24 de janeiro de 1936)

Note-se que há por parte do representante da UES um interesse maior por trás da atividade de celebrar o prefeito da cidade. As relações tecidas entre os grupos objetivam a

exaltação das escolas de samba, que, vencendo, surpreendendo a sociedade, esperam o apoio oficial da Prefeitura em seus intentos futuros. Percebe-se também a consciência do então presidente da UES às mudanças que estavam acontecendo com as escolas de samba quando comenta a obrigação da UES em proteger e “aperfeiçoar” as produções advindas dos morros.

A relação de diálogo das escolas de samba também se faz presente com os jornais da cidade através de matérias e convites. O morro, outrora distante de uma parcela da população, passa a figurar entre os assuntos de maior interesse da cidade antes mesmo do carnaval, como se vê em matéria do Diário de Notícias de 4 de janeiro de 1936 descrevendo o cortejo da escola de samba União dos Regenerados nas ruas do bairro de São João de Meriti quatro dias antes, ou a foto da escola de samba Fiquei Firme, publicada em O Diário Carioca de 7 de janeiro de 1936 (Figura 23). Tais iniciativas permitem que os leitores conheçam as figuras que compõem as escolas de samba, levando-os a se aproximarem destes grupos populares. Com isso, as escolas de samba ganham cada vez mais o caráter de entretenimento, grêmios recreativos, ambientes de diversão musical e folia carnavalesca sem violência.



Figura 23: “A escola de samba Fiquei Firme do morro da Favela”. (O Diário Carioca, 7 de janeiro de 1936)

Em janeiro de 1936, o Jornal do Brasil visitou a escola de samba Portela, antiga Vai Como Pode¹⁶, ficando surpreso com a forma como a escola é organizada, além da

¹⁶ Segundo Cabral (1996, p. 95) sobre a mudança de nome da escola de samba Vai Como Pode para Portela: No dia 1º de maio de 1934, ao receber os dirigentes da Escola de Samba Vai Como Pode que pretendiam renovar a licença de funcionamento, o delegado de polícia Dulcídio Gonçalves fez uma proposta inesperada: a mudança do nome da escola. [...] E sugeriu um nome que, segundo ele, tinha pompa adequada para uma escola de samba daquele nível: Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela. Diante das circunstâncias, a proposta foi aceita.

camaradagem de seus integrantes. O jornal louva a disciplina, a ordem e o progresso presentes na escola, destacando ainda sua limpeza.

Estivemos na “Escola de Samba da Portela”. O convite de Graveto, cronista do “O Radical”, não deveria deixar de ser atendido. A impressão que trouxemos é admirável. Observamos naquele recanto do samba muita e superior organização, método de trabalho perfeito e completa camaradagem. A diretoria é muito gentil. O Jornal do Brasil viu-se cercado de gentilezas que não cessavam. Paulo da Portela, inconfundível sambista, dançou e sambou para que o observássemos. Improvisou quadras, fez autênticos discursos em versos, cantou a marcha “Cidade Maravilhosa”, trabalho de fôlego e de bom sambista.

Fez-se um cerimonial. Nele fomos envolvidos, e quando chegou o momento da despedida, fizeram-se alas de moças e de rapazes, soltando-se foguetes. Que corações aprimorados possuem. Que corações aprimorados possuem esses rapazes que sabem divertir a gente, divertindo-se também! *Ordem, progresso, disciplina e samba*, eis as características da “Escola de Samba da Portela”, que tem sua sede muito limpa e sempre muito bem movimentada. (Jornal do Brasil, 7 de janeiro de 1936. Grifo nosso)

O Diário de Notícias de 14 de janeiro de 1936 destaca uma festa realizada na sede da escola de samba Prazer da Serrinha que conta também com a presença de outras duas escolas de samba: Paz e Amor e Aliados de Nilópolis:

Compareceram as Escolas Paz e Amor de Bento Ribeiro, e Aliados de Nilópolis, da estação do mesmo nome, esta, filiada ao clube que realizou a festa, que fizeram no palco belas evoluções, cantando lindas marchas, o que muito agradou à numerosa assistência, calculada em 800 pessoas, aplaudindo ambos, sendo entregues as mesmas, pela diretoria do Prazer da Serrinha duas ricas taças.

Em seguida teve início um grande baile, que obteve completo êxito, abrilhantado pelo “jazz” do maestro “Cafô”.

Foi oferecida aos convidados especiais e ao Diário de Notícias lauta mesa de doces, chope e águas minerais, saudando o Diário de Notícias o orador oficial José Caetano Belizário.

Integrantes da escola de samba Portela fazem uma peixada em homenagem ao jornal A Noite e a Frederico Trota, um dos incentivadores da verba municipal para as escolas de samba (Figura 27):

Armando Passos, Paulo da Portela, Victorino, Benício e os demais componentes da Escola de Samba da Portela, campeã de 1935, já deram começo as suas atividades carnavalescas.

Todos arregimentados, os ensaios começarão no dia 28, reinando o mais vivo entusiasmo entre o pessoal que sabe brincar de verdade.

No dia 26, em homenagem à Noite, haverá um grande forrobodó no terreno da Entidade de Portela, para o qual recebemos o ofício que transcrevemos abaixo:

“Realizando esta Escola no próximo dia 26 do corrente uma “peixada” em homenagem a este brilhante órgão de nossa imprensa, tenho a honra de em nome desta Escola convidar a Vv. Exe. A tomar parte na mesma o que muito nos honrará.

Certo que, não deixarão de aceder a este convite, comunico-vos, ainda, que aproveitaremos o ensejo para na referida “peixada” prestarmos uma homenagem ao Exmo. Senhor Vereador Frederico Trota.

Assim, pois, esperamos mais uma vez poder testemunhar-lhes o nosso alto apreço. Do amigo e criado. Armando Passos. Presidente. (A Noite, 17 de janeiro de 1936)



Figura 24: “Pelo que se vê nesse conluio, a peixada de Portela era de outro mundo”. (A Noite, 28 de janeiro de 1936)

A Estação Primeira por sua vez faz ensaio com a presença de integrantes da elite financeira e intelectual da cidade como destaca o Diário de Notícias de 22 de janeiro de 1936:

Sábado último a Escola de Samba Estação Primeira, fez realizar um ensaio do outro planeta. Estiveram presentes, Mrs. Evans chefe da gravação da Victor Lari de Barros, Zilda Ribeiro Yvonne Neto, Odila Oliveira e Odila Gonçalves, todos da Victor e o cronista Enfiado de “A Rua”, que receberam dos versadores Alfredo, Cartola e Malvadeza muitas homenagens.

A participação das escolas de samba na sociedade e a sociedade participando das atividades das escolas de samba indicam o caminho complexo de construção do carnaval das escolas de samba cariocas. Sem imposições, mas numa constante rede de negociações, o novo carnaval vai se fortalecendo e elegendo as escolas de samba como seu legítimo representante. Cada grupo com seus interesses específicos (incluindo a UES e as escolas de samba) representam uma parcela importante para a construção dos significados do carnaval carioca.

Destacando este caráter híbrido, vemos a utilização da imagem do sambista, da mulata, da cuíca, entre tantas formas “peculiares”, no anúncio de cerveja publicado no Correio da Manhã de 19 de janeiro de 1936 (Figura 25).



Figura 25: Note-se o uso do personagem malandro, com calças largas e camisa listrada, além do chapéu, tomando a cerveja que é tão maravilha quanto à crioula do morro. (Correio da Manhã, 19 de janeiro de 1936)

O uso da imagem dos sambistas é uma constante neste período. As elites intelectual e financeira exaltam, para a população, as manifestações mais características das escolas de samba. Estas, interessadas em todo o processo, acolhem ativamente tais incentivos. O jornal Diário Carioca estampa em uma de suas páginas a imagem da baiana mulata e a identifica como representante do que há de mais nacional no Brasil (Figura 26).



Figura 26: Diário Carioca, 22 de janeiro de 1936.

Três dias depois, o Diário de Notícias publica anúncio do concurso de samba promovido pela Rádio Cruzeiro do Sul objetivando colaborar para o sucesso do carnaval.

A PRD-2 Rádio Cruzeiro do Sul, no intuito de colaborar o mais eficientemente possível para o sucesso do Carnaval Carioca, põe o seu microfone à disposição das Escolas de Samba desta capital.

É sabida por todos a influência que exerce sobre o espírito público a feição toda especial das melodias simples e bonitas dos nossos sambistas.

Durante o carnaval, são as Escolas de Samba que descendo dos morros, ou vindo dos subúrbios longínquos vem encher de harmonia o bulício das avenidas centrais.

Considerando tudo isso, é que a PRD-2 resolveu fazer desfilar pelo seu microfone as mais conhecidas Escolas de Samba Cariocas.

Que elas venham com seus cantores originais e sua batucada marcante.

Este desfile será finalmente um concurso que obedecerá as seguintes bases:

As inscrições já estão abertas e poderão ser feitas até o dia 31 deste, mediante a assinatura de um responsável pela Escola de Samba.

Condições: 1º- Os conjuntos uma vez inscritos deverão esperar a indicação do dia e hora em que deverão comparecer ao microfone.

2º- As Escolas que faltarem serão definitivamente desclassificadas.

No julgamento serão considerados: Beleza e originalidade das melodias; harmonia das vozes e dos conjuntos; perfeição na cadencia; originalidade das letras.

Uma Comissão Julgadora composta de representantes da imprensa: "Globo", "A Noite", "Gazeta de Notícias", "A Pátria", "A Nação" e de funcionários da PRD-2, conferirá três prêmios, constituídos por três lindas taças, aos 1º, 2º e 3º colocados.

Inscrições diariamente das 15 às 16 horas, na sede do PRD-2, à Praça Marechal Floriano, 19, 9º andar. (Diário de Notícias, 25 de janeiro de 1936)

Note-se que o julgamento não é baseado nas fantasias ou adereços, mas nos elementos melódicos e harmônicos das apresentações. As escolas de samba são valorizadas, neste momento, como expressões da música popular brasileira (Figura 27).



Figura 27: “Um samba no morro”. É possível identificar a criação da imagem carnavalesca carioca a ser divulgada no exterior pelo turismo: a cuíca, o pandeiro, o violão, as calças largas e as danças. Representantes característicos dos grupos dos morros. (Diário de Notícias, 26 de janeiro de 1936)

A divulgação das escolas de samba na construção do carnaval não é uma prática somente dos jornais. Com o intuito de valorizar a cultura nacional – o produto cultural nacional a ser vendido no exterior, durante o governo Vargas – o morro da Mangueira é escolhido para abrigar uma irradiação de sambas dentro do programa “A Voz do Brasil”, criado por Getúlio (Figura 28). Informa o Diário Carioca:

Confirma-se a ampla divulgação feita na imprensa. Desde há dias, o Departamento Nacional de Propaganda, por intermédio de sua seção de rádio, e através de “A Hora do Brasil”, retransmitiu ontem, das 18.45 às 19.45 horas, para todo o país e para o estrangeiro, o programa mais sugestivo ao decerto, de quanto é de justiça reconhecer interessantes irradiados à sua iniciativa.

Com a presença do Dr. Lourival Fontes, da Sra. Ilka Labarte, e assistência de autoridades, a escritora e jornalista argentina Silvia Guerrico e numerosos artistas, técnicos e cronistas de rádio, foi executado o programa já bastante anunciado e de que se destacava a audição de samba executado, no terreiro da Escola Primeira, do Morro da Mangueira. Durante a hora dessa audição original, em que o samba foi captado na sua fonte e transmitido ao mundo, à direção da Seção de Rádio do Departamento Nacional de Propaganda fez irradiar a crônica inserta à primeira página de “A Nação”, de anteontem, sob a epigrafe “Musa dos Terreiros”.

As instalações para essa transmissão direta do Morro da Mangueira a todo o universo estiveram a cargo do Radio Philips, sob controle, isto é, com a assistência do mestre Angenor de Oliveira¹⁷, que dirige a Escola Primeira, da Mangueira. (Diário Carioca, 31 de janeiro de 1936)

¹⁷ Conhecido como Cartola.



Figura 28: “Aspecto apanhado quando A Voz do Morro foi irradiada na Hora do Brasil”. (Diário de Notícias, 31 de janeiro de 1936)

Contando com a presença de pessoas importantes do país, além de uma repórter argentina, o programa de rádio é transmitido à Alemanha com tradução simultânea.

O Diário Carioca de 19 de fevereiro de 1936, 4 dias antes do carnaval, anunciava desfile das escolas de samba na Avenida Rio Branco, local de desfile das grandes sociedades, a ser realizado no dia seguinte. Por organização dos jornais A Pátria, Diário Carioca, A Rua e da Rádio Tupi as escolas de samba filiadas e não filiadas a UES desfilariam ao som do samba “Se o morro não descer” de Herivelto Martins e Darcy de Oliveira:

Se a turma lá do morro / Fizer greve e não descer. / A cidade vai ficar triste, / Carnaval vai morrer. / Toda cidade / É um grito de socorro / Se a escola não descer / Carnaval vai ser no morro / O tamborim já está de prontidão / A cuíca e o violão / Estão esperando saber / Qual é a ordem / Que tem de prevalecer / Se as escolas não tiverem liberdade / Carnaval vai ser no morro / Ninguém vai para cidade. (Diário Carioca, 22 de janeiro de 1936)

As escolas seriam ainda julgadas pela harmonia dos conjuntos musicais e vocais quando se apresentassem para a comissão julgadora, composta basicamente por maestros.

Dia a dia cresce a animação e a ansiedade do público pela realização desse grandioso empreendimento de “A Pátria”, “Diário Carioca”, “A Rua” e “Rádio Tupi”. De toda parte temos recebido os mais calorosos incentivos pela iniciativa, que há de constituir de modo indiscutível o maior acontecimento da atual temporada carnavalesca. No próximo dia 20, o povo assistirá o desfile das inúmeras “Escolas” que irão cantar em uníssono o samba “Se o morro não descer”, da dupla Herivelto Martins e Darcy de Oliveira,

apresentando-se todas elas com os seus característicos mais típicos, ou seja, da mesma maneira como costumam apresentar-se nas “aulas realizadas nos respectivos chateaux”.

Por ocasião do desfile das “Escolas de Samba” pela Avenida Rio Branco, serão premiadas as cinco das que mais impressionarem pela harmonia dos conjuntos vocal e musical.

Para a Comissão Julgadora, composta dos maestros Satyro de Mello, João Anthero, Jota Soares e do Jornalista Eustorgio Wanderley, será erguido um artístico coreto, diante do qual as “Escolas” participantes do certame deverão apresentar o samba de sua predileção e de autoria de seus “bacharéis” ou “alunos”.

Contamos até o presente momento com as adesões mais valiosas possíveis.

Além da “União das Escolas de Samba”, que será representada por várias das suas filiais, acham-se inscritas para participar da grande demonstração outras “Escolas”, independentes, representantes da “batucada” em diversos bairros da capital. (Diário Carioca, 19 de fevereiro de 1936)

Segundo Silva e Santos (1979, p. 89) no ano de 1936 o Cordão dos Laranjas, com patrocínio do Diário da Noite, escolheu Paulo da Portela para encarnar o Cidadão Momo. Paulo chega aclamado por uma multidão, que, segundo o jornal, se encontravam em mais de cem mil. O Diário Carioca de 22 de fevereiro de 1936 informa como se deu a chegada de Cidadão Momo à cidade:

Constituiu um acontecimento sem par na crônica carnavalesca da cidade, a triunfal chegada do Cidadão Momo, na noite de ontem. Paulo da Portela, o popular sambista, e cantor, foi aclamado por uma multidão calculada em cem mil pessoas, que se comprimiam nas ruas que vão da “gare” Pedro II a esplanada do Castelo.

A população carioca acolheu simpaticamente a iniciativa do cordão dos laranjas, patrocinada pelos nossos colegas do “Diário da Noite” e o seu apoio reverteu no maior brilhantismo da festividade.

A recepção ao Cidadão Momo foi deslumbrante. Blocos, ranchos, cordões, escolas de samba e outros clubes carnavalescos se fizeram representar para gáudio da população. Centenas de automóveis formaram no cortejo, acompanhados pelo som ensurdecedor de milhares de cuícas, tamborins e pandeiros das escolas de samba.

Cidadão Momo proporcionou horas de intensa alegria, entusiasmo e bom humor a população. A leitura do seu decreto causou hilaridade tal o teor das “consideradas” e a mímica interessante de Paulo da Portela.

O Diário Carioca, por sua vez, imprime em suas páginas, no primeiro dia destinado às festas, imagens dos novos representantes do carnaval da cidade: o mulato e a baiana das escolas de samba (Figuras 29 e 30):



Figura 29: Mulato com pandeiro. (Diário Carioca, 23 de fevereiro de 1936)



Figura 30: Baiana representante do carnaval. (Diário Carioca, 23 de fevereiro de 1936)

Ou seja, com a consolidação das escolas de samba, o carnaval de caráter “popular” adquire dimensão cada vez maior, disputando com o carnaval “da elite” a hegemonia foliã. Na disputa entre Rei Momo e Cidadão Momo, ouvem-se ecos da luta entre Entrudo e Carnaval que mobilizou a batalha carnavalesca brasileira por toda a segunda metade do século XIX (FERREIRA, 2004).

Num ano de muitas participações de escolas de samba em atividades sociais na cidade, o carnaval organizado pela UES ocasiona mudanças no regulamento e gera protestos com a classificação emitida pela comissão julgadora. Segundo Cabral (1996) a Unidos da Tijuca ficou em primeiro lugar, tendo a Estação Primeira alcançado a segunda colocação, a Portela o terceiro lugar, a Depois Eu Digo o quarto lugar da disputa, a escola de samba Deixa Malhar o quinto e a Vizinha Faladeira classificada em sexto lugar. O autor afirma que “para o jornal A Nação, a decisão mais justa teria sido dar à Estação Primeira o primeiro lugar, à Vizinha Faladeira o segundo e à Portela o terceiro” (Ibidem. p. 110). Silva e Santos (1979) informam que o jornal A Rua estabeleceu um julgamento extraoficial que classificou a Portela em primeiro lugar, a Estação Primeira em segundo e a Vizinha Faladeira em terceiro.

O regulamento só foi divulgado no dia do desfile, algo diferente do que ocorrera nos anos anteriores. As escolas de samba deveriam apresentar dois sambas enredo em 15 minutos de desfile, não sendo permitido o uso de instrumentos de corda nem de sopro. A vencedora seria a escola mais bem classificada na soma das avaliações de harmonia, samba, bateria, bandeira e enredo. Segundo o Diário Carioca de 23 de fevereiro de 1936,

Organizado pela União das Escolas de Samba, realiza-se hoje, domingo de carnaval, na Praça 11 de Junho, o “Dia do Samba”.

Desfilarão, apresentando ao público os seus conjuntos harmoniosos, vinte e sete Escolas de Samba, que se congregam sob a bandeira da União, que descendo dos morros virão à planície dar ao público da cidade esplendor e demonstração do verdadeiro Samba Brasileiro.

Cerca de 40.000 sambistas das colinas da nossa capital, com suas baterias, tamborins e cuícas, farão a parada de melodias que o povo irá aplaudir.

O regulamento aprovado pelos representantes das escolas filiadas a União das Escolas de Samba para o concurso de hoje na Praça 11 de Junho é o seguinte:

1º - O julgamento terá início às 21 horas, sendo julgadas as escolas de acordo com o comparecimento.

2º - As escolas enviarão até o dia 22 de fevereiro, sábado, véspera do concurso, os seus enredos e os dois sambas que serão cantados na competição, até às 22 horas, na sede da União das Escolas de Samba, a Rua José Higino nº 69, sem o que a Comissão Julgadora não se responsabilizará pelo julgamento.

3º - Os sambas a serem julgados são dois, sendo um cantado no ato da entrada até o coreto da Comissão Julgadora e o segundo, na retirada.

4º - Só é permitido o espaço de 15 minutos para exibição.

5º - Não será permitido o uso de instrumentos de corda, nem de sopro, *por estarem estes instrumentos fora do nosso ritmo.*

6º - As Escolas concorrentes só terão direito a um prêmio. No caso de fazer jus a dois ou mais prêmios a Comissão Julgadora decidirá pelo prêmio maior.

7º - Os prêmios são os seguintes:

1 de 800\$ denominado Harmonia;

1 de 500\$ denominado Samba;

1 de 300\$ denominado Bateria;
 1 de 200\$ denominado Bandeira;
 1 de 100\$ denominado Enredo;
 1 de 100\$ denominado Consolação;
 1 de 100\$ denominado Consolação;
 1 de 100\$ denominado Consolação;
 1 de 100\$ denominado Consolação;
 1 de 100\$ denominado Consolação.

Serão conferidos às Escolas colocadas, um artístico e rico diploma com as suas colocações e as não colocadas receberão também um diploma de honra pela concorrência e brilho que deram ao carnaval de 1936.

8º - O concurso se encerrará às 3 horas, hora certa que a Comissão Julgadora se retirará do coreto, não sendo julgadas as Escolas que comparecerem depois desta hora.

9º - A contagem será feita por meio de pontos de um a dez, sendo colocados por ordem as Escolas que maior número de pontos conseguirem.

10º - Em caso de empate será decidido por sorte, ou por meio de uma competição entre as Escolas que estiverem nesta situação.

11º - A Comissão Julgadora se reunirá onde julgar conveniente depois do julgamento e entregará à diretoria da União das Escolas de Samba, um envelope devidamente fechado e lacrado com o resultado do concurso, que será conhecido em uma grande reunião dos representantes e pessoas interessadas que se realizará no sábado seguinte ao carnaval, sendo proclamadas as Escolas colocadas.

12º - A Escola que obtiver a primeira colocação, ficará de posse do “Troféu Frederico Trotta”, pelo espaço de um ano, ficando definitivamente em seu poder se conseguir no ano seguinte o bicampeonato.

13º - Os prêmios de que trata o presente concurso serão em dinheiro, para melhor servir os interessados da Escola.

14º - Os prêmios serão entregues solenemente às Escolas vencedoras, em local reservado e previamente designado, a fim de constituir renda em benefício dos cofres da União das Escolas de Samba.

15º - Para facilitar as Escolas à apresentação dos enredos e os dois sambas, a Comissão Julgadora os receberá na hora do desfile da respectiva Escola.

A diretoria da União das Escolas de Samba, convida todos os Srs. Cronistas carnavalescos a assistirem o desfile, para que terão um coreto especialmente armado para este fim. (Grifo nosso)

A Comissão Julgadora foi composta por Darci Adesi, Júlio Matos Soares, Manuel Ferreira e Antônio Borges da Cunha (CABRAL, 1996, p. 110). O regulamento elaborado pela UES é acrescido de uma somatória para a classificação das escolas de samba, levando-se em consideração quesitos específicos. Não se proíbe carros alegóricos, luxo nas fantasias, fogos de artifício nem tema estrangeiro. Há uma flexibilidade na construção deste regulamento o qual gerará críticas ao resultado.

Informando aos leitores como foi o desfile das escolas de samba, expõe o jornal A Noite:

A Praça Onze sempre foi o reduto carnavalesco da cidade onde o samba domina. Para ali desce a gente do morro exibindo suas músicas marcadas com a harmonia encantadora e suave do que é nosso.

Este ano na noite de ontem a Praça 11 esteve animadíssima com o desfile das Escolas de Samba, em número de vinte e que constituíram a nota alegre e festiva daquele local.

A verdadeira multidão que assistiu ao desfile não se cansou de aplaudir os concorrentes.

As “Escolas” vieram precedidas de cortejos, alguns luxuosos como a “Vizinha Faladeira”, “Estação Primeira”, “Mangueira”, “Salgueiro”, “Tuiuti”, “Portela” e muitas outras.

Nunca se viu tanto esplendor e luxo nas “Escolas de Samba”. Pode-se dizer, sem exageros, que a exibição desses conjuntos, que envolvem com as suas músicas sugestivas a alma do povo, marcou um dos maiores acontecimentos do carnaval deste ano. (A Noite, 24 de fevereiro de 1936. Grifo Nosso)

O luxo entre as escolas de samba é afirmado pelo jornal, que destaca a Vizinha Faladeira, a primeira da lista. Segundo Francisco Duarte em 1936 a Vizinha Faladeira desfilou com o enredo “Uma Só Bandeira”, em homenagem ao Getúlio Vargas.¹⁸ Não há informações sobre a forma como a Vizinha Faladeira desfilou nem o que apresentou.

A nota de luxo registrada no A Noite também é repetida por O Radical de 3 de março de 1936 quando faz críticas ao concurso das escolas de samba organizado pela UES. Segundo o jornal a comissão julgadora era composta de leigos nos temas carnavalescos e existiu uma forma inapropriada de condução do julgamento e reconhecimento de valor das escolas de samba. Segue:

Nunca, tal como neste ano, o certame das Escolas de Samba, na Praça Onze, deu motivo a tantas reclamações e fatos deprimentes a por a calva, a má fé e o deslante dos organizadores do grande cortejo. É que, tomando para si a tarefa de efetuar o concurso sempre feito por particulares a diretoria da União das Escolas de Samba teimou em se mostrar inimiga irreconhecível do bom senso, organizando um regulamento todo capcioso e do qual só poderiam usufruir vantagens as Escolas cujos diretores eram também os próprios diretores da União.

É efetuado o desfile, o povo e a imprensa proclamam desde logo a vitória esmagadora da Escola de Samba da Portela, seguida pela Estação Primeira, de Mangueira e pela Vizinha Faladeira. A própria Comissão Julgadora, uma comissão composta de leigos no assunto, reconheceu aquele resultado. Entretanto, passada uma semana, durante a qual, o sabor das conveniências das pessoas, foi torcido e retorcido o veredicto [...].

É que a decepção foi geral. Da pré-citada comédia levaram a melhor, unicamente, as Escolas em as quais se integram os diretores da União das Escolas de Samba. Não se distinguiu a Portela. Não se reconheceu o merecimento da Estação Primeira, da Mangueira. Não se recompensou o *magnífico cortejo da Vizinha Faladeira*. Não se fez justiça à Paz e Amor. E assim por diante. Mas como compensação de tanta má fé, a diretoria da União outorgava o título máximo à Escola que fez mais pontos no quesito de harmonia. E nós perguntamos:

Bastará uma Escola vencer em harmonia para ser considerada campeã? E o conjunto de todos os quesitos, qual o valor que tem? Nenhum?

Bem se vê a quanto chegaram os maiores da União das Escolas de Samba no desejo de prejudicar algumas de suas filiadas tais como: a Mangueira, a Paz e Amor, a Cada Ano Sai Melhor, a União Barão da Gamboa, e a própria Unidos da Tijuca que vencendo, apenas em harmonia, ficou sem o direito de se dizer campeã uma vez que perdeu nos demais quesitos para todas as outras. (Grifo nosso)

A forma como fora escolhida a campeã do carnaval de 1936, fato que ocasionou protestos levando à publicação de outros dois resultados diferentes, não impediu a Vizinha Faladeira de estar presente entre as principais escolas de samba da cidade, através do luxo e da inovação, com suas características próprias, participando ativamente da construção do carnaval das escolas de samba.

4.6 O campeonato da Vizinha Faladeira (1937)

¹⁸ Jornal do Brasil, 25 de fevereiro de 1979.

O processo de exaltação das escolas de samba gera tensões e interesses que são verificados na aclamação do representante das escolas de samba perante a sociedade para o carnaval de 1937. A escolha do Cidadão Momo, a cargo do Cordão dos Laranjas nos anos de 1935 e 1936, ocasionou protesto por parte do jornal A Rua e da UES, que, interessados em legitimar seus interesses e poderes, criam um concurso para escolha do Cidadão Samba, ainda no ano de 1936. No processo de escolha do Cidadão Samba as escolas de samba filiadas à UES teriam direito de voto ao estarem em dia com seus compromissos financeiros junto à entidade.

A disputa para a organização da eleição de 1937 se resume em qual jornal ou grupo seria detentor do direito de promover a escolha do Cidadão Samba. A UES, passando por uma crise devido às polêmicas dos resultados dos desfiles das escolas de samba dos anos anteriores, trocou de presidente, sendo nomeado Luís Nunes da Silva, o cronista carnavalesco Enfiado, como seu novo presidente. Com apoio do jornal A Pátria, Enfiado, que no ano de 1936 trabalhava no jornal A Rua, toma para si a elaboração do concurso de escolha do Cidadão Samba e da Rainha do Samba de 1937, opondo-se a seu antigo jornal que continuou publicando cupons para a escolha popular do Cidadão Samba. Segundo Cabral (1996, p. 112) o jornal A Rua aclamou Antônio Martins Jr como Cidadão Samba. Já para Silva e Santos (1979, p. 91) o Cidadão Samba Antônio Martins Jr foi eleito pelo jornal A Pátria em parceria com a UES. Confusões à parte os autores citados informam que após este episódio a UES fez reunião para informar que o novo Cidadão Samba, legitimado por votação de seus integrantes, seria Paulo da Portela. Desta forma a UES buscava para si a organização e legitimação de um dos maiores acontecimentos carnavalescos da cidade.

Integrante da Vizinha Faladeira, o David da América, um dos fundadores da escola, comenta sobre a eleição que celebrou Paulo da Portela Cidadão Samba:

Num ano que eu não posso precisar concorreu a Cidadão Samba Paulo da Portela e Silvio Caldas. Então havia esse direito de voto livre, que por ser representante de uma escola podia cada qual, por uma matéria favorável ou contra (direito de votar descasado do parceiro) ou seja, a escola votando para o empate, mas dependendo do modo de pensar do representante, então, o Eliezer da Cruz (Ezinho) que era representante comigo, votou pelo Paulo da Portela, mas eu votei pelo amigo Silvio Caldas. (Entrevista de David da América. Anexo II. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Coleção Francisco Duarte. Caixa 54. Envelope 31)

O Imparcial do dia 3 de fevereiro de 1937, um dia antes do desfile de Paulo da Portela como Cidadão Samba, relatava o aparecimento da Rainha Samba e o apoio dado pelo Departamento de Turismo da Prefeitura oficializando a festividade. O jornal A Noite de 5 de fevereiro de 1937 relata a chegada do Cidadão Samba da seguinte forma:

A chuva que caiu, ontem à noite, não impediu que o desfile das “Escolas de Samba” tivesse a presença da grande massa popular que não cessou de aplaudir os foliões do morro. Paulo da Portela, encarnou bem o “Cidadão Samba” e “Aracy Costa” foi uma autêntica “Rainha do Samba”.
No desfile tomaram parte todas as “academias” que se faziam acompanhar de grande número de pastores e formidáveis baterias.

O apoio de diversos grupos da sociedade faz das escolas de samba objetos de celebração do carnaval da cidade onde suas práticas híbridas, construídas e reconstruídas constantemente, elevam as relações de negociação a novos parâmetros de tempos em tempos. Assim, o Correio da Manhã de 5 de janeiro de 1937 destaca a divisão da verba destinada aos grupos carnavalescos da qual as Grandes sociedades receberiam 150 contos de réis; ranchos e blocos 60 contos de réis e escolas de samba 40 contos de réis. O incentivo financeiro feito pela Prefeitura é dado apenas um mês antes do carnaval. Os grupos carnavalescos que não possuíssem estrutura material e meios de arrecadar dinheiro, ou caso passassem por crises administrativas, ficavam sujeitos à verba municipal, comprometendo desta forma suas apresentações.

Ainda em janeiro de 1937, O Imparcial do dia 29 informava que, nesta data, haveria no recinto da Feira de Amostras um desfile carnavalesco com a participação de 12 escolas de samba. A participação das escolas, filiadas ou não à UES, em eventos festivos não necessariamente carnavalescos ia-se tornando atividade comum no cenário carioca.

Interessado em mostrar aos seus leitores como se apresentava uma escola de samba, o Jornal do Brasil de 7 de fevereiro de 1937 destacava a Depois Eu Digo, com o enredo “Sonho de Malandro. A Primavera do Morro”:

Comissão de frente constituída por diretores, trajando calça e gravata branca com camisa verde. A seguir vem à comissão de alunos, formada por meninos com bengalas e trajando as cores da escola. Segue o abre-alas dividido em [...] peças saudando o povo [...] e as suas coirmãs [...] da União das Escolas de Samba.

Inicia o cortejo um painel artístico com a produção do grande poeta Casimiro de Abreu, intitulado: Primavera.

Na primavera tudo é viço e gala. Trinam as aves [...].

A Escola de Samba Depois Eu Digo, representada pelo seu presidente trajando terno branco, tem a honra de apresentar ao público [...] com seus passos coreografados, rendendo excepcionais homenagens a primeira porta-bandeira, que vem empunhando a linda bandeira do ano de 1937 e representa a Rainha das Flores e o Príncipe Encantado, sendo ambos circundados por meninos e meninas com fantasias de borboletas e colibris.

Depois vem a segunda porta-bandeira que representa a folha dos ventos, guiada pelo segundo mestre de sala, que encarna a figura do malandro, sendo empunhado pela segunda porta bandeira, o pavilhão de 1936, laureado com o prêmio do ano anterior. Depois vem um artístico carro representando o morro com a conformação do Gigante Adormecido, que é o símbolo do bairro da Tijuca; aí se olha o malandro deitado, dormindo e sonhando, que na chegada da primavera, vê borboletas e colibris entre flores, numa alegria intensa rodeando a *Rainha das Flores* que se acha acompanhada pelo *Príncipe Encantado*.

Vê o malandro também na folha dos ventos *a sua princesa*, sendo rodeado pelas baianas que são as cabrochas do morro, vestidas na cor verde e branco, empunhando lindas e mimosas pastas, que com seus sedutores requebrados, procuram arrebatá-lo o malandro da folha dos

ventos, perdendo ele a sua linda princesa, porém, o sol que desponta por trás da montanha, desperta o malandro do seu sonho e ele vê então a realidade das incertezas da vida.

Fecha o conjunto a bateria chefiada pelo primeiro e segundo mestre de harmonia, todos fantasiados a malandro.

A iluminação vem em ricos abajures representando buquês de flores.

É este o carnaval da Escola de Samba Depois Eu Digo, que concorrerá ao concurso da Praça 11 de Junho, no Domingo de Carnaval. (Grifo nosso)

A presença de abajures iluminando o desfile, o carro alegórico, o enredo ficcional e os passos coreografados apontam para uma flexibilidade, por parte da UES, organizadora do concurso, no que tange as formas de apresentação das escolas de samba filiadas a ela. Representa também a inovação que cada escola de samba procurava fazer no carnaval, ainda sem uma definição precisa de como deveria ser o formato de uma escola.

Não encontramos o regulamento do concurso das escolas de samba de 1937, mas, através das matérias de jornais, é possível perceber que a utilização de carros alegóricos, instrumentos de sopro, iluminações e enredo universalista não causavam preocupações à UES.

Para o Diário de Notícias de 9 de fevereiro de 1937, as escolas de samba mudaram. De verdadeira “macumbas” elas “evoluíram ao contato do meio urbano”, apresentando um “soberbo espetáculo”, em grande parte decorrente do auxílio de 40 contos de réis dado pelo Conselho de Turismo da cidade. Apesar disso, elas não deixavam de se apresentar como manifestações capazes de expressar a alma do povo, sua essência mais primitiva. Segundo o jornal, no desfile das escolas estava o “samba”, a *essência* do nosso “Folclore” musical em suas modalidades “*primitivas*”. O texto prossegue, descrevendo o evento:

Sendo a primeira vez que tal certame se realizará entre nós, o desfile das Escolas de Samba foi coroado de um grande sucesso, que promete repetir-se nos próximos anos.

A “Comissão Julgadora” nomeada pelo “Conselho de Turismo” era a seguinte: Sr. Raul Alves, Carlos Ferreira, Abílio Harry Alves, Lourival Pereira, e Romeu Arêde, tendo este último faltado. Quase toda a comissão pois, era composta de jornalistas.

O aspecto que apresentava a Praça Onze era soberbo. Enorme multidão comprimida-se nas esquinas e nas ruas adjacentes, estendendo-se pela Avenida do Mangue, por onde desfilaram as “Escolas de Samba”. A iluminação da praça estava feérica e as sacadas das casas apresentavam-se engalanadas. A sociedade dos feirantes abriu seus salões para dar um animado baile.

Grande era o número de blocos, cordões, e grupos que se divertiam por toda a parte, sob um ruído rítmico e ensurdecedor. A Praça 11 mostrou mais uma vez, assim, que ainda é um dos pontos mais preferidos pelo Carnaval Popular.

Em vista do grande numero de sociedades inscritas, (para mais de trinta) e, para dar melhor comodidade ao público e melhor organização ao desfile, a inspetoria fez desviar o tráfego da Avenida do Mangue, para as ruas Senador Euzébio e Visconde Itaúna. Tudo ficou perfeitamente organizado.

Só às 22 horas, precisamente, entrou a primeira “Escola de Samba”, “*Papagaio Linguarudo*”, trazendo um pomposo préstito. Cometeu, entretanto, um erro em sua orquestra ao adotar instrumentos de sopro e exibir um carro alegórico, o que destoou um pouco, a finalidade da “Escola de Samba”. Notamos esta evolução em muitas sociedades. “A Vizinha Faladeira”, por exemplo, trazia uma Comissão de Frente, a cavalo. Não resta dúvida que era um quadro de relevo, mas que não deixava de ser bem forte para uma sociedade com tal finalidade. Cerca de quarenta “Escolas de Samba” desfilaram pela Praça 11, anteontem. (Grifo nosso)

Para o jornal, a inclusão de instrumentos de sopro, carros alegóricos e comissões de frente a cavalo parece não condizer com o propósito de uma escola de samba “genuinamente popular”. Percebe-se, entretanto, que em nenhum momento há menção de desclassificação devido o uso de carros alegóricos ou mesmo cavalos.

Falando do carnaval da Vizinha Faladeira, Francisco Duarte através do discurso de David da América informa que: “em 1937, choveu desesperadamente, [...] mas a Vizinha ganhou o desfile, porque os carros da gente eram mais fortes e as roupas melhores e resistiram bem à chuva. Nosso enredo foi “A Origem do Samba”.¹⁹

Diz Cabral (1996, p. 113): “a Vizinha Faladeira se apresentou com um automóvel seguido de seis homens fantasiados e montados a cavalo. À frente da bateria, um grupo de músicos, quase uma orquestra completa, com instrumentos de sopro inclusive”.

A Vizinha Faladeira mais uma vez se destacava das demais escolas.

Em virtude de uma ordenação do segundo delegado auxiliar Dulcídio Gonçalves para encerrar o desfile apenas 16, das 30 escolas de samba desfilaram na Praça Onze, incluindo-se a Vizinha Faladeira, a Portela e a Azul e branco. Ficaram de fora do concurso escolas de samba como Unidos da Tijuca, Estação Primeira e Prazer da Serrinha. Segundo O Jornal de 9 de fevereiro de 1937:

Até as 2:30 horas da madrugada, quando a polícia deu por terminado o desfile, somente dezesseis escolas haviam passado perante os julgadores que se viram, nestas condições, obrigados a suspender o julgamento.

Passaram ante a comissão julgadora as dezesseis escolas seguintes: Papagaio Linguarudo, Paraíso do Grotão, Fique Firme, Mocidade Louca de São Cristóvão, Parada de Lucas, Unidos do Tuiuti, Unidos de Mangueira, Depois Eu Digo, Vizinha Faladeira, Escola de Samba Portela, Unidos do Salgueiro, Unidos de Cavalcanti, Filhos do Deserto, Azul e Branco, Barão da Gamboa, Cada Ano Sai Melhor.

Em virtude do ocorrido, hoje, às 14 horas, no “Jornal do Brasil”, reúne-se a comissão julgadora, para decidir sobre o julgamento e apresentar a Diretoria de Turismo as suas conclusões.

Em face da medida adotada pela polícia, deixaram de desfilar as seguintes escolas: Deixa Malhar, Unidos da Tijuca, União do Uruguai, Estação Primeira, União de Madureira, Prazer da Serrinha, Paz e Amor, Corações Unidos, Rainha das Prestas, Recreio de Ramos, Não é o que Dizem, Lira do Amor, Na hora é que se Vê, União entre Nós.

O impedimento da continuidade do desfile das escolas de samba chama atenção na medida em que, em outros anos, a Praça Onze de Junho fora aclamada no carnaval da cidade justamente por dar continuidade aos festejos carnavalescos quando outros pontos festivos encerravam suas atividades.

¹⁹ Jornal do Brasil, 25 de fevereiro de 1979.

Reunidos na redação do jornal A Batalha, a comissão julgadora emitiu o seguinte resultado do concurso realizado no domingo de carnaval:

Anteontem, estiveram reunidos na redação de “A Batalha” os senhores Lourival Dallier Pereira, d’O Jornal, Carlos Ferreira, d’A Batalha, Raul Alves da Silva, de “A Pátria” e Abílio Harry, funcionário municipal, a fim de preparar o relatório a ser enviado ao Sr. Adalberto Woolf Teixeira, diretor de turismo.

Computados os votos a Comissão elaborou as suas conclusões onde a figura da Escola de Portela foi ressaltada.

Damos abaixo os pontos dados as Escolas:

Papagaio Linguarudo – 113;

Paraíso do Grotão – 91;

Mocidade Louca De S. Cristóvão – 105;

Parada de Lucas – 119;

Unidos Tuiui – 129;

Unidos de Mangueira – 161;

Depois Eu Digo – 163;

Vizinha Faladeira – 187;

Escola de Samba Portela – 175;

Unidos do Salgueiro – 90;

Unidos de Cavalcanti – 94;

Filhos do Deserto – 78;

Azul e Branco – 118;

Barão da Gamboa – 93;

Cada Ano Sai Melhor – 103. (O Jornal, 11 de fevereiro de 1937)

A Vizinha Faladeira, pelo resultado exposto acima, tornava-se campeã do carnaval de 1937 com o total de 187 pontos. Em segundo lugar se classificava a Portela, com 175 pontos e em terceiro a Depois Eu Digo. O Radical de 12 de fevereiro de 1937 destacaria a adequação da Portela às tradições desejadas pela intelectualidade:

Conforme já é de domínio público não terminou, dada às imposições violentas da polícia, o desfile das Escolas de Samba concorrentes ao grande concurso de domingo, na Praça Onze, desfile que fora interrompido quando haviam sido julgadas quinze escolas, apenas, das trinta inscritas.

Mesmo assim, a comissão julgadora elaborou o seu relatório a ser enviado à Diretoria de Turismo e, através o qual, faz referência toda especial à Escola de Samba da Portela *a única que se apresentou conservando todas as tradições de uma verdadeira escola de samba*, enquanto as outras se desviavam, consideravelmente, dessa finalidade. [...]

A Escola de Samba da Portela manteve-se dentro da sua finalidade.

Justa, bem justa mesmo, foi à referência especial feita pela Comissão Julgadora à Escola de Samba da Portela. E isso porque os briosos “cadetes” e “normalistas” do samba de Oswaldo Cruz, foram os únicos, dentre quase quarenta Escolas de Samba, que souberam manter *as verdadeiras finalidades do seu gênero carnavalesco*. Exibiram-se, rigorosamente *dentro de suas tradições*. Não apresentaram *carros alegóricos, nem trabalhos de pastas, nem fantasias sem os característicos do samba*. Enquanto assim procedia a escola bicampeã, as outras timbraram em se igualar aos blocos e ranchos sendo que até a comissão montada a cavalo foi apresentada. (Grifo nosso)

Nota-se, desse modo, que, ao que parece, a Vizinha Faladeira não fora a única a fugir da “tradição”. Se para a UES não existia problema na utilização de carros alegóricos e comissões com cavalos, outros grupos, não compartilham com esta ideia. O jornal A Gazeta (Apud Silva e Santos, 1979, p. 107) após o resultado da comissão julgadora, destacava que

se algumas das escolas de samba que se apresentaram, aliás a maioria, souberam guardar as suas tradições, outras há que desvirtuaram por completo a sua verdadeira finalidade. Vimos escolas de samba com carros alegóricos, instrumentos de sopro, comissões a cavalo, etc. Isto não é mais escola de samba. Elas estão se aclimatando com as rodas da cidade e, neste andar, os ranchos vão acabar perdendo para elas.

Criticando diretamente a Vizinha Faladeira, A Gazeta argumentava que o desfile da escola de samba campeã não é o desfile de uma autêntica escola de samba. No mesmo caminho, a própria comissão julgadora emite nota informando que a Portela, que já havia tido problemas com a Vizinha Faladeira na questão de resultados no ano de 1935, foi a que melhor preencheu as finalidades de uma escola de samba no desfile de 1937. Informa a comissão:

Embora concedendo maioria de pontos à Vizinha Faladeira, a comissão não deixa de reconhecer ter sido a Portela a que mais preencheu as finalidades das escolas de samba. Entretanto, assim procedeu em virtude dos quesitos apresentados não corresponderem ao julgamento a realizar. De futuro, já pelo brilho desses cortejos, já pelo número dos mesmos, como pelo extraordinário interesse despertado no público, os quesitos devem ser mais completos e firmados com antecedência bastante para que as escolas de samba por ele se possam reger.

Pensa também a comissão que a exibição de carros alegóricos e de comissão de frente a cavalo ou de automóveis foge à finalidade das escolas de samba, hoje a parte maior, mais interessante e mais nacionalista do carnaval carioca. (CABRAL, 1996, p. 114)

Indicando o caminho a ser seguido, a comissão julgadora, composta de cronistas carnavalescos e de um representante do turismo carioca, apontava para a necessidade de simplicidade, pureza e brasilidade no conjunto das escolas de samba. Fica clara a intenção de moldar os desfiles, definindo o que deveria e o que não deveria ser uma escola de samba. Para a comissão e os jornais, uma escola de samba deveria ser caracterizada por fantasias simples, presença de baianas, cuícas, pandeiros e tambores, ausência de instrumentos de sopro (associados aos ranchos), além do canto das pastoras e das danças (Figura 31), como se pode observar na figura abaixo,:



Figura 31: “Uma autêntica escola de samba”. (Diário Carioca, 9 de fevereiro de 1937)

4.7 O desfile que não houve (1938)

É comum falar-se sobre a ausência de jurados no concurso das escolas de samba do ano de 1938 devido a uma chuva que assolou a cidade (CABRAL, 1996; SILVA e SANTOS, 1979). Entretanto, apesar de não ter havido classificação, o desfile das escolas de samba aconteceu. O Globo de 26 de fevereiro de 1938 apresenta uma fotografia da Praça Onze (com seu coreto) e informando que o local estava pronto para o carnaval da cidade (Figura 32).



Figura 32: “A Praça Onze hoje pela manhã”. (O Globo, 26 de fevereiro de 1938)

Um ano após sua criticada vitória no desfile de 1937, a Vizinha Faladeira se apresentava com o enredo “O Brasil”. David da América conta a Francisco Duarte que “em 1938 não houve disputa. Choveu muito, disseram que a comissão não tinha comparecido. Nós desfilamos e estava tudo bem, porque em nosso enredo, O Brasil, todas as damas tinham guarda-chuva para desfilar”.²⁰

Não tendo havido classificação da comissão julgadora (o que ocasionou a falta de prêmios no concurso), ficaram as escolas de samba sem uma disputa oficial naquele ano. Segundo o Jornal do Brasil de 3 de março de 1938. Somente o jurado Domingo Robim conseguiu chegar ao local e, após 30 minutos esperando, foi-se embora, deixando uma declaração de comparecimento para se isentar de eventuais problemas. Nas palavras do jornal,

As escolas de samba possuíam o dia de domingo para o julgamento dos cortejos. A Praça 11 de Junho, local escolhido, estava repleta. O aspecto era formidável. As escolas apresentavam-se corretamente. Mas a chuva violenta que desabou provocou a debanda das cinquenta e tantas escolas.

Dessa maneira foi adiado o julgamento para segunda-feira²¹. Ainda assim o julgamento não foi feito por não ter aparecido a comissão.

O Sr. Domingo Robim, nosso colega de imprensa e um dos designados fez a seguinte declaração:

Designado pela Diretoria de Turismo para fazer parte da comissão de julgamento das Escolas de Samba, compareci as 20 e 25 minutos, devido às dificuldades de transito.

²⁰ Jornal do Brasil, 25 de fevereiro de 1979.

²¹ O Jornal do Brasil afirma que o desfile das escolas de samba foi transferido de domingo para a segunda-feira de carnaval devido à chuva e que, mesmo assim, a comissão julgadora não compareceu ao local. Esta informação, entretanto, não é encontrada em outros jornais da mesma data.

“Não tendo encontrado nenhum dos membros da referida comissão, e tendo esperado 30 minutos, faço a presente declaração para salvaguardar das minhas responsabilidades”.

Domingo Robim.

A comissão escolhida era a seguinte: Lourival Pereira, Domingo Robim e Mario Domingues.

Segundo o jornal O Radical, somente os aplausos da população premiaram as escolas de samba (Figuras 33 e 34).

Foi deveras emocionante o espetáculo atraente que as Escolas de Samba, num total de 36, ofereceram ao povo carioca na tradicional Praça 11 de Junho, os aplausos calorosos da população, foi o único prêmio, que fizeram jus esses grêmios carnavalescos composto de operários, que não vacilam em sacrificar-se para emprestar maior expressão possível ao nosso tão falado Carnaval.

É bem verdade, que foi nomeada uma Comissão para julgar o valor artístico das referidas escolas de samba, todavia, a escolha recaiu em pessoas, que não corresponderam a expectativa, tanto assim que não pôde ser feito o julgamento, tendo em vista que no coreto da Comissão Julgadora tinha apenas o Sr. Domingo Robim, designado pelo Conselho Geral de Turismo que pôde constatar de viso, o entusiasmo das morenas e o ronco das cuícas e dos tamborins, as fantasias riquíssimas de baiana e o ritmo do samba, autentico dos morros, cuja melodia faz qualquer mortal sofrer um “frisson”, como que dizendo: - “Entra no samba também, meu bem”!

Lamentamos não ter havido o julgamento das Escolas de Samba, que para se apresentarem ao público, dispendem de dezenas de réis.

No entretanto, amigos que somos desse povo generoso, bom e trabalhador que habita os nossos morros, achamos que foi melhor assim, pois pior podia ser. Quem sabe se uma comissão cujos votos muitas vezes estão empenhados, não teria causado muitas dores de cabeça nos componentes das Escolas de Samba. Quem sabe! O maior prêmio que esses milhares de foliões conquistaram, e que nenhuma comissão poderá alterar, foi à aclamação unânime do povo que é o juiz supremo de todas as festas e empreendimentos cívicos ou carnavalescos.

A consagração do povo, atenuou em parte todos os gastos e sacrifícios dos amigos do Cidadão-Samba. (O Radical, 4 de março de 1938)

Porque os membros da Comissão Julgadora das Escolas de Samba não apareceram?...
O POVO, O UNICO JUIZ — OUTRAS NOTAS



Escola de Samba “Não é o que dizem”

Foi deveras emocionante o espetáculo atraente que as Escolas de Samba, num total de 36, ofereceram ao povo carioca na tradicional Praça 11 de Junho, os aplausos calorosos da população, foi o único prêmio, que fizeram jus esses grêmios carnavalescos composto de operários, que não vacilam em sacrificar-se para emprestar maior expressão possível ao nosso tão falado Carnaval.

É bem verdade, que foi nomeada uma comissão para julgar o valor artístico das referidas escolas de samba, todavia, a escolha recaiu em pessoas, que não corresponderam a expectativa, tanto assim que não pôde ser feito o julgamento, tendo em vista que no coreto da Comissão Julgadora tinha apenas o Sr. Domingo Robim, designado pelo Conselho Geral de Turismo que pôde constatar de viso, o entusiasmo das morenas e o ronco das cuícas e dos tamborins, as fantasias riquíssimas de baiana e o ritmo do samba, autentico dos morros, cuja melodia faz qualquer mortal sofrer um “frisson”, como que dizendo: — “Entra no samba também, meu bem”!

Lamentamos não ter havido o julgamento das Escolas de Samba, que para se apresentarem ao público, dispendem de dezenas de réis.

No entretanto, amigos que somos desse povo generoso, bom e trabalhador que habita os nossos morros, achamos que foi melhor assim, pois pior podia ser. Quem sabe se uma comissão cujos votos muitas vezes estão empenhados, não teria causado muitas dores de cabeça nos componentes das escolas de samba. Quem sabe! O maior prêmio que esses milhares de foliões conquistaram, e que nenhuma comissão poderá alterar, foi à aclamação unânime do povo que é o juiz supremo de todas as festas e empreendimentos cívicos ou carnavalescos.

A consagração do povo, atenuou em parte todos os gastos e sacrifícios dos amigos do Cidadão-Samba.

FRUTAS BARATAS E BOAS SO' NO
“ENTREPOSTO DO GRILLO”
Preta a 200 réis; Maçã, \$100; Ameixa, \$200; etc. Travessa Bellas Artes, 5 — Ao lado do Tesouro, Pertinho da Avenida Passos.

Esteve imponente o Carnaval

Figura 33: O Radical, 4 de março de 1938.



Figura 34: “Flagrante do desfile das escolas de samba, que animou ontem, o carnaval da Praça Onze, movimentando uma legião infindável de foliões. Um dia após o desfile das escolas de samba na Praça Onze, o jornal publica fotos de escolas de samba Notem-se os caramanchões em destaque”. (A Noite, 28 de fevereiro de 1938)

Silva e Santos (1979, p, 110) informam que a Portela levou espelhos no abre-alas evidenciando o esforço da escola de samba em se apresentar “elegante”. Segundo afirmam, “a Portela foi à primeira escola de samba a usar espelho”. A utilização desses objetos, fato inovador, se contrapunha aos discursos da escola nos anos anteriores, que exaltava a música e a dança em detrimento de alegorias e adereços. Ainda segundo as autoras, em 1938, houvera mudanças no regulamento das escolas de samba com o intuito de melhor apresenta-las ao público, evitando os “exageros” cometidos pela campeã do ano anterior. Fazia-se valer a proibição do uso de carros alegóricos ou carretas da mesma forma como a utilização de temas internacionais na composição dos enredos. O julgamento avaliaria o samba, a harmonia, a bandeira, o enredo, a indumentária, a comissão de frente, a fantasia do mestre-sala e porta-bandeira e a iluminação da escola.

Cabral (1996, p. 118-119) informa que o desfile não ocorreu na Praça Onze, mas sim no Campo de Santana, devido às obras de construção da Avenida Presidente Vargas. Descrevendo os desfiles da Portela, da Azul e Branco do Salgueiro e da Mangueira, informa o autor: “a Portela apresentou-se com o enredo “Democracia no Samba”. A Azul e Branco do

Salgueiro inspirou-se na campanha “Deem asas ao Brasil” para elaborar o seu enredo. A Estação Primeira de Mangueira fez uma homenagem aos poetas brasileiros...”.

A utilização de enredos nacionais parecia indicar o caminho da mudança política experimentada pelo país com a implantação do Governo Ditatorial (1937-1945), onde, através de uma ação contra o suposto Plano Cohen²², Getúlio Vargas elaboraria uma nova Constituição, decretando o Estado Novo em 1937. O novo regime político, entre outras coisas, prorrogava o mandato presidencial para seis anos; nomeava interventores para a chefia dos governos estaduais, eliminando as eleições; proibia greves e impunha a censura nos meios de comunicação e nas expressões artísticas, através da criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Similar ao regime fascista e nazista europeu, o Estado Novo brasileiro concentrava o poder em seu presidente.²³

Mesmo perdendo um de seus grandes aliados e incentivadores, o prefeito Pedro Ernesto, afastado da Prefeitura do Rio de Janeiro em meados de 1936 acusado de ligação com os comunistas, os grupos de samba continuaram a coexistir com as novas realidades da cidade. Noticiando a escolha do Cidadão Samba daquele ano, o jornal O Radical de 23 de fevereiro de 1938 destacava que, após as escolas de samba baterem continência ao Cidadão Samba, qualificado como “*generalíssimo*”, haveria uma “*passseata*” do líder carnavalesco:

Organizado pela União das Escolas de Samba será realizado amanhã, dia 24, a chegada triunfal do Cidadão Samba. Esta organização é de iniciativa dos nossos colegas de “A Pátria” e oficializado pelo Conselho Geral de Turismo. A chegada do Cidadão Samba será às 20 horas, na sede da União das Escolas de Samba a qual esta sendo ornamentado com todo capricho.

Depois da entrega solene do título ao Cidadão Samba será organizado um grande préstito que *desfilará com toda pompa* na nossa artéria principal.

Às vinte e uma horas na majestosa sede da União das Escolas de Samba, que esta ricamente ornamentada, Paulo da Portela, Cidadão Samba de 1937, juntamente com a diretoria da entidade máxima do samba, aguardará a chegada do seu substituto, Cidadão-Samba de 1938, Gargalhada. O novo *generalíssimo* do samba será recebido pela diretoria da União das Escolas de Samba na entrada da sede, sendo encaminhado por esta, para o salão de honra, onde terá lugar uma solenidade de grandes proporções, que constará do seguinte:

Paulo da Portela fará entrega do título ao seu sucessor, Gargalhada, Cidadão-Samba de 1938, e este ao recebê-lo assignará o termo de posse, havendo nesse momento as saudações protocolares.

Inúmeros clarins na sacada da União, darão o toque de reunir, afim das Escolas de Samba, *prestarem as continências ao generalíssimo*, Cidadão-Samba, Gargalhada, acompanhado pela sua *casa militar-sambista* (secretários) e diretoria da entidade máxima do samba.

Após as continências das Escolas de Samba, ao seu *generalíssimo*, Cidadão-Samba, Gargalhada, as mesmas irão tomar posição na Avenida Rodrigues Alves, onde aguardarão o préstito para a *passseata*.

O préstito será organizado da seguinte forma: 2 batedores abrirão o cortejo e a seguir *um carro ricamente ornamentado conduzirá a diretoria e o seu cronista oficial*; 2º carro – conduzindo a rainha do carnaval de 1937, que irá empunhando o pavilhão da União das Escolas de Samba; 3º carro – conduzirá a Rainha do Carnaval de 1938 (Cada Rainha será acompanhada de 5 princesas). Nesses carros irão também 2 clarins.

²² Segundo aliados de Vargas, o Plano Cohen seria um plano comunista para introduzir novos pensamentos políticos na sociedade brasileira o que ocasionaria conflitos políticos geradores de uma possível guerra civil.

²³ FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2006. p. 199-200.

Um belíssimo carro alegórico representando o morro do Salgueiro, de onde o Cidadão-Samba, aprecia uma samba representado por 12 sambistas. A seguir, aparece o carro dos secretários do Cidadão-Samba.

Imediatamente, as Escolas de Samba, com os seus formidáveis conjuntos, aproximadamente de 60.000 sambistas, virão uma atrás das outras.

Fogos de bengala iluminarão o cortejo, dando ainda um espetáculo alucinante.

[...] Parado na redação de “A Pátria”, órgão oficial da União das Escolas de Samba, onde o Cidadão-Samba e os seus secretários irão cumprimentar o Dr. Antenor Novaes. Finda essa cerimônia o préstito continuará descendo a Avenida Passos. Marechal Floriano, Senador Euzébio, Praça Onze de Junho. (Grifo nosso).

Não só o Cidadão Samba tecia novas relações com a sociedade e seus novos rumos políticos. Algumas escolas de samba, ainda em fevereiro de 1938, desfilaram em Copacabana, num festejo carnavalesco contando com a presença do novo interventor federal Henrique Dodsworth, assim como outras autoridades da cidade, como destaca A Noite:

Ainda é tempo para registrarmos a interessante festa carnavalesca efetuada em Copacabana, por iniciativa dos nossos colegas do Beira-Mar, na qual tomaram parte diversas Escolas de Samba. Apesar do mau tempo, compareceram o interventor Henrique Dodsworth, secretário de justiça comandante Átila Soares, diretor do Departamento de Difusão e Cultura, Dr. Lourival Fontes e diretor de Turismo, Dr. Georgino Avelino, que foram recebidos no palanque armado defronte ao lado, pela comissão.

A festa, decorreu muito interessante, sobressaindo, entre outros Escolas de Samba filiadas a de Portela, e a Unidos da Tijuca.

Foram conferidos os prêmios constantes das taças “Beira-Mar”, “Radio Ipanema”, “Cassino da Urca”, “Lido” e “Drogaria Sul Americana”.

As altas autoridades foram em seguida conduzidas até a terrasse do Copacabana Palace Hotel, sendo-lhes oferecida uma taça de Champanhe.

Foram trocados brindes, falando pelo “Beira-Mar”, sua redatora D. Anita Corrêa, sendo os agradecimentos feitos pelo Srs. Comandante Átila Soares e Dr. Lourival Fontes e Georgino Avelino. (A Noite, 25 de fevereiro de 1938)

Neste ano diversos concursos envolvendo o samba e as escolas de samba vigoraram na cidade (CABRAL, 1996). A escolha do Cidadão Samba ficou sob o encargo de A Pátria em conjunto com a UES. O mesmo jornal realizou um evento carnavalesco para a escolha dos melhores das escolas de samba em várias atividades como: melhor compositor; melhor tamborinista; melhor sapateador; melhor mestre-sala; melhor porta-bandeira entre outros, um evento que colaborava na fixação de um imaginário carnavalesco os novos personagens ligados às escolas de samba. A própria elite intelectual, por sua vez, ampliaria cada vez mais sua relação com as escolas de samba, manifestado, por exemplo, nas visitas frequentes que os grupos faziam às redações (Figuras 35 e 36):

“Uma manhã de Primavera” É o enredo da Escola de Samba Unidos da Tijuca

Desfilarão domingo, às 21 horas, em direção ao Campo de Santana, as novas escolas de samba: Unidos da Tijuca, sociedade que está escolhendo seu enredo para o desfile de domingo, e a Unidos da Tijuca, que sempre figurou entre as primeiras no carnaval carioca.



Diretores da E. de Samba Unidos da Tijuca em visita à nossa redação.

Julamento, um enredo mimoso, de-...
Citemos, porém, o prazer da visita de dois dilectos dos Unidos, o Raulino Mendonça e Antônio...
Por assim que, no decorrer de nos-...
a palavra, em que todos descrevem...
graças ao melhor, experientes. Ficamos...
curiosos com o que a seguir...
a parte — Invenções — Abre a...
a parte — Comissão de Fanto — Tra-...
a parte —
Enredo — A parte — Cinco temas...
recomendados, representados...
as seguintes: Fanto, Fanto, por...
to, Vaqueiro, Fanto, por...
Margarida, por Gaudê, Fanto, por...
Alfredo, e Fanto, por...
— É o mestre da... que representa a...
Príncipe Negro, falando pela 1ª parte...

Figura 35: “Diretores da Unidos da Tijuca em visita à nossa redação”. A foto retrata integrantes da escola de samba Unidos da Tijuca visitando a redação do jornal com o intuito de mostrar o enredo que apresentariam no desfile de domingo de carnaval. (A Noite, 26 de fevereiro de 1938)



Figura 36: “Dentre as visitas que recebemos no tríduo da folia, destacamos a da escola de samba Mimoso de Quintino”. (Diário Carioca, 3 de março de 1938)

As transformações políticas ocorridas no Brasil não impediram as escolas de samba de se adaptar a nova organização, elevando estes grupos a um novo status. A proibição do uso de carros alegóricos e de temas estrangeiros no enredo aliadas a ausência dos jurados no concurso de 1938 implicavam numa flexibilidade para com o carnaval posterior na medida em

que, mesmo com tais regulamentações, houve escolas de samba que inovaram em seus desfiles, como a Portela com os espelhos na comissão de frente e a Vizinha Faladeira com sombrinhas. A proibição de tais quesitos é também relativizada, na medida em que a própria UES utiliza-se de luxo e riqueza para eleição do Cidadão Samba.

Em 1939 o desejo maior dos grupos que interagem com as escolas de samba, incluindo-se o próprio Estado Novo e suas práticas nacionalistas reguladas, é o de incentivar um carnaval nacionalista, estabelecendo padrões capazes de transformar a estética das escolas de samba, fazendo-as representantes máximas do produto cultural brasileiro.

4.8 Carnaval nacional? (1939)

Produzir eventos de caráter nacionalista, após a implantação do Estado Novo tornou-se algo comum na cidade do Rio de Janeiro. A exaltação de ranchos, blocos e, principalmente, escolas de samba fazia parte do projeto de imbuir o carnaval de manifestações tipicamente populares. Contando com o interesse das elites intelectual e financeira, a burguesia carioca experimenta um momento de consumo cultural nacional em grande escala, onde as escolas de samba tem um papel importante. O Centro de Cronistas Carnavalescos (CCC), que nos anos de 1932-1933 atuou nas escolas de samba para torná-las representantes de um novo carnaval, no ano de 1939 volta a incentivar um concurso entre estes grupos a ser realizado na Quinta da Boa Vista.

Como destaca o Correio da Manhã de 19 de janeiro de 1939,

será finalmente hoje o disputado concurso de escolas de samba, na Quinta da Boa Vista, com início às 8 horas da noite.

Esses interessantes núcleos de cultivadores da nossa música típica, no que ele tem de mais *histórico e básico da civilização brasileira*, vão concorrer aos valiosos prêmios estabelecidos, competindo nas improvisações, na harmonia, no ritmo inigualável do sentimento e da emoção, empolgando pelo imprevisto, dominando pela beleza do relevo e do som. (Grifo nosso)

Alguns dias depois, o Estado Novo dedica o encerramento da Feira de Amostras às manifestações populares. Com o auxílio de Villa-Lobos diversos grupos populares se apresentaram no evento, incluindo, é claro, os grupos de samba. Isto incluía até mesmo um concurso em que as escolas de samba se apresentaram e foram julgadas por Ubirajara Coutinho, conforme relata o Correio da Manhã de 21 de janeiro de 1939.

Logo no início de 1939 a UES atravessa uma crise e em assembleia geral seus representantes mudam o nome da instituição para União Geral das Escolas de Samba (UGES) escolhendo Antenor dos Santos para a presidência. Ficou a UGES responsável pela promoção do concurso para escolha do Cidadão Samba de 1939. O Diário Carioca de 1º de fevereiro de 1939 informava que os candidatos se apresentariam na sede da UGES para serem classificados e escolhidos por uma comissão criada pelos integrantes da instituição (Figura 37). No dia 3 de fevereiro, o jornal relata como se deu a escolha:

A União Geral das Escolas de Samba, entidade máxima do samba, que reúne trinta e tantas escolas de samba, a porta-voz, do desenvolvimento de suas filiadas, nas várias modalidades artísticas que as completam fez realizar, por ocasião da Assembleia Geral, antontem a eleição do Cidadão-Samba.

As urnas acusaram a Vitória de Alfredo Costa como Cidadão Samba durante 1 ano. [...]

Após a contagem dos votos, verificou-se o seguinte resultado: Alfredo Costa, com 23 votos (Cidadão-Samba), Agenor de Oliveira, com 9 votos e Ubirajara Coutinho, com 8 votos.

A formidável bateria da Escola de Samba Fiquei Firme, foi que auxiliou aos candidatos à Cidadão-Samba, aliás, com aquela sua perfeição, como bateria, que toda a cidade admira.



Figura 37: “A mesa que presidiu a reunião para escolha do Cidadão Samba”. (Diário Carioca, 3 de fevereiro de 1939)

Em 12 de fevereiro, o mesmo jornal descrevia a chegada do Cidadão Samba à cidade:

O préstito será organizado da seguinte forma: 2 batedores, abrirão o cortejo e a seguir um carro ricamente ornamentado conduzirá a diretoria da União Geral das Escolas de Samba e o seu cronista oficial; 2º carro – surge a figura impressionante do Cidadão-Samba, onde apresentará ao povo carioca, as belas coisas que encerram os sambistas. A seguir, apareceu o 3º carro – secretários do Cidadão-Samba; 4º carro – conduzindo as damas do samba de 1937 e 1938, que levarão o pavilhão da gloriosa entidade máxima do samba – União Geral das Escolas de Samba; 5º e 6º carros – Imprensa. Irão também 2 clarins e fogos de bengala, para efeito de iluminação do cortejo, dando um aspecto alucinante. 7º carro – Diário Carioca. Seguem-se os carros das Escolas de Samba, com as suas embaixadas e pavilhões. Esses carros levarão também um colar de fogos de bengala. (Diário Carioca, 12 de fevereiro de 1939)

A utilização de carros para desfilar pelas ruas da cidade, compostos de “rica ornamentação” além de “clarins e fogos de bengala” elevam o Cidadão Samba a ícone das manifestações populares. Em anos anteriores ele chegava de trem à cidade e percorria as ruas com as escolas de samba acompanhando-o.

Em entrevista concedida ao Diário Carioca de 12 de fevereiro de 1939 o Cidadão Samba (Figuras 38 e 39), ressaltava a importância que as escolas adquiriam:

Tudo evoluiu. O samba também evoluiu, *tomou feição artística*, agigantou-se, colocando-se paralelamente a qualquer das outras modalidades carnavalescas do Brasil.

Eu, como legítimo representante da *música típica do Brasil*, o Samba, não podia deixar de atender, como já tive ocasião de me manifestar, a vossa intimação, principalmente, tratando-se de demonstrar aos que ainda não conhecem o verdadeiro samba. Sinto-me mesmo orgulhoso por um simples motivo. *Hoje, não é como dantes, cercado com indiferença*, pelo contrário, chegamos ao momento de recebermos do querido povo carioca, as maiores consagrações, em recompensa, ao valor da minha gente que, *nasce lá no alto do morro*, perto do céu. Lá é que existem os *verdadeiros* poetas sambistas.

A evolução do samba está se operando com rapidez, para galgar as escadas do triunfo definitivo. Por isso, quem não gosta de ouvir e ver, nos nossos setores, sambistas, “desacatando” o samba. Nem é bom falar.

Aproveitando essa minha rápida palestra, espero que as nossas queridas altas autoridades, continuem a olhar com carinho, pela minha gente do samba, no sentido de cooperarem para a completa *obra de brasilidade*, a música *típica* do Brasil, o samba.

O nosso samba, será a maior apoteose da maior festa do mundo, carnaval do Rio de Janeiro. (Grifo nosso)



Figura 38: “O Cidadão Samba em nossa redação quando de sua visita aos cronistas carnavalescos do Diário Carioca”. (Diário Carioca, 7 de fevereiro de 1939)



Figura 39. O Globo registrou o encontro do Cidadão Samba com o presidente da UGES. (O Globo, 15 de fevereiro de 1939)

Com o intuito de organizar o carnaval das escolas de samba a UGES criaria um novo regulamento:

Após a reprovação do Regulamento do Carnaval, para 1939, feita pela Comissão indicada, Paulo Pereira Filho apresentou a seguinte proposta: “Pode haver pastas – A comissão é de 5 (cinco) membros – Os enredos serão entregues à diretoria da união, até o dia 18. Direito do Concurso, 5 (cinco) quesitos, a saber: Bandeira, samba, harmonia, enredo e bateria. Prêmios: 3.500 contos, assim discriminados: 1º lugar, 800 contos; 2º lugar, 600 contos; 3º lugar, 450 contos; 4º lugar, 350 contos; 5º lugar, 300 contos e 10 lugares de consolação, a

100contos. *Essa proposta será incluída no Regulamento do Carnaval, do ano passado. Essa referida proposta foi aprovada.* (Diário Carioca, 3 de fevereiro de 1939. Grifo nosso)

Este novo regulamento, entretanto, não foi aprovado pela plenária da UGES. Buscando resolver o impasse, seus integrantes acrescentam ao regulamento de 1938 os quesitos a serem julgados, os prêmios e a obrigatoriedade de entregar os enredos com antecedência para o ano de 1939. Não se apresenta a proibição de instrumentos de sopro, carros alegóricos ou temas estrangeiros, contudo, estes itens haviam sido proibidos no regulamento do ano de 1938. O novo regulamento foi divulgado 17 dias antes do desfile das escolas de samba a ser realizado no domingo de carnaval.

A falta de organização do ano de 1939 transparece nas escolas de samba que apresentam desfiles muito variados, contando com carros alegóricos, fantasias luxuosas e inovações, como se pode perceber na descrição abaixo referente ao desfile da “Unidos Para Sempre” de Caxias:

Unidos para Sempre, apresentará o seu formidável préstito *com um suntuoso enredo em homenagem ao Estado Novo, cujo título é: Tudo pelo Brasil.*

1ª parte – Comissão de frente composta de rapazes elegantes e garbosamente vestidos. *Segue-se o 1º carro – abre alas denominado: O gigante da América do Sul. Forma como guarda de honra deste carro meninos ricamente fantasiados.*

2ª parte – Primeira porta-bandeira – *Corpo coral composto de ricas baianas.*

2º *carro chefe – bela alegoria denominada: O Brasil forte – forma como guarda de honra deste carro graciosas fantasias.*

3ª parte – Segunda porta-bandeira. A terceira parte do préstito é composta pelo corpo de baterias do Unidos que é um conjunto de invejável valor *estando seus componentes com ricas e belas fantasias de acordo com o enredo.* (Grifo nosso)

Valorizando o luxo a escola apresenta carros alegóricos e fantasias “ricas”. Silva e Santos (1979, p. 113) falando do desfile da Portela em 1939, informam que a alegoria principal era um gigantesco quadro negro e que as fantasias era feitas de crepe-cetim, o material mais caro do período.

O desfile foi realizado na Praça Onze de Junho tendo como jurados: Lauro Alves de Souza, Atheneu Glasser, Lourival César, Álvaro Pinto da Silva e Austregésilo de Ataíde que sagraram a Portela como a escola de samba campeã, com o enredo “Teste do Samba”. Cabral (1996, p. 125) informa “que a comissão julgadora aplicou, pela primeira vez, o dispositivo que proibia a abordagem de temas estrangeiros nos enredos e desclassificou a Vizinha Faladeira”.

Neste carnaval a Vizinha Faladeira se apresentou com o enredo “Branca de Neve e os Sete Anões” (Figura 40) inovando, mais uma vez, ao inserir no desfile das escolas de samba, um tema internacional e muito conhecido da população carioca. Apresentou comissão de

frente com terno de flanela e polainas, bateria fantasiada, carro alegórico com luzes, anões em volta da Branca de Neve – compondo uma ala de crianças - além de aproximadamente 400 integrantes. Francisco Duarte informa que a escola

entrou no folclore mundial e trouxe para a Praça Onze o enredo “Branca de Neve e os Sete Anões”. Tinha uma menina branca, filha de italianos, que era linda de morrer, era a Branca de Neve; os anões eram meninos maquiados e vestidos como velhinhos, gnomos da mata, e por isso foi desclassificada do desfile, porque o enredo não era nacionalista. (Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Coleção Francisco Duarte. Caixa 10. Envelope 13)



Figura 40: “David e Hermínia com a bandeira que a escola exibiu no carnaval de 1939”. (Jornal do Brasil, 25 de fevereiro de 1979)

Falando da Vizinha Faladeira Otoniel Cruz revela que para o carnaval de 1939 “Gastamos muito, tal foi o luxo. A comissão de frente veio de terno de flanela e de polainas”.²⁴ Violeta Alves comenta sobre o desfile:

Na frente tinha uma comissão de frente, todo mundo de branco e de chapéu bicudo azul, acho que foi na Branca de Neve. No fim vinha à bateria, todo mundo fantasiado. Acho que eram ao todo umas 400 pessoas. Tinha um carro alegórico que tinha luz e a Branca de Neve em cima com sete anões no chão, andando e cantando em torno do carro. (Entrevista de Otoniel Cruz. Anexo F. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Coleção Francisco Duarte. Caixa 54. Envelope 31)

David da América conta que naquele ano a Vizinha Faladeira estava com problemas internos e que o carnaval foi feito 25 dias antes do desfile. Informa que devido a correria, a escola “caprichou no luxo”.²⁵ Pardal, outro integrante da Vizinha Faladeira, falando do desfile de 1939, informa que: “a Branca de Neve era conhecida como Nega, ninguém sabe o nome dela; podia ter na época uns onze/doze anos [...] era menina, muito linda [...]. Não lembro se tinha Rainha Má, mas acho que os anões eram os garotos”.²⁶

Mesmo encontrando dificuldades para realizar o carnaval de 1939 a Vizinha Faladeira não deixava de apresentar um modelo inovador e luxuoso. Mesmo semelhante a Unidos de Caxias, com carros alegóricos e fantasias de luxo, e a Portela com roupas confeccionadas com os melhores tecidos além de um quadro negro como alegoria a Vizinha Faladeira foi desclassificada por usar tema estrangeiro na construção de seu enredo.

Valdir Paim, um dos fundadores da Vizinha Faladeira informa que a escola de samba Portela apresentou um regulamento que seria de outro concurso com o intuito de retirar da Vizinha Faladeira o seu brilhantismo.²⁷

Alguns dias após o carnaval, o Diário Carioca de 23 de fevereiro de 1939, apresenta um anúncio em uma de suas páginas informando de uma peça teatral no teatro Alhambra intitulada “Branca de Neve e os Sete Anões”, na sua versão inglesa (Figuras 41 e 42).

²⁴ Jornal do Brasil, 25 de fevereiro de 1979.

²⁵ Entrevista de David da América. Anexo B. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Coleção Francisco Duarte. Caixa 54. Envelope 31.

²⁶ Entrevista de Pardal. Anexo E. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Coleção Francisco Duarte. Caixa 54. Envelope 31.

²⁷ Entrevista de Valdir Paim. Anexo A.

10 DIÁRIO CARIOCA — Quinta-feira, 23 de Fevereiro de 1939 COMERCIO

H O J E
ODEON Mais uma aventura sensacional com o famoso detetive oriental! A 20th Century-Fox apresenta
A FUGA DE Mr. MOTO
 com PETER LORRE - MARY MAGUIRE - HENRY WILCOXON e HAROLD HUBER

<p>INFORMAÇÕES FINANCEIRAS E COMERCIAIS</p> <p>MERCADOS Câmbio Londres — 100 libras — 207,00 Paris — 100 francos — 208,00 Nova York — 100 dólares — 210,00 Rio de Janeiro — 100 cruzeiros — 100,00</p> <p>CAFÉ Santos — 50 sacos — 100,00 São Paulo — 50 sacos — 100,00 Recife — 50 sacos — 100,00</p> <p>TRIGO Santos — 50 sacos — 100,00 São Paulo — 50 sacos — 100,00 Recife — 50 sacos — 100,00</p> <p>OUTROS Cotação de ouro — 100,00 Cotação de prata — 100,00</p>	<p>BANCO BORGES CREDITO E FINANÇAS S.A. Rua da República, 104 — Tel. 11.111</p> <p>Serviço Aéreo Linhas Aéreas Nacionais Linhas Aéreas Internacionais</p> <p>MARITIMAS Companhias Marítimas Linhas de Passageiros</p>	<p>Walt Disney apresenta Branca de Neve e os Sete Anões com Snow White and the Seven Dwarfs em 70mm ALHAMBRA</p>
--	--	---

<p>Banco dos Funcionários Públicos Fundação pelo Decreto 101, de 20 de Setembro de 1937 — Rua do Cosme Velho, 20 — 20.000-000 FILIAES: São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Recife, Salvador, Fortaleza, Natal, Manaus, Porto Alegre, Curitiba, Florianópolis, Recife, Salvador, Fortaleza, Natal, Manaus, Porto Alegre, Curitiba, Florianópolis</p> <p>CARTEIRA COMERCIAL BANCOS PARA DEPOSITOS PRAZO FIXO</p>	<p>O que desejam os metalúrgicos O setor metalúrgico brasileiro está passando por uma transformação profunda. A demanda por produtos metálicos está aumentando rapidamente, impulsionada pelo crescimento da indústria automobilística e da construção civil.</p>	<p>Notas da Viação As linhas aéreas nacionais estão aumentando suas rotas e melhorando a qualidade dos serviços. Há uma expectativa de maior integração entre as principais cidades do país.</p>
---	---	--

<p>Centro Comercial de Caxias Rua da República, 104 — Caxias, RJ</p>	<p>Abelides Horta e seus amigos chineses O jornalista Abelides Horta mantém um estreito contato com amigos chineses, o que lhe proporciona informações valiosas sobre a situação política e econômica da China.</p>	<p>Alfândega uma focos de tensão no território brasileiro A alfândega brasileira enfrenta desafios significativos devido à complexidade dos procedimentos aduaneiros e à necessidade de modernização dos sistemas de fiscalização.</p>
--	---	--

“Em busca da Paz”
Recrutamento “de Jura” de governo do general Franco

“Branca de Neve e os Sete Anões”. (Diário Carioca, 23 de fevereiro de 1939)

Figura 41: Cartaz da peça teatral



Figura 42: Detalhe da

propaganda do teatro Alhambra. (Diário Carioca, 23 de fevereiro de 1939)

A exclusão da Vizinha Faladeira revela os diversos atores da sociedade e seus diálogos tensionados na construção de um carnaval cada vez mais popular, um carnaval verdadeiramente nacional, representante do povo, com características de folclore nacional, exaltando-se à bandeira, as cores brasileiras, os militares, a fauna e a flora. Algumas escolas de samba, assim como a UGES, perceberam o novo processo vigente, uma mudança latente, a qual Vizinha Faladeira não participará.

4.9 A mudança latente: negociações e práticas novas (1940)

A Segunda Guerra Mundial iniciada em setembro de 1939 e a ditadura do Estado Novo modificam o cenário carnavalesco do Rio de Janeiro no ano de 1940. Se antes, as manifestações populares se relacionavam com grupos representantes da esquerda, como o

prefeito Pedro Ernesto, a partir da instauração do Governo Ditatorial (1937-1945) o cenário político e cultural se modificaram.

O poder público passa a regular com maior intensidade o carnaval das escolas de samba investindo, inclusive na decoração dos espaços da folia (Figura 43). Como destaca o Correio da Manhã de 1 de fevereiro de 1940,

Na Praça Onze, o histórico reduto do samba, já estão sendo ultimados os serviços de colocação de um coreto artístico com painéis de motivos carnavalescos e sobre o chafariz ali existente. Será confeccionado uma grande figura de baiana, com o tabuleiro, colar de lâmpadas e missangas, sendo que a sua gigantesca saia cobrirá todo o aludido chafariz. Também nessa praça serão instalados refletores.



Figura 43: Chafariz da Praça Onze de

Junho ornamentado para o carnaval de 1940. (A Noite, 2 de fevereiro de 1940)

A ornamentação da praça revela o desejo de resgatar ou demarcar o carnaval tipicamente nacional, ligado à cultura popular brasileira. O resultado deste processo são diálogos que aos poucos modificam as formas como as escolas de samba se apresentam.

Em nenhum momento, entretanto, é possível identificar as escolas de samba como representantes puros da cultura popular brasileira. A todo o momento, ao longo da década de

1930, as escolas de samba se constroem e reconstroem com elementos visuais e estéticos diversos. A Vizinha Faladeira revela-se uma representante deste carnaval da década de 1930 na medida em que não há uma definição do que são as escolas de samba. O que existe é a busca por uma organização das manifestações populares, ou mesmo a institucionalização de práticas capazes de legitimar o desfile das escolas de samba. A partir de 1940 as práticas institucionalizadas através de novas negociações, com novos atores construtores da festa apontam para uma mudança no carnaval das escolas de samba.

Exemplificando as relações de diálogo entre os grupos e as mudanças nas escolas de samba, a Gazeta de Notícias de 4 de fevereiro de 1940 informa como será o enredo da escola de samba Depois Eu Digo:

Com um enredo feito com um espírito de brasilidade, a escola de samba “Depois eu Digo” fará uma brilhante passeata.

Evoluindo do bailado primitivo ao jongo, e do jongo ao batuque, e do batuque ao samba, samba que empolga e delira desde os nossos morros aos salões chiques e que chegou a vencer em toda linha, estando neste momento no apogeu, e a Escola de Samba “Depois eu Digo” vem com suas baianas difundindo, cada vez mais, o nosso samba, para a glória da música típica brasileira.

É a seguinte a descrição do cortejo da “Depois eu Digo”:

1ª parte – Comissão de frente, representando os bandeirantes, no domínio dos selvícolas, empunhando archotes. Divisa-se um abre-alas, pedindo passagem. Vem mais uma pasta, representando a dança dos caciques. Um grupo de índios amedrontados pelo fogo dos archotes indica o caminho das grandes riquezas. A 1ª porta-bandeira vem guardada por um grupo de índias, ricamente fantasiadas, que montam guarda de honra e o 1º mestre de sala vem ensinando e doutrinando aquela gente, para que de futuro sejam uns autênticos sambistas. Em seguida vem a Rainha da Escola de Samba “Depois eu Digo”, com o seu séquito.

2ª parte – Vem o corpo coral constituídas de baianas que, já domesticadas, carregam pastas alusivas ao enredo, representando as tribos de índios já familiarizados com os bandeirantes. A segunda porta-bandeira auxilia a imponência do préstito empunhando a bandeira vitoriosa do ano de 1939, que obteve o 4º lugar no concurso.

3ª e última parte – Vem o povo que é a bateria, cantando as produções, que tanto encantam o carioca, o samba que na sua melodia atrai todos os corações, saudando ao mesmo tempo a glória do Brasil.

Interessadas nos benefícios advindos do novo momento, a Depois Eu Digo, cria um desfile com enredo nacionalista, valorizando o índio, os bandeirantes e os sambistas.

O desfile das escolas de samba de 1940 ocorreu no dia 4 de fevereiro, com uma comissão julgadora indicada pelo prefeito da cidade, Henrique Dodsworth. Os seguintes jurados foram escolhidos: Modestino Kanto, Francisco Guimarães Ribeiro, Gehardt Luckmann, funcionários da prefeitura, além de Arlindo Cardoso e Lourival Dalier Pereira, cronistas que gozavam de prestígio junto à municipalidade.

Narrando o desfile das escolas de samba A Noite informa:

A Praça Onze, tradicional nas folias carnavalescas e que neste ano ganhou uma linda baiana, cheia de barangandãs, pode dizer-se, sem injustiça à nossa Avenida Rio Branco, bateu “recorde” da animação.

Não houve um instante só que não prestasse ali o mais devotado culto ao rei Momo. Muita gente, muita alegria, muita ordem e todas as escolas de samba a postos! Foi assim no sábado, foi assim ontem, domingo. E na madrugada de hoje, alta madrugada, a invicta – chamemo-la assim – estava ainda inexpugnável à fadiga e ao sono.

-Nada de “pregar”, minha gente! Era o grito de guerra.

Mais de 20 mil pessoas, não é exagero dizer-se, encheu continuamente à praça. E àquela hora, quando todas as outras ruas começavam a cochilar, a Praça Onze ainda estava na “Primeira forma”. Para atravessá-la, tal era a multidão, os veículos, ônibus e automóveis, levavam longo tempo! (A Noite, 5 de fevereiro de 1940)

Trinta escolas de samba desfilaram no carnaval de 1940 sendo apenas 23 escolas de samba julgadas por estarem filiadas à UGES. No dia 9 de fevereiro, a comissão julgadora se reuniu na sala de imprensa da prefeitura e declarou a seguinte classificação:

Primeiro, Estação Primeira, 111 pontos; segundo, Mocidade Louca, 107 pontos; terceiro, Azul e Branco, 90; quarto, União de Sampaio, 84; quinto, Portela, 83; sexto, Deixa Malhar, 74; sétimo, Paz e Amor, 70; oitavo, Fiquei Firme, 67; nono, Barão da Gamboa, 66; 10º, Depois eu Digo, 55; 11º, Unidos da Mangueira, 58; 12º, Última Hora, 50; 13º, Vai Se Quiser, 55; 14º, Unidos do Salgueiro, 55; 15º, Lira do Amor, 50; 16º, Não é o Que Dizem, 49; 17º, Filhos do Deserto, 45 e Unidos do Tuiuti, 45; União do Colégio, 42; 20º, Unidos de Jacarepaguá, 37 pontos. (Diário Carioca, 10 de fevereiro de 1940)

A Vizinha Faladeira, que no ano anterior havia sido desclassificada por usar um tema estrangeiro em seu enredo se apresenta no carnaval de 1940 com o enredo “Carnaval Para o Povo”, numa clara alusão à sua contrariedade com relação aos novos rumos tomados pelas escolas de samba. Insatisfeita com a desclassificação do desfile anterior, desconsiderando as novas orientações de construção do carnaval das escolas de samba, somados ainda a problemas internos, chega para desfilar na Praça Onze preocupando-se apenas em se apresentar para o povo. Chegando próximo dos jurados, faz desfeita à organização do carnaval, passando por fora da comissão julgadora e estende uma faixa com os dizeres: **DEVIDO ÀS MARMELADAS, ADEUS CARNAVAL. UM DIA VOLTAREMOS.**

Após este que foi o primeiro protesto de uma escola de samba junto aos organizadores do desfile oficial a Vizinha Faladeira encerra suas atividades como escola de samba. Muitos motivos originaram o fim da agremiação, destacando-se brigas políticas internas e externas, problemas financeiros e regulamentações que os dirigentes da escola de samba não aceitavam.

Após o encerramento das atividades da Vizinha Faladeira, escola de samba do bairro da Saúde, surgiu um bloco carnavalesco chamado “Todo Ano Eu Saio”, com as cores vermelho e branco. Madalena Raimundo, moradora do bairro, relata este acontecimento: “Depois da Vizinha veio o Todo Ano eu Saio, que era do Mario Leal e o do irmão Américo Leal, filho do seu Ventura e cuja roupa era vermelha e branca, mas que era bloco, não era

escola de samba”.²⁸ Pardal informa ainda que a Vizinha Faladeira acabou por desgaste e desgosto de seus associados. Ele diz que mal as escolas de samba começavam a desfilar e já se sabia qual seria a campeã:

A Vizinha acabou por desgaste dos associados e por desgosto. A gente saia bacana, saia rica, saia bonita, e nem bem o carnaval começou, já estavam dizendo vai ganhar fulana, como acontece hoje em dia, nem começou já vai ganhar os “Independentes da Sociedade”, entendeu, já querem preparar para a Mocidade Independente ganhar, como este ano. (Entrevista de Pardal. Anexo E. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Coleção Francisco Duarte. Caixa 54. Envelope 31)

Francisco Duarte, em matéria publicada no *Jornal do Brasil* de 25 de fevereiro de 1979, ao comentar o fim da Vizinha Faladeira informa:

A Vizinha Faladeira acabou pelo cansaço dos participantes, pelas tentativas que fazia para inovar, às vezes mal sucedidas, pelos conflitos em que se envolveu – briga com os fuzileiros navais perto da sede, no carnaval de 1935 – agressões e troca de tiros entre participantes e visitantes por causa de não se poder entrar na sede do tamanco, o que levou os italianos a se afastarem, os filhos de Juliana e saírem do grupo, deixando David sozinho, correndo de um lado para o outro, com seu compadre Eduardo, empurrando Pardal para fazer a cobrança, buscando pastoras na Mangueira, quando surgiram problemas com as fantasias das pastoras que não concordavam com os figurinos dos carnavalescos. Problemas que foram fatais para uma escola sem estrutura econômica e com seus integrantes casando e mudando de local.

A trajetória da Vizinha Faladeira ajuda a esclarecer a história do carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro da década de 1930. Do aparecimento dos grupos de samba em finais da década de 1920 às mudanças latentes na década de 1940 a Vizinha Faladeira se destacou como representante do carnaval em construção, constantemente transformado, negociado, tencionado, híbrido, apropriando-se de figuras artísticas e estéticas de outros grupos carnavalescos da cidade e representando aquilo que se considerava ser o carnaval das escolas de samba do momento. Numa constante relação de diálogo com os diversos grupos da sociedade, a Vizinha Faladeira bem representa as demais escolas de samba da cidade e sua busca constante em se apresentar e ganhar espaço na sociedade carioca. Da marginalização ao estrelato as escolas de samba se transformavam a todo instante entendendo os processos capazes de elevá-las a outro estágio social na cidade.

²⁸ Entrevista de Madalena Raimundo. Anexo C. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Coleção Francisco Duarte. Caixa 54. Envelope 31.

5 CONCLUSÃO

Procuramos neste trabalho apresentar o carnaval das escolas de samba na década de 1930 e principalmente aquele da escola de samba Vizinha Faladeira e através dos diversos atores que constroem a festa carnavalesca do Rio de Janeiro, bem como as transgressões insurgentes nas formas construídas ao longo dos anos de desfiles das escolas de samba.

Conforme apresentado pelos Estudos Culturais, consideramos a cultura popular como o lugar de encontros e enfrentamentos entre os diversos grupos da sociedade, e não como um duelo entre uma “cultura de elite” com uma “cultura popular” no qual apenas uma pudesse existir. Destacamos as apropriações que ambos os grupos fazem um do outro, misturando-se, hibridizando-se, ganhando novas formas, novas identidades que são constantemente construídas. Destacamos assim que os textos e práticas da cultura popular estão em movimento, são dinâmicos, formados de uma contradição produzida por diversas forças sociais e que a festa carnavalesca é um terreno privilegiado das trocas e negociações entre diferentes culturas.

O carnaval das escolas de samba é uma festa em constante construção, onde os seus atores – escolas de samba, elite intelectual e financeira, Prefeitura, Centro de Cronistas Carnavalescos (CCC), Governo Federal e Turing Clube, no caso da década de 1930 – se reorganizam a todo instante criando redes de relacionamento ora estáveis, ora instáveis, nas quais um elemento central pode determinar as relações por meio de normatizações e significados que são negociados constantemente entre os grupos. Já no primeiro desfile das escolas de samba realizado pelo jornal Mundo Esportivo é possível perceber momentos nos quais os grupos tecem diálogos buscando produzir um carnaval cada vez mais popular na cidade. Busca-se, então, um novo modelo de carnaval em que as escolas de samba são os representantes desta nova folia que valoriza a harmonia, a cadência, o conjunto musical, o canto das pastoras, a “pureza” e a originalidade destes conjuntos.

A repercussão do desfile das escolas de samba no ano de 1932 gerou, em 1933, uma disputa pela organização do novo concurso. Definir e organizar o carnaval das escolas de samba tornou-se a tônica entre o Centro de Cronistas Carnavalescos (CCC) e o jornal O Globo. Cada organizador definiu o regulamento indicando a forma como as escolas de samba deveriam se apresentar. Ao fim do carnaval, com as escolas de samba desfilando nos dois concursos realizados naquele ano, jornais informavam que os jurados atentavam para a apresentação da escola de samba Unidos da Tijuca por seu samba estar de acordo com o

enredo. A visão romantizada dos jornais, com relação às escolas de samba, onde se valoriza a “pureza”, o “canto” e a “simplicidade dos desfiles”, é representada constantemente nas matérias a cerca dos dois desfiles. Neste interim de construção de um novo carnaval a Vizinha Faladeira realiza seu primeiro desfile em 1933. Usando fantasias de pierrôs, palhaços, colombinas e dominós, além de alguns de seus componentes estarem trajados de terno branco e gravata preta borboleta, a escola inova, logo em sua primeira participação, ao usar carro alegórico. Preocupando-se menos com as regulamentações e mais com o espetáculo, a Vizinha Faladeira apresenta novas formas de desfile. Em suma, já em seu segundo ano de desfile as escolas de samba transformam o carnaval da cidade, sejam por suas músicas, cantos, evoluções e originalidade, com destaque para a Vizinha Faladeira.

A relação entre as escolas de samba e os diversos grupos constituintes da festa carnavalesca nunca fora perene. Contando com a participação dos jornais nos dois primeiros concursos, além do apoio do CCC, da Prefeitura e do Turing Clube, as escolas de samba se vêm, no ano de 1934, participando ativamente das atividades carnavalescas da cidade. A falta de identidade coletiva entre as escolas de samba, e de uma instituição que por elas respondesse, gerou atividades carnavalescas descontraídas no carnaval daquele ano. Além de se apresentarem nas redações dos jornais, as escolas de samba também participaram de concursos de sambas esparsos e de três “eventos oficiais” com caráter de disputa. O primeiro, realizado em homenagem ao prefeito da cidade, Pedro Ernesto, deu-se no dia 20 de janeiro, com a vitória da Estação Primeira. O segundo, organizado pelo jornal A Hora, sagrou a escola Recreio de Ramos como campeã. Já o terceiro, realizado na Praça Onze de Junho, no domingo de carnaval, aclamou a Vizinha Faladeira como campeã das escolas de samba de 1934.

Com diversos regulamentos (cada desfile possuía o seu), com as escolas de samba ganhando cada vez mais espaço na cidade e com a falta de organização entre as próprias escolas é possível compreender a realização de três desfiles em um único ano. A Vizinha Faladeira torna-se campeã do carnaval de 1934 contando com os Irmãos Garrido, famosos carnavalescos²⁹, para a realização de seu carnaval que apresentou comissão de frente a cavalo, carros alegóricos, fogos de bengala e gambiarras de gás. Levando para o desfile formas

²⁹ Guimarães, H. (2006, p. 114) falando sobre os artistas nacionais e sua participação no carnaval carioca da década de 1930 destaca: “Mesmo com a disposição demonstrada pelos acadêmicos e seu apoio à oficialização do carnaval, que também envolvia um crítica à falta de estímulo aos artistas nacionais, a proposta de um préstito feito exclusivamente por artistas da Escola de Belas Artes não se concretizou, e seus integrantes continuariam a participar da confecções de préstitos. É o caso de Alcebíades Monteiro Filho neste mesmo ano de 1932, ao ser contratado pelo Clube dos fenianos levando na bagagem seu histórico como brilhante aluno da academia e como parceiro “Alfredo Herculano”, escultor medalhado na Escola Nacional de Belas Artes e portanto garantia para a arte brasileira tão decaída nestes últimos tempos”. Vê-se, desta forma, que não apenas a Vizinha Faladeira contara com o auxílio de artistas nacionais. Tal prática já era utilizada pelas Grandes Sociedades no ano de 1932. Contudo, não era uma prática comum entre as escolas de samba.

estéticas diferentes das demais escolas de samba a Vizinha Faladeira se mostrava com luxo e pujança buscando encontrar seu espaço e sua identidade, antecipando-se às demais escolas, apresentando um novo carnaval.

Após os desfiles de 1934 as escolas de samba reúnem-se e criam a União das Escolas de Samba (UES) com o intuito de melhor se organizarem, definirem o que são e como devem se apresentar, estabelecendo padrões de conduta e informando aquilo que deveria (e não deveria) ser uma escola de samba. Buscando uma identidade, as escolas de samba, contando com a Vizinha Faladeira e os demais grupos que incentivavam a festa carnavalesca, projetam novas formas carnavalescas para o ano seguinte.

Com o reconhecimento oficial e a aceitação da população carioca, as escolas destacam-se e tomam para si o desejo de se tornarem representantes do carnaval da cidade no ano de 1935. Contrárias à proclamação do Rei Momo, as escolas, através da UES e dos cronistas carnavalescos, criam o Cidadão Momo, representante “legítimo” e “republicano” dos sambistas, procurando colocar o Rei Oficial da Folia em segundo plano. A principal ação efetiva da UES é, então, definir e legitimar as práticas das escolas através de seus representantes. Contando com o apoio financeiro da Prefeitura do Rio de Janeiro para o carnaval de 1935, as escolas de samba, através da UES, negociam com o jornal A Nação a realização do desfile daquele ano. Em reunião da UES para definir o regulamento, representantes da Vizinha Faladeira pedem o fim do quesito versadores atentando para a necessidade de consumo dos sambas tanto por parte do público como pelas gravadoras. Definiu-se também a proibição de instrumentos de sopro, o tempo de desfile de 15 minutos, e a participação, apenas, das escolas filiadas à UES, entre outros temas. Não havia no regulamento proibições quanto à utilização de carros alegóricos, fantasias luxuosas, luminárias, fogos de artifícios nem a obrigatoriedade de apresentações esteticamente “simples”.

Flexível na forma de apresentação, o regulamento de 1935, possibilitou a apresentação de desfiles singulares, nos quais cada escola de samba buscou apresentar-se como lhe convinha, respeitando o regulamento e suas especificidades. A Vizinha Faladeira, mais uma vez destacava-se das demais escolas. Utilizando gambiarras para iluminar seu desfile, veludo nas fantasias, fogos de artifício, megafones para os cantores da escola e um automóvel na comissão de frente, que trajava terno de flanela branca, calça azul e gravata borboleta, a Vizinha Faladeira chama a atenção neste primeiro desfile organizado pelas próprias escolas de samba através da UES. A comissão julgadora escolhe a escola de samba Vai Como Pode (futura Portela) como campeã, contudo, um dos jurados, Ismael Silva, declarava, após o

resultado, que a escola que deveria ter sido campeã daquele carnaval era a Vizinha Faladeira. Descontentes com o resultado alguns membros da Vizinha Faladeira tomam para si a taça de campeã e o prêmio que recebem pelo quarto lugar, destinam ao instituto dos cegos, em homenagem à cegueira da comissão julgadora de 1935. Desta forma, a Vizinha Faladeira tornava-se a primeira agremiação a protestar contra as instituições que legitimavam o carnaval das escolas de samba, uma clara objeção às construções sobre o carnaval das escolas de samba.

Verdadeiras potências carnavalescas, as escolas de samba aproximam-se da sociedade, dos concursos de samba, teatros, transmissões de rádio e desfiles, tendo suas potencialidades exploradas, construindo novas relações entre os grupos, sugerindo novas formas e padrões culturais, híbridos, apropriados, misturados, através do contato permanente entre os grupos da folia carnavalesca. Interessadas em aumentar seu espaço dentro do carnaval, as escolas de samba, sempre através da UES, começam o ano de 1936 homenageando Pedro Ernesto, numa “parada de melodias”. O objetivo implícito deste evento era o estreitamento das relações entre escolas de samba e poder público. A UES percebe as mudanças de interesse que ocorrem na sociedade e que afetam as escolas de samba, transformando seus desfiles, suas propostas de apresentação e suas formas estéticas. As escolas de samba intensificam seus diálogos com a elite intelectual, visitando as redações dos jornais, homenageando cronistas carnavalescos, e, recebendo, elas próprias, a visita de jornalistas em suas sedes. A imagem das escolas de samba é cada vez mais utilizada e valorizada, transformando-as em uma espécie de produto cultural nacional, como no episódio da irradiação de sambas para a Alemanha, através do programa de rádio “Hora do Brasil” do governo Vargas num período de aproximação entre o governo brasileiro e o Hitlerismo.

A escolha do Cidadão Momo se repete em 1936, com a organização do Cordão dos Laranjas, aliado das escolas de samba, que aclama Paulo da Portela como representante do carnaval. Em outra confusão com relação ao julgamento do desfile, assim como ocorrera em 1935, o resultado apresentado pelos jurados gerou descontentamento entre as escolas de samba. Pelo resultado final, a Vizinha Faladeira ficara classificada em sexto lugar, contudo, jornais do período, destacavam que o resultado mais justo colocava-a em segundo lugar, atrás apenas da Estação Primeira (futura Mangueira). Houve críticas ao regulamento daquele ano, que só teria sido apresentado às escolas de samba no dia do desfile. Nele, as escolas de samba estavam proibidas de usar instrumentos de sopro e de corda. Deveriam cantar dois sambas enredo e seriam julgadas pelo somatório de pontos nos quesitos harmonia, samba, bateria, bandeira e enredo. Mais uma vez não há proibição de carros alegóricos, fantasias luxuosas,

nem qualquer tipo de exuberância por parte das escolas de samba. O resultado é a apresentação de escolas de samba luxuosas, diferentes dos modelos de apresentação dos primeiros anos, nos quais a Vizinha Faladeira se destacara. Assim como Estação Primeira, Portela, Salgueiro e outras, a Vizinha Faladeira também se apresenta com luxo e com o enredo “Uma Só Bandeira”, homenageando o governo Vargas. O resultado final do desfile não contemplou nenhuma das escolas que apresentaram desfiles luxuosos.

As crises que assolaram a UES não impediram a realização das manifestações carnavalescas no ano de 1937. Mesmo mudando a direção da instituição, a escolha do novo representante da folia ficara a cargo dos diretores da UES. Paulo da Portela mais uma vez foi eleito, agora, como Cidadão Samba, e não mais como Cidadão Momo.

O desfile da Praça Onze de Junho foi organizado pela UES e contou com a utilização de carros alegóricos, instrumentos de sopro, luzes, enredos sem caráter nacionalista, entre outros, por parte de muitas escolas de samba. A UES não se preocupava em legitimar as escolas de samba através de aspectos outrora explorados pela elite intelectual, tais como, o canto e a simplicidade nas apresentações. Nos desfiles por ela organizados desde 1935, a presença constante de novos aspectos visuais predominou, a começar pela Vizinha Faladeira.

Apresentando-se com o enredo “A origem do samba” a Vizinha Faladeira levou para seu desfile alegorias e adereços capazes de aguentar a forte chuva que assolou a cidade, além de carros alegóricos, comissão de frente a cavalo e uma orquestra à frente da bateria. Sagrou-se campeã daquele ano, contudo, a comissão julgadora formada por membros da elite intelectual, emitiu uma nota informando que a única escola que realmente havia desfilado como escola de samba fora a Portela, portando em seu desfile as tradições das escolas de samba. Tal afirmação revela quão sutil era à relação entre os interesses dos promotores da festa e os das escolas de samba.

Exemplificando estas redes de relacionamento e seus interesses múltiplos de construir, formatar e expor um modelo carnavalesco, a comissão julgadora declara em nota que a real finalidade das escolas de samba não deveria estar ligada a utilização de carros alegóricos, comissão de frente a cavalo e automóveis, pois estes fogem a verdadeira expectativa sobre elas. Desta forma, a elite intelectual, representada na comissão julgadora do evento, aponta para a retomada da simplicidade, da pureza e da cultura brasileira.

Após a implantação do Estado Novo em meados de 1937 e, depois de um carnaval sem disputa no ano de 1938, o desfile das escolas de samba de 1939 apresenta um novo caminho. Passando por transformações, a UES muda de direção e de nome, passando a ser chamada de União Geral das Escolas de Samba (UGES). A escolha do Cidadão Samba de

1939 fica a cargo da UGES que aclama Alfredo Costa como novo representante do carnaval popular. Identificado como o “generalíssimo do samba”, Alfredo Costa declarava que as escolas de samba estavam mudando, após o contato com os diversos grupos da cidade, e que, os sambas, os desfiles, a organização e todo seu carnaval estava se transformando. A participação do Estado Novo fica evidente nas relações entre UGES e poder público. Produzir eventos de caráter nacionalista, após a implantação do Estado Novo, tornou-se algo comum na cidade do Rio de Janeiro. A exaltação de ranchos, blocos e escolas de samba fez parte do projeto de imbuir o carnaval de manifestações tipicamente populares e de valorização da cultura popular brasileira. Por problemas na construção do regulamento, ficou valendo o de 1938, acrescido de algumas especificidades como os quesitos a serem julgados e os prêmios. Mais uma vez não se proibia a utilização de carros alegóricos ou apresentações estéticas mais sofisticadas. A imprecisão nas informações a respeito do regulamento transparece nas escolas de samba com apresentações diversas, contando com carros alegóricos, fantasias luxuosas e com a introdução de elementos novos no desfile.

O concurso, na Praça Onze, sagrou a Portela como campeã do carnaval. A Vizinha Faladeira apresentou o enredo “Branca de Neve e os Sete Anões” inovando mais uma vez ao inserir um tema internacional no carnaval das escolas de samba. Sua comissão de frente utilizava terno de flanela e polainas, com os membros da bateria fantasiados e a Branca de Neve em destaque num carro alegórico com luzes cercada por “anões”. A pujança da Vizinha Faladeira fez a comissão julgadora desclassificá-la argumentando ser proibida a utilização de tema estrangeiro no enredo (quesito do ano de 1938).

A escola fora desclassificada por não se enquadrar no modelo que se pretendia criar naqueles anos iniciais do carnaval. Anos de valorização do nacional, do popular, de exaltação do folclore, da fauna e da flora. A escola da inovação, da participação junto a UES, saía do carnaval de 1939 excluída da festa organizada pelo Estado Novo, pela UGES, pelo Conselho de Turismo e pelas elites intelectuais e financeiras da cidade.

O poder público passou a atuar com maior ênfase na construção do carnaval das escolas de samba quando em 1940 tratou de fazer a ornamentação da Praça Onze de Junho, bem como a indicar os integrantes da comissão julgadora do desfile, através do interventor federal Henrique Dodsworth. Com um “espírito de brasilidade”, como destaca a Gazeta de Notícias de 4 de fevereiro de 1940, as escolas de samba se adaptaram ao novo modelo carnavalesco. Comentando sobre a Depois Eu Digo, o jornal informa que a escola reserva para o carnaval um desfile que contará com um enredo nacionalista, valorizando o índio, os bandeirantes e os sambistas, utilizando ainda pastas em lugar carros alegóricos e fogos de

bengala. Mudanças latentes ocorriam no carnaval e, no desfile da Praça Onze de Junho, a campeã de 1940 foi a Estação Primeira (Mangueira).

Um ano após sua desclassificação (1939) a escola de samba Vizinha Faladeira, passando por dificuldades internas, faz um “Carnaval Para o Povo”. Com um enredo sugestivo de crítica aos grupos organizadores da festa carnavalesca a Vizinha Faladeira, ao se aproximar da comissão julgadora, passa por fora de seu espaço e estende uma faixa em forma de protesto. Na faixa, estava escrito: “Devido às marmeladas, adeus carnaval. Um dia voltaremos”.

A Vizinha Faladeira encerrava nestes dizeres a trajetória de uma escola de samba inovadora, com diferenças estéticas em seus desfiles, ativa na construção do carnaval carioca e consciente das transformações presentes na cultura popular brasileira. Do estrelato da inovação dos desfiles das escolas de samba a Vizinha Faladeira vai à marginalidade. Contrapondo-se às novas propostas carnavalescas, é excluída do carnaval. Perdeu suas forças, primeiramente internamente e, em seguida, ao não se inserir nas transformações “populares” dos desfiles. A Vizinha Faladeira não apenas falou, mas gritou para o mundo como se construía o carnaval das escolas de samba da cidade do Rio de Janeiro da década de 1930.

É preciso observar por fim que em nenhum momento é possível identificar as escolas de samba como representantes puros da cultura popular brasileira. A todo o momento, ao longo da década de 1930, elas se constroem e reconstroem, na medida em que se hibridizam com elementos visuais e estéticos diversos, através das interações com os diversos grupos que promovem a festa carnavalesca. A procura de novas identidades culturais é o fator que impulsiona os diversos grupos da sociedade carioca a constantemente dialogarem. Desde o primeiro desfile das escolas de samba, em 1932, até o de 1940, é constante a presença de grupos outrora separados política e economicamente em comum diálogo gerando situações, produções, interpretações sobre um novo carnaval que se desejava. A Vizinha Faladeira é, neste contexto, uma importante representante das transformações que a cultura popular carrega em si ao longo dos anos. As mudanças são a essência do carnaval das escolas de samba. A festa carnavalesca das escolas de samba é, neste sentido, constantemente recriada através das interações sociais, que não se impõem umas sobre as outras, mas, ao contrário, negociam constantemente seus interesses e estabelecem padrões de formas culturais desejados pela sociedade. As escolas de samba são híbridas e sua estética representa cada momento político cultural por elas atravessado.

Procuramos nesta dissertação, auxiliada pela Vizinha Faladeira, relativizar os conceitos de cultura popular, identidade, carnaval e escolas de samba. Procuramos fugir das

construções realizadas sobre o carnaval e sobre as escolas de samba Apresentamos nossas dúvidas, expomos nossas críticas e nossas ideias, tendo a certeza que elas não se encerram nesta dissertação, pois acreditamos que todo material pesquisado, e os que aqui foram expostos, podem render anos de reflexões acerca do carnaval.

Atentos às perspectivas futuras de pesquisa apontadas por este trabalho que se mantém em aberto vemos a compreensão de um período delicado entre a “tradição” e a “inovação”, presentes nos anos de 1935 e 1937, por exemplo. Se, em 1935, com a vitória da Portela, vitória da “tradição”, um dos jurados, Ismael Silva, dizia que a Vizinha Faladeira deveria ser contemplada com o título de campeã, por sua apresentação diferenciada, em 1937, quando a Vizinha Faladeira ganha o campeonato, de forma inovadora, as críticas a sua apresentação revelam uma tensa rede de interesses e diálogos que procuram definir a festa. A novidade e a tradição marcarão a década de 1930 das escolas de samba. Análises futuras poderão buscar compreender aspectos não abordados neste momento. Limitados pelo tempo de mestrado esperamos enfim ter contribuído para o conhecimento da história do carnaval das escolas de samba.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. *O império do divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira ; São Paulo: FAPESP, 1999.

ABREU, Maurício de Almeida. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1978.

ARAÚJO, Hiram. *Carnaval: seis milênios de história*. Rio de Janeiro: Griphus, 2000.

AUGRAS, Monique. *O Brasil do samba-enredo*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Unb: Hucitec, 1993.

BERGER, Peter L ; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

CABRAL, Sérgio. *As Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lumiar Editora. 1996.

_____. *O que? Quando? Como? Por quê?* Rio de Janeiro. 1974.

CANCLÍNI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2008.

CAVALCANTI, Maria Laura. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. Rio de Janeiro: FUNARTE: UFRJ, 1994.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: I. artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. Cultura Popular: revisitando um conceito historiográfico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.8, n.16, 1995.

COUTINHO, Eduardo Granja. *Os cronistas de momo: imprensa e carnaval na Primeira República*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

CRUZ, José Vieira da. *O uso metodológico da história oral: uma caminho para pesquisa histórica*. Tiradentes, MG: UNIT, 2005. Apresentado no I Encontro de História e Cultura de Estância.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia: uma história social do Carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1990.

FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2006.

FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *Escolas de samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados*. Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001.

FERNANDES, Neusa. *Síntese da história do carnaval carioca*. Rio de Janeiro: Instituto Estadual de Patrimônio Cultural, 1986.

FERREIRA, Luiz Felipe. *Inventando Carnavais: o surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

_____. *O livro de ouro do carnaval brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em Antropologia interpretativa*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1997.

GONÇALVES, Renata de Sá. *Os ranchos pedem passagem*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas, 2007.

GUIMARÃES, Helenise Monteiro *A batalha das decorações: a Escola de Belas Artes e o carnaval carioca*. 2006. 318f. Tese (Doutorado em Belas Artes) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2006.

GUIMARÃES, Valéria Lima. *O PCB cai no samba: os comunistas e a cultura popular 1945 – 1950*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

GUINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo. Editora: Companhia de bolso, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Dp&A, 2006.

_____. Notas sobre a desconstrução do popular. In SOUIC, Liv (Org). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p.231-247.

HOBBSAWN, Eric. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

KESSEL, Carlos. *A Vitrine e o Espelho: o Rio de Janeiro de Carlos Sampaio*. Rio de Janeiro: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001.

LOPES, Antônio Herculano (Org.). *Entre Europa e África: a invenção do carioca*. Rio de Janeiro: Topbooks: Edições Casa de Rui Barbosa, 2000.

MALTA, Augusto. *Fotografias do Rio de ontem*. Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. (Coleção Memória do Rio ;7).

MORAES, Eneida de. *História do Carnaval carioca*. Rio de Janeiro: Record, 1987.

ORTIZ, Renato. Reflexões sobre o Carnaval. *Ciência e Cultura*, v. 28, n. 12, p. 1.407-1.412, 1976.

SARMENTO, Carlos Eduardo. *O Rio de Janeiro na Era Pedro Ernesto*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

SILVA, Marília Trindade Barboza da ; FILHO, Arthur L. de Oliveira. *Cartola, os tempos Idos*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2008.

SILVA, Marília T. Barbosa; SANTOS, Lygia. *Paulo da Portela: traço de união entre duas culturas*. Rio de Janeiro: Funarte, 1979.

SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

STOREY, John. *Cultural Theory and popular culture: an introduction*. Essex: Pearson Educational Limited, 2009.

_____. *Inventing popular culture*. Malden: Blackwell Publishing, 2003.

THOMPSON, E.P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VELLOSO, Monica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar: Editora UFRJ, 1995.

ANEXO A – Entrevista com Valdir Paim

(Vice-presidente da Escola de Samba Vizinha Faladeira, na década de 1980, no resgate da mesma).

DATA: 4 de janeiro de 2011.

LOCAL: SANTO CRISTO.

Gabriel Turano: Senhor Valdir, eu quero que o senhor se apresente e me conte o que é a escola de samba Vizinha Faladeira.

Valdir Paim: Meu nome é Valdir esse trabalho de resgate foi feito a partir da década do ano de mil novecentos e oitenta e oito (1988) através de uma pesquisa aonde eu fazia parte da Veiga de Almeida (Universidade Veiga de Almeida) e toda vez que a gente buscava documentação sobre a área do Santo Cristo, Saúde e Gamboa vinha informativos da antiga escola de samba Vizinha Faladeira.

Gabriel Turano: Isso lá na Veiga de Almeida?

Valdir Paim: É. Por parte, por minha parte, como se fosse uma espécie de monografia, mas não, era um trabalho que tinha que ser feito; um período entendeu? E era uma coisa assim, muito profunda e como eu já era morador e o bairro histórico, a área toda histórica, a zona portuária, agente resolveu esse tema. E a gente buscava os documentos, e pesquisa, no arquivo nacional, biblioteca nacional e pesquisa como moradores e sempre surgia o nome da escola de samba, o porquê de não ter mais escola de samba né. E calhou também com a carência, da paralisação dos blocos da área, que existiam quatro blocos. A paralisação, tendo em vista que o prefeito da época, que eu não me lembro o nome agora, ter cortado a subvenção dos blocos, então ficou uma área totalmente carente em termos de carnaval. E aí conversando com vários moradores e as pessoas que eram ligadas aos blocos surgiu a ideia de resgatar a escola né, a escola que foi fundada em dez de dezembro de trinta e dois (10/12/1932) com as suas cores originais azul e azul pavão branco já se colocou em torná-la tricolor; é porque os outros dois blocos da região que eram eles que (digam) os corações das meninas eram vermelho e branco. Então se colocou que a escola e seria o vermelho em homenagem a esses dois blocos e fazer uma união total da região, mas a data permaneceu a data de fundação da antiga vizinha né, dez de dezembro de mil novecentos e trinta e dois (10/12/1932). E ai, agente partiu pra filiação na associação das escolas de samba,

conseguimos filiar a escola e marcamos o desfile oficial dela pra mil novecentos e noventa (1990) no último grupo.

Gabriel Turano: Seu Valdir, o Senhor pode me contar a origem do nome é Vizinha Faladeira? O senhor tem essa informação?

Valdir Paim: Sim. O David da Silva Neves, que foi o primeiro presidente da escola, ele chegou de madrugada numa roda de samba no subúrbio carioca numa, numa, nas casas de umas tias baianas que tinha sido expulsa pela especulação imobiliária da Pedra do Sal. Então a especulação imobiliária começa no começo dos anos, do século né, e vem se arrastando pra, pro Estácio, enfim, pro Riachuelo, pra Mangueira, pro pessoal, que vem sendo expulso da área de Saúde, Santo Cristo e Gamboa e ele volta dessa roda de samba, chega à Rua da América espera acabar o jogo de ronda e começa a comentar com o seus antigos companheiros de formar uma escola de samba na região. Esperam um armazém abrir, compram um livro pra arrecadar o dinheiro com outros amigos estivadores, e se coloca, arrecada um dinheiro pra dar o pontapé inicial e se coloca é nomes para ser a escola e um companheiro chamado ratinho sugere esse nome em prol de duas velhas fofoqueiras que estavam na janela, aqui observavam jogo de ronda a noite inteira entendeu? Que seriam a velha França e a velha do beco entendeu? Então o nome Vizinha Faladeira foi em homenagem a duas fofoqueiras que ficavam na janela do sobrado entre a Rua da América e a Rua Regos Barros.

Gabriel Turano: Tem como contar esses primeiros anos da Vizinha Faladeira no carnaval do Rio? No ano de 1932 ela começou, foi fundada. Esses desfiles, o senhor teria como dar alguma informação sobre estes primeiros desfiles? Agente sabe que em 37 ela foi a grande campeã...

Valdir Paim: Olha na pesquisa toda eu e mais esse jornal, essa matéria de jornal que eu estou te dando. O que acontece? A vizinha Faladeira é praticamente calcada pelos estivadores da época né. Pela malandragem e pelas prostitutas que praticamente bancavam as roupas dos malandros né. As tias baianas com suas comidas, com as suas feijoadas, com suas rodas de sambas né, e a sua influência que tinha, porque as tias baianas geralmente, além delas fazerem as comidas, elas eram rezadeiras, elas eram macumbeiras, elas eram um tudo, tinham uma origem profunda, um vínculo muito grande em tudo, então elas usavam de ervas medicinais pra curar feridas. Tem uma história até que uma delas cura o prefeito ou governador da cidade, vem na casa dela aqui na rua do pinto, e ela cura uma ferida que o governador da época tinha na perna, em troca do governador dá uma patente de polícia pro marido dela. Por que essa troca? Porque o marido dela tendo uma patente de polícia. E, a polícia não ia parar

com a roda de samba, então ao curar a ferida da perna do governador/ prefeito, o cara, o marido dela, ganha patente de polícia e a roda de samba come solta e, dá um impulso muito grande na Vizinha Faladeira, entendeu? Porque começa a arrecadar dinheiro, com venda de bebida, venda de comida, e a própria mesmo, a própria prostituição né, começa a bancar e aí a Vizinha se torna uma escola até mesmo na época conhecida como Vizinha Rica entendeu? E assim ela vai até a década de quarenta onde que, começam as manobras, né políticas de samba, começam a querer derrubar ela porque era uma escola de samba que realmente incomodava, entendeu? Então eram mapas querendo ser rasgados, essas coisas todas, até que em mil novecentos e quarenta (1940) por ela ter sido desclassificada em mil novecentos e trinta e nove (1939). Eles resolvem fazer o último carnaval com o enredo CARNAVAL PARA O POVO né. E fazem um carnaval bonito e quando eles chegam no desfile, porque era só um palanque, eles passam por detrás do palanque e no último, no último..., ato da escola, eles colocam um estandarte dizendo é... Agradecendo ao povo e dando adeus ao carnaval carioca até um dia e, é, assim relatos de pessoas que desfilaram vivas sob esse estandarte e que ficou na ata da própria escola. E um dia voltou em oitenta (80) em oitenta e oito (88) voltou e a escola está aí e agora não tem riqueza porque não tem patrono né. Está resgatada numa área totalmente degradada, esquecida pela, pelo poder público, então fica muito difícil você funcionar só através de subvenção. E a escola vai levando. Já teve momento de glória né, depois desse resgate quase chegando ao grupo especial, faltou apenas dois pontos, foi no ano de mil novecentos de noventa e seis (1996) com o desfile da Elba Ramalho né, que nós ficamos em terceiro lugar, e agora infelizmente está no grupo C, entendeu? Essas manobras políticas todas que só deixam subir uma pro carnaval que é um absurdo, ascender uma escola por grupo, quer dizer não tem aquele rodízio, não tem uma, né, um incentivo maior, pras escolas, e ela está no grupo C, mas, a zona portuária ta passando por uma modificação até mesmo humana.

Gabriel Turano: Seu Valdir o senhor pode me falar da relação da Vizinha Faladeira com as outras escolas na década de trinta (1930)?

Valdir Paim: É uma relação de certo ponto, vamos dizer, uma inveja, porque é uma escola que todo ano inovava, trazia inovações entendeu? É uma escola que trouxe as gambiarras pra avenida, a avenida era uma avenida escura, e ela trouxe lampiões de um, de todos os lados, lado direito, lado esquerdo, pra iluminar o seu desfile, trouxe comissão de frente a cavalo, trouxe comissão de frente com luxuosas limusines; introduziu o carro alegórico entendeu? Introduziu a primeira porta bandeira negra; Introduziu o pavilhão em cima de um enredo. Cada ano era um pavilhão exclusivamente em cima do seu enredo, quer

dizer, então, ela causava, entendeu? , a mesma coisa que vai causar a Unidos da Tijuca daqui a três anos, com, se o Paulo Barros, três, quatro anos, Paulo Barros continuar inovando, entendeu? Vai todo mundo querer derrubar a Unidos da Tijuca em função das novidades que o carnavalesco trás. Eles vão, você vai ver aí na reportagem, que tem os chamados os Irmãos Garrido, que eram os que faziam o carnaval da escola, entendeu? Eles eram procurado, tentavam sequestrar eles, entendeu?, Sumir com eles, porque eram os magos do carnaval, eram conhecidos como os magos do carnaval devido às inovações que eles traziam na Vizinha Faladeira.

Gabriel Turano: Então o senhor acredita que a Vizinha Faladeira era o que não se esperava do carnaval? Ela era tudo aquilo que o carnaval não era? Naquele período.

Valdir Paim: Eu acho que ela já estava anos luz das outras escolas.

Gabriel Turano: Seu Valdir, a questão do regulamento, agente sabe que foi proibido o uso de temas internacionais, assim como o uso de instrumentos musicais, e em trinta e nove (1939) a Vizinha saí com o enredo, Branca de Neve e os Sete Anões. O que o senhor tem a me dizer sobre isso?

Valdir Paim: Olha segundo a reportagem e relatos de moradores antigos, existiam dois lugares de desfile, então naturalmente eles tinham dois regulamentos distintos, entendeu? Então, como não tinha a fotocópia na época era uma coisa assim muito relativa, impresso de jornal, era, como é que se diz, era editado né, no jornal, ficava a critério do, da parte de organização de um jornal e das escolas. Então, se valia, a diretoria, da época da Vizinha Faladeira, se valeu, pelo regulamento do, do originário, da Praça Onze, e não do originário do, de como está na reportagem do desfile do campo de Santana, entendeu? Como na época, o resultado, a escola não se valia, dessa, desse, regulamento, e o pessoal da Portela, onde que é aclamado campeão de trinta e nove (1939), fez parecer para as autoridades públicas esse regulamento ai dizendo que não valia o tema internacional, porque como que uma escola vai desenvolver um carnaval todo em cima, fazer bandeira, bordar bandeira, isso tudo, sem saber, sem saber que é um tema internacional, entendeu? Já que ela era esperada pelo povo, que ela, segundo, a imprensa, revista da semana, e outros jornais, que dizem que ela é herdeira legítima da Praça Onze, ela não poderia dar nunca essa gafe, mas as autoridades públicas aceitaram esse relato dos dirigentes da Portela e aclamaram a Portela campeã, desclassificando a Vizinha Faladeira que era a “bam-bam-bam” dos carnavais dos anos trinta (1930).

ANEXO B – Depoimento de David da Silva Neves, David da América

Data: 12 de fevereiro de 1979.

Hoje, estamos no dia 12 de fevereiro de 1979, na Rua da Coragem, número 118, na cada do Sr. David da Silva Neves.

Quando era jovem era conhecido pela alcunha de David da América, mas não é por nada, porque quando eu morava na Rua América, eu não fazia parte desse clube, do Esporte Clube América.

Nasci em 13 de janeiro de 1907. Em 1930 eu tava com 23 anos.

Agora eu tô com 73 anos. Meu pai era Silvério da Silva Neves e minha mãe Aurora Luiza das Neves. Nascido na Ladeira do Barroso, o número me foge da memória.

Meu pai era trabalhador da estiva e minha mãe era doméstica, trabalhava em casa. Eu fui criado dentro da religião católica, mas acredito em todas as religiões desde o momento em que elas instruem para o bem. Porque eu acredito que Deus criou estas religiões todas para instruir, não foi para dizer é essa ou é aquela, porque ele teve a inteligência de deixar no homem o livre arbítrio.

Eu tinha seis irmãos. Segismundo da Silva Neves, Madalena da Silva Neves, Nair Brites da Silva (que é a esposa do Enéas Brites da Silva), Maria da Silva Neves, Gabriela da Silva Neves (esta falecida). Existem vivos, Maria, Nair e Francisca, que eu ainda não tinha mencionado.

Da Vizinha, apenas um:

O Francisco que saiu de anão, no enredo Branca de Neve e os sete anões.

Eu tenho apenas curso primário feito no Ginásio Anchieta, que hoje não existe mais, mas existiu na estação de Anchieta.

Meus amigos que depois ganharam fama no meio artístico, o único que teve alguma projeção chama-se Gastão e foi pianista. Não sei se Gastão está vivo. Sobrenome não recordo. Não confundir com o Mano Gastão, que é outra pessoa.

Existe ainda o mano Décio da Viola, que nós tivemos durante mais de 15 anos um grande conhecimento. Existe o Ismael Silva, que nós tínhamos grande camaradagem. O resto é amigo de passagem, de farra, inclusive existe um fato que eu era representante da Vizinha Faladeira na União das Escolas de Samba, eu e o Eliezer da Cruz (Ezinho) que foi depois Presidente da Estiva. Num ano que eu não posso precisar concorreu a Cidadão Samba Paulo

da Portela e Silvio Caldas. Então havia esse direito de voto livre, que por ser representante de uma escola podia cada qual, por uma matéria favorável ou contra (direito de votar descasado do parceiro), ou seja, a escola votando para o empate, mas dependendo do modo de pensar do representante, então, o Eliezer da Cruz (Ezinho) que era representante comigo, votou pelo Paulo da Portela, mas eu votei pelo amigo Silvio Caldas. O ano não me recordo.

A Rua da América, quando eu tinha meus 23 anos, o que eu mais lembro era a Maurity, onde morava um célebre Pai de Santo, chamado Abedé. O ambiente, eu vou lhe ser franco, principalmente porque eu faço questão que o Sr. publique a coisa conforme ela é: o ambiente na Rua da América existia ambiente de jogo, existia um bom volume de trabalho também. Mas a maioria do pessoal da minha época, do meu convívio, era do jogo. Carteadado. Mas a Rua da América era também o local em que se primava pelo seguinte: o respeito às famílias da localidade.

As famílias tinham muita classe média, mas era também mesclado, em alguns lugares tinha gente de muito poder econômico, que era a parte daqueles italianos que era mesclado. Quer dizer, havia contato com a gente, mas a gente tinha cuidado e respeitava.

Eu conheço esse Vadinho Amatuzzi que o Sr. fala, esse eu conheço, ele e o irmão que tinha ou tem uma garagem, lá em baixo. Ali aquela parte nós tínhamos jogo no meio da Rua e as famílias não se incomodavam.

Com os elementos que chegavam de outros lugares, chagava aí e sabia logo: Olha, aqui, tem que ser respeitadas as famílias. E aí havia aquele respeito às famílias. Inclusive a mãe de D. Nair (Roxinha), a D. Juliana, era ela costureira do Recreio Artístico, então à noite, havia o café que tinha na Senador Euzébio, esquina de Marques de Sapucaí, ali jogava-se a noite o carteadado, era um café que a gente chamava de café da ponte. Nós chamávamos assim.

Era perto de onde ela passava quando voltava do teatro. Quando ela apontava do lado de lá, um de nós, saíamos do carteadado e íamos levar ela em segurança até a Rua da América.

Então aquelas famílias nos tinham na conta de filhos e nos mereciam todo respeito, assim como nós a elas.

O resto era aquilo mesmo, tinha trabalhador da Estiva, tinha operários propriamente ditos. Tinha o Bartolomeu Mauro, que foi o segundo Presidente da Vizinha Faladeira, tinha italiano que era dono de banca de jornal.

Pessoas de projeção e destaque no meio eram D. Juliana, D. Idalina, que era a mãe da Hermínia e que morava lá no fim da Rua do lado esquerdo de quem sobe. Tinha Abedé que não se integrava nesse meio. Tinha o Titio Jacinto que era funcionário do Arsenal, mas também era homem de jogo, um grande batuqueiro, e que tinha uma certa correção sobre a

gente que ele era sujeito de maior idade. No meio do jogo, tava eu, tava outro, ele chegava tudo certo, terminava se ele queria. Ele era um sujeito bem conceituado, e nós respeitávamos.

Outro era o Bartolomeu Mauro, que era do Esporte Clube Providência, o Bartô, como a gente dizia. Jovino, não é o Hilário Jovino, que esse era o pai do finado Saturnino, Jovino, esse dos ranchos, morava cá em baixo na Rua América, no número 18. Esse era do da “Filhas da Jardineira”, da Nabuco de Freitas, mas isso era muito antes desta época. Nessa época ele ainda era vivo.

ANEXO C – Depoimento de Madalena Raimundo

Data: 15 de fevereiro de 1979.

Madalena Raimundo, descendente de italianos e moradora do bairro desde que nasceu, a 13 de abril de 1914.

Nascida no 185, da Rua da América, mora hoje no 169.

O bairro daquele tempo era absolutamente igual ao de hoje, mesmas casas, mesma fisionomia de bairro pobre, mesmas ruas. Só há uma ou duas casas reformadas na rua, afora as que foram demolidas.

Em 1930, mais ou menos, o “bairro” (Rua da América) tinha três padarias.

Uma sapataria no 205, do Ventura Leal.

Um armarinho, no 201.

Uma padaria, no 202.

Um armazém maior no 227, de propriedade da família Caruso, estes ricos e com diversas casas próprias no bairro mesmo e fora.

No 184 o armazém do Marques, que foi dirigente da Vizinha.

Botequim no 217, o “Lua Cheia”.

No 219, o outro botequim do seu Miranda.

O América Clube, na Linha Férrea, lá em baixo.

Um clube dançante chamado “O Peso da Balança”, em cima de um bar que tinha no 218.

A fábrica de mármore.

O clube Estrada de Ferro, no 182.

Moravam no bairro boa parcela de famílias italianas, pobres, porém remediadas. No 210, no 212, tinha a família dos Salvador, dos Vicente. Eram pessoas de classes abastadas, algumas, ou grande número de classes médias, jornaleiros em grande quantidade, despachante de distribuição. Como os Santos Pacelho, que hoje tem banca para a zona norte.

Tinha também muitos brancos e muitos de cor, como a família da Juliana, a família da Dona Dalila, mãe da Hermínia, Manuela e Napoleão. Respeitados.

Tinha um colégio, do lado de lá, no 78, já no Santo Cristo.

Tinha saída para a Rua de Santana, pela via férrea e três cancelas, nas Ruas Sapucaí, Maurítie, Carmo Neto.

Haviam estivadores que moravam com suas famílias em casa de cômodos.

A turma da pesada eram o Jorge Cabo Verde, que foi o primeiro marido da Hermínia, o David, que também trabalhava no cais, e outros mais que ouvia falar, mas não sabe o nome.

Aqui pelo bairro ainda se faziam serenatas e eu escutei muitas vezes eles cantando pelas esquinas. Não lembro quem fazia.

Começaram a falar no nome da Vizinha lá por 1930, eu tinha 16 anos. Vestiam de azul e branco e eram um bloco de sujo.

Formavam frente à venda do Marques. Ali era o ponto de concentração. Ou então no bar do Miranda, no 217, no Lua Cheia.

A Vizinha dava bailes de jaz, que não eram barulhentos, e eram aceitos pela população do bairro sem problemas.

Havia uma mulher branca e bonita que saía na Vizinha chamada Josefina, cujo marido é da Estiva e que mora hoje lá para a Rua da Estrela, no Rio Comprido.

Um dos cabeças do bloco e da escola, era o Bartolomeu, mais conhecido como Bartô, jornalista italiano, que hoje tem banca de jornal lá para Madureira. Não lembro dos outros a não ser dos filhos da Juliana e do David.

Quem fazia os carros era o seu Armando, que era entendido nisso.

Aqui na Rua da América vinha muitas embaixadas, de outros bairros, durante as batalhas de confete que tinha na rua. Aqui tinha arquibancada natural, por causa das calçadas elevadas.

Tinham algumas moças italianas, mais pobres que eu, acho que saíam no bloco, mas não me lembro quais eram.

Houve um ano em que saíram de automóvel.

Houve outro em que saíram de cavalos, aliás, dois anos.

E tarde tinha bloco de sujo que saía por volta das 11 horas e voltava lá para 16 horas ou mais.

Lá pelas 18/ 19 horas começavam a juntar aí já fantasiados e o bloco escola saía lá pelas 10/ 11 horas.

Tenho 64 anos e nunca fui a um carnaval na Praça Onze. Não gosto. Só faço olhar, nem gosto de ir a baile, foi por isso que eu fiquei solteira.

Usavam fogos de artifício e de bengala durante os desfiles.

Os carros alegóricos eram usados florões, jarrões grandes, acho que tinha luzes.

Tinha um filho de D. Victoria, que era surdo e mudo, mas sambava na escola.

O ambiente deles era calmo e tranquilo, mas às vezes tinha briga.

A Vizinha acabou, porque uns casaram, outros mudaram, o grupo desagregou.

Depois da Vizinha veio o Todo Ano eu Saio que era do Mario Leal e o do irmão Américo Leal, filho do seu Ventura e cuja roupa era vermelha e branca, mas que era bloco, não era escola de samba.

ANEXO D – Depoimento de Vileta Alves Laranjeiras

Data: 14 de fevereiro de 1979.

Violeta Alves Laranjeiras, 58 anos, moradora na Rua Marquês de Sapucaí, 14, casa 9 – uma das mais antigas moradoras do local.

Que eu me lembre era esse o mais animado dos blocos que tinha aqui no bairro. Acho que tinha sede ali pelo 182/ 184 da Rua da América. Em frente tinha a quitanda do “Seu Barbado”. A cor era azul e branco. Acho que se reuniam em bloco só durante o Carnaval, mas durante o ano tinha umas festas de jaz, vez por outra.

Eu não gostava daquele ambiente, mas aqui na Rego Barros, quase todo mundo era da Vizinha Faladeira. Hoje muitos mudaram, outros foram casando.

A maioria deles era escuro, mas tinha muito italiano que ia com a família.

Os italianos eram jornalheiros.

Os escuros eram do Cais do Porto.

E tinham também os bicheiros, daqui do ponto do bicho.

Eu me lembro bem da figura do Zé Crioulo.

Nunca fui baile lá na Vizinha, eu dançava muito, mas era na Banda Portugal.

Eles formavam ali na Rua da América.

Tinha a Roxinha, tinha uma outra escura e magrinha que mora agora na Nabuco de Freitas, lá na quinta da Travessa São Diogo.

Eles faziam ponto no armazém da D. Maria, na Rua da América, esposa do Marques.

Tia Juliana, mãe da Roxinha e do Zé Crioulo, era costureira do Teatro República.

Era um bloco grande, uma escola de samba que tinha muitas baianas, tia Juliana saía de baiana.

Tinha corda e durante o dia saía um bloco de sujo que voltava à tarde para emendar com a escola de samba a noite. Usavam musicas nesse bloco de sujo da tarde era dos mesmos elementos. Aí saía toda a garotada do bairro. Eu ficava na janela vendo o bloco passar.

Tinha uma rapaziada que tomava conta da corda, todos fantasiados.

Na frente tinha uma comissão de frente, todo mundo de branco e de chapéu bicudo azul, acho que foi na Branca de Neve. No fim vinha à bateria, todo mundo fantasiado. Acho que eram ao todo umas 400 pessoas. Tinha um carro alegórico que tinha luz e tinha a Branca de Neve em cima com os sete anões no chão, andando e cantando em torno do carro.

Era uma escola muito falada no bairro, porque todos comentavam no Carnaval. Acho que acabou porque muitos foram se mudando e outros casando. Foi acabando aos poucos.

O pessoal da rua aceitava o bloco e gostava deles. O pessoal antigo era com eles os jovens era com o outro bloco chamado “Brinca Quem Pode” e lá para a Saúde tinha o Coração das Meninas, que também é muito antigo.

Aqui passava os bondes Praia Formosa e Praia das Palmeiras. Tinha também batalha de confete, que tomava toda a Rua Sapucaí, Nabuco e Rua Marques de Sapucaí.

ANEXO E – Depoimento de Pardal

Data: 16 de fevereiro de 1979.

Armando Santoro, de profissão bicheiro, nascido em 15/03/1917, mais conhecido pelas alcunhas de “Pardal” porque gostava de cantar quando era jovem e isso é de outra área.

Teve uma briga com os fuzileiros navais, aqui na Rua América, deram tiro, jogaram os fuzileiros navais dentro da vala, diz D. Eva entrando no Ponto do Bicho, a Madalena não se lembra disso, jogaram sim, jogaram os fuzileiros navais dentro da vala lá na estrada, deram uma surra neles.

Eu ainda me lembro disso. Isso foi em 1935/ 1936, a quem tava olhando a saída, a Vizinha tava se preparando para sair e ai foi aquele grita, aquele tiroteio, parece que um dos fuzileiros navais mexeu com uma das mulheres, sei lá quem era, ai o pau comendo e todo mundo correndo para dentro das casas, até que foi bafafá, todo mundo viu isso acontecer aqui. Eu acho que isso foi lá por 193... não lembro. Eu tô com 60 e poucos anos...

Com 13 anos eu já estava começando a deslanchar. Sou nascido e criado no bairro.

A Vizinha Faladeira saiu na primeira vez como bloco (1932), mas não era bloco de sujo, era bloco organizado, direitinho, eu sei a origem da história.

Existiam duas moças aqui, que morava ali no Beco da Providência, a Roxinha se lembra de D. Rosa, a velha do Beco, que gostavam muito de falar, eram corujas, gostava de ficar espreitando o que os outros faziam na madrugada, que era para comentar de manhã nos açougues, nas vendas, nas quitandas, e ela ganhou, a gente que pôs, o apelido de Rosa Faladeira, compreendeu.

Tinha um rapaz chamado José Loureiro, mais conhecido como Ratinho Sujo, este sim é que inventou a Vizinha Faladeira, que saiu pela primeira vez como bloco, em 1934, teve um ano só como bloco logo depois virou escola, que saía da Ladeira da Providência, número 43, que era a sede do Esporte Clube Providência, na casa de um senhor que se chamava Américo, pai de Aracindo e Átilo. Aracindo jogou no Vila Isabel, no Providência. Para sair à primeira vez foi alugada a roupa de diabinho, na sede do Cruzeiro do Sul, lá na Rua de Santana com Rua Senador Euzébio, por cima do Jeremias, as roupas foram alugadas ali.

Aí já existia puxado pelo David, que convidou o Bartolomeu para ser Presidente (estive com ele, tá velho, tá meio gaga). Alugaram então uma sala na Rua da América, 235, por cima da padaria, oh memória boa, primeiro lá no 235, depois é que ousaram aqui para o

Estrada de Ferro, ensaiou um ano aí. Não foi Roxinho? O Totinho tem uma memória igual a minha, nós éramos unha e carne. Andávamos muito juntos.

No começo eu era apenas um integrante aqui do lugar.

Cabeças eram David, Rafael Malandrinho, Jovino, irmão da Roxinha, esse era a cabeça dos cabeças, Átilo, pai desse? Como era o verdadeiro nome do teu pai? Hermógenes, mais conhecido como “Bode”, houve até carnaval que teu pai levou uma navalhada desse Ninico Sôsô que andava aí, esses eram os integrantes mesmo, Ezinho era igual a mim.

Acho que o Rafael Malandrinho também foi presidente da escola e depois veio o José Marques, da venda, existiu 3 presidentes.

Acho que foi na década de 1936 que começamos a ensaiar num clube Estrada de Ferro que tinha na Rua América, 192 (192 ou 190?) cedeu o quintal para a Vizinha ensaiar, entendeste? Cedeu. Nada de aluguel.

Eu acho que os bailes era o Estrada de Ferro que botava na frente, a Vizinha nunca deu baile. As moças é que organizavam os piqueniques que eram com a Beringua (Hermínia) e a Roxinha, essas moças daí.

No chão a escola era assim.

Primeiro tinha a comissão de frente que saiu, com uma limusine, uma bem mais de uma, que numa limusine tava eu e um companheiro meu, que hoje é empresário de teatro e que se chama Américo Rodrigues, dono do Teatro Rival, terno branco, gravata borboleta preta (nós fomos até desclassificados na Praça Onze, disseram que carro não subia morro, ela sempre teve o apelido de Vizinha Rica) e um cravo preto na lapela.

Aí tinha a ala de frente, os destaques, existia duas, três alas, como desfile da “Escola Normal”, que a Vizinha já saiu com o enredo, com aqueles destaques simbolizando grande quantidade de baianas. A Vizinha era tão rica, que tudo que era mulher que entrava, era composta por várias meretrizes, tudo era jogo, era tudo contraventor, então vinham às mulheres do lado de lá, que tudo era gente que hoje não se pode citar, porque tão casadas, não é justo citar nomes, mas Riqueza? O que a Beija-Flor faz hoje, nós fazíamos em 1937, guardando as proporções da época.

Naquele enredo “Branca de Neve”, a moça tinha o apelido de Nega, uma moça muito bonita, branca e de olhos azuis, então era garota linda, pequeninha, então botaram ela de “Branca de Neve”.

Além das baianas, tinha sempre outras fantasias, como todas as escolas tinham. Haviam destaques, mais ricos, só que os destaques da Vizinha não tinham tanto luxo como os destaques de hoje, mas tinha destaque de beleza e de corpo.

O enredo da escola era organizado pelos irmãos Garrido; a Madalena não lembra deles porque só assistia, ela não fazia parte da escola. Nunca mais vi esses homens; eu era garoto, tô com 62 anos eles já eram homens feitos, será que estão vivos, nessas alturas já devem estar com 100 anos, já, não é? Eles faziam as alegorias, os carros, tudo, até o risco de roupa. Tinha também o Armando, que fazia as alegorias dos carros. Morreu o seu Armando dos Fenianos, um mulato forte, isso tem 50 anos.

Branças ou quase brancas eram Beringua, Dulcinéia. Dulcinéia era uma mulata muito bonita, uma ocasião, as irmãs do David, Nair e Madalena, tudo isso como destaques principais daqui da Rua, porque eram daqui, as outras vinham de fora, entendeu? Conforme a Rosemary saía hoje na Mangueira. As mulheres da zona todas saíam aqui com a gente.

Tinha uma que marcava e que hoje é uma senhora casada e eu não sei se o marido vai gostar.

Tinha uma que era a Margarida, que hoje é mãe de santo, mulher do Canhoto, e que nessa ocasião era mulher do falecido Brancura. Depois passou a ser do Papoula, mas hoje é uma mulher casada, não vamos mencionar.

Não lembro mais o nome dos enredos, só o David. Marcou mesmo foi a Branca de Neve.

Carnaval que meu irmão ganhou com o samba dele eu nem lembro qual foi o enredo. Acho que foi em 1934 ou 1937, os dois anos que a Vizinha foi campeã.

Acho que em 1937. Foi campeã, nós fomos campeões. “Não me sai mais da lembrança o nome do samba, Mário Santoro, o nome do meu irmão”.

“Não me sai mais da lembrança

Aquela jovem criança

Um só momento não me saí do pensamento

Ela me abandonou

Desmoronou

Meu lar

Nunca mais tive alegria em minha vida

O meu consolo é chorar”.

Só tinha esse refrão, depois entrava o improviso que era feito pelo Nozinho porra, agora é que eu não lembro, como é que eu fui esquecer isso? Nozinho da Gruta ou Nozinho Legume?

Caboclinho puxava samba também e era bom.

Na frente da bateria vinha, pera aí...

(aqui uma interrupção abrupta e a entrevista começou a se desenvolver em voz baixa. A porta do ponto de bicho foi feita as fechadassas as correrias porque o ronco de uma “patamo” ou camburão cresceu na rua. Quem de fora não entra, quem tá de fora não sai. Pardal com a atenção voltada para a porta e ouvindo na entrevista. O vigia levanta e fica na espreita por uma fresta da porta). Chamava Longa, acho que era Longa, era o diretor de bateria, era um crioulo grande. Eu não me lembro de ter visto conjunto de cordas, era só a bateria, que tinha o falecido Cuíca, Enéas que também era compositor, acho que saía na bateria, meu irmão fazia o samba em casa, não saía na escola.

Esse samba de meu irmão chegou a ser gravado pelo cantor Baute.

Teve também muito samba vendido, por qualquer dinheiro. Teve um comprado pelo Chico Alves que era aquele:

“Vai haver barulho no Chatô

Porque minha mulata me abandonou”.

Mas isso não pode ser dito que eu não tenho prova, mas era dele, ele cantava lá em casa. Acho que o Chico Alves gravou:

“Tenho o coração ferido que me desabafar...”

O ambiente aqui na época era tudo familiar, não tinha nada de pesado, tudo com muito valente respeitando as famílias do lugar, tudo valente mesmo de verdade. Existiam muitos, até a rapaziada que não era de briga era tudo homem de encarar, acho que o mais velho era o Tio Faustino, tinha o falecido Saturnino, tinha o Tinguá, próprio David, que era dos bons, Mira, meu patrão, Leofontino, que também saía na escola.

Trindade, que frequentava o bairro, mas não saía na escola. Baiaco andava aqui, mas não era participante, era telespectador como se diz hoje.

Nesse pau apareceram uns fuzileiros naval querendo anarquizar ai, aonde levaram uma surra em frente à curva, na Rua da América, na porta da venda lá de baixo, depois da sede.

Teve um ano que a escola ganhou depois disseram que era a Portela aí a turma se encrespou e o David começou o pau, tomou uma atitude, é que era o Natal na Portela, anos depois, quando queria brigar ninguém segurava ele, havia isso em todas as escolas, o David era sempre quem tomava a frente na pendencia, era o David.

Eu fui uma espécie de diretor, porque eu fui cobrador na Vizinha Faladeira. David, depois que deixou de ser, deu pra mim, era na época dos recibos de três e cinco mil réis. Para comprar uma casa custava pouca coisa, coisa de uns 20 contos, eu comprei uma casa em 1957 por 50 contos de réis. Cinco mil réis era uma nota, era o recibo dos banqueiros, dos contraventores, dos italianos, [...] tinham dinheiro; três mil réis era para os trabalhadores, e

que era um Deus me acuda para cobrar, quase tinha que cobrar debaixo de pau, todo mundo atrasado, uma briga danada.

A Vizinha acabou por desgaste dos associados e por desgosto. A gente saia bacana, saia rica, saia bonita, e nem bem o carnaval começou, já estavam dizendo Vai Ganhar Fulana, como acontece hoje em dia, nem começou já vai ganhar os “Independentes da Sociedade”, entendeu, já querem preparar para a Mocidade Independente ganhar, como este ano.

Pessoal de frente feminino era a D. Juliana, a Roxinha, gostavam e participavam. Não me lembro de mulheres italianas participando, gostavam e não se metiam; único italiano que participava e gostava era o Bartô; era de família muito rica e o Bartô sempre foi desgarrado para o lado da malandragem, eles se destacavam (não se misturavam).

A Branca de Neve era conhecida como Nega, ninguém sabe o nome dela, podia ter na época uns onze/ doze anos , entendeu, era menina, muito linda e que depois casou e morreu de parto. Não lembro se tinha Rainha Má, mas acho que os anões eram os garotos.

Tem coisas que eu não lembro. Eu não tomava conhecimento de muita coisa da escola, porque o meu negócio, de outros também, era apanhar mulher. Agente saía na escola para apanhar mulheres, queria lá saber se o enredo era “Branca de Neve” entendeu? Queria era apanhar as mulheres, as pastoras, que carneiro de rebanho éramos nós mesmos.

Agente saia daqui entrava pela antiga Rua Senador Pompeu, saíamos na Central para subir a Senador Euzébio e formar ali na General Caldwell (formar é modo de dizer, reorganizar seria melhor e esperar para descansar) e depois fazer uma passagem na comissão da Praça Onze. Uma passada só, frente à comissão, no Largo, em frente à escola Benjamim Constant, do lado da Visconde de Itaúna, ao lado da escola.

Dava uma passada lá se exibia bem e depois dissolvia, quando já vinha passando a praça às vezes descendo a Visconde de Itaúna até a Central às vezes entrando pela Rua de Santana. Acabou o desfile, todo mundo ia embora. Quem era perna, ia pra “Balança”. Quem gostava de samba ia para a garagem do Pinto.

Também nos pré-carnavalescos, na Balança, se reuniam os maiores batuqueiros Brancura, Peru, Pascoal, Grulha, ia para lá batucar, nos três dias era que era animado.

Tinha um chamado “Chega a Janela”, que era do Cuíca, mas não me recordo, o Toninho deve saber, o Otoniel vai te dizer, Chega a Janela para ver a Vizinha Rica passar.

Era Vizinha Rica porque nós tínhamos um luxo, um cuidado, em 1937/ 36 onde chagava era todos dizendo “Chegou a Vizinha Rica” era lamê de 42 mil réis o metro, era balbutina, o Toninho sabe os sambas todos. Alaíde, a mulher dele, canta todos também.

Tinha uma que sabia era a mulher do David, antes da Beringua, como era o nome dela, Armando?

Acho que resolveram extinguir o bloco em 1939, depois da Branca de Neve. Depois ainda saiu um ano, mas depois não saiu mais. Ai depois disso surgiu um bloco chamado “Todo Ano Eu saio” que ficou igual à escola, tinha música, branco e vermelho, aí era Pardal (Eu), Hélio, Otoniel, Américo saia, mas era figurante, Hélio era um estivador, foi criado aqui também, Nilo Alfaiate, saíamos daqui com umas duzentas pessoas e chegava na Praça com mais de trezentas mil pessoas como o cacique, todo mundo branco e vermelho.

Houve até um ano em que esse bloco comprou pano, não para ganhar dinheiro, mas para fazer todo mundo sair de roupa igual, e depois revendemos para o pessoal.

O pessoal que saía na Vizinha tinha diversos truques para arranjar dinheiro. Um deles era fazer o Mira, que era banqueiro de bicho e integrante da escola, assinar no livro de ouro, depois passar no comércio do local e depois sair pela cidade correndo tudo quanto era banqueiro, dizendo “foi o seu Mira quem mandou”. Assinavam tudo que era uma beleza, João Gomes, Aristides, Rafael Palermo, eu mesmo levava lá, era tudo conversado antes.

Por isso que a gente tinha tanto dinheiro.

A Vizinha imitou a Portela naquele negócio de coro das pastoras que tinha na escola, na frente da bateria e no meio das alas laterais de baianas. Era a mulher do David (lembrei o nome) Orides (deve ser Eurídice, a Beringua, que sempre teve boa voz, e outras que tinham voz boa).

Gente que veio de fora para o bloco.

Bolão que veio do Estácio, depois que deixou o “Deixa Falar”.

Adolfo e Sula, que eram malandros e depois foram ser PM, no regimento Caetano Farias e que era quem arranjava os cavalos para nós sairmos.

Tempo bom. Diz aí, não esquece que eu também chamo Manguinho de Copacabana, que isso é outra área.

ANEXO F – Depoimento de Roxinha

Data 15 de fevereiro de 1979.

Depoimento de Nair da Cruz Lobato, Roxinha, para os de casa.

Esta com 68 anos, nascida em 22 de dezembro de 1910.

Acho que a Vizinha saiu pela primeira vez em 1932. D. Juliana, minha mãe, não saiu nessa vez, que era tudo garotada, saiu tudo de diabinhos. Mamãe só saiu em 1933, quando saiu à escola. Aí ela saiu de baiana.

Daqui de casa saíamos, eu, de porta-bandeira, Jovino, meu irmão que era diretor, Orlando, que é morto também, Iracema, que não saia na escola, Elzinho (Eliezer), Otoniel e José. Desses, o mais conhecido é o Elzinho que foi Presidente da Estiva e que tinha nome junto aos políticos. Chamava-se Eliezer Cruz.

Jovino é que foi diretor da escola, foi fundador, Jovino ajudava a fazer as alegorias. Eles eram da “Estiva”.

Roxinha foi a primeira porta-bandeira.

Mulheres que saíam no grupo “Grêmio das Faladeiras”.

Manuela, que é irmã de Hermínia, e esposa do Zé Crioulo, meu irmão.

Dulcinéia que é sobrinha da Roxinha e que foi nomeada secretária do grêmio porque sabia ler e escrever.

Elzinho era da comissão de frente, junto com Toninho e com Zé Crioulo. A comissão de frente era formada assim: Esse é o risco. Quem tem dinheiro para fazer esta roupa que é mais rica e te mais despesas? Você tem? Bota o nome dele aí na comissão de frente.

O pessoal de proa eram David, Jovino, Atila, Aracindo, Bartô do Providência, Ernesto Mauro, que morreu, Chiquinho, que era filho de italianos, e agora mora na Zona Sul. Mira, banqueiro, já falecido.

Cabo Verde veio depois, Cabo Verde na entrada, era garoto. Enéas veio depois, era compositor; Trindade era vagabundo, não era da Vizinha, só frequentava o bairro.

Saímos um ano de limusine. Depois, outro ano, saímos com comissão de frente de cavalo, com os irmãos Garrido, sempre fazendo o Carnaval e os riscos. Na frente da bateria tinha uma comissão de garotos.

Não me lembro mais o nome da baliza que saiu comigo.

O Grêmio das Faladeiras era composto por Roxinha, que era a presidente, Hermínia, que era a vice, Dulcinéia, que era secretária, umas 15 ou 20 moças de proa. Eurides, Josefina, Benedita, Alaíde, mulher do meu irmão Toninho, Dila, que hoje é mãe de santo, (ela pode ser encontrada através de um pessoal que mora na Rua Julieta, 12, na Avenida Suburbana). Baiana, uma crioula muito bonita, Emília, Didi, Adalgiza, esposa do Ezinho, (que mora hoje na Rua Conde de Agro longo, 165 ou 173). As irmãs do David, Nair e Madalena saíram depois.

Vinha muita gente de fora para sair na Vizinha:

Eram bem umas trezentas pessoas que compunham o grupo. Vinha muita mulher da Mangueira.

O Grêmio das Faladeiras dava festas, fazíamos piquenique, íamos a Penha, íamos à Portela, íamos à Mangueira (os homens alugavam carros e nós íamos em embaixadas).

Nossas festas eram na sede do Estrada de Ferro, 190 (esse o número correto). Às vezes tinha orquestra nos bailes. Para isso passávamos convites. O bar, os homens compravam e nós tomávamos conta. Os salgadinhos eram com D. Idalina, mãe de Hermínia.

Mulheres que saíam de baiana: Rosa, Idalina, Candinha, minha mãe, D. Juliana, Edite do Décio, Margarida. Outros anos eu saía de figura de destaque, assim com aquelas roupas de Dama Antiga, de vestido de Lamé, de vestido de baile de luxo.

Não lembro porque acabou: sei que nunca teve problema com dinheiro. Acho que foi porque todo mundo foi casando e aí às mulheres não queriam mais aquela farra, ou porque os italianos foram mudando de rua. Também não foi por briga, às vezes tinha briga, mas era coisa de esquina. O pau comia era aqui atrás, no morro da Favela. Lá a turma era bamba e encarava mesmo. Mas quando vinham ao baile aqui na Vizinha era tudo muito respeitador e se comportavam direito.

A branca de neve era uma menina branca e muito linda. Morreu.

O Bartô era jornalista, ainda é até hoje, e italiano.

A turma da pesada eram o David, que tem aquele corpinho, mas com uma navalha na mão... Eram o Atíla, Aracindo, Jovino meu irmão, o Bartô e o marido da Benedita, que eu não lembro o nome.

Um dos presidentes foi seu José Marques, português, da venda onde a rapaziada se reunia.

Outros que eu me lembro: Eduardinho, Mira, o irmão dele – Mira – chamado Chuta. Pardal eu acho que saía no bloco, mas ele era muito jovem.

Lá no 211 tinha outro clube, o Nacional.

David morava no morro do Pinto e saía aqui. (Rua da América).

Antes dele, o Cabo Verde é que era o marido da Hermínia.

Na aleluia a escola não formava. Aí nós íamos a bailes em outros locais, assim em embaixadas, íamos muito no Recreio das Flores, rancho que ainda existe na Praça da Harmonia, aqui perto. Acho que seu Miguel ainda é vivo.

Terminado o Carnaval a escola dissolvia e turma daqui ia para a garagem grande que tinha na Praça Onze, por trás do botequim do Pinto. Acho que era H. Pinto.

Ou íamos para os bailes no Estrada de Ferro, não o daqui, mas um clube grande dos ferroviários, que tinha ali na esquina de General Caldwell com Rua Senador Eusébio.

Teve um ano que teve uma bruta confusão na Praça Onze e o David entrou nessa. Quase que envolvem as mulheres.

Outra briga feia foi a da Vizinha com o Salgueiro (Azul e Branco) na feira de Amostras, as mulheres jogando pedra, nós jogando tudo daqui para lá. De outra vez fomos a uma embaixada em Mangueira e teve uma coisa de ciúmeira das mulheres de lá, todo mundo aqui tinha o seu do lado, mas na saída como jogavam pedra de lá do alto, nos carros da gente.

A Vizinha era rica era luxo.

Bartô e Mire cobriam as despesas.

Todos compravam as suas fantasias.

Na rua faziam listas entre as famílias.

O comércio do local e até da Praça auxiliavam. Isso era o Grêmio das Faladeiras que faziam.

Livro de ouro era passado fora e isso era com os homens.

O barracão para a construção dos carros alegóricos era no terreno que tinha nos fundos do armazém do seu Marques e da D. Maria da venda.

ANEXO G – Depoimento de Otoniel Cruz

Data: 16 de fevereiro de 1979.

Otoniel Cruz. 63 anos, nascido em 26 de fevereiro de 1915.

Em 1931, mais ou menos Jovino e Eliezer eram mais velhos do que eu. Eles é que eram a comissão de Proa da Vizinha.

José Marques, que era tesoureiro, dono do armazém, na Rua da América, 184, acho que foi Presidente depois, mas antes dos que eu lembro, foi Presidente o Bartolomeu Mauro, o Bartô. Tinha o Atílio que tá vivo e é aposentado da Estiva, irmão do Aracindo que jogava futebol, lá no Providência, e que também foi da Vizinha. Tinha uma turma que depois foi falecendo, turma toda que depois foi falecendo.

Minha irmã Roxinha, Beringua, Abigail, uma pastora de muita importância, a mãe dela e muito procurada pela televisão e pelas rodas de samba, uma senhora chamada Tia Carmem que tinha mais de cem anos, lá da Rua de Santana, tá viva ainda. Abigail saía na Vizinha com a gente. O pai dela era o Capitão Chibuca e a mãe, D. Carmem que tá viva e ela é neta da Tia Monica doceira, fazem aquela festa de Cosme e Damião, vai sempre a missa em São Jorge ainda outro dia deu aquela entrevista na televisão.

Ela saiu muito moça e depois conheceu o Bira do catumbi, que não saía na Vizinha.

As irmãs dela a Vidinha, o irmão dela, falecido Nerinho, que era lustrador e saía na Vizinha, faleceu de repente, morreu num dormitório, acho que não era esse Rei que vocês falam, não era batuqueiro, muito bom, pacato.

Eu participei da Vizinha desde sujo; eram o Ratinho e o Trancoso que fundaram, esse bloco, esses é que eram. Tinham duas mulheres, no Beco da providência, por isso é que foi Vizinha Faladeira, da Rua da América para a Rego de Barros, uma lá e outra cá comentando uma cima a outra, [...], vizinhas faladeiras da vida alheia. Ratinho falecido Rato é que botou o nome. Então nós saímos na Vizinha Faladeira, com uma fantasia que não era sujo, não era aglomerado; era uma fantasia, que nós não tínhamos nem recursos para sair fantasiado, então nós íamos buscar num clube que tinha aqui na esquina de Rua de Santana com Praça Onze, Cruzeiro do Sul, ao lado Cine Rio Branco. Tinha lá um amigo nosso que era diretor, tinha umas fantasias velhas, fantasias de diabinhos, então nos saímos com essas fantasias velhas, esgarçadas...

Bom aí depois quando houve o problema para sair à escola, que o bloco só saiu um ano, aí veio no ano seguinte à ideia de Trancoso, do meu irmão Jovino, o Átila. Olha aí, vamos fazer uma escola de samba, vamos fundar uma escola de samba, aí a turma se reuniu...

Na rua já se faziam rodas de samba e aqui as brincadeiras, porque o carnaval era muito evoluído, tudo o que se comentava em torno do carnaval era um samba, era uma batucada, reunidos na esquina, então ficava ali a gente cantando e dançando.

Teve também o Bartolomeu e o David, que foram cabeças. O David sempre foi um batalhador da Vizinha, faça-se justiça.

Mulheres, Jurema, filha de seu Manduca, o banqueiro do Bicho, tinha uma outra que saía de fantasia de luxo, o pai tinha recurso. Tinha Juracy da Tia Jurema, irmã da [...].

Pessoal da estiva e da residência, pessoal do Bicho, como Mira, mas o Longa que lhe falaram é outra pessoa. Porque o Ângelo Maria Longa nesse tempo era mecânico de automóvel, digo Ângelo Maria Longa, eu conheci ele, foi criado comigo; ele tinha um cunhado que andava aí, era essa coisa, era polícia, era o Guimarães, que era quem orientava ele. O Ângelo se meteu em contravenção depois de 1950 mais ou menos, aí é que ele virou banqueiro.

Ali tinha muita menina, tinha muita família que deixava as suas filhas saírem, mas aquilo ali foi se destruído cada ano mais, mas antes, saía de tudo, tinha branca no meio, teve ano em que, não sei se chegaram a lhe contar, teve “Branca de Neve e os Sete Anões”, e saiu sete meninas brancas e oito com a Branquinha de Neve, são sete crianças brancas, que foi um dos carnavais em que a Vizinha foi campeã (engano, foi desclassificada), não disseram para o senhor, isso?

Os carnavalescos eram os irmãos Garrido. Acho que tem um que ainda é vivo. Eu não vejo há muito anos. Eles eram fiscais do Estado ou da Prefeitura. Naquela época moravam na Santana ou Rua Senador Pompeu.

Eles vinham de outros ranchos, no Recreio das Flores, outros ranchos; eles eram carnavalescos muito conhecidos e respeitados.

Eu não me lembro mais dos enredos que ela teve. Eu só lembro do ano da Branca de Neve, um outro que se chamou “Uma Só Bandeira”, esse eu lembro, se tivesse uma lista.

Também ela não saiu muito tempo não. Só sei que depois do Branca de Neve veio um Carnaval que foi a despedida “acho que é isso mesmo”, “Carnaval Para O Povo”. Sem participar do concurso, foi isso mesmo, não tomou parte do concurso.

Nós saímos dois carnavais com comissão de frente a cavalo, um deles foi o que fizemos de “landolé”, aí foi aquele beleleu; disseram que “carro não sobe morro”, aí nós

respondemos botando cavalo. Os landolé eram aqueles carros grandes de casamento, todo aberto. Nós botamos cavalos porque queria ver dizer que cavalo não sobe morro. Pois não é que eles disseram!

Porta bandeira foi Roxinha e Dulcinéia, a Beringua. Quem dançava com elas eu não lembro. Acho que tinha um menino chamado João que dançava com a Beringua, acho que era.

Tinha o Aramis, mas o Aramis saía na bandola, saía tocando bandolim, bandola não é banjo, era bandolim, era lustrador de móveis.

Do Aramis saía o bloco todo, saía à China que era filha dele, ele era só o homem que tocava bandolim.

Compositor era o Enéas que quando acabou a Vizinha foi morar em Mangueira. Autor de “Mangueira teu centenário é uma beleza”.

Afora o Enéas como compositor, tinha o Nozinho da Gruta (porque tinha ainda o Nozinho Legume e outro terceiro Nozinho, que era nozinho da Resistência, ou tinha dois Nozinhos? Não lembro mais, acho que eram só dois). Importante era o Nozinho da Gruta, que era o Nozinho jogando fora, que a gente dava dez mil réis para ele viver, esse que vendeu até umas músicas para o Francisco Alves em 1935 ou 36. Essa música o Chico gravou; quem levou o Chico Alves para fazer negócio com ele fui eu e o Bucy Moreira. Essa música o Chico Alves deu-lhe 50 cruzeiros, e ele achou muito bom.

Tinha um primo dele, parente ou primo, lá da Rua Dr. Ezequiel que era invertido. Conheci um Mário Tintureiro, mas esse já morreu, tomava conta do hotel depois caiu muito, andava pelo Mangue, pela Zona, foi trabalhar com o Menezes Cortes, que eram naquela ocasião que deram um pau nele, acho que morreu disso. Acho que não era de briga, era sujeito pacato.

Eu lembro do Caçadores de Veado, que o Sr. Fala, mas não lembro do Mário Tintureiro brigão que o Sr. fala. O Mário Tintureiro eu escutei muito comentário sobre a vida pregressa dele, mas eu não tinha um contato mais direto com ele para afirmar. Ele morreu, faz uns anos.

Afora o João que dançava, tinha o seu João Verdinho, da Resistência, que acho que dançava com Dulcinéia, ou com a minha irmã Roxinha.

Quem puxava o samba era o Caboclinho, era dos que aguentava do samba versejado. O Caboclinho mataram ele no Caju. O dono de um botequim deu uma porção de tiros nele e a gente vai esquecendo. Nozinho cantava. O mesmo que fazia Aurélio e Vibelo, no grupo do Estácio. Conheci ambos muito bem, como também conheci o Cantildes, que depois foi cantor

de sambas e boleros na Avenida Danças, era do Municipal e acho que era do “Quem fala de nós tem paixão”.

Não lhe falaram do Brancura, não comentaram que ele dava as suas “encruzas” também? Ele, Ismael, frequentavam a Rua da América como visitantes, mas eram de lá do Estácio. Quem era frequentador nosso, mas saía todo ano com a gente era esse rapaz que banca bicho lá no Irajá, o Pirulito, esse era Vizinha, chama Lourival, acho eu, saía com meu irmão, comigo.

Na escola não tinha função nenhuma; eu era muito jovem, aí a gente exercia qualquer função, menos as de tesoureiro, de presidente ou de secretário, o resto, tudo deixavam incumbido à gente; quebrava um galho aqui, ajudava a lá adiante; me chamavam Tuninho, “Tuninho”; vai para a porta, toma conta da porta, Tuninho aqui na bateria, eu pegava o tamborim e perequeté-perequetá; agente não tinha uma função definitiva, não tinha cargo, você toca o pandeiro, não tinha responsabilidade, principalmente eu que sempre gostei, eu não tinha hora para chegar lá, as vezes chegava as dez horas, tal, dez horas, já estava acabando o ensaio.

Como eram os ensaios do 190? Era no quintal do Marques. Tinha ensaios domingos e quintas-feiras, vamos dizer uma quinta-feira, os componentes da escola compareciam de 7 horas em diante até umas 10 horas da noite, e sete e meia, oito horas, chegava à bateria, botava a bateria assim num canto, no fundo e o diretor que era o “Longa”. Chegava o Caboclinho, bom vamos começar o ensaio e ai reunia aquela, trempe de 15/ 20/ 30 moças, então dali dava-se os folhetos a ele para aprender o samba, dali, apito, pirrim, tocava o tarol, tambor, tamborim e as pastoras andando e sambando ali pelo quintal, que hoje chamam de quadra, fazendo “revolução”, já havia naquela época “revolução”. Hoje em dia o ensaio em uma escola de samba é comércio. Hoje em dia, quem vai para a quadra, é o comércio, quem vai para dentro da quadra é o público que esta pagando e tá gastando, não têm mais nada, eu não vejo, eu vou aos ensaios da Vila, eu tenho meu sobrinho que é compositor da Vila, que mora aqui em baixo, o Gemeu, ele mora aqui em baixo no prédio, hoje em dia a escola de samba é comércio.

Naquele tempo tinha a intenção de aprender, de se ensinar a evoluir, que era para elas poderem executar no carnaval, aquilo que estavam aprendendo nos ensaios que era para não fazer besteira na frente da comissão.

Problemas de teatro, de coreografia, que a gente ensina, anda para cá, vai pra lá mulher, aí a gente ensaiava mesmo. Os ranchos já faziam isso, os ranchos ensaiavam, então

conforme estavam ensaiando, as damas, as pastoras, as que sabiam fazendo e as outras olhando e aprendendo, (canta no ritmo de rancho) orientando as evoluções.

Quem dirigia o grêmio das faladeiras eram as mulheres, que faziam e organizavam as festas e as excursões. “Vamos Mangueira”, “Vamos Portela”, naquelas excursões, faziam aquelas embaixadas de ir vinte carros para uma festa na Mangueira, que a gente só andava de carro. Por exemplo, a Portela oferece a Mangueira, aí nós íamos também, a Mangueira oferece a Vizinha Faladeira, lá íamos nós.

A formação da escola no chão. Na frente vinha o Pede Passagem, que vinha na mão de um garoto, depois vinha um grupo de Palhaços, Velhos, Folclore (lembra daquelas figuras do folclore?), tinha máscaras de Reis, tinha índios, tinha caboclos, isso vinha logo depois do Pede Passagem.

Tinha depois a Comissão de Frente. Vinha a Porta-Bandeira na frente, Fantasias de Enredo, no fim vinha a Bateria, com outra dupla de Porta-Bandeira na frente, o samba puxado por violão, um cavaquinho, bandolim, pandeiro, cuícas e tudo mais, surdo, tarol, com as baianas vinham em alas, assim em fila, pelos lados de fora, não era como hoje que eles vem num contingente como um pelotão militar. No mesmo estilo das alas dos ranchos ou dos frevos pernambucanos.

Tinha um número de mulheres que nós botávamos na frente do cantor e atrás da segunda Porta-Bandeira para fazer o coro da escola, que sustentavam o canto, mulheres e homens, porque geralmente as pessoas que são só integrantes, ou as que estavam com figuras de destaques, esses ninguém cantavam, queriam era se exhibir; era acenar para os amigos, joga beijo com as mãos para os homens. Então o pessoal tinha o coro que era o time que cantava. No coro eu não me lembro quem. Tinha muita gente. Tinha gente que nem fazia parte da escola e no dia de carnaval, tem boa voz, entra aqui, só que tudo fantasiados, aprendia nos ensaios e saía, desde que a fantasia fosse azul e branco. Podia fazer um pierrô, ou quimono azul e branco, que naquela época não tinha tanta exigência desse negócio de fantasia de ala. Vinha de todo lado, do morro do Pinto, do morro da Favela, Praça Onze, General Pereira, João Caetano, Nabuco de Freitas, Marques de Sapucaí de Santo Cristo, que todo mundo caía na Vizinha e adjacentes. Vinha gente até de Mauriti e de Carmo Neto. Lembro da Margarida do Canhoto; era dama de destaque da Vizinha; Risoleta da Favela era outra, mas essa não saía na escola.

Risoleta eu me dava muito bem com ela, muito minha amiga, deve estar com isso, aí por volta dos 80 anos, era boa praça, Otoniel paga uma cerveja aí que eu tô dura, dava lá dez mil réis, vinte mil réis, era boa praça, grande mulher, mesmo dentro daquele romão, daquele

programa de vida dela, porque todo mundo tem uma trilha para prosseguir. Sua trilha é essa, o Sr. é repórter é jornalista, então o Sr. tá dentro do seu programa. O cara vira maconheiro, mas porque maconheiro, porque ele vive de maconha, já entrou na marginalidade, pegou dois, três processos, ele saí da cadeia, que é que ele vai fazer, ele vai lecionar, vai ser professor? Ensinar matemática? Não, ele vai vender maconha, andar por aí, vai roubar para sustentar o vício. Vai assaltar, isso é o mundo, é a vida de cada um, que ninguém muda. Agente tem que analisar isso, porque a Risoleta tinha a trilha dela que era aquela, de vida, de briga e de bebida.

Baiana de luxo era a Margarida. Era minha mãe, que gostava de botar a baiana dela com muito luxo, deixa ver se eu lembro, mais de trinta anos, sei lá. Tanta coisa nova na memória. Eu trabalhei quarenta anos no IAPC e INPS, tirei 40 anos lá, saí de lá, tô aposentado, já estou esquecendo do pessoal de lá.

A Vizinha desapareceu porque tinha política, manifestação do ponto de vista pessoal de cada um. Um puxa daqui, outro puxa dali, eu não vou, esse ano não quero mais me meter, não quero aborrecimento e foi surgindo uma série de aborrecimentos, teve um ano...

Teve um ano que teve um aborrecimento lá, muito grande lá, um rapaz que morreu na Lapa, tinha uma ordem da diretoria que não podia entrar no ensaio de tamanco, aí eu estava de porteiro de dia e ele chegou e quando eu disse não ele ficou todo nervoso, todo aborrecido, ele era considerado um dos valentes ali do bairro. Chamavam ele de cocaína. Ai saiu uma discussão, entra não entra, ele se encrespou, tá barrado, não entra, aí ele foi lá, voltou, houve briga e tal e coisa, ele foi para o botequim do seu Reis, disse que ia fazer e ia acontecer. Ai ele veio com uma cadeira, ai a gente também deu umas cadeiradas nele, ele no dia seguinte veio de revolver, atirou em meu irmão, meu irmão atirou nele. Ai ficou ruim, porque foi criando.

Foi criando aquele clima de intranquilidade, ele não era da escola, era lá visitante que queria apreciar o ensaio, tantas fez que o Capenga matou ele na Lapa. Coisas passadas.

Depois teve aquele incidente com os fuzileiros navais que ajudei a procurar os caras e depois procurei apaziguar a gente tá dentro de um ambiente de amizade e pessoas intimas, e lá vem o clima de tumulto desagravante, homem querendo meter a mão na cintura agente não vai deixar um homem puxar uma arma, primeiro porque saia muita criança, agente não podia deixar um homem meter a mão nas armas para dar um tiro, agente tem que procurar apaziguar, pegar o homem, segurar ele seguro, sabe?

Talvez ainda o desentendimento do Palácio do Alumínio com aquelas negas do Salgueiro que acabou em conflito. Ai teve a outra briga do David, do David só não, da escola toda, que tripudiaram da Vizinha sobre a Portela e tinha também um outro elemento que fazia

parte da Vizinha mas era um perigo, que mataram ele no mangue, chamado Saturnino, filho do Hilário Jovino, que era bom de briga e gostava mesmo. Saturnino, Belmiro Santarita, que saia na comissão de frente que vinha a cavalo.

A escola tinha a turma da pesada, mas era um pessoal que chegava no bairro com um respeito danado, na América, ninguém armava confusão era só apaziguar. Era uma escola de samba de família e eles sabiam que aquilo era respeito, era só para a gente se divertir. Imagine o Sr. que nessa época já existia maconha, eles não fumavam maconha dentro da Vizinha e se fumavam na rua, ninguém via, porque era tudo cuidado e respeito com as famílias.

E se um se ensaiava agente juntava e punia, punia mesmo. Já tinha maconha no cais do porto e eles não fumavam maconha ali no ambiente. Tinha respeito, que aquele que fosse encontrado fumando maconha era eliminado. Estava barrado e já sabia que não adiantava encrespar, que agente encarava. Botava para fora, escada abaixo, de qualquer maneira, entende?

A causa do fechamento final, o problema que surgiu foi que Bartô era presidente e ele disse, eu não quero mais. Houve qualquer coisa, eu não quero mais, ai meu irmão, o Jovino, que era cabeça com o Bartô, disse, você não quer, não queremos mais também. Então veio do fio a pavio, todos foram desistindo, entrega isso na mão dessa garotada aí, tô geitando, to cheio de exigência, a gente diz qualquer coisa, diz que não deve ser, ai larga na mão deles. Ai a gente passou o comando do navio, ai agente deixou ao critério do David, e eu lembro que o David tinha um amigo, o que era assim exigente, o tal do Eduardinho, não falaram para o Sr. no Eduardinho?

Pois é, esse é que era o mais cheio de exigências, de quiproquó, Eduardinho, e era compadre de David, ou chamava o David de compadre, era até um dos diretores. E da estiva, está aposentado, mora em Bonsucesso.

Ai, como diz o outro, começou o fim.

Sambas tinham muitos.

Mario Santoro só teve esse samba e o irmão dele cantou. Fizeram esse samba, ele e Nozinho, e venderam lá para não sei quem depois gravaram e eles não ganharam nada.

Falar no Belmiro Santarita, que eu falei a pouco, foi um dos grandes compositores da Vizinha Faladeira.

Tem um assim:

És uma deusa

Tudo em ti encanta

Não tem rival

Os seus dentes são pérolas,

Lábios de coral

A feição de uma santa

O riso angelical

Oh, mulher divinal.

É isso aí, tinha segunda mais eu não lembro mais. Tinha do Higino, irmão do Saturnino, te cantaram o samba dele? Assim:

Como sofre aquela infeliz

Coitada

Quando passo em sua porta fico comovido em ver

Ela dizer

Que esta apaixonada por você.

Esse samba andou até na mão de Chico Alves para gravar que o Bucy Moreira levou,

“Se ela dedica-se o amor que

Tem você a mim

Não chegaria a sofrer tanto assim

Eu tenho pena de quem padece

Até mesmo quando ela merece”.

Era assim. Tinha muito samba:

“Hoje choro com saudades

Do meu barracão coberto de zinco

Que desprezei lá no morro

Para nunca mais voltar

Era para não ter a lembrança

De um certo alguém que me abandonou

Quando eu vou...”

Naquela época se fazia samba, mas não se completava a segunda parte, porque o compositor e o mestre de sala, o compositor e o diretor de harmonia, diziam a segunda parte do samba verso, de improviso:

“Sai daqui mulher fingida

Eu não te desejo mais

Se na hora te dei muita,

Na outra é surra de pau...”

Quer dizer, aí o outro cantava lá respondente:

“Chega à janela
 Para escutar
 A Vizinha a cantar
 Nova escola de samba
 Não há demanda
 Não há”.
 Aí entrava o verso do improviso:
 “Mulher que ama soldado
 Ama cachorro também
 Pois soldado não é gente
 Cachorro não é ninguém
 Você vai e diz a ela
 Você vê de quem ela gosta
 Me leve esse bilhete
 Não se esqueça da resposta”
 Ai se fazia à segunda.
 Tinha muito samba naquele tempo.

Zé era criança e participava como eu, mas eu era mais que ele. Eu participei de todos os anos quando a Vizinha saiu. Sempre eu saía na comissão de frente, aí eu já era mais taludo, a comissão de frente era composta pelo pessoal de frente, não dos diretores, mas da seguinte forma. O carnavalesco chamava e dizia, a comissão de frente, tá aqui nos croquis, estava tudo lá, são tantos figurantes que eu preciso, e essa é a fantasia. Então se convidava aquele que tinha recurso para sair, não tinha política, a fantasia era custeada com os recursos do integrante, então não tinha moleza, a escola não tinha e nem se pensava a dar nada a ninguém, então essa é a sua fantasia, aquele que pudesse, dizia, eu saio, bota o nome lá. Vai ver a fantasia. Teve um ano que saiu todo mundo de terno cinza e polaina, com cartola, eu guardei essas polainas ainda até uns dois anos atrás, um dia a Alaíde se encheu e jogou fora.

Não havia costume na época de fazer fotografia, não era como hoje que qualquer coisa tira retrato. Só tenho retrato de minha mãe.

Havia um amor muito grande pela escola e pelas coisas da Vizinha. O que não havia era isso de guardar a memória, porque não tinha aquele amor voltado ao passado, aqueles que já foram os pioneiros, havia para quem tinha situação social, ou situação de estudo, situação pioneira, porque quem estuda tem sempre situação elevada, mas para poder fazer um relicário,

daquelas coisas mortas, mas aquele pessoal de lá, uma coisa faziam, uma coisa em dia, na outra noite não faziam mais aquilo, sabe? Não davam sequencia as coisas.

Usávamos fogos de bengala e como. As sociedades lá, Fenianos, Tenentes, Pierrôs da Caverna, todos chamavam de Vizinha Rica, porque a gente gastava muito em fogos e em roupas. As outras escolas usavam fogos, mas só na frente da comissão para fazer visagem.

Existiam já os carros empurrador com figuras, mas era coisa de figura sólida, e uma figura só, uns carros que tinha um pouco de movimento só que não tinha o primor e acabamento que se pode dar hoje. Porque hoje em dia os carros são construídos de uma maneira diferente, hoje eles levam 10 chassis de auto-ônibus, tem força para carregar muita gente, abrem e fecham todos, o Beija Flor botou uma carruagem esse ano que ele foi campeão que aguentava era peso.

Era um carro que tinha lá umas rodas de madeira, rodava, às vezes enguiçava, era aquela correria da escola para empurrar. Saía uma figura em pasta e às vezes uma menina, uma criança, uma decoração, uma imagem qualquer, um trecho qualquer de uma história. No ano da Branca de neve vinha a Branca de Neve no carro e os sete anões em volta no chão.

Não sei o que foi feito do material da escola depois que extinguiu. Acho que ficou por lá. As bandeiras eram feitas pela mamãe ou pela, não lembro o nome dessa mulher, que bordava bem. A mamãe era mais de costura; o que ela trabalhou muitos anos no Teatro recreio, ela gostava mais desta parte de costura que ela fazia com incentivo e com muito amor.

ANEXO H – Depoimento de Cristóvão e Nassara

Sem data.

Foi por volta de 1932. Para ser preciso exatamente naquele ano, porque foi o único ano em que durou o jornal “Mundo Esportivo”, uma das primeiras tentativas de Mário Filho, para fazer do esporte um veículo de venda de jornais, produzir um jornal especializado em esportes. A redação era aqui na Ria Miguel Couto, nas proximidades da esquina de Rua do Rosário. A equipe era formada pelo Mário Rodrigues Filho, o “lula”, como nós todos os chamávamos e todos os irmãos Nelson, Jofre (que já é falecido) e os outros, menos o Paulo que nesse tempo era muito criança. O Mário Pandiá Pires, que hoje é procurador da Caixa de Amortização era o tesoureiro do jornal e atual senador Mário Martins, o gerente do mesmo. Éramos uma equipe nova e queríamos brilhar, fazer algumas coisas diferentes e por isso mesmo, quando se aproximou o carnaval e morreu o assunto esportivo, decidimos, de comum acordo caminhar para outros campos de atividades, como por exemplo a natação, para a qual organizamos um campeonato extraordinário. Mas era carnaval. Querendo penetrar na massa popular, que sempre foi a meta de Mário Filho, procuramos assuntos novos, dentro dos chavões dos ranchos e das “pequenas sociedades”, do corso e das “grandes sociedades”. Fomos para o samba, então insipiente, mas que vinha de ano para ano ganhando força no meio popular. Havia na redação um grande amigo meu de Vila Isabel e com o qual eu já andava no meio artístico e de compositores: Antônio Nassara. Com Nassara resolvi fazer um concurso de samba, o primeiro que se fazia no Rio de Janeiro e depois de havermos obtido a aprovação da direção do jornal e com muito sacrifício “uma verba” das mãos de Mário Martins, saímos para a preparação do concurso, que durou cerca de um mês, com entrevistas e noticiários diário acerca do tema, dentro das características da imprensa de então. Os prêmios, ficou combinado, seriam taças, que dinheiro não havia e parecia ofensivo entregar prêmios em dinheiro. Ficou ainda assentado que as escolas viriam do Mangue, descendo pela Rua Senador Eusébio, em direção à Praça Onze de Junho, dobrariam à direita na Rua Marquês de Pombal, frente a escola Benjamin Constant, passariam frente ao palanque, colocando na esquina da Praça Onze de Junho, com Visconde de Itaúna e depois de evoluírem frente ao palanque desceriam pela Rua Visconde de Itaúna, em direção ao Campo de Santana. Não me lembro de quantas escolas participaram e nem quais foram elas. Lembro bem que Mangueira e Portela, que tinha então o nome de Escola de Samba de Oswaldo Cruz, chegaram a contagem final

empatados. O júri era composto por Orestes Barbosa que na época já era grande no meio artístico e popular, por Heitor dos Prazeres, que tinha trânsito livre no meio do samba e junto a todas as escolas de samba e finalmente um homem chamado Pimentel, cujo nome não lembro todo e que era ligado ao pessoal do jornal e também ao meio de samba. Para evitar problemas, exatamente, procuramos colocar no júri pessoas que tinham trânsito no meio do samba, e por isso não houve briga e nem houve protesto quando o voto de Orestes Barbosa decidiu o desfile em favor de Mangueira.

As escolas de então eram muito diferentes das de hoje e nelas predominava a simplicidade. Eram compostas de um estandarte, seguido de um grupo de dirigentes e logo depois vinham os índios, sempre homens, numerosos em penas e atavios. Típicos dos grupos de índios que se vê hoje no cinema. Logo depois, com certo intervalo, vinha a bandeira da escola e o mestre de canto, espécie de diretor de harmonia de hoje. A bandeira era sempre trazida por uma mulher muito bonita e de grande garbo e presença. Depois as cabrochas, bonitas, faceiras, tradicionalmente vestidas de baianas, com muitas saias, pano na costa, turbantes muito brancos, e homens vestidos em geral de calça clara e camisa de setim com as cores da escola que pertenciam. Não haviam assistas, nem malabaristas, nem os acrobatas de hoje em dia. Era tudo simples, porque o que dava vida ao samba era a animação e a presença de dançarinos que faziam “passos” já na base do “preto velho” e do batuqueiro. Não haviam as alegorias de hoje, porque não havia enredo a ser apresentado e muito menos havia samba enredo, coisa que só surgiu muito depois. A bateria era composta de grande número de taróis, “caixinhas de repinicar”, pandeiros, um ou dois surdos e tamborins, que já existiam então. Não eram fantasiados, mas me parece que a bateria da Mangueira veio com uma camisa comum, ou seja, padronizada. Os sambas eram próprios, de compositores de escola, e versavam sobre temas diversos. Nesta apresentação a Mangueira veio cantando dois sambas muito bons, um deles chamado Amei-te Como um Louco.

Acho que o samba era do Cartola. O samba era só isso, não tinha segunda parte, porque depois do coro, entravam os “tiradores de verso”, grupo de compositores de improviso que ficavam na frente da bateria. Por isso é que até hoje, é comum cessar os surdos e taróis, quando entra a segunda parte do verso e voltar forte todo o ritmo, quando entra o coro. Porque o improvisador ou “tirador de verso”, tinha necessidade de ser ouvido, para que se pudesse entender o que ele dizia com nitidez. E quando ele cantava baixava o som da batucada.

Os quesitos, ou seja, os pontos importantes do desfile se constituíam em primeiro lugar na graça do samba, na harmonia com que era cantado e na habilidade dos improvisadores. Pesavam também na contagem de pontos, o melhor conjunto e a melhor

bateria. Cristóvão de Alencar lembra ainda que participaram do desfile “Cada Ano Sai Melhor”, do Estácio de Sá e a “Vizinha Faladeira”, da própria Praça Onze de Junho. A iluminação do local foi feita com gambiarras emprestadas por um grupo de comerciantes da própria Praça Onze de Junho e do coreto estavam a diretoria do Jornal e o júri. Também Álvaro Moreira, fazia parte do júri. Como as escolas cantavam sempre três sambas diferentes, Cristóvão de Alencar e Nassara, puxando pela memória acabaram por se lembrar de um samba de Gradim, compositor da Mangueira [...].

O concurso alcançou pequena repercussão e o resultado foi publicado na primeira edição, logo depois do carnaval. No ano seguinte não fizemos o mesmo, porque o jornal já tinha desaparecido e porque achamos que o trabalho que tinha dado tinha compensado pouco, mas ficou o hábito que acabou pela oficialização dos concursos, em 1935, com a cobertura da Prefeitura do Distrito Federal.

Depois do concurso, Nassara se lembra, dissolvidos as escolas, os sambistas se reuniam em rodas, chamadas rodas de samba, ou rodas de batuqueiros e ficavam cantando dentro do estilo do partido alto, com coro e resposta de um tirador de verso e batuqueiros dançando em torno do desafiado. Era um sistema meio umbigada, meio desafio, em que o dançarino vai ao centro e dançando os dois procuram derrubar-se mutuamente, enquanto os da roda cantavam.

Nassara menciona ainda que as escolas de samba só tinham bandeira, não possuindo estandartes, como mencionou Cristóvão de Alencar. Lembra-se ainda que a ideia de fazer o desfile partiu de Pimentel, que era repórter do jornal, e muito ligado ao meio de samba. Foi ele quem trouxe a ideia e motivou a redação. Nassara sabe ainda que Pimentel fez parte do júri e depois de pular por alguns jornais, está hoje ligado a assuntos de feiras livres, mas não sabe por onde mora ou onde anda. Nessa época, mais ou menos, diz Nassara, que surgiu a primeira “cuíca” feita por um elemento da bateira da “Cada Ano Sai Melhor”, cujo nome não lembra. Sabe ainda que a primeira cuíca exibida era feita com couro de cabrito e com uma lata de querosene. E que nas baterias haviam dois tipos de pandeiros, um deles com bambinelas, que dava um som estridente e outro que não tinha bambinelas, que dava um som mais cavo, mais parecido com o tambor. E que cada escola tinha um máximo de duzentas ou duzentas e cinquenta pessoas.